



# Sincronicidade

ou por que nada é por acaso

Robert H. Hopcke

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

**Robert H. Hopcke**

**SINCRONICIDADE**  
ou por que nada é por acaso

Tradução de  
LYGIA ITIBERÊ DA CUNHA

**Nova Era**

Rio de Janeiro  
1999

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Hopcke, Robert H.

H76n Sincronicidade ou por que nada é por caso/Robert H. Hopcke; tradução de Lygia Itiberê da Cunha.  
Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1999.

Tradução de: There are no accidents  
ISBN 85-01-04804-2

1. Consciência - Aspectos psíquicos. I. Título.

CDD -133.8  
CDU - 159.961

99-0668

Título original norte-americano  
THERE ARE NO ACCIDENTS

Copyright © 1997 by Robert H. Hopcke  
Publicado inicialmente por Riverhead Books, The Putnam  
Berkley Group, Nova York.

Todos os direitos reservados. Editado mediante acordo com Linda Michael Limited, International Literary  
Agency. Primeira edição simultânea nos EUA e no Canadá.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por  
escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela  
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.  
Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 - Tel.: 585-2000  
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04804-2

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL  
Caixa Postal 23.052  
Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

Para Lena Drusback e Emma Hopcke,  
minhas avós,  
por sua fé em mim e em meus dons.

***Ruht in frieden.***

## ***Contracapa***

Um guia esclarecedor para aquelas coincidências significativas que acontecem em nossas vidas e nos deixam profundamente intrigados. Encontros que nos parecem "casuais" têm na verdade uma lógica para se darem naquele *exato* instante, com *aquela* pessoa e em *determinado* lugar.

*Sincronicidade ou por que nada é por acaso* cita casos de sincronicidade que fizeram a vida de muitas pessoas mudar drasticamente. Novos rumos profissionais, um grande amor reencontrado são apenas alguns exemplos que podem determinar nosso futuro.

É bem verdade que somos habituados a pensar que temos o controle de nossos destinos e que somos nós quem definimos encontros e desencontros. Mas não podemos negar que também habita em nosso consciente um mistério que nos surpreende e intriga toda vez que coincidências acontecem.

O autor entrevistou diversas pessoas, e a maioria dos depoimentos é relacionada a coincidências na vida profissional e amorosa.

Os relatos indicam fortes ligações entre os sonhos e a vida cotidiana dos entrevistados. As narrativas são coerentes e confirmam o ponto de vista de Robert Hopcke, que afirma que tais encontros geralmente acontecem em períodos de transição. O livro é uma orientação para entendermos melhor as sincronicidades que ocorrem e como podemos direcionar estas conexões para nos trazer equilíbrio e prosperidade.

**ROBERT H. HOPCKE** é psicoterapeuta junguiano e realizou entrevistas para este livro em seu próprio consultório. Dirige o Center for Symbolic Studies, um instituto de apoio e orientação com base na terapia junguiana, e ministra *workshops* nos Estados Unidos. Hopcke reside em Berkeley, Califórnia.

## ***Agradecimentos***

Cada livro tem seu próprio caminho até ficar pronto, alguns difíceis, alguns fáceis, mesmo assim todos exigem esforços de muitas e muitas pessoas além daquele cujo nome aparece na capa como o autor. Para elas!

Tendo imaginado este livro muito tempo atrás, devo muitos agradecimentos à minha agente, Candice Fuhrman, que sincrônica e intencionalmente me ajudou a ver aquilo que eu queria fazer e como fazê-lo. Sua assistente, Haden Blackwell, também merece muitos agradecimentos por toda a sua atenção aos detalhes pragmáticos dentro do mundo editorial, detalhes que poucos conhecem, mas que são de vital importância para o autor.

Para toda a equipe da Riverhead Books uma dose igual de gratidão, especialmente para Susan Petersen, Dolores McMullan e Tim Meyer, cujos comentários oportunos e correções no manuscrito me ajudaram a dar forma a este livro. No entanto, eu gostaria de estender minha gratidão especial à minha editora, Cindy Spiegel, cuja inteligência, perfeição e encorajamento eram exatamente o que eu precisava para corrigir e revisar este livro. Considero-me extremamente afortunado em ter tido a experiência de trabalhar com alguns dos melhores editores que na melhor das circunstâncias são capazes de ser também terapeutas, professores de escritores, companheiros de discussão e amigos, tudo ao mesmo tempo. Cindy foi tudo isso, e eu guardarei com carinho as lembranças de muitas tardes de discussão que tive com ela, pessoalmente ou através das margens do manuscrito; minha própria visão de sincronicidade foi ampliada e melhorada depois de conhecê-la. Ela é uma pedra preciosa.

Para as várias pessoas que usaram seu tempo para me contar suas histórias e aos meus clientes que permitiram que seu trabalho comigo ajudasse também aos outros, eu estendo minha grande admiração. Sinto-me bastante privilegiado por ter sido depositário destas partes íntimas e frequentemente espantosas da história de suas vidas, e espero que sintam que ao recontá-las eu tenha feito justiça ao significado daquilo que vocês dividiram comigo.

E, como sempre, para as pessoas com quem eu divido minha vida diária, que me mantiveram equilibrado, ligado, são e encorajado, *baci edabbracci*: meus pais e minha irmã, Carolann; Tanya, Jurgen, Padma, Freya e Nimbus; os Ritrosani; os Campton; os Castillo e os Schwartz todos; Phil La Tona, o irmão mais velho que não tinha tido até agora; e, é claro, minha própria família envelhecendo graciosa mente, Paul Schwartz, Bianca Neve e Minou.

## ***Sumário***

### *Introdução*

As Histórias que Vivemos, as Conexões que Fazemos

### *Capítulo Um*

Quando É que as Coincidências Não São Somente Coincidências?

*Definindo Sincronicidade*

### *Capítulo Dois*

Como um Relâmpago *Sincronicidade e Nossas Histórias de Amor*

### *Capítulo Três*

Ganhando e Gastando

*Sincronicidade e o Trabalho de Nossas Vidas*

### *Capítulo Quatro*

Uma História íntima

*Sincronicidade e Nossas Vidas dos Sonhos*

### *Capítulo Cinco*

Entrando em Contato com o Autor

*Sincronicidade e Nossas Vidas Espirituais*

### *Capítulo Seis*

Toda História Tem um Começo e um Fim

*Sincronicidade e as Questões de Vida e Morte*

### *Notas*

### *Bibliografia*



## ***Introdução***

### **As Histórias que Vivemos, as Conexões que Fazemos**

É errado, portanto, censurar um romance que é fascinante por suas misteriosas coincidências (...) mas é certo censurar o homem que é cego a essas coincidências em sua vida diária. Pois sendo assim, ele priva sua vida de uma nova dimensão de beleza.

MILAN KUNDERA, *A insustentável leveza do ser*

A origem deste livro está numa única e simples pergunta que me fiz depois de um daqueles tipos de sonho muito especiais que as pessoas têm de vez em quando. No sonho, eu estava preso numa história que eu mesmo estava escrevendo, e incapaz de convencer meus personagens de que eu era seu autor e realmente não fazia parte da trama. Frustrado por ser incapaz de sair de minha própria história, mas ao mesmo tempo divertido pelo meu dilema, acordei. Como escritor, leitor e terapeuta, minha vida é cheia de histórias. Eu conto histórias. Eu leio histórias. As pessoas me contam histórias. Então, naquele dia especialmente, enquanto o sonho estava vivido em mim, eu pensava nas histórias e no papel que elas representam em nossas vidas.

A vida de todos nós é baseada em contar histórias. Você volta do trabalho e a primeira pergunta é: “Como foi seu dia?” Em outras palavras: “Por favor, conte-me a história de seu dia.” Ou você encontra uma amiga para almoçar e antes que pegue o guardanapo, ela está perguntando: “Então, quais são as novidades?” Em outras palavras: “Conte-me uma história.” Se você tem filhos, raramente precisará pedir que eles contem suas histórias. Crianças vivem suas vidas no mundo das histórias, e goste ou não, essas histórias serão contadas a você, com detalhes minuciosos.

Em vista dessa verdade, portanto, surgiu a pergunta seguinte em minha cabeça: “E se o sonho fosse verdade? E se eu fosse realmente um personagem de uma história?” Em certo sentido, já sei que sou. Se você perguntar aos meus pais a meu respeito, terá a confirmação definitiva de que sou, sim, um personagem em várias histórias — acontece que estas são as suas histórias. Da mesma forma, pergunte aos meus amigos, meus clientes, meus colaboradores — todos eles irão contar histórias a meu respeito.

Mas não foi isso que eu quis dizer com a pergunta se eu — ou você — *somos* personagens de uma história? E se o que vivenciamos como nossa vida for na verdade uma obra de ficção? Como saberíamos? Como podemos saber? Presumindo que a história seja coerente e os personagens e suas vidas façam sentido, como poderia um personagem saber se ele ou ela são parte de uma trama? Com certeza, somente algo de fora, algo surgido do além, poderia chamar a atenção do personagem para a natureza da história que ele ou ela estão vivendo. Ainda assim, essa extraordinária ocorrência, qualquer que fosse, precisaria fazer parte dessa trama: teria que fazer sentido, ter um significado, dando aos personagens e à história começo, meio e fim, certo?

Quase todos os dias um determinado tipo de acontecimento, que nós chamamos de coincidência, ocorre em nossas vidas. Duas coisas acontecem, e a forma como estão interligadas chamam nossa atenção por alguma razão. Algumas dessas coincidências parecem não nos afetar muito, seja emocional ou intelectualmente; ou seja, elas não têm muita importância em nossas vidas. Elas são o que normalmente chamamos “somente uma coincidência”.

No entanto, se prestarmos um pouco de atenção ao efeito que os acontecimentos provocam em nós, percebemos um tipo diferente de coincidência, uma confluência de acontecimentos que nos balança. No momento em que ocorre uma dessas coincidências, nós sabemos que algo muito importante, algo muito significativo, está acontecendo. Nós podemos ver e sentir um significado no acaso. Enquanto para alguns esse segundo tipo de coincidência pode parecer pura sorte, ou “somente uma coincidência”, nossa experiência pessoal nos diz que algo categoricamente diferente está acontecendo; e é esse segundo tipo de coincidência significativa que o psicólogo suíço C. G. Jung chama de “sincronicidade”.

Minha ideia e base para este livro que vocês estão para ler é de que nossa vida é de fato uma história e que as ocorrências sincronísticas nos alertam para este fato. Vou contar uma história que esclarece o que quero dizer.

Minha amiga Ann em determinada fase de sua vida tinha uma tendência para se envolver com homens casados. Divorciada há algum tempo e sem querer muito compromisso, ela teve alguns relacionamentos sexuais de certa forma duradouros com homens casados que eram emocionalmente distantes de suas esposas. Naquele momento, o papel de “outra mulher” era-lhe conveniente. Um desses relacionamentos começou durante umas férias no México, com um homem chamado Dan, que tinha se separado recentemente de sua mulher e estava levando seu barco para o Sul. (Como seu confidente, eu soube de todos os detalhes.) O romance era intenso, como tendem a ser os romances de férias, e mesmo vivendo a 180 km de distância, eles continuaram o relacionamento

depois de acabadas as férias. Ele era bonito, financeiramente estável e sexualmente era ótimo. Ann se apaixonou. E assim continuou durante quase um ano, com ele dirigindo a qualquer hora do dia ou da noite até sua casa para visitas e passar as noites. Então, lentamente, parecia que os seus sentimentos começavam a mudar. A separação pesava mais e mais sobre ele, até que ele percebeu que por mais que gostasse de Ann, seu lugar era com sua mulher de tantos anos. Assim, sua intensa ligação chegou ao fim lenta e dolorosamente.

Passou-se um ano, e Ann, que tem uma atitude muito madura em relação às coisas do coração, curou suas feridas e continuou sua vida. As vezes ficava pensando a respeito de Dan, mas sempre percebia que ligar para ele não traria nada de bom, na verdade só complicaria as coisas, sem necessidade. Então uma amiga sugeriu que fizessem um passeio e dirigissem até a cidade da costa onde Dan morava para passar o dia. Ann hesitou, imaginando o que sentiria passeando pela cidade onde ele vivia com a mulher, mantinha seu barco e tinha seus negócios, mas foi mesmo assim.

Era um dia glorioso de primavera, daqueles que fazem você se sentir apaixonada, mesmo não estando. E como era de se esperar, Ann sentiu a presença de seu antigo amor em toda parte, embora tenha resistido a cada passo do caminho à forte tentação de ligar para ele, ir à sua casa ou visitar a marina onde ele guardava seu barco. De qualquer maneira, ela nunca tinha visitado a cidade antes e encontrá-lo ou a seu barco ia requerer uma boa investigação. Então ela e a amiga saíram passeando e fazendo compras, almoçaram vendo a baía e assistiram a um lindo pôr-do-sol na praia antes de voltar para casa. Cheia de lembranças de como tinha sido o dia, quando entrou em casa o telefone estava tocando. Para seu espanto, quando atendeu, ouviu uma voz muitíssimo familiar. “Oi, Ann, aqui é o Dan. Pensei em você o dia todo e resolvi ligar para saber como você está.”

Bem, esta história parece inventada, daquelas que só acontecem nos filmes.

Primeiro, o momento perfeito demais: receber o telefonema de seu ex-amante no instante em que você entra em casa de volta de um passeio até a cidade dele. Esta é a minha questão. As formas especiais de coincidências, que são o assunto deste livro, as coincidências significativas que chamaremos de sincronísticas, percebi que sempre carregam em si uma característica claramente dramática ou novelística, pela maneira como um acontecimento interior, um estado emocional — os sentimentos de Ann por Dan —, se reflete em uma ocorrência casual do mundo exterior — o telefonema de Dan. Eu me aventuraria a dizer que a maioria de nós, normalmente, não pensa que é assim, com fatos externos caprichosamente arrumados para espelhar, confirmar ou transformar nossa vida interior, e mesmo assim essas coisas acontecem. A verdade pode ser tão

espantosa quanto a ficção.

Em segundo lugar, em função do impacto emocional que causou, é difícil acreditar que o telefonema de Dan tenha sido só puro acaso. Se você é como a maioria das pessoas, provavelmente está pensando nas várias maneiras de explicar tudo racionalmente — Dan viu Ann em sua cidade naquele dia mas não tomou conhecimento, ou só registrou subliminarmente, e então telefonou mais tarde. Ou, de alguma forma, sentiu sua presença misticamente. Ou ela enviou “vibrações” que o “fizeram” ligar. De qualquer forma, a verdade dos fatos é que o telefonema de Dan naquele dia, naquela hora, foi uma ocorrência do acaso, mas uma ocorrência do acaso com uma diferença crucial: foi significativo para Ann, depois de ter passado o dia imersa em lembranças, ela viu sua conexão com Dan restabelecida sem nenhuma interferência de sua parte.

É o significado desses acontecimentos do acaso que tornam uma coincidência sincronística diferente dos outros tipos de coincidências. Obviamente, se Ann estivesse entrando pela porta e sua mãe ligasse naquele mesmo momento, teria sido também uma coincidência. “Oi, mãe, engraçado você ter ligado. Acabei de entrar em casa.” Mas é a história por trás do telefonema de Dan, a história de seu relacionamento, o ambiente onde Ann acabara de passar seu dia que tornam esta coincidência diferente.

Não são todos esses elementos que estabelecem as bases para uma boa história? Nós esperamos uma trama interessante e bem-construída, na qual os eventos acontecem de acordo com um plano, o qual não precisamos ser necessariamente capazes de perceber de início, mas que com a continuação da história se torna cada vez mais claro para nós, então o que parecia fortuito e sem sentido torna-se de grande importância. E sua importância na trama tem a ver principalmente com o impacto emocional causado por esses acontecimentos na vida dos personagens, nas mudanças e transformações que provoca, às vezes para melhor, às vezes para pior, mas sempre significativas.

Sincronicidade de acontecimentos, como o telefonema de Dan, nos alerta para o lado da história de nossas vidas e para a maneira como é estruturada: uma trama que não podemos perceber de início mas que em momentos-chaves de nossas vidas chama nossa atenção para um tipo de confluência entre um fato externo e um estado interior que nós — erradamente, eu afirmo — imaginamos que só pode acontecer na ficção. Como na ficção, a sincronicidade tem um impacto significativo. Traz à tona uma forma diferente de olharmos para nós mesmos, uma perspectiva ampliada de nossas vidas ou um entendimento mais profundo do outro no mundo.

Vou contar outra história que mostra o que faz de uma coincidência uma sincronicidade e por quê. Novamente, essa história parece ter sido tirada de um

conto de O. Henry, mas, como todas as histórias deste livro, é verdadeira. Em absoluto contraste com sua criação cristã, uma de minhas clientes, que chamarei de Bobbie, começou a ter uma série de sonhos contendo imagens que eu reconheci como sendo imagens do tarô. Embora ela desconhecesse completamente o tarô e desaprovasse fortemente aquilo que a igreja de sua infância chamaria de ocultismo, mesmo assim as imagens eram: a Imperatriz em seu trono, o Imperador com seu cetro, o Tolo andando sobre o abismo. E como sempre acontece com os sonhos quando ignoramos sua mensagem, eles se tornaram mais explícitos, até que na véspera de seu aniversário ela sonhou com um jogo de tarô, treze cartas dispostas em forma de diamante. Apesar de seu ceticismo em relação ao benefício que o tarô poderia lhe trazer, esse sonho ficou marcado. A simples ideia de ir a uma loja esotérica, procurar um baralho de tarô e depois pagar em dinheiro, era, em sua opinião, muito estranha. Ela não estava convencida de que seria capaz de fazer isso.

Tendo acompanhado, ao longo de minha vida profissional, algumas pessoas pelas trilhas da resistência ao que podemos chamar de elementos de suas histórias — elementos que elas não querem reconhecer como parte importante da trama —, eu sabia que não deveria pressioná-la. Na seção seguinte ao seu aniversário, Bobbie chegou, e para minha surpresa, trazia um baralho de tarô.

— Eu não comprei — disse ela em resposta à pergunta que eu não fiz.

— Ah. Então...?

Ela ria, mais de si mesma, pensei, do que da situação.

— Meu marido me deu de aniversário. E, não, eu não contei para ele nenhum dos sonhos a respeito dos quais temos conversado. Você sabe minha atitude em relação a essas coisas; dificilmente vou sair por aí falando sobre isso, especialmente para ele. — Como Bobbie, seu marido era bastante conservador e, segundo ela, achava até o fato dela estar fazendo psicoterapia um pouco fora dos padrões. — Então no meu aniversário, abri a caixa, simplesmente estarecida. Imediatamente pensei, será que ele anda lendo meu diário? Ouvindo nossas sessões? Mas não. Eu perguntei a ele: “O que fez você me dar isto?” E ele disse, de uma maneira totalmente irreconhecível: “Eu vi na vitrine de uma livraria, e algo me disse, preciso comprar para Bobbie, isto vai ajudá-la. Feliz Aniversário, meu bem!”

Como na história do telefonema de Dan para Ann, Bobbie e seu tarô são a fábula da inesperada coincidência entre uma situação interior e um fato externo que parece, como todos os eventos de sincronicidade, quase perfeito em seu *timing* e significado. No caso de Bobbie, a situação interna era seus vários sonhos com as figuras do tarô, figuras que ela, pelas razões mais variadas, persistentemente se recusava a tomar conhecimento. O fator externo, claro, foi o

surpreendente presente de seu marido; e o elemento de sincronicidade dessa coincidência foi o efeito causado por esse presente de aniversário perfeito, na resistência de Bobbie. Ela começou finalmente a trabalhar com o tarô, depois de tê-lo literalmente recebido em suas mãos, e seu trabalho com o imaginário iniciou um longo período de crescimento espiritual e psicológico que a tornou uma pessoa bem mais criativa e tolerante do que sempre fora.

Embora os sonhos de Bobbie estivessem deixando claro durante meses para onde a trama de sua história particular estava indo — especificamente, para longe da confiança exclusiva nas imagens religiosas de sua infância, para dar significado à sua vida e direcioná-la até uma ampla apreciação da sabedoria manifestada em outras formas de espiritualidade e religião —, foi necessário o ato inusitado de seu marido, dando-lhe um presente que ela não pedira, algo que ela jamais poderia imaginar receber dele, para dissolver sua resistência. Como o telefonema de Dan, o presente de Bobbie não foi algo que ela tivesse provocado; foi um acontecimento que ocorreu por pura sorte, e mesmo assim trazendo um impacto significativo e transformador da vida. Este significado é o que faz desse presente — comparado a qualquer outro, um anel de diamante, um livro de poesia — uma sincronicidade. Esperamos que esse tipo de coincidência aconteça com personagens de contos, porque nos contos sabemos que o momento, a trama e os acontecimentos se encaminham para o desenvolvimento dos protagonistas. Insisto, outra vez, que nossas vidas têm uma estrutura narrativa, como a dos contos, e nesses momentos que chamamos de sincronicidade, essa estrutura é trazida ao nosso conhecimento de uma maneira tal que causa um impacto significativo em nossas vidas.

Reparem neste exemplo, quando, confrontada com a sincronicidade do encontro entre interior e exterior, Bobbie começou a procurar maneiras de explicar o mistério desse acontecimento inesperado. Se seu marido tivesse lido seu diário ou estivesse espiando nossas sessões, então seu presente de um baralho de tarô teria “feito sentido” dentro da forma que a maioria de nós normalmente pensa sobre nossas vidas. Nesse sentido, Bobbie é uma pessoa razoavelmente típica, e seu desejo de se sentir controlando sua própria vida, o que ela chama “postura direta”, em relação à vida, é, em minha experiência, comum à maioria dos nós.

O presente do marido desafiou Bobbie; antes de recebê-lo, ela pensou que sabia qual era a trama de sua história. De fato, nossa cultura nos encoraja a acreditar que somos — ou deveríamos ser — os autores de nossas histórias. Mas quando acontecimentos externos espelham com tal precisão nosso estado interior que o impacto da coincidência não pode ser ignorado ou sua importância negada, e ao mesmo tempo nossa falta de controle sobre os acontecimentos é

indiscutível, enfrentamos a pergunta que Bobbie teve que encarar: se eu não sou a autora de minha história, quem é?

Embora a resposta para esta pergunta seja uma das que estaremos explorando nos próximos capítulos, meu objetivo é esclarecer por que os acontecimentos sincronísticos quase sempre esbarram com uma tendência a serem negados, diminuídos ou menosprezados pelos leitores e até mesmo pelos próprios participantes. Acontecimentos sincronísticos nos confrontam com o fato de que algumas vezes as histórias que inventamos a nosso respeito e que gostaríamos de viver não são necessariamente as histórias que estamos vivendo, ou, indo além, que devemos viver.

É claro que, sendo escritor, talvez mais do que ninguém, posso ficar seduzido pela ideia de que sou o autor de minha história. Para ilustrar quantos emaranhados e viradas a trama pode tomar para destruir a ilusão da autoria, vou contar a história de como encontrei um dos meus melhores amigos, Phil. Como antigo associado da ACM local, tenho visto funcionários entrarem e saírem com certa regularidade. Um dia, há uns cinco anos, reparei um novo rapaz trabalhando lá, o tipo completo de rapaz que você espera ver numa academia de ginástica: mais de trinta, tipo italiano, do gênero calado, musculoso. A ACM daqui não é definitivamente um desses lugares onde os garotões fortes vão para malhar seriamente. As pessoas vêm para a ACM para fazer aeróbica, levantar um peso ou dois, e ir para casa, portanto os funcionários geralmente não têm muito o que fazer. Os mais comunicativos conversam com os associados para passar o tempo, os mais fechados sentam nas escrivaninhas e não falam com ninguém. Esse rapaz novo geralmente se sentava e ficava com cara de tédio, e durante muitos meses eu passava por ele, fazia minha ginástica e saía, achando que ele era mais um dos muitos atletas que eu já vi nesse lugar.

Então morre um amigo próximo; embora não sendo inesperada, sua morte foi um choque para mim, pois já perdi muitos amigos em acidentes e doenças. Senti uma solidão rasteira me invadindo, na medida em que meu círculo social ficava cada vez menor, isto já tinha sido objeto de boa parte de minha atenção emocional nos últimos anos, e os meus maiores esforços para expandir meu círculo de amigos na realidade não rendera muito, talvez algumas amizades de curta duração e superficiais, mas nada muito profundo. Eu tinha meus interesses solitários, ia à ginástica, à opera, andava de bicicleta. Quando meu amigo morreu, em abril, eu já estava de certa forma acostumado a essa situação e tinha aprendido, mais ou menos, como tomar conta de mim mesmo. Na manhã do seu funeral, no qual eu havia concordado em cantar, decidi fazer uma massagem na ACM, com um massagista com quem eu já tinha feito várias vezes.

Eu estava preocupado com o funeral, ansioso com minha *performance* e me

sentindo fisicamente tenso. Como você deve imaginar, minha expectativa na história que eu estava vivendo naquela manhã era de que logo estaria deitado na mesa de massagem completamente relaxado e solto. Mas acontece que havia uma nova conspiração a caminho. Eu sentei no saguão à espera da minha hora marcada, 9h, e a hora passou. 9h15. E nada do massagista. Isso não era normal, pois o massagista era um dos principais elementos da equipe. Ninguém conseguia localizá-lo. 9h30. E nada do massagista. Nesse momento, eu sentia um misto de raiva, frustração, desapontamento e uma enorme tensão física, que até o funcionário da mesa sentiu. Com profundas desculpas, ele marcou hora com um outro massagista para o dia seguinte, sem cobrar o custo da massagem. Ainda assim eu continuava lívido, porque não era dessa forma que as coisas deveriam ter acontecido.

O serviço funeral daquela tarde foi difícil, ajudado pelo incidente da manhã, pois, além da minha raiva, minha sensação de solidão e abandono continuava me influenciando. No dia seguinte fui à ACM para minha massagem de graça, para viver uma reprise do dia anterior. O massagista desse horário era outro, mas depois de esperar durante meia hora soubemos que seu carro tinha quebrado e que ele não poderia vir. Isto, *definitivamente*, não deveria fazer parte da minha história, e o roteiro que eu tinha na cabeça para toda essa situação era muito mais vantajoso do que o que estava acontecendo. A essa altura eu já estava furioso. Marquei mesmo assim uma hora para a noite seguinte com o único massagista disponível, para minha surpresa, o caladão, entediado tipo italiano, que para mim parecia tão massagista quanto Rocky Balboa. Mesmo hesitando em fazer uma massagem com ele, fui em frente e marquei hora pela terceira vez.

Como num conto de fadas, em que as coisas precisam acontecer três vezes para darem certo, na noite seguinte apareci para minha massagem com Phil e passei a conhecer não o atleta que eu achava que ele era, mas um homem muito inteligente, culto, com quem eu tinha muito em comum. Fora ele que na semana anterior havia colado no quadro de avisos da ACM uma lista de eventos do Centro Masculino, que incluía uma palestra minha. Enquanto conversávamos, descobri que ele tinha planos de se tornar terapeuta e era também um ávido ciclista. Para encurtar, nos meses seguintes à primeira massagem, ele se tornou meu melhor companheiro de ciclismo, depois meu parceiro de ginástica, e agora, com o passar dos anos, meu melhor amigo.

O conjunto de fatores do acaso que nos uniu como amigos — os sucessivos cancelamentos por parte de funcionários geralmente bastante responsáveis da equipe de massagem — representa o fator externo dessa sincronicidade; foi também esse fator externo que fez nascer uma amizade em um momento da minha vida no qual minha solidão interior, tristeza e raiva precisavam muito de



uma transformação. Como veremos em muitas das histórias que se seguem, alguns dos mais memoráveis acontecimentos de sincronicidade na vida das pessoas se relacionam com os encontros com as pessoas certas, por mero acaso, justamente em momentos de grande necessidade ou de uma abertura fora do comum.

Mas existem elementos adicionais de sincronicidade nesta história que tem a ver com a história que eu pensava estar vivendo *versus* a história que eu estava vivendo na realidade. Sem a chance da série de cancelamentos, eu provavelmente nem chegaria a conhecer Phil, pois baseado em sua mera aparência eu já havia escrito a sua e a minha história: ele era um atleta bobo com quem eu não tinha nada em comum. O impacto de nossa amizade, que só começou “acidentalmente” depois de meses passando um pelo outro na ginástica, tinha tanto a ver com o que tínhamos em comum, quanto com a lição que aprendi a respeito de minha ilusão sobre autoria — eu não sei tão bem quanto imagino quem é quem e o que é melhor para mim. E o tipo de lição que, acredito, muitos de nós só aprendemos através de uma chance significativa.

Fazendo um jogo de palavras, este livro pode ser considerado como mostrando um enfoque novelesco da sincronicidade, baseado, como eu disse, na ideia de que cada uma de nossas vidas é uma história e que as sincronicidades chamam nossa atenção para a estrutura desta história, a novela, se preferir, que estamos vivendo. Além disso, examinar a sincronicidade sob esse ângulo é também, num outro sentido da palavra, um enfoque novelesco, como a maior parte do que já se escreveu sobre sincronicidade até agora indica, ou um ponto de vista puramente psicológico, ou uma perspectiva científica. O ponto de vista psicológico, descrito principalmente pelos seguidores de Jung, vê nesse fenômeno um argumento a favor da primazia da subjetividade, enquanto a visão científica formula um argumento a favor de uma nova física através da sincronicidade.

Em minha visão, essa novela, em vários sentidos, não é para questionar, mas para depois de uma pequena introdução a alguns aspectos da sincronicidade simplesmente contar histórias e examinar seus significados. Algumas serão histórias de amor — as surpreendentes conexões entre as pessoas, amores perdidos, encontrados e o começo de boas amizades. Algumas serão histórias de nossas profissões e vocações — oportunidades perdidas ou ganhas através de chances fortuitas que não poderiam ser provocadas ou antecipadas por ninguém. Seguindo essa linha, teremos histórias de transformação e crescimento interior, pois os sonhos, como já dissemos, são frequentemente sincronicidades, como também formas de adivinhação baseadas na sorte, como o tarô, o *I Ching* e assim por diante, que usam a sincronicidade para nos ajudar a ver com mais clareza a história que estamos — ou deveríamos estar — vivendo. E porque cada história

tem começo e fim, haverá histórias de sincronicidade em torno desses dois pontos de transição que todos enfrentamos, nosso nascimento e nossa morte. O tempo todo, estarei incluindo as histórias daquilo que, em nossas ilusões autorais, chamamos de “acidentes”, acontecimentos desagradáveis, que fizemos o máximo para evitar mas às vezes, sincronisticamente, não são nem falta de sorte nem sem sentido dentro da história de nossas vidas.

Em cada uma dessas histórias — algumas das quais são experiências pessoais, outras me foram contadas pelas pessoas envolvidas e outras são exemplos tirados da literatura sobre sincronicidade — a linha que divide o que parece ficção e o que é de fato vida real se torna confusa. Você, leitor, pode duvidar da veracidade de algumas dessas experiências e achar difícil apreciar o significado desses acontecimentos para as pessoas envolvidas. Como já mencionei antes, nada mais fácil do que menosprezar a experiência de sincronicidade de outra pessoa. Mas, através deste livro e das muitas histórias que virão, eu convido você a examinar suas próprias experiências com a maior frequência possível, especialmente quando você se pegar dizendo “Isto é impossível, ele inventou” ou “E daí?”. Nessas horas, lembre da verdade de sua própria vida, quando aquele fato significativo porém inteiramente fortuito, que ajudou a moldar sua própria história, parecia mais estranho do que ficção. Como diz o autor de *A insustentável leveza do ser*, Milan Kundera, estamos certos em repreender aqueles que são cegos para as coincidências da vida, pois, como este livro irá mostrar, essas coincidências especiais que chamamos de sincronicidade nos alertam, muitas vezes, para a beleza, a ordem e a conexão das lendas que vivemos.

## Capítulo Um

### Quando É que as Coincidências Não São Somente Coincidências?

#### Definindo Sincronicidade

C. G. Jung, cujo livro *Sincronicidade: um princípio casual de conexão* foi publicado em 1952, inventou o termo “sincronicidade” e lançou-o na linguagem psicológica, o qual foi rapidamente adotado pela cultura popular. Como muitas das ideias que incendeiam a imaginação popular, a noção de Jung de coincidências significativas não era nem nova nem única, mas o crédito de Jung é que o seu enfoque dos acontecimentos sincronísticos nos permite vê-los de uma forma mais clara e prática.

Filho de um ministro evangélico e de uma mãe com um psiquismo diferente, talvez com tendências psicóticas, Jung seguiu um caminho de vida nada incomum para um filho de pastor. Profundamente religioso, Jung no entanto repetida e explicitamente rejeitou as religiões organizadas com suas teorias dogmáticas e espiritualidade institucionalizada, e sua escolha pela carreira de psiquiatra, como descreve sua autobiografia *Lembranças, sonhos, reflexões*, tem muito a ver com a crise de fé de seu pai. Por causa de seu passado, Jung se dedicou, durante sua longa carreira, a entender o que Heráclito chamou de “fronteiras da alma”, usando as ferramentas da moderna psicologia. Ele aplicava constantemente métodos científicos para examinar os assim chamados fenômenos “irracionais” e para elucidar o significado psicológico e a função dessas experiências na vida humana — experiências paranormais, percepções extra-sensoriais, OVNI, psicocinética e afins. Sua tese de doutorado, por exemplo, chamada “Sobre a psicologia dos chamados fenômenos ocultos”, tentava trazer uma explicação psicológica racional para as habilidades mediúnicas de uma mulher cujos estados de transe, comportamento automático e habilidades psicocinéticas eram notáveis.

A utilização por Jung de métodos científicos para dar sentido aos fatos que muitos rejeitam como sendo fantásticos, sem sentido, ou, pior, perturbações, era vista pela instituição psicanalítica de seu tempo como um sinal da tolice e excentricidade de Jung, pois a pesquisa no campo da psicologia acadêmica era (e ainda é) organizada seguindo linhas estritamente comportamentais ou cognitivas. Quando as teorias psicanalíticas de Freud começaram a desafiar essa visão

mecânica da psicologia colocando esses eventos como resultado de processos e conflitos inconscientes, Jung inicialmente gravitou em torno dessa nova maneira de pensar. Porém, depois de discordar de Freud sobre o papel da sexualidade e a natureza do inconsciente, Jung se encontrou novamente excluído e isolado, enquanto os psicanalistas freudianos ganhavam terreno na Europa e nos Estados Unidos.

Mesmo hoje, equívocos a respeito do interesse de Jung em fenômenos como sincronicidade levam muitos a terem uma visão depreciativa de seu trabalho, desvalorizando-o como mero misticismo com roupagem psicanalítica ou como resultado de seu autoindulgente subjetivismo. O que é frequentemente mal compreendido é que Jung sempre se aproximou de fenômenos como fantasmas, astrologia e sincronicidade não de uma forma simplista, crédula, mas ao contrário, sob o ponto de vista mais objetivo e racional possível. Sua intenção em seus estudos sobre esses fenômenos foi sempre perguntar: “Quais são as condições psicológicas internas, tanto conscientes quanto inconscientes, para que nossa experiência externa seja afetada de maneira tão inesquecível e transformadora?” Ao contrário de muitos, nos dois lados dessa discussão, Jung tentava examinar esses fatos sem prejulgá-los como ridículos ou aceitar de imediato que a forma mais literal de entendê-los era a verdade absoluta.

Ao longo de minhas pesquisas para este livro percebi que várias pessoas ficam confusas a respeito do que realmente é sincronicidade ou não. Talvez seja melhor, portanto, começar com a simples definição do conceito como Jung o desenvolveu, como uma “coincidência significativa”. O problema dessa simplicidade, no entanto, é que se você procurar no dicionário a definição da palavra “coincidência” encontrará algo do gênero “sequência acidental de fatos ocorridos simultaneamente ou no mesmo período de tempo”. Infelizmente esta definição árida deixa de fora a forma como geralmente empregamos a palavra, o que faz toda diferença do mundo.

Se estou, por exemplo, datilografando esta frase e um passarinho entra pela janela, segundo o dicionário, isto é uma coincidência — uma sequência acidental de fatos ocorridos com proximidade temporal. A maioria das pessoas, no entanto, não chamaria esse fato de “coincidência”. Por outro lado, se estou datilografando esta frase e uma amiga telefona e me diz que ela também está em meio a uma tentativa de escrever uma definição de sincronicidade para um artigo seu, a maioria das pessoas chamaria isto de uma coincidência muito interessante. Porém, se você soubesse que minha amiga e eu havíamos combinado na noite anterior de passarmos uma hora durante essa tarde tentando escrever uma definição de sincronicidade, o fato de estarmos os dois fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo já não seria mais tanta coincidência, seria? Em outras palavras,

a mera ocorrência simultânea de dois ou mais fatos não nos leva a chamar algo de “coincidência”, mesmo que o dicionário o faça. Ao contrário, no uso popular o termo coincidência é uma sequência de fatos que acontecem proximamente, que são ligados uns aos outros e que *são relacionados entre si pelo acaso* através de uma similaridade notável.

Muito embora isso não exprima exatamente a forma como usamos a palavra “coincidência”, pois se minha amiga me ligar às seis da tarde para dizer que está fazendo o jantar, para me ouvir responder que estou fazendo exatamente a mesma coisa em minha casa, a maioria das pessoas provavelmente não consideraria isso uma coincidência, pelo simples fato de que a maioria das pessoas possivelmente estará preparando seu próprio jantar por volta dessa hora do dia. Em outras palavras, a definição do dicionário da palavra coincidência também diz que uma coincidência é uma sequência *incomum* de acontecimentos simultâneos que têm algum tipo de relação entre si. Coincidências são, como geralmente usamos a palavra, ocorrências extraordinárias.

Definindo sincronicidade, Jung deu ainda um outro passo. Coincidências — acidentais, porém sequências de fatos incomuns relacionados entre si — acontecem de vez em quando para todas as pessoas, mas essas coincidências não são necessariamente muito significativas. Se, de fato, a amiga que está escrevendo seu artigo sobre sincronicidade é alguém cujo interesse nesses tópicos espelha os meus e isso é parte das razões pelas quais somos amigos, pode ser muito interessante que ela esteja coincidentemente envolvida em escrever sobre o mesmo assunto que eu, mas a coincidência não teria necessariamente qualquer significado além do fato de ter acontecido. Porém, se enquanto eu estava escrevendo me sentia muito isolado, pensando comigo mesmo que ninguém sabe ou sequer se importa com sincronicidade, uma amiga liga para dizer que também ela está escrevendo sobre sincronicidade nessa mesma tarde, bem, só a partir de então a coincidência tem um significado considerável para mim, e pode muito bem ter um efeito significativo na forma como me vejo e na minha maneira de escrever. Isto seria então o que Jung viria a chamar de “sincronicidade”, ou, simplesmente, uma coincidência significativa.

Os exemplos que citei na introdução são boas ilustrações de eventos sincronísticos — sequências *significativas* de acontecimentos fora do comum. Durante seu longo relacionamento com Dan, Ann jamais visitara sua cidade. Seu passeio até lá com uma amiga, portanto, era fato incomum. Da mesma forma, desde o tempo em que Dan terminara o relacionamento, ela não tinha tido notícias dele. Portanto, quando ele ligou no momento em que ela entrava pela porta naquele dia, a ligação não era somente uma coincidência, mas também cheia de significado, pois ela passara o dia inteiro silenciosamente tentando lidar

com seus sentimentos a respeito dele e de seu relacionamento. Se, como já mencionei, sua mãe tivesse ligado no momento em que ela entrou, mesmo que Ann não tivesse tido notícias suas há muito tempo, o fato ainda seria uma coincidência — como o diálogo “Engraçado você ter ligado, acabei de entrar em casa” —, mas não teria o significado emocional que a ligação de Dan teve.

Da mesma forma, com Bobbie. Se o marido dela tivesse lhe dado o anel de diamante que ela vira na véspera numa vitrine de joalheria, teria sido com certeza uma coincidência, mas não teria o mesmo significado que o presente do baralho de tarô teve para ela, em função dos vários meses sonhando com as imagens do tarô e de sua resistência em lidar com isso. Como minha amizade com Phil, que começou por puro acaso, depois de incomuns e acidentais cancelamentos de uma série de compromissos, não teria sido sincronística se tivesse acontecido num momento da minha vida em que eu não estivesse sentindo tanto sofrimento e solidão — mas aconteceu, e assim a coincidência de nosso encontro carregava e ainda carrega para mim um grande significado.

Surge então a pergunta: o que exatamente quer dizer “significativo”? Longe de estar filosofando inutilmente, é importante fazer esta pergunta imediatamente não só porque é crucial para a definição do conceito de sincronicidade de Jung, mas porque, sem aceitar que a sincronicidade se refere ao significado subjetivo dos fatos para os indivíduos envolvidos, muitos leitores vão achar que as histórias que se seguem não têm nenhum significado real. Contando as histórias que aparecem neste livro para algumas pessoas, percebi que a mesma história que pode provocar excitação, interesse e admiração em alguns, pode provocar um tedioso “Grande coisa!” ou “Quem se importa” em outros. O que provoca esta diferença?

Por que, por exemplo, vou ao cinema com uma amiga, e ela sai em lágrimas enquanto eu acho o mesmo filme ridículo e sentimental? O que torna uma coisa significativa para uma pessoa e sem sentido para outra?

Quando dizemos que algo é significativo para nós, geralmente estamos indicando uma de duas coisas: ou estamos dizendo que algo tem importância para nós por causa de certos valores que carregamos — em outras palavras, significa algo porque é valioso para nós —, ou estamos dizendo que algo nos causou um impacto significativo — quer dizer, significa algo porque afetou nossas vidas de maneira fundamental. Obviamente, um acontecimento pode também ser significativo em ambos os sentidos. Continuando a usar os exemplos da introdução, o telefonema de Dan era importante para Ann porque ela prezava seu relacionamento, e o fato dele se importar o suficiente para ligar afetou-a emocionalmente. Para Bobbie, o baralho de tarô de presente foi significativo principalmente por causa do impacto causado nela, mas também porque lhe foi

dado justamente quando o que ela valorizava mais em sua vida, sua vida espiritual, estava em processo de mudança. Para mim, as amizades são relacionamentos que sempre me influenciaram grandemente — significam muito para mim.

Portanto, um evento sincronístico é uma coincidência que carrega um significado subjetivo para a pessoa envolvida, e como todas as coisas subjetivas, o que para uma pessoa pode ser significativo — quer dizer, valioso e/ou significativo por seu efeito — outra pode muito bem achar sem sentido. Um exemplo perfeito desse aspecto de sincronicidade foi um incidente que aconteceu com minha amiga Jill. Jantando em um restaurante movimentado, ela se sentou perto de um homem que contava animadamente ao seu companheiro de jantar a história de dois amigos seus que estavam tendo casos extraconjugais com as irmãs um do outro. Ele não sabia, é claro, que a estranha perto dele, minha amiga Jill, também conhecia as pessoas de quem ele estava falando. No final dramático da história, ele se recostou com imensa autossatisfação e disse ao seu companheiro, retórica e rebuscadamente, para finalizar a fofoca: “E você não vai adivinhar nunca com quem ele está saindo agora!” Ao que Jill não pôde resistir e se inclinou na direção deles e concluiu por ele, dizendo: “A prima de Mimi!”

O homem ficou boquiaberto; que experiência deve ter sido para ele quando uma completa estranha, surgindo do nada, num restaurante público, finalizou sua narrativa! Mas para Jill, que não tinha nenhum investimento emocional, como ele tinha feito ao contar esta succulenta história de casamento e traição, era simplesmente uma coincidência engraçada. Na verdade os dois viveram a mesma experiência, mas o que era para Jill uma piada engraçada pode muito bem ter sido vivida como uma incrível sincronicidade pelo homem cuja história ela terminou, contendo uma importante lição sobre contar histórias íntimas de uma forma indiscreta em um lugar público. As muitas histórias apresentadas aqui, e as muitas mais que ouvi, me lembram sempre como um mesmo incidente, ocorrido com duas pessoas, pode muito bem gerar duas experiências completamente diferentes, uma sincronística e significativa, outra não.

Esta subjetividade torna fácil ridicularizar, menosprezar e fazer graça das ocorrências sincronísticas dos outros. De fato, eu antevejo que qualquer um lendo este livro vai descobrir que certas histórias tocam fundo enquanto outras o deixam frio. Algumas histórias vão lembrá-lo de um momento quando uma coisa parecida aconteceu com você, enquanto a outros perecerão triviais, desinteressantes ou forçadas.

Além disso, veremos que a descrição sincronística se aplica a uma larga escala de coincidências significativas. Em algumas coincidências, como em nossos exemplos, a extrema improbabilidade do evento e o fantástico paralelo

entre estado interior e ocorrência externa será sua característica mais notável. Esses tipos de eventos sincronísticos geralmente provocam uma sensação de “Ah!” a respeito deles. Em outras coincidências significativas, pode levar muito tempo até que o significado do que aconteceu fique claro, ou você pode perceber que o significado de um evento pode desenrolar devagar através do tempo. Esses tipos de sincronicidade provocam mais de uma sensação “Ah, *agora* entendi...”. Em alguns casos o acontecimento externo ocorre primeiro e o significado subjetivo, interior, vem em seguida. Em outros, a coincidência significativa é entre uma imagem interior, como um sonho, e um acontecimento externo, subsequente. Em todos os vários eventos sincronísticos, contudo, o princípio de ligação entre interior e exterior é o significado do acontecimento para as pessoas envolvidas.

Algumas pessoas, geralmente indivíduos analiticamente orientados, podem ficar absortos tentando decidir se algo é ou não sincronicidade: se encaixa na definição? Vai de encontro aos critérios? Gostaria de enfatizar neste início que o conceito de sincronicidade é mais bem usado como uma ferramenta do que como um fim em si. Assim como as ideias a respeito do que constitui uma verdadeira obra de arte, pode-se tranquilamente se envolver em indagações estéreis, sobre se isto ou aquilo é *realmente* sincronístico, especialmente porque em todos os eventos sincronísticos, como na obras de arte, está envolvida considerável dose de subjetividade.

Sem dúvida o melhor uso do conceito é um que seja exploratório e provocador. A ideia de que um acontecimento pode ser sincronístico dá a você uma perspectiva diferente do fato, aprofunda sua compreensão do mesmo ou intriga você o suficiente para olhar além do que aconteceu? Se for assim, então, a ideia proposta por Jung serviu aos seus mais altos propósitos e ao propósito para o qual este livro foi escrito — para ajudar pessoas a verem o significado das histórias que estão vivendo a cada dia.

Mesmo que a sincronicidade seja uma ideia que existe desde a origem da cultura humana, a contribuição de Jung foi sua observação de que a confluência especial de acontecimentos, para a qual ele empregou o termo “sincronicidade”, quase sempre tem três características distintas, às quais minhas próprias experiências e pesquisas me levaram a acrescentar mais uma. Portanto, esses acontecimentos que estamos chamando de sincronísticos geralmente têm quatro características.

Primeiro, estes acontecimentos são ligados pela *casualidade*, em vez de ligados através de uma corrente de causa e efeito que um indivíduo pode distinguir como intencional ou deliberada de sua parte. Segundo, esses acontecimentos são sempre acompanhados de *uma profunda experiência*



*emocional*, geralmente na hora do acontecimento em si, porém nem sempre. Terceiro, o conteúdo de uma experiência sincronística, o que o acontecimento é realmente, é sempre de natureza *simbólica*, e quase sempre percebi, em relação ao quarto aspecto especificamente, que essas coincidências ocorrem em momentos de *importantes transições* em nossas vidas. Um evento sincronístico geralmente se torna um momento de virada na história de nossas vidas.

Se Eu Não Provoquei,  
Como Pode Ser? O Acaso e Nossos Egos

Dizer que somos, como cultura, acostumados a pensar em termos de causa e efeito seria uma declaração incompleta. Nossa verdadeira concepção do mundo, pelo menos para aqueles de nós com herança intelectual euro-americana, é baseada na ideia de que cada ação provoca uma reação, cada estímulo uma resposta. Certamente, não é surpresa que muito do moderno pensamento científico desde o chamado Século das Luzes, ou Iluminismo, passando pela espantosa produtividade da Revolução Industrial, tenha sido fundado diretamente em cima dessa ideia. Nós agimos, segue-se a consequência, e nos dizem que somos causadores do efeito produzido pela ação. Nós introduzimos um elemento químico em uma solução, ela reage, nós causamos a reação. Nós apertamos as teclas do computador para digitar uma palavra, apertamos a tecla imprimir e uma frase pula fora num pedaço de papel. Nós causamos a escrita que aparece na página. Ou quando deixamos de agir, por exemplo, esquecemos de almoçar e conseqüentemente ficamos tontos. Causamos nossa tontura deixando de almoçar. Este hábito de pensar em termos de causa e efeito é uma parte tão fundamental da mentalidade ocidental que dificilmente estamos conscientes disso. Isto é, até que esbarramos de frente com uma sequência de eventos que por sua própria natureza mostram uma forma diferente pela qual os eventos podem estar relacionados.

Uma conversa que pega fogo na certa em qualquer acontecimento social é perguntar às pessoas se alguma vez já experimentaram um acontecimento sincronístico. Quase todos têm seu exemplo favorito, e minha amiga Cathy não é exceção. Sua história é uma boa ilustração de como o nosso hábito causai de pensar é desafiado pela sincronicidade.

Durante certo período de sua vida, Cathy estava, como se diz, indiferente e indecisa. Havia concluído o colegial mas não tinha certeza sobre o que fazer a seguir. Como quase sempre acontece, ela gravitava em torno de um relacionamento com um rapaz mais ou menos de sua idade, eles estavam saindo há mais de um ano até que, como em geral acontece outra vez, se separaram e

seguiram seus caminhos. Para Cathy isso significou mudar para a Califórnia, casar e ter duas filhas. Com o passar dos anos, durante seu casamento, o divórcio e o segundo casamento, às vezes ela pensava em Richard, seu verdadeiro primeiro amor, mas depois de três décadas, o pensamento tinha mais o sentido de uma vaga curiosidade, como lembrar a trama de um filme que ela tinha visto há muito tempo. Que ela soubesse, estava muito longe, e como estivesse bastante satisfeita com sua própria vida, não tinha grandes motivações para fazer mais do que fantasiar a respeito dele de vez em quando. A história de sua vida agora que ela estava na casa dos cinquenta parecia razoavelmente bem escrita, e todas as tramas e subtramas que ela viveu pareciam insignificantes.

O que então a levaria a pensar cada vez mais em Richard a esta altura? Estaria ela sonhando com ele e não se lembrava? Estaria encontrando com pessoas que a fizessem lembrar dele? Estaria ela infeliz em sua vida e no casamento? Quando eu perguntei, Cathy não soube me dizer o porquê, somente que, de repente, ela sentia insistentes impulsos internos para descobrir o que tinha acontecido com ele. Seria tédio? Seria uma conexão psíquica? Seria uma chance do acaso? Quem sabe? Mas o fato é que ela começara a dar alguns telefonemas para tentar localizá-lo, primeiro ligando para pessoas em sua cidade natal, depois com sua curiosidade aguçada seguindo suas pistas. Ela descobriu que ele trabalhava para uma certa companhia de seguros no Leste, mas a companhia de seguros era imensa, com filiais pelo país inteiro, e seu nome era bastante comum: Richard Johnson. Ela passou um ano tentando encontrá-lo, falando com vários Richard

Johnson e pessoas que conheciam Richard Johnson e que estiveram em negócios de seguros, mas nenhum deles era o seu Richard Johnson. Como não havia nenhuma razão imperativa para localizá-lo, e como as dificuldades para encontrá-lo estacam superando a curiosidade que ela sentia, parou com seus esforços efetivos e pôs a coisa toda do lado racional da mente que todos nós temos e no qual se lê “Coisas Que Nunca Saberemos em Toda a Vida”.

Um dia porém, num jantar, ela se sentou à mesa em frente a uma mulher que alegava ter habilidades psíquicas, e como todos os seus maiores esforços para localizar Richard haviam falhado, Cathy achou que pedir à mulher para localizar Richard Johnson seria um bom teste de seus supostos dons. Então Cathy contou sua história à mulher e perguntou se ela podia encontrar Richard Johnson. A mulher pediu a ela que escrevesse o nome dele num papel, desenhasse uma caixa preta em volta, para manter a energia em volta dele, e olhasse para ele todos os dias. Dificilmente acreditando nesse tipo de coisa, Cathy riu e decidiu fazer, principalmente para provar o quanto a sugestão era ridícula. Se todos os seus telefonemas e pesquisas durante um ano falharam, como é que este exercício

absurdo poderia funcionar? Assim fez ela. Escreveu o nome dele, desenhou uma margem preta, grossa em volta, colocou em seu espelho e olhava para ele todos os dias.

Já ouvimos o suficiente sobre essas histórias para imaginar o final. Depois de uma semana, Cathy foi à sua caixa de correio e encontrou uma carta do desaparecido Richard Johnson que não sabia nada a respeito de suas buscas em torno dele no ano anterior, mas, de sua casa no Meio-Oeste, tinha decidido entrar em contato com algumas pessoas do seu passado. Ele ligou para a irmã de Cathy em sua cidade natal, conseguiu seu endereço através de um simples telefonema e decidiu escrever.

Como demonstra a experiência de Cathy, ocorrências sincronísticas envolvem uma conexão *não-casual* entre os acontecimentos físicos, as ações de Cathy e a carta de Richard, eventos sem a menor possibilidade de estarem ligados por causa e efeito como entendemos, porém que são ligados pelo significado subjetivo do acontecimento. Enquanto a importância da conexão de Cathy com Richard fica clara através de suas ações — suas pesquisas, sua busca de conselho com uma vidente, escrever seu nome em um papel e meditar em cima dele —, fica claro também que nenhuma de suas ações *fez* com que Richard telefonasse para ela. Poder-se-ia, imagino, discutir que fatores não-físicos entraram em jogo nesse incidente, que algum tipo de comunicação secreta, silenciosa ou mágica aconteceu entre eles de forma que *fez* com que Richard procurasse por Cathy, porém acreditar em causas não-físicas que não podem ser provadas ou refutadas é simplesmente uma questão de credo pessoal ao contrário do que é geralmente entendido pelo termo “causalidade”. Em termos “causais”, o restabelecimento de contato é pura coincidência, incomum, porém significativa, fato ocorrido com Cathy por puro acaso.

A razão, eu acho, pela qual a sincronicidade, “a ocorrência simultânea de dois eventos significativos porém não ligados pela causalidade”,<sup>1</sup> continua controversa e difícil de aceitar desde o desenvolvimento desse conceito por Jung, é porque a sincronicidade nos força a sacudir a tirania inconsciente da teoria de causa e efeito. Por que, perguntaríamos, nos apegamos tão tenazmente a essa visão de vida como uma corrente de ação e reação? Qual o proveito que tiramos em acreditar que todas as conexões são e devem ser causa e efeito?

Na minha opinião, o pensamento causai nos seduz com uma ilusão de poder total sobre as coisas que nos cercam e aumenta a sensação de termos nosso destino sob controle, uma visão bastante lisonjeira para os nossos egos. A teoria de causa e efeito nos proporciona a sensação de controle, de nos distanciar do mundo “externo” e intervir nele. Nessa visão de mundo causai, somos limitados somente pelas consequências de nossos atos, devemos então agir, e livremente.

Pensar diferente, principalmente da forma como a sincronicidade nos convida a fazer, é abraçar a ideia de que os eventos do acaso podem ser significativos em vez de sem sentido. De um modo geral, essa ideia pode ser um duro golpe em nosso ego, desafiando a visão de completo poder e controle que criamos para nós mesmos. A ideia de que eventos do acaso podem *nos* acontecer, eventos que não podemos controlar mas que podem nos causar um efeito profundo, é algo, me atrevo a dizer, que provoca ansiedade na maioria de nós. Como parceira de Jung, Marie-Louise von Franz coloca em suas palestras sobre sincronicidade: “O acaso é o inimigo — o acaso é o que você deve eliminar (...)”,<sup>2</sup> uma forma sucinta de descrever a atitude da maioria das pessoas em relação ao lugar que as ocorrências do acaso ocupam em suas vidas.

Porém, contatos com indivíduos de culturas não-europeias revelam que existem com certeza outras maneiras de pensar e de ser no mundo. Vendo-nos como uma simples parte de um grande todo no qual tudo na vida é conectado, índios americanos ou povos de uma cultura tradicional asiática como a China ou Tibete percebem suas ações de uma maneira muito diferente, não uma causa produzindo um efeito, não como um indivíduo atuando sobre o mundo, que é separado e objetivo, porém como parte de uma teia de interligações subjetivas.

Para atuar efetivamente dentro dessas culturas, no entanto, exige-se a percepção do momento apropriado, investigar suas próprias atitudes, pedir apoio da grande comunidade da qual se faz parte e tentar determinar a vontade divina. Nessas culturas, ainda é comum consultar as estrelas ou visitar a vidente do vilarejo antes de dar algum passo importante na vida. Agir, dentro dessa visão de mundo, é um processo humilde e cuidadoso. Essa maneira de pensar, na qual a sua experiência subjetiva de interligação com o mundo é mais importante que o controle individual sobre o meio ambiente através de causa e efeito, é um modo de viver que se adapta à realidade do acaso significativo facilmente. E não temos sequer que sair de nossas próprias raízes históricas no Ocidente para descobrir precedentes para a ideia de sincronicidade. Como estarei discutindo no Capítulo 5, áreas de interesse como astrologia, tarô e outros métodos de adivinhação contam com a sincronicidade para seus efeitos.

Além de desafiar a sensação de controle que o pensamento de causa e efeito nos proporciona, admitir conexões não-casuais entre acontecimentos significa também reconhecer que o mundo físico não está separado dos acontecimentos psíquicos interiores. Porém, a divisão de mundo entre “interno” e “externo” está profundamente arraigada em nosso pensamento, tão profundamente, na verdade, que a maioria das pessoas sequer tem consciência disso. Os sentimentos de Cathy em relação a Richard são “internos”; o telefonema de Richard é um acontecimento “externo”. As ações dela com o nome dele no papel são um

acontecimento “externo”. O impulso dele para encontrá-la é um fenômeno “interno”. Definir a coincidência da redescoberta um do outro como “sincronicidade” é simplesmente uma outra maneira de dizer que, naquele momento, “interno” e “externo” estão conectados.

Realmente, em outra parte de seu trabalho sobre sincronicidade, Jung define sincronicidade como “a ocorrência simultânea de um certo estado psíquico com um ou mais acontecimentos externos que aparecem como paralelos significativos do estado subjetivo do momento”.<sup>3</sup> Portanto, por definição, sincronicidade sugere que nossa divisão radical entre “interno” e “externo” é na verdade falsa. Fenômenos internos como sentimentos, valores, pensamentos, sonhos, intuições, desejos e assim por diante, podem muitas vezes estar ligados de uma forma decisiva a acontecimentos “externos” como telefonemas, presentes, vida social, casos de amor e afins. Acontecimentos sincrônicos nos impõem uma visão do mundo como um campo único no qual nossas experiências pessoais e ações estão fundamentalmente ligadas às experiências de ações de outros.

Além de desafiar nossa ilusão de controle e a cuidadosa divisão entre a realidade subjetiva e objetiva, a sincronicidade como um princípio não-casual de conexão também desafia nossa noção de tempo, especificamente, a forma como confiamos numa noção linear de tempo para organizar nossa visão do mundo. A teoria de causa e efeito necessita dos conceitos “antes” e “depois”: as causas acontecem antes dos efeitos. Mas o reconhecimento de uma conexão não-casual entre acontecimentos torna o *quando* algo aconteceu menos importante que o *que* aconteceu e o *que significa* para mim ou você. Não que o momento do acontecimento seja completamente sem importância, mas, usando nosso exemplo de Cathy e Richard, o momento de sua carta meramente transformou o fato numa coincidência. Foi o *significado* da carta que a tornou sincrônica para Cathy, depois de toda energia gasta tentando entrar em contato com ele, depois de administrar a frustração e o desapontamento de encontrar um beco sem saída, depois de iniciativas pessoais para focar sua atenção nele escrevendo seu nome como instruiu a vidente. Suas iniciativas e a carta dele foram conectadas pelo significado da coincidência e não pela proximidade temporal dos dois eventos.

A sincronicidade nos convida a olhar para nossas vidas sob um ângulo diferente, no qual nossas experiências subjetivas determinam nosso lugar em um universo de eventos do acaso que ocorrem conosco à nossa volta e que estão ligados através daquilo que representam para nós. Em nossas vidas, são essas conexões entre nós mesmos e o mundo que criam as histórias que vivemos.

Isso nos leva ao segundo aspecto de sincronicidade: emoção.  
Pense, Não Sinta: Sincronicidade e a Moderna Dúvida da Realidade Emocional

Elaborando, em seguida, o que é sincronicidade e como funciona, Jung observa que os acontecimentos que chamamos sincronicidade têm um certo tom emocional inegável em si que ele chamou de “*numinous*”, tomando emprestado o termo do teólogo Rudolph Otto. Numinosidade é aquela experiência que temos quando sentimos que estamos inegavelmente, irresistivelmente e inesquecivelmente na presença do Divino, a vivência de algo que transcende nossas limitações humanas. Essa elevada qualidade de sentimento que acompanha os acontecimentos sincronísticos é talvez a característica mais impressionante desses eventos. Se a sincronicidade está acima de todos os princípios de conexão, então a qualidade das sensações provocadas por uma sincronicidade, a numinosidade e energia psíquica que ela desperta, é o agente através do qual é feita a conexão. Simplificando, os eventos sincronísticos têm sempre um profundo caráter emocional.

Quando eu comecei a estudar Jung na faculdade, me senti sozinho e isolado. E claro que estudantes universitários são por natureza propensos a esse tipo de sentimento, e alguns são até muito apegados à pose de intelectual incompreendido. Não posso afirmar que me sentia dessa maneira. Eu vinha de um seminário luterano no qual nenhum de nossos estudos incluía muita psicologia e muito menos alguém como Jung, um evangélico afastado, com tendências místicas, e muitos de meus colegas estudantes me achavam um pouco maluco em ter tão alta consideração por ele. Como uma forma de conter os fantásticos sonhos e experiências que eu estava tendo a partir de meu conhecimento da obra de Jung, decidi começar a trabalhar com um analista junguiano, e como isso seria também uma forma de superar o isolamento intelectual que eu estava sentindo, simplesmente peguei as páginas amarelas, olhei a lista de psiquiatras e liguei para o primeiro que anunciava análise junguiana. Marquei um encontro para as 15h de sábado para começar a terapia.

Enquanto isso, no estágio em que eu vinha trabalhando durante alguns anos, um programa impróprio que dava longos tratamentos de psicoterapia freudiana para os estudantes da Universidade da Califórnia, entrou para a equipe uma nova consultora. Agradável e divertida, ela e eu descobrimos vários interesses em comum, particularmente nas artes. Eu era escritor; ela, contadora de histórias. Eu estive envolvido com teatro; ela também. Ela era de Nova York; eu vim de Nova Jersey. Mas foi somente depois de vários meses de amizade que descobri que ela não somente partilhava de meu interesse por Jung como estava também frequentando o mesmo analista que eu. Além disso, quando começamos a comparar nossas anotações, descobrimos que, na semana anterior ao início de meus trabalhos com ele, ela havia trocado seu horário normal de consulta de sábado às 11h para um outro horário. Em outras palavras, sincronisticamente, eu

conhecera a pessoa cujo horário de consulta na agenda do meu analista agora era meu.

O que tornou esta coincidência dos horários de consulta importante para mim, e portanto o que fez dela uma sincronicidade, tem principalmente a ver com os sentimentos que eu tive de estar repartindo algo, por total coincidência, com essa amiga que eu sequer conhecia naquele momento. A história que eu pensava estar vivendo — o pobre solitário estudante universitário interessado em um maluco de quem ninguém sabia nada a respeito — não era, descobri mais tarde, a história verdadeira. A verdadeira história era que um espaço tinha sido criado para mim, no consultório do meu analista, por uma mulher com quem eu tinha muitas coisas em comum, e o efeito emocional foi enorme. Senti-me consideravelmente menos isolado e maluco. Senti a presença de uma comunidade de pessoas com mentes semelhantes à minha volta, portanto, me senti mais apoiado e seguro de mim. Senti a importância de meus estudos junguianos sendo-me confirmada.

Infelizmente, nossa cultura tem quase tanta dificuldade em reconhecer o sentimento quanto em abandonar a teoria de causa e efeito. Como já discuti antes, estamos habituados a dividir o mundo em “interior” e “exterior”, em “subjetivo” e “objetivo”, e mesmo que essa divisão não seja necessariamente incômoda, como ocidentais somos parte de uma tradição que valoriza o “exterior” e “objetivo” enquanto desmerece o “interior” e “subjetivo”. E nada é mais “interior”, mais individual e subjetivo do que os nossos sentimentos.

O grande ideal do mundo ocidental é atingir a objetividade. Para a ciência significa eliminar a tendência subjetiva do pesquisador e cancelar, através da repetição e da análise estatística, os efeitos do acaso em um processo. No pensamento intelectual, rigorosamente apoiamos e documentamos cada conclusão com evidências, fatos e demonstrações. Na indústria, premiamos produtividade e lucros, ambos podem ser medidos e monitorados à custa de outros interesses, como o bem-estar dos trabalhadores ou a qualidade do produto. Em nossa tradição, sentimentos são um estorvo, um contágio, uma possível fonte de distorção, falsificação e erro.

A natureza emocional, essencialmente subjetiva, de um acontecimento sincronístico o profundo efeito que esse tipo de coincidência provoca em nossos sentimentos, derruba o argumento diante de nós e nos leva a questionar esse ideal ocidental de objetividade: e se valorizarmos os sentimentos tanto quanto o pensamento, como os eventos sincronísticos nos convidam a fazer? Em todas as sincronidades, inclusive em nossos exemplos até agora, o importante não são os “fatos objetivos” das coincidências, porém o impacto emocional que causaram nas pessoas envolvidas, um impacto emocional tão forte que anos

depois pessoas como Ann ou Cathy foram capazes de me contar a respeito desses incidentes com grandes detalhes. Acontecimentos sincronísticos apelam para nossa capacidade de sentir intensamente e de tomar consciência dos nossos sentimentos, visto que a qualidade e intensidade dos nossos sentimentos é o que torna essas coincidências significativas.

Porém, sentimentos fortes são temidos nesta cultura, pela mesma razão, creio eu, que a não-causalidade representa tanto problema para a maioria de nós. Permitir-se sentir significa que você deve afrouxar o controle sobre si mesmo e se abrir para suas experiências. Você deve se permitir ser o que você é em vez de quem você pensa que é, ou o que foi dito que deveria ser. Sentir significa ser vulnerável, e vulnerabilidade é uma experiência de submissão.

O medo de perder o controle não é a única coisa que torna nossas vidas emocionais tão ameaçadoras para nossas mentes racionais. Como a não-causalidade, sentimentos desafiam a hipótese de que somos separados uns dos outros, de que existe uma rigorosa divisão entre externo/objetivo e interno/subjetivo. Se estamos abertos para os sentimentos, podemos sentir não só os nossos como também os sentimentos do *outro*. A natureza do sentimento e seu poder de empatia demonstram que estamos todos ligados, pelo menos potencialmente, quando experimentamos dor, alegria, tristeza, satisfação, orgulho ou vergonha do outro. Enquanto compartilhar sentimentos é para muitos de nós uma experiência que pode ser profundamente gratificante e com um enorme poder de cura, é uma atividade que transgride alguns valores culturais importantes, como a autonomia, a individualidade e a independência, portanto, essa vitrine aberta de sentimentos é permitida e vista como apropriada em um número limitado de situações sociais, a maioria delas de caráter privado e somente muito poucas delas públicas.

Por ser o sentimento espontâneo, natural, livre — como uma corrente de água na qual entramos, podemos senti-la à nossa volta, mas não podemos dirigir ou controlar —, para mim, é preciso grande coragem para que as pessoas, dentro dessa cultura, se coloquem deliberadamente nesta água corrente que não para, especialmente quando os sentimentos são profundos e fortes e a correnteza é rápida e forte à nossa volta. E um evento sincronístico nos joga de cara no meio dessa correnteza. Não é de admirar que muitos de nós fujam diante de uma sincronicidade, ridicularizando-a — e aos nossos sentimentos a respeito — como uma fantasia: “É só minha imaginação.” Sincronicidade significa ter que afirmar seus sentimentos como um modo crucial de viver a vida, com tanta importância quanto seus pensamentos, e, em certas situações, até mais. Nossos sentimentos são a fonte principal de nossas histórias, e são os nossos sentimentos que fazem a trama andar para a frente.



O que nos leva ao terceiro aspecto da sincronicidade: sua natureza simbólica.

## Se Eu Não Estou Ciente, Como Pode Ser? Sincronicidade e Símbolos Arquetípicos do Inconsciente Coletivo

Um terceiro aspecto pode ser encontrado no conteúdo de um acontecimento sincronístico, que, como mencionei, é sempre simbólico. Infelizmente, em minha experiência, esse fato é geralmente negligenciado no curso dos trabalhos com sincronicidade, esmagados como geralmente estamos pelo sentimento numinoso que o acontecimento inspira ou pelo espanto de que acontecimentos tão improváveis como esses possam realmente ter acontecido. Assim, sempre que acontece uma coincidência significativa, percebi que os acontecimentos em si sempre têm um forte caráter simbólico.

Um exemplo forte do simbolismo em um acontecimento sincronístico aconteceu comigo durante um impasse com um cliente quando eu era residente. Tendo sido dominado por sua mãe durante a maior parte de sua vida, inclusive adulta, meu cliente Frank tinha a maior dificuldade em achar que alguém iria tratá-lo de maneira diferente. Foi por isso que ele começou o aconselhamento, o que se seguiu é que sua visão de que as pessoas desejam controlar e dominá-lo dominava amplamente sua experiência comigo também. Em meio a uma série de sessões difíceis durante um certo período, eu cheguei num sábado pela manhã para nossa sessão. Caía uma forte tempestade lá fora, mas não me preocupei muito por Frank não aparecer, pois ele morava na mesma rua da clínica. Antes de a sessão começar, eu revia minhas anotações quando, bum, as luzes se apagaram. A sala que eu usava tinha uma pequena janela, mas a luz fraca era suficiente para ver; então, quando Frank chegou, fomos em frente. Nossa conversa daquele dia era igual a muitas das nossas discussões anteriores. Frank estava convencido de que eu me tornara psicanalista para controlar as pessoas, que eu gostava de ter outras pessoas, que eu gostava de ter outras pessoas dependendo de mim, que eu sentia prazer em fazer as pessoas pagarem por suas necessidades, e assim por diante. E como sempre as minhas respostas, que eram uma tentativa de ligar sua experiência com sua mãe a essas percepções a meu respeito, pareciam não funcionar muito.

Então, em certo ponto, vendo que não estávamos chegando a lugar nenhum, resolvi tentar um outro enfoque, desafiá-lo mais abertamente. Perguntei-me alto que peso teria para ele o fato de eu ter aparecido no meio de uma tempestade, sem eletricidade no prédio, somente para que ele pudesse continuar me dizendo o quanto não gosta de mim. Não seria isso uma evidência de que eu me importava com ele? Por que então eu escolheria fazer algo tão inconveniente, tão

flagrantemente desagradável a não ser que eu estivesse realmente preocupado com seu bem-estar? Nesse ponto Frank se calou e eu pude sentir uma mudança emocional acontecendo. Depois de alguns minutos pensando, Frank disse: “Eu entendo seu ponto de vista. Talvez você se importe, talvez não seja pelo poder.” E naquele instante a energia voltou e o consultório ficou subitamente iluminado, sincronisticamente, brilhantemente iluminado outra vez.

O simbolismo nessa história de “falta de energia” é tanto óbvio quanto importante para entender a natureza do que aconteceu em meu relacionamento com Frank. Começar a sessão literalmente no escuro da interrupção da força refletia o estado emocional do relacionamento no qual nenhum de nós conseguia perceber a saída através da luz da consciência. Ele era incapaz de me ver claramente, metaforicamente falando, como alguém que se importava com ele, e a falta de energia transformou sua incapacidade em verdade, literalmente. Nem eu conseguia ver que o que eu precisava fazer era começar a ser uma pessoa real naquela sala com ele, afirmar o quanto me importava e começar a demonstrar, em vez de interpretar as dinâmicas de sua mãe. Havia para ele ambas as “faltas de energia”, a interna e a externa, isto é, até que finalmente eu consegui chegar a ele, no nível emocional. Então as luzes se acenderam — literalmente mas também simbolicamente —, quando subitamente o consultório se iluminou de eletricidade literal e emocional. A conexão foi restabelecida entre nós, e ele sentiu seu poder outra vez.

Essa história é uma boa ilustração de uma questão que levantei sobre sincronicidade, especificamente, como a mesma coincidência pode muito bem ser significativa para uma pessoa e ao mesmo tempo completamente perdida para outra: Frank, muito enredado em suas sensações de ser dominado, não tinha percebido, até onde posso dizer, se as luzes estavam acesas ou não. Fui eu que percebi quão perfeitamente esse fato externo espelhava nossos estados internos, quão forte era o simbolismo dessa coincidência em particular. Realmente, como esta sincronicidade aparece na história de minha vida como terapeuta tem a ver especificamente com esses símbolos e o que significam para mim, isto é, poder. Eu estava me empenhando, como um terapeuta relativamente inexperiente, em encontrar o meio mais eficaz de demonstrar que eu não era como sua mãe, sendo então seguido de uma intervenção que parecia ter funcionado para Frank, que, como o próprio simbolismo do evento indica, era uma experiência bastante fortalecedora para mim. Para Frank, no entanto, foi somente uma das muitas experiências de comunicação direta que ele precisa de mim até começar a acreditar que nem todo mundo ansiava por dominá-lo e controlá-lo.

A analista junguiana contemporânea Jean Shinoda Bolen, em seu breve e atraente livro sobre sincronicidade, *A sincronicidade e o tao*, usa uma expressão

para descrever o caráter simbólico dos acontecimentos sincronísticos, uma frase que eu já ouvi outros também usarem, que este tipo de coincidência significativa é como “um sonho acordado”.<sup>4</sup> Esta expressão apreende bem, eu acho, muito do que faz de um acontecimento sincronístico uma ocorrência única na história de nossas vidas. Como os sonhos, os quais não provocamos e que geralmente são cheios de sentimentos, os acontecimentos sincronísticos têm um caráter simbólico. Essas coincidências significativas são memoráveis justamente porque possuem o tipo de coerência simbólica que a maioria das pessoas só experimenta em sua vida nos sonhos. Ou através de histórias.

Conte a história da falta de energia, ou do telefonema de Dan, ou do tarô de Bobbie para alguém não familiarizado com o conceito de sincronicidade, e você poderá muito bem ouvir: “A quem você está enganando? Esse tipo de coisa só acontece nos filmes”, ou o menos cético: “Que história ótima!” Realmente, a semelhança entre a coerência simbólica que esperamos das histórias e a coerência simbólica que experimentamos nessas coincidências significativas é inegável. Como nas histórias, a dimensão simbólica de nossas vidas é trazida à tona durante um acontecimento sincronístico, quando somos forçados, por assim dizer, a examinar os vários aspectos do acontecido. Pegamo-nos fazendo os mesmos tipos de perguntas com relação à nossa vida quando lemos uma história ou assistimos a um filme. Qual é o objetivo disso? Para onde isso está indo? O que quer dizer com relação ao que sou, tenho sido ou serei?

E importante entender a diferença entre um sinal e um símbolo nessa conjuntura. De forma breve, um sinal é um objeto que aponta para algo além de si próprio que é definido, finito e reconhecível; enquanto símbolos são objetos, situações ou eventos que apontam para uma realidade além de nossa consciência ou de nossa total compreensão. Consequentemente, se nós reconhecemos a natureza simbólica dos acontecimentos sincronísticos e nos fazemos a pergunta “Para o que além de mim este evento aponta?”, veremos que a resposta, se formos fiéis à realidade simbólica do ocorrido, será sempre uma multiplicidade de coisas.

Um símbolo é sempre e essencialmente um mistério; um sinal, não. O hexágono vermelho no alto do poste da esquina quer dizer “PARE”. Isso é tudo que ele significa, e este será sempre seu significado; quando você se aproximar com um veículo em movimento, pise nos freios. E um sinal, não um símbolo. No entanto, se você vai ao Museu de Arte Moderna e vê pendurada numa parede uma obra de um escultor político de vanguarda — fotos de campos de concentração, bombas, armas e matadouros cercados por um hexágono com a palavra “PARE” escrita —, você não está mais olhando para um sinal. O que fora um simples sinal de pare foi transformado pelo contexto artístico em um

símbolo. Na parede do museu, “PARE” significa muitas coisas: que matar é errado, que o assassinato de inocentes é algo contra o que temos que agir para prevenir, que comer carne causa a violência e assim por diante.

Da mesma forma, um evento sincronístico, como ocorrência simbólica, pode significar muitas coisas como também o significado simbólico de um evento, como o da minha história pode na verdade mudar com o tempo. Em muitos eventos sincronísticos que discutiremos nos capítulos seguintes, a multiplicidade dos significados simbólicos que um simples evento tem para nós pode às vezes se tornar avassalador. Porém, como as várias gamas de significados em uma história, pode-se, com tempo, paciência, prática e familiaridade, expô-los com uma atitude cuidadosa e aberta.

Eventos sincronísticos funcionam, como todos os símbolos fazem, para tornar consciente o inconsciente. A contribuição única de Jung para a psicologia está em sua controvérsia de que o inconsciente não consiste meramente de restos, por assim dizer — coisas que nos acontecem das quais já não lembramos mais ou deliberadamente mantemos esquecidas e reprimidas —, mas que o inconsciente é também o armazém da psique da raça humana. Jung chamava este armazém de “inconsciente coletivo”, que contém uma coleção compartilhada de símbolos dos quais desconhecemos a maior parte, exceto em circunstâncias ou estados mentais especiais. O conteúdo desse nível da nossa existência, esses padrões, situações e símbolos que constituem esse inconsciente coletivo, é o que Jung denominou de “arquétipos”.

Sempre achei que a ideia de que todos os seres humanos partilham certas formas comuns de pensar, sentir e imaginar é algo fácil de entender e aceitar. Na verdade, como poderia ser diferente? Não temos todos pais e mães? Não tivemos todos nós a experiência do nascimento, infância e envelhecimento e, finalmente, a morte? Não existem certas constantes que vão além da experiência individual e da cultura, além de tempo e lugar, que nos tornam humanos e que nós, portanto, compartilhamos com todos os outros seres humanos? Esses padrões fazem os arquétipos do inconsciente coletivo, alguns dos quais são vividos de forma pessoal, através de figuras como o velho sábio, o trapaceiro, a virgem, a eterna criança, como também os deuses, deusas, demônios e anjos da mitologia e da teologia. Mas muitos dos arquétipos do inconsciente coletivo não são figuras, pelo contrário, são situações e experiências — o crescimento, experimentar a plenitude, ser pego dentro de um conflito insolúvel, perdendo nossa inocência, atingindo o êxtase da união com Deus — e podem ser esses arquétipos de “situações” que as ocorrências sincronísticas trazem também ao nosso conhecimento.

As histórias que vivemos, as histórias que a natureza simbólica dos eventos

sincronísticos trazem ao nosso conhecimento, são de certa forma míticas. No entanto, quantos de nós se consideram como personagens de uma história, não mais que figuras vivendo um mito? A ocorrência anormal de uma sincronicidade serve para elevar nossa sensibilidade para essa dimensão sagrada e simbólica de nossas vidas diárias. Mas por que tantos de nós resistimos a essa maneira de pensar? Por que gostaríamos de menosprezar ou ignorar a história que estamos vivendo?

Uma das respostas, acredito, é que o contato direto com o inconsciente coletivo é uma experiência de um poder tão enorme que através dela estamos em constante perigo de nos perdemos e ao nosso próprio ponto de vista. Um arquétipo é como uma força natural, um padrão de percepção tão arraigado que poucos indivíduos são capazes de manter sua percepção pessoal quando abalados por um arquétipo. Então, enquanto devemos estar de guarda para não permitir que nossos egos fiquem no caminho de uma experiência completa de eventos arquetípicos por termos a cabeça fechada e tentar controlar nossas vidas internas, nossos egos podem, contrariamente, ser o próprio meio que nos permite resistir à investida do simbolismo arquetípico com toda sua riqueza, maravilha e poder. Aqui novamente nossa habilidade para refletir simbolicamente sobre uma experiência é o mais importante para ajudar a compreender os fundamentos arquetípicos para a história de nossas vidas. Com essa habilidade para meditar sobre as experiências e discernir qual é especial para nós como indivíduos e qual é a comum aos outros, essas experiências como eventos sincronísticos, sonhos e histórias podem enriquecer e aprofundar nosso sentido de humanidade.

Para falar de uma forma mais simples, o simbolismo da sincronicidade nos mostra em certo nível a parte específica da história de nossas vidas onde a conexão com todos os outros seres humanos pode ser encontrada. Através da sincronicidade, de receber uma série de símbolos através de seus sonhos e depois um presente semelhante aos seus sonhos, Bobbie foi envolvida em um relacionamento vivo com toda a sabedoria contida nos símbolos do tarô. O telefonema de Dan, a carta de Richard e o início sincronístico de algumas das minhas amizades ajudaram Ann, Cathy e a mim, respectivamente, a participar dessa experiência universal que os seres humanos normalmente chamam de amor. Minha iniciação como conselheiro residente, nos misteriosos poderes de cuidar do bem-estar de outra pessoa, é, graças à experiência sincronística de ter sido “conduzido até a luz”, algo que tenho repartido com muitos outros principiantes através de todos os tempos e todas as culturas.

*Quo Vadis: Sincronicidade e Transições da Vida*

Existem períodos em nossas vidas nos quais nos sentimos estabelecidos, quando as coisas, em sua maioria, alcançaram um ponto de relativa estabilidade. Nossos relacionamentos são satisfatórios, nossa vida profissional e atividades pessoais parecem estar indo bem. Se não arrebatadamente feliz, estamos satisfeitos o suficiente, e existem certas preocupações e ansiedades no horizonte do nosso consciente, elas estão longe o bastante para não perturbar o curso natural dos acontecimentos humanos.

Mas, como todos sabemos, existem outros tempos em nossas vidas nos quais a estabilidade já não mais satisfaz internamente e sentimos que devemos fazer uma mudança na vida que está se tornando monótona e paralisada, ou quando acontecimentos fora de nosso controle interferem para interromper uma vida com a qual estamos satisfeitos. As vezes esses períodos de transição podem até ser motivados por ambos ao mesmo tempo — uma necessidade interna de andar para a frente e uma série de fatos externos nos impelindo para fora de um trilho que podemos nem saber que estamos trilhando.

No momento dessas transições, as pessoas geralmente procuram a ajuda de outras. Às vezes essas outras são profissionais — terapeutas, pastores, médicos ou conselheiros. As vezes, as outras são amigas ou pessoas da família que passaram por transições semelhantes ou simplesmente amigos em geral. Durante essas transições, procurando ajuda de pessoas experientes, frequentemente nos sentimos nos afastando de uma maneira de ser que não se adapta mais a nós e guiados para um mais pleno e mais satisfatório meio de vida.

No entanto, muitas pessoas recebem uma forma de ajuda durante essas transições que não é simplesmente de natureza externa ou social, porém interna e psicológica. Sem mesmo desejar ou procurar, a ajuda frequentemente chega sob a forma de uma sequência acidental de eventos que ocorrem precisamente na hora exata para nos ajudar a seguir com nossas vidas, muito frequentemente quando sentimos que resta muito pouco que possamos fazer.

Um dos principais pontos no qual as ideias de Jung sobre a psique diferem de muitos pensadores reside na discordância de que a psique é um fenômeno natural e todos os aspectos da psique, mesmo aqueles que nos parecem patológicos ou destrutivos, na verdade cumprem a função de promover nosso desenvolvimento psicológico. Um exemplo simples dessa maneira de pensar tem a ver com o que a maioria das pessoas chama de defesas. Uma pessoa que teve uma experiência traumática de cair de uma grande altura pode experimentar grande ansiedade em lugares altos pelo resto de sua vida. Em consequência, ela evitaria deliberadamente, mesmo sem necessidade, esses lugares. Dependendo de quão severamente esse comportamento restringir sua vida, ele pode ser visto como um ardil interessante ou como uma disfunção totalmente inexperiente, mas

permanece o fato de que essa atitude defensiva serve para proteger a pessoa contra a repetição de traumas e atividades avassaladoras, e, como veria Jung, para preservar seu equilíbrio emocional. Você e eu podemos julgar se isso é saudável ou não, bom ou ruim e assim por diante, mas do ponto de vista da psique e seu processo natural, mesmo respostas fóbicas têm sentido e função para orientar a habilidade de um indivíduo em seguir adiante e crescer de uma forma equilibrada.

A visão de Jung da natureza proposital do fenômeno psicológico ratifica o seu conceito de sincronicidade. Nos eventos do acaso tanto emocional quanto simbolicamente significativos, nossa experiência psicológica de sincronicidade sempre acontece para nos dar a possibilidade de andar para a frente de alguma forma. É por isso que as sincronicidades acontecem naqueles pontos de transição de total importância em nossas vidas. Da mesma forma que a ajuda social externa que frequentemente procuramos durante esses períodos, a psique também às vezes proporciona, na forma de coincidências significativas, um tipo de ajuda interna e psicológica.

As vezes essa ajuda pode ser meramente de um tipo de serviço de despertador, com uma coincidência para simplesmente trazer ao nosso conhecimento o fato de que a transição que temos tentado evitar ou negar está acontecendo de fato, gostemos ou não. A experiência de Bobbie com o tarô é desse teor. Outras vezes, o significado da sincronicidade tem a ver com a lição que precisamos aprender sobre nossa necessidade de desenvolver uma atitude ou perspectiva diferente — como comigo e meu cliente Frank, quando parei de duelar com seu passado e comecei a me concentrar em meu relacionamento com ele no presente. Ibrém, em todos os casos, quando uma pessoa vivência o tipo de coincidência significativa que estamos chamando de sincronicidade, algum tipo de transição de vida importante está ocorrendo.

Uma moça que conheço chamada Ellen mudou-se para a Califórnia para começar a faculdade, iniciando um conflito bastante grave com seu pai, que havia concordado em pagar sua educação mas que era também preso a certas ideias de como sua filha deveria viver. Ele a queria no *campus*; ela queria viver fora do *campus*, com amigos. Ela queria um carro; ele não achava o carro uma boa ideia. Ela sentia que sua vida social era parte importante de sua educação; seu pai achava que ela não deveria gastar dinheiro e tempo em nada que não fosse seus estudos. A medida que os sentimentos foram esquentando entre eles, através de uma série de telefonemas internacionais, seu pai finalmente disse que se ela não se comportasse como ele desejava, ele suspenderia seu apoio financeiro. Com raiva ela respondeu: “Tudo bem. Vá em frente”, e desligou o telefone.

Remoendo furiosamente sobre a situação que tinha finalmente se tornado insustentável, ela andava pelo *campus* no dia seguinte apavorada, sem saber o que ia fazer. Ela não tinha nenhum preparo, e a atitude controladora de seu pai criou essa dependência dele, então não conseguiria levar sua ameaça adiante. Ela continuou a andar pelo *campus* até esbarrar com um amigo, e sentada embaixo de um pé de eucalipto, contou-lhe sua história. Não achando seu dilema nem um pouco engraçado, ela quase ficou ofendida quando ele riu — isto é, até ele dizer por que estava rindo. Ele estava justamente vindo de seu trabalho como processador de texto em uma firma de engenharia na vizinhança e o supervisor do dia havia perguntado se ele conhecia alguém que quisesse um trabalho. Eles estavam pagando bem, o suficiente para permitir que Ellen se sustentasse, o horário era totalmente flexível e eles estavam dispostos a pagar pelo seu treinamento. Dessa maneira, sincronisticamente, Ellen encontrou um trabalho que lhe permitia se libertar da desconfortável dependência de seu pai e cair fora, de maneira bastante apropriada, por conta própria. Além disso, a experiência em processamento de texto que ela aprendera naquele trabalho direcionou-a para uma carreira de editora que dificilmente esperaria, pois ela havia ido para a escola estudar bioquímica.

Cada movimento para a frente em nossas vidas, cada degrau do crescimento, envolve três partes. Primeiro, tomamos consciência de que nossa situação atual não serve ou não funciona mais para nós. Algumas vezes fatos externos tornam isso claro — nosso pai ameaçando retirar o apoio financeiro —, enquanto outras vezes são nossos sentimento internos que nos apontam isso — estamos infelizes com as restrições de nossa liberdade em viver como queremos. Então entramos num estado de confusão e transição. Começamos a imaginar que as coisas podem ser diferentes e que podemos até deixar nossa atual situação sem saber exatamente o que está por vir ou como devemos proceder. Batemos o telefone gritando: “Está bem. Vá em frente”, então ficamos num estado intermediário. Podemos voltar, mas na verdade não sabemos ainda o que fazer, e esse estado de transição pode durar um dia, um mês ou anos, até que finalmente algo acontece — conseguimos ajuda, nossos sentimentos se tornam claros, uma oportunidade se apresenta, tomamos determinada atitude — e então mudamos para uma maneira de ser diferente, mais satisfatória.

Na história de Ellen, sua necessidade de romper com seu pai já estava bastante clara antes que o trabalho que ela tanto precisava sincronisticamente caísse em seu colo, por assim dizer. Mas algumas vezes os acontecimentos sincronísticos ocorrem para chamar a nossa atenção para o fato de estarmos fazendo uma transição sem ao menos ter percebido. Esse é o caso de um amigo chamado Sam que fora transferido da Costa Leste para a filial de São Francisco



da firma de contabilidade onde trabalhava e achou seu novo trabalho muito pior e menos satisfatório do que esperava.

Apesar de ser um músico talentoso, Sam se dedicava muito ao seu trabalho de contador. Então uma série de acontecimentos sincronísticos ocorreram: a igreja frequentada por Sam recebera dinheiro para inaugurar um programa de música ao mesmo tempo que decisões da direção da firma o levaram a ser demitido. E claro que a experiência do imediato e inesperado desemprego o fizeram sentir-se mais do que um pouco desorientado. Mas eu o encorajei a se conscientizar da sincronicidade dos acontecimentos e perseguir as oportunidades que estavam se apresentando na música, o que ele fez. Sam ganha menos dinheiro atualmente, mas está muito mais satisfeito em sua carreira, fazendo algo num campo que ele há muito gostava mas tinha muito medo de tentar. O evento sincronístico dessa história, a porta fechada de sua demissão e a janela aberta de sua nova carreira, fez com que ele começasse a viver uma história em sua vida que muitos de nós à sua volta, conhecendo seu amor pela música e seu talento, sempre achamos que era a história que ele deveria estar vivendo.

Para mim, histórias como as de Ellen e Sam reforçaram minha convicção, baseado na maneira de pensar de Jung, de que essas pessoas se movimentam em seu próprio tempo e de sua maneira em direção a uma consolidação significativa de quem realmente eles são, mesmo quando outros podem pensar, vendo de fora, que seu processo é louco, destrutivo ou mau. Se sua vida é uma história, então é uma história que, como todas, tem vários capítulos. As vezes, somente o profundo encontro simbólico entre interior e exterior na forma de uma coincidência significativa pode trazer o tipo de impulso psicológico que talvez se necessite para virar a página e partir para um novo episódio na história que devemos viver.

A ideia, porém, de que as pessoas se movem de maneira própria em direção ao que são mais profundamente não quer dizer que “as coisas estão melhorando a cada dia em todos os sentidos”. Afinal de contas algumas histórias são tragédias. Mas, nos capítulos que seguem, você vai ouvir sobre pessoas para quem o pior acontecimento de suas vidas — a morte de alguém querido, fracasso nos negócios, um suicídio próximo — se transformou num evento sincronístico, um importante momento transformador de sua existência. Acontecimentos sincronísticos — coincidências significativas — nos fazem reconhecer que pode haver mais coisas em nossa história do que pensamos, e que tudo, mesmo o que nos parece assustador ou ruim, como perder um emprego ou ser rejeitado pela família, faz parte da estrutura narrativa de nossas vidas.

Como vimos em nossas discussões anteriores a respeito do aspecto casual, emocional e simbólico da sincronicidade, o fato de a sincronicidade sempre

acontecer durante um contexto de transição, quando estamos parados no limiar de uma nova maneira de ser, mais uma vez nos faz olhar para nós mesmos como parte de um grande todo do qual participamos. Se somos personagens de uma história, o final pode não ser feliz, mas pelo menos a vida que estamos vivendo será plena e coerente. E função da sincronicidade nos ajudar a ver essa totalidade — se não a excelência — por trás dos altos e baixos de cada capítulo da vida que vivemos.

## Por Que Agora? Avaliando o Interesse em Sincronicidade

Como já mencionei nesta introdução, sincronicidade é um termo relativamente novo para descrever uma ideia e um conjunto de experiências que são tão velhas quanto a raça humana e comum a todas as culturas. Por que agora, subitamente, vemos tanto interesse no conceito de coincidências significativas? Por que os estudos de Jung sobre sincronicidade provocaram as faíscas de uma nova literatura nos últimos vinte anos?

Acho que as quatro características da sincronicidade que descrevi acima são o que chamam a atenção, pois cada uma delas apresenta ao homem moderno uma maneira mais completa de pensar, sentir e estar no mundo. Acostumado a pensar em termos de causa e efeito, somos chamados pelos acontecimentos sincronísticos a tomar consciência que a linha divisória entre realidade objetiva e experiência subjetiva não é tão clara como fomos levados a pensar. Se essa constatação é às vezes confusa e assustadora, enriquece também nossa experiência sobre o mundo e nos restaura o sentido de totalidade e de participação. Da mesma forma, acontecimentos sincronísticos, com seus níveis de significado emocional e simbólico, servem para lembrar ao homem moderno de duas qualidades humanas muito valiosas e únicas: nossa habilidade de sentir e de imaginar, aspectos fundamentais de nossa humanidade que infelizmente foram postos de lado num mundo de crescente obsessão pela racionalidade.

Com o fim das comunidades unidas e o aumento do individualismo e isolamento em nossa sociedade, as importantes transições de vida se tornaram mais e mais difíceis de administrar, para muitos de nós, e como nossa cultura fez o papel principal, de conselheira espiritual, xamã, curandeira ou mais velho da comunidade, com muita frequência nos vemos perdidos sem saber como proceder. Coincidências significativas, que sempre ocorrem em momentos de mudança e transformação, são, portanto, símbolos da nossa profunda conexão com o outro e nos reafirmam que verdadeiramente não estamos nunca de fato sozinhos em meio a essas transições.

Porém, o aspecto mais essencial e evidente da sincronicidade é a vivência do

significado em cima da qual essa coincidência se baseia. Através da nossa habilidade de descobrir e vivenciar o que cai sobre nós, recebemos num acontecimento sincronístico um lembrete sobre uma importante verdade: que nossas vidas são organizadas, consciente ou inconscientemente, da mesma forma que uma história, que nossas vidas têm coerência, têm uma direção, uma razão de ser e também beleza. Sincronicidade nos lembra o quanto as histórias de nossas vidas podem ser obras de arte.

## Capítulo Dois

### Como um Relâmpago

#### Sincronicidade e Nossas Histórias de Amor

É tão precipitado, tão sem aviso, tão súbito,  
Tão como um raio, que não cessa de ser  
Antes que se diga “Está relampejando”. Meu bem, boa noite!  
Este botão de amor, amadurecendo sob o hálito de verão,  
Pode ser uma bela flor da próxima vez que nos encontrarmos.  
WILLIAM SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*

Amor e amizade em suas várias formas — apaixonado ou afetuoso, desabrochando lentamente ou rápido como o relâmpago — estão no centro da maioria das nossas histórias. Quem conhecemos e como os conhecemos, aqueles por quem nos apaixonamos ou quem se apaixona por nós, quem são nossos amigos e como esses relacionamentos aconteceram, como esses relacionamentos se aprofundaram ou, algumas vezes, falharam, todos esses trancos e barrancos do amor e da amizade servem para dar a cada uma de nossas vidas o formato especial que elas têm. O amor entre duas pessoas é, sem dúvida, basicamente uma coincidência, duas vidas se cruzando por acaso; e assim, naturalmente, ocorrências sincronísticas frequentemente estabelecem as bases para nossas histórias de amor e amizade.

Uma das características do acontecimento sincronístico é que ele é único e sem repetição, uma experiência única na vida. Quando pensamos o quanto é raro um amor verdadeiro, o quão pouco provável, entre muitos milhões de pessoas que encontramos ao longo de uma vida, é que consigamos encontrar uma dessas poucas pessoas que se encaixam tão bem conosco, daí tornar-se óbvio o quanto o acaso aparece em relação a quem escolhemos como parceiros, amantes e amigos.

Você já reparou que nos livros e histórias que lemos sobre o amor existe sempre uma certa sensação de inevitável na trama? Sabemos dentro de nós mesmos quando duas pessoas são destinadas uma para a outra. Nós testemunhamos a rivalidade entre famílias como em *Romeu e Julieta*, e também sentimos o que vai acontecer, o que *deve* acontecer, quando os jovens amantes se juntam. Ainda assim, ao mesmo tempo, sempre há aquela inconfundível

sensação de magia, o encantamento de saber que algo muito precioso está acontecendo, puramente pelo acaso.

Falando com as pessoas sobre os amores de suas vidas, fui surpreendido pelas semelhanças entre nossas vidas e as histórias que lemos. A frágil linha do acaso na qual muitos desses relacionamentos estavam pendurados era espantosa — pois por um minuto ou dois de atraso, ou um simples imprevisto, muitas dessas pessoas jamais teriam conhecido a pessoa que, através do amor, mudou toda sua história permanente e irrevogavelmente. A sensação do inevitável percebida nas histórias de amor que lemos não é só porque nós, como narradores oniscientes, estamos de fora da trama. Como a história real a seguir nos mostra, essa sensação faz parte do significado do nosso encontro com o acaso, um golpe de sorte que nunca cessa de nos maravilhar ao longo de nossas vidas.

Muitas das sincronicidades no amor e na amizade têm a ver com encontrar a pessoa certa, na hora certa, nas circunstâncias certas, mas pela completa improbabilidade na maneira como Pete e Mary começaram, seu relacionamento merecia um prêmio. Eles se conheceram numa grande comemoração, uma festa pela qual Marin County, na Califórnia, ficou conhecido no final dos anos setenta. Apesar do óbvio interesse mútuo na época, talvez um fato não muito raro aos vinte e poucos anos de idade, eles se separaram naquela noite sem trocar nada mais que os primeiros nomes, pois cada um deles estava envolvido com outra pessoa. Na semana seguinte à da festa, Mary deixou a Califórnia definitivamente, para acompanhar seu namorado para outra parte do país, mas, antes de partir, perguntou o dono da festa sobre Pete, conseguindo seu endereço e número de telefone. Inicialmente ela pretendia ligar ou escrever, o que nunca conseguiu fazer, pois o tumulto da mudança e depois a rotina normal da vida não deixaram. No entanto, por razões obscuras até para ela, todos os anos copiava o endereço de Pete em sua nova agenda de endereços, nunca ligando ou escrevendo, mas guardando a informação durante quase uma década.

Da parte de Pete, Mary vinha à sua cabeça duas ou três vezes por ano, quando acontecia dele encontrar por acaso o amigo que dera a festa. Dada a sua história de namoros frequentes sem assumir nenhum compromisso duradouro, Pete nunca deixava de perguntar ao amigo sobre a “garota da festa” e sempre descaradamente pedia ao seu amigo que avisasse quando ela estivesse disponível. Pelo que sabia seu amigo, Mary estava vivendo feliz com seu namorado no Texas, mas, continuando a brincadeira, ele prometeu que não esquecería de avisar a Pete.

No inverno seguinte, Pete soube que sua tia tinha morrido em Las Vegas. Mais por dever que por afeição, ele marcou um voo saindo de São Francisco no dia seguinte, pensando que talvez quando seus deveres familiares estivessem

concluídos ele poderia ficar um pouco e aproveitar a cidade. Quando chegou ao aeroporto, no entanto, descobriu que não estava saindo nenhum vôo por causa do nevoeiro, e não havia previsão de quando sairiam de novo. Assim, num impulso de momento, decidiu alugar um carro e dirigir até Las Vegas; demoraria um pouco, mas ao menos ele tinha a certeza de chegar lá, e a perspectiva de uma viagem por estrada agradou-o. Na verdade, uma vez na estrada, ele pensou que poderia parar à noite na cidade de Mojave para visitar um amigo e descansar antes de partir cedo para Las Vegas na manhã seguinte. Como ele disse, nunca imaginou que essa viagem acidental de carro fosse mudar sua vida.

Perto de Mojave no fim do dia, o carro começou a dar problemas e parecia ter um pequeno vazamento em um dos pneus. Pete parou então em um posto de gasolina, encheu o pneu e foi ligar para seu amigo, que não estava em casa. Pete se lembra de ter pensado que nada parecia destinado a dar certo nessa viagem para Las Vegas, tirando disso a lição de não fazer nada sem coração, por obrigação, ao invés de um verdadeiro comprometimento. Esse hábito, ele disse a si mesmo, era responsável por aquilo que estava errado em sua vida.

Ele estava se hospedando num pequeno motel de beira de estrada, ao anoitecer, quando seu humor mudou subitamente: ao virar para pegar suas malas, ele esbarrou em Mary, que nesse momento entrava no escritório do motel. Incapaz de acreditar que dentre todos os lugares do mundo, eles se encontrariam por acaso, depois de oito anos, no mais improvável dos lugares, eles ficaram ainda mais admirados ao saber das circunstâncias. Mary estava voltando para São Francisco para achar um lugar para morar. Na semana anterior, ela havia rompido com seu namorado de muito tempo, pela mesma razão pela qual Pete vinha se autocensurando. Seu namorado depois de tantos anos ainda era incapaz de se comprometer com ela e, em vez de passar sua vida esperando, ela decidira tomar uma atitude e voltar para onde se sentia mais ela mesma. O resto, como dizem, é história.

Na história de como eles se encontraram, o que aparece como significativo para Pete e Mary não é só a espantosa coincidência externa — imagine encontrar alguém por quem você se sente atraído por quase uma década, no meio do deserto da Califórnia —, porém, muito mais pelo momento psicológico de seu encontro. Pete, tendo acabado de concluir que sua meia-entrega era a raiz de seu problema, estava se deparando com a oportunidade de fazer uma mudança ao encontrar Mary depois de tantos anos. Ao mesmo tempo, Mary, voltando para o lugar onde ela se sentia bem, encontra o mesmo homem cujos endereço e telefone ela vinha inexplicavelmente guardando e tinha seriamente planejado ligar assim que chegasse na cidade. A chance de que um encontro como esse, num lugar como esse, acontecesse sem nenhuma ação de sua parte para provocá-

lo era, realmente, extraordinária. Porém, o que faz dele um evento sincronístico, é que aconteceu num momento muito significativo para cada um deles emocionalmente, em meio a uma transição psicológica, e para Mary ao menos, geográfica, de uma antiga vida para um novo capítulo em sua história.

O elemento momento certo, a coincidência entre os acontecimentos externos e o estado interno, é com certeza uma das mais maravilhosas partes inerentes de uma experiência sincronística. Mostra-nos que realmente somos parte de uma história, que existe, como nos contos que lemos, um significado e um propósito para todos os eventos aparentemente do acaso que nos acontecem. Pete e Mary concluíram a partir do tempo sincronístico de seu encontro que realmente eles tinham sido feitos para ficar juntos, assim como o delicado *timing* da sequência de eventos da próxima história, que se refere aos meus amigos Gery e Rosanne, fez do início de seu relacionamento uma experiência sincronística para ambos. Casada há anos, com três filhos, Rosanne conta como eles se conheceram.

“Eu estava em Detroit num trabalho temporário, morando com meus pais e guardando dinheiro para mudar para o Colorado, depois de uma longa visita à Europa. Eu tinha mais ou menos um intervalo de seis semanas nas quais estaria em casa, e, nessa época, saí com um amigo que disse: ‘Ah, sabe, eu gostaria de dar uma passada rápida e me despedir de meu amigo Paulinho, que está partindo para a Costa Oeste em breve.’ Fui então à casa de Paul com meu amigo; Paul comentou que, chegando em São Francisco, iria encontrar seu amigo Gery, que ele conhecia de Detroit e agora morava lá.

“Nesse instante um dos rapazes olhou para mim e disse: ‘Ei, dentro de duas semanas teremos nossa festa anual. Por que você também não vai?’ Eu concordei, sem saber ao certo o porquê de estar interessada, mas eu estava, e na semana seguinte eu fui.

“Então lá estou eu, nessa festa, parada na fila do banheiro, quando uma voz disse em meu ouvido — isso é tão profético —: ‘Você sabe onde tem cerveja?’ Foi o máximo para os olhares encantados do outro lado da sala. Aquela voz era de Gery, o amigo da Califórnia de Paul. Bem, durante uma hora e meia falamos, falamos e falamos — nem fui ao banheiro —, até que finalmente nos separamos decidindo que seria melhor nos misturarmos aos outros. Gery continuava com sede, ainda não tinha tomado sua cerveja. Naquele ponto trocamos telefones, nomes e sobrenomes.

“Meus pais tinham se mudado da casa onde eu crescera, e eu continuava com eles, portanto dei-lhe esse número de telefone — pelo menos foi o que pensei — e pelo resto da noite esbarramos um no outro pela festa. Acabamos ficando até as cinco da manhã, e nesse ponto eu sabia que estava realmente interessada nele. Pensei comigo mesma, vou dar a ele três dias, então eu telefono para ele.

“Foi três dias depois quando liguei para ele que descobri que não tinha dado o telefone de meus pais para ele — tinha dado o telefone do Supermercado Chatham. Pensei, Supermercado Chatham? Por que eu faria isso? E, de repente, juntei as peças.

“Eu havia trabalhado quatro anos como responsável pela folha de pagamento do Supermercado Chatham, e quando Gery e eu trocamos telefones, eu vi seu sobrenome, e o reconheci como de um dos rapazes que trabalhava comigo no Supermercado Chatham. Eu tinha dado o telefone de onde nós dois havíamos trabalhado em vez do meu telefone.

“Em todo caso, o tempo estava ficando curto, pois eu iria partir para o Colorado em três dias. Quando liguei para Gery, soube que ele realmente tentara me telefonar mas sempre caía numa mulher dizendo ‘Supermercados Chatham’, é claro, e ele pensou que eu estava dando o fora nele porque não tinha lembrado que havíamos trabalhado juntos lá.

“Mesmo assim, apesar de tudo, em vista do curto espaço de tempo que tínhamos, era surpreendente que nos tivéssemos encontrado. Ele só estava em Detroit para o Natal, pois estava morando na Califórnia, e no dia seguinte iria para o Norte visitar uns amigos durante dois dias. Antes que tivesse voltado eu teria partido para o Colorado. O espaço era realmente curto. A confusão dos telefones, ambos termos trabalhado num mesmo lugar no passado, fazia a coisa toda parecer coincidência demais.”

Aquele primeiro telefonema seguiram-se muito mais telefonemas para a Califórnia, seguidos de uma visita, da decisão de mudar para a Califórnia, do casamento, lar e filhos. O tempo do encontro, no curto espaço de somente um dia, é o que espanta Gery e Rosanne, espaço ainda menor pela confusão acidental dos números de telefone que atrasou sua conversa por mais um dia, mas deixou claro para cada um deles a história comum que dividiam. Quando Gery e Rosanne contam a história, o que nos toca mais do que o extraordinário *timing* é o significado emocional dessas conexões e desconexões, a sensação de que o que parecia um erro — dar o número do telefone errado — na verdade se transformou em algo de grande significado para eles.

Em nossas discussões anteriores sobre a natureza casual dos eventos sincronísticos, reconhecemos nossa tendência bastante humana de tentar exercer e estabelecer controle sobre nossas vidas, como se o consciente decidisse qual é a história que vamos viver e fazer o que for necessário, faça chuva ou sol, para que isto aconteça, fosse a única e melhor maneira de conquistarmos a felicidade e a realização. Com certeza, faz parte das maravilhas dos eventos sincronísticos a forma como atitudes como essas mudam em sua cabeça. Por mero acidente, sem que desejemos, às vezes certos eventos nos acontecem e nos mostram que



nossas vidas podem muito bem estar seguindo uma trilha narrativa completamente diversa, que a história que inventamos para nós mesmos pode não ser nossa de maneira alguma e que somente nossa abertura para reconsiderar a trama vai nos permitir usar essa coincidência significativa em nosso proveito.

Por essas razões, eu acho, coincidências significativas parecem florescer em circunstâncias onde há resistência ao amor. Rena conta a história de como conheceu seu marido, Bob, que ela deliberadamente se recusava a conhecer, e que vinha sendo elogiado há muitos meses por um casal de amigos que estava muito interessado em apresentá-la a ele. Ele era perfeito, interessava-se por arte, era bonito, atencioso, mas para Rena, não estava no jogo. Ela estava em meio ao esforço de uma mudança de vida determinada por ela mesma, planejando passar o próximo ano viajando pelo mundo. Não havia a menor possibilidade de um romance, mesmo que fosse com o homem perfeito, impediu-a de concretizar seu sonho antigo.

Então, seus amigos perceberam que isso requeria uma certa esperteza se eles realmente quisessem fazer com que Rena conhecesse Bob. Um dia, tendo esbarrado com ela andando de bicicleta, seus amigos a convidaram para um drinque, o caráter totalmente fortuito do encontro levou Rena a baixar sua guarda. Na verdade, seus amigos sabiam que Bob iria encontrá-los no restaurante, e através dessa bem-intencionada pequena manipulação, Bob e Rena finalmente se conheceram.

Rena conta a história de como a atração entre os dois foi imediata e forte, e não demorou muito para que a ideia de viajar sozinha pelo mundo começasse a parecer cada vez menos interessante. Assim, ela e Bob decidiram, baseados em um conhecimento sabidamente curto, porém verdadeiramente intenso, passar o próximo ano viajando pela Europa juntos, indo aonde tivessem vontade, ficando onde quisessem, pelo tempo que quisessem.

O pai de Rena havia falecido no ano anterior, e sua mãe tivera um ataque cardíaco logo em seguida, mas se recuperou totalmente, então Rena não ficou preocupada em só ter um número de telefone de um amigo do Bob na Alemanha, onde poderia ser encontrada em caso de emergência, para deixar com sua irmã. Por causa da liberdade de seus planos (o que, claro, emprestou a essa viagem grande parte de seu fascínio romântico), Rena e Bob não tinham ideia de quando iriam estar com esse amigo. Portanto, cabia realmente a eles ligar regularmente, o que fizeram enquanto vagavam pela Europa.

No decorrer da viagem, o romantismo de tudo, como geralmente acontece com o romantismo, começou a diminuir. Bob era arquiteto, encarava a viagem com uma organização que começou a irritar Rena, planejando itinerários em torno dos edifícios famosos e monumentos, enquanto Rena, que se autodescrevia

com uma “pessoa comum”, achava essas coisas consideravelmente menos interessantes. Com uma gargalhada, ela descreve sua experiência como “ele olhando o tempo todo para cima, em direção às torres e catedrais; e eu olhando o tempo todo para baixo, em direção às pessoas”. Como na maioria das viagens, foi uma experiência para descobrir mais do que aquilo que você gostaria sobre a outra pessoa, e no caso de Rena, o que ela estava encontrando eram sérias dúvidas se esse era ou não homem para ela.

Foi quando a sincronicidade se mostrou. Rena e Bob finalmente tomaram o rumo do amigo de Bob na Alemanha, onde planejavam ficar três dias. No primeiro dia, por acaso, receberam um telefonema da irmã de Rena, informando que sua mãe estava extremamente doente e ao que tudo indicava morreria em breve. A chance deles estarem no único lugar da Europa, no decurso de um ano, do qual sua irmã tinha o telefone já era bastante significativa, mas o momento da crise continha ainda mais significado para Rena. Como suas dúvidas a respeito de Bob haviam aumentado ao longo de suas viagens, de repente achou esse homem racional e organizado, muito insistente em acompanhá-la de volta para casa. “Ele ficou comigo no quarto durante uma semana, dia e noite, enquanto minha mãe morria”, contou-me Rena, com grande emoção, “e você sabe, isso mudou tudo. Qualquer dúvida que eu tivesse a respeito dele foi respondida por sua atitude tão amorosa enquanto eu passava por isso. Se minha irmã não tivesse nos encontrado, na verdade, se a morte de minha mãe não tivesse ocorrido quando ocorreu, durante meu relacionamento com Bob, eu não sei se estaria com ele agora. Para começar, tinha resistido em conhecê-lo.”

A história de Rena é um bom exemplo de como a história que decidimos escrever para nós mesmos pode perfeitamente fazer alguém parecer a “pessoa errada no lugar errado”. Mostra-nos que talvez precisemos de um conjunto de eventos do acaso, fatos sobre os quais não temos nenhum controle, para demonstrar como ele ou ela é realmente a “pessoa certa no lugar certo”. Rena, uma mulher forte e decidida, tinha sua vida planejada, mas quando a notícia chegou até ela no único lugar no mundo onde poderia ser encontrada, tornou-se uma coincidência significativa que revelou a verdadeira natureza do homem que ela estava planejando tirar fora da história da sua vida. De-nominamo-nos os únicos de nossa vida, e o que mais senão o caos inerente nos acasos da vida poderia nos mostrar a estupidez de nossa pretensão?

À pergunta que me é feita com frequência: “Como você trabalha com a sincronicidade?”, eu respondo geralmente: “Esteja aberto para o significado daquilo que você não quis que acontecesse.” Somente essa atitude de abertura, a habilidade para pôr de lado nossas próprias agendas e considerar que a nossa pode muito bem ser uma história que nós não planejamos ou não pudemos

prever, permite que o significado do que inicialmente nos parece como mera falta de sorte desabroche naquilo que está destinado a ser.

Rena e os outros nas histórias acima apontam para o momento dos acontecimentos que os uniu, porém sua abertura em considerar uma alteração na narrativa de suas vidas transformou uma coincidência em algo significativo para eles. Se Pete não se sentisse infeliz com sua incapacidade de se comprometer e o desconforto que isso trazia para ele; se Rosanne tivesse acidentalmente dado o número correto do telefone, como pretendia; se Rena tivesse se apegado às suas desconfianças sobre Bob, todas essas histórias teriam sido bem diferentes. Foi sua boa vontade em olhar e viver o significado daquilo que *não* deveria ter acontecido, isto é, segundo as histórias que eles pensavam estar escrevendo para si mesmos, que fez toda a diferença.

### Encontrando o Homem Errado: Lições Sincronísticas sobre o Amor

Nem todo relacionamento, obviamente, se transforma nesse romance livresco como o de Rena e Bob. Pelo menos algumas das histórias de amor terminam infelizes (*Romeu e Julieta* é, afinal, uma tragédia), e mesmo assim, mesmo nas histórias infelizes, existe uma importante sensação de significado. Portanto, examinando alguns desses acontecimentos sincronísticos que transformam nossas vidas amorosas, podemos encontrar crescimento que não vem somente quando encontramos o homem certo mas também através da “má sorte” de encontrar o homem errado.

A história de Kathryn apresenta uma ligeira mudança na forma pela qual a sincronicidade intervém quando resistimos em nos abrir para o amor. Das muitas histórias que ouvi, a dela está entre as mais incríveis e interessantes dentro do tipo de sincronicidade “pessoa errada no lugar errado”: em suas próprias palavras, é a história de seu “encontro às escuras do inferno”. Advogada, Kathryn frequentou a faculdade em Nova York, e ali mesmo começou a trabalhar em uma firma depois de formada. Ela havia saído com alguns rapazes na faculdade mas percebera que sua personalidade forte — ponderada, preocupada em não cometer erros — e sua bastante ambiciosa visão de vida não eram apreciadas pelos homens com quem saía. Tendo passado por essas más experiências, portanto, ela decidira que a sua seria a história de uma mulher com uma carreira profissional: o sucesso em seu ramo seria seu apogeu, e os relacionamentos ficariam sempre em segundo plano. Assim, quando vários amigos tentaram arranjar encontros para ela com esse ou aquele, ou outro homem perfeito, Kathryn, de modo educado e firme se recusava a cooperar e continuava tocando sua vida como achava conveniente. Uma amiga, a quem

Kathryn chamava de “quase tão cabeça-dura quanto eu”, decidiu que um amigo seu era quem Kathryn precisava em sua vida, e através de lentamente enfraquecer sua resistência durante quase um ano, essa amiga finalmente conseguiu que ela concordasse em um encontro com Charlie, que foi descrito pela amiga como alguém capaz de se igualar à Kathryn em sua “intensidade”.

Com muita relutância, Kathryn encontrou o rapaz em um simpático restaurante. Apesar de inegavelmente bonito, para seu desânimo, Kathryn achou-o tão intenso quanto descrito, tão “intenso” que conseguiu ter uma pequena discussão com o *maitre* antes mesmo de se sentarem, outra discussão com o garçom a respeito da pronúncia correta do nome de um prato no *menu* e ainda outra discussão com a moça da chapelaria na saída. Durante o jantar, ele monopolizou a conversa com seus grandes planos para sua carreira como ator — no momento ele estava trabalhando como garçom de banquetes — e regalou-a ao longo do jantar com histórias das pessoas ricas e famosas que ele conhecia, muitas das quais, Kathryn sabia por suas próprias conexões, que nada mais eram que pura fantasia. Resumindo, os minutos pareciam horas, e no final da noite, Kathryn jurou nunca mais ouvir suas amigas, não importa quão bem-intencionadas fossem. Fora, ela decidira, seu primeiro e último encontro desse tipo.

Insatisfeita com a firma em Nova York depois de algum tempo, ela enviou propostas para outro trabalho e conseguiu arranjar uma colocação no departamento legal de um estúdio de cinema em Los Angeles, onde parecia haver muito mais possibilidades de promoção. Ela mudou-se para o outro lado do país, e começou na Califórnia uma vida nova e bem mais satisfatória, continuando presa à convicção de que seu trabalho vinha antes e seus relacionamentos depois. Amigos intrometidos evidentemente não conhecem limites geográficos, pois na Califórnia, também, sua recusa em tentar a possibilidade de um relacionamento parecia incitar aqueles à sua volta a tentar fazê-la mudar de ideia, através dos vários e qualificados irmãos, primos, colegas e amigos com os quais, eles tinham certeza, ela se daria bem. Usando sua, agora lendária, história do “encontro maldito” como um escudo social, Kathryn conseguiu rechaçar todas as tentativas de arranjo feitas para ela.

Mais de um ano passou até que uma de suas colegas de trabalho, através de um pouco de antipsicologia, conseguiu abrir uma brecha na sua resolução, falando ocasionalmente a respeito de um amigo solitário, ardiloso, um rapaz incomum, nativo da Califórnia, que era “como você, não tem interesse em relacionamentos”. Sem jamais pressionar realmente Kathryn, ela a provocava de vez em quando com uma informação aqui, um comentário engraçado ali, sobre seu amigo, até que um dia no almoço deixou escapar a dúvida se os dois dariam

certo juntos, e Kathryn teve que admitir que estava bastante curiosa. “Talvez fosse o sol, talvez o vinho, talvez”, ela me disse, “estivesse crescendo um pouquinho.” De qualquer forma, ela pediu à sua colega que verificasse se seu amigo estaria interessado em conhecê-la, o segundo e último encontro desse tipo de sua vida.

Eles se encontraram num lugar bastante informal na beira do mar ao pôr-do-sol. Como você sabe que este é um livro sobre sincronicidade, já pode imaginar o que se passou. Para seu espanto total, ela encontrou Charlie na mesa à sua espera. Ela o tinha transformado numa figura quase mística, no entanto percebeu que o tempo o tinha tornado mais alegre, além do mais, a incrível coincidência de sair em dois encontros com desconhecidos, com o mesmo homem em lados opostos do país, era engraçada demais para deixá-la aborrecida. Na verdade, a coincidência era hilariante. Tomaram um aperitivo numa atmosfera bem mais relaxada do que anos antes, e ela soube que ele tinha voltado para a Califórnia fazia alguns anos e mudara de nome, conseguindo trabalho bastante para se manter mas sem realmente acertar em cheio.

O encontro daquela noite foi bastante agradável, mesmo assim Kathryn continuava não achando sua personalidade suficiente atraente para reconsiderar sua decisão de evitar relacionamentos. Passados um ou dois meses, ela tropeçou num homem com quem ela realmente tinha muito em comum e com quem está muito feliz atualmente.

“Não é engraçado que eu tenha tido dois encontros arranjados malsucedidos com um mesmo homem para finalmente ficar convencida a me abrir um pouco?”, disse ela com autodepreciativa sabedoria. “Ou talvez fosse o medo de que, se eu não estivesse envolvida, poderia ser condenada a sair com ele pela terceira vez! ” A história de Kathryn demonstra como a sincronicidade e o romance nem sempre levam ao consolo de um final feliz que esperamos de um conto de fadas ou filme, mas nos ajuda a ver que ter uma atitude aberta diante do que as coincidências podem significar em nossas vidas na verdade pode nos ajudar a viver uma história mais plena e mais rica, por mais inesperado que seja o final.

Decidindo escrever o roteiro de nossas histórias baseados naquilo que conhecemos de nós mesmos, decidindo, como fazem os autores, qual será o começo, o meio e fim de nossas narrativas, esquecemos que o que conscientemente sabemos a nosso respeito é somente parte da história. O significado dos dois encontros sincronísticos arranjados de Kathryn, com o mesmo homem, fazia parte da mudança que ela estava fazendo aos poucos em sua vida sem seu conhecimento, uma transformação inconsciente da resistência aos relacionamentos para uma aceitação de sua capacidade de amar e ser amada

pela mulher que é. Essa história inconsciente, o subtexto, por assim dizer, de sua vida nesse momento foi o que tornou a coincidência significativa. Somente sua abertura para perceber que Charlie havia mudado alertou-a para o fato de que ela também havia mudado. Uma página foi virada em sua vida, e um novo capítulo, mais maduro, sincronística e significativamente, tinha começado.

Alex conta uma história parecida sobre “pessoa errada no lugar errado”. Durante seu último ano na faculdade, ele se apaixonou por uma garota que sentava ao seu lado na classe. Alta, morena, misteriosa e exótica, Beija estava um ano ou dois abaixo dele, e ele a achava tremendamente, até mesmo irresistivelmente, fisicamente atraente. Porém, na época, era fato conhecido na pequena e liberal escola de artes que frequentavam que o interesse dela não era pelos rapazes, e sim pelas moças. Para não fazer papel de bobo, ele mantinha seu relacionamento com ela no nível da amizade e deixava que suas fantasias sobre ela florescessem na garantida privacidade de sua psique. Depois da formatura ele se transferiu para uma pós-graduação, conheceu uma mulher na mesma atividade, se apaixonou e se casou.

Ainda assim a lembrança de Beija permaneceu com ele por muitos anos, durante os quais ele frequentemente sonhava com ela, algumas vezes sonhos explicitamente eróticos, às vezes sonhos meramente românticos sobre os dois vivendo um relacionamento. Quando seu casamento começou a passar por dificuldades de toda espécie, algumas circunstanciais, outras emocionais, seus sonhos com o “amor que nunca houve” começaram a lhe fazer mais e mais companhia.

Ele e sua mulher procuraram juntos um conselheiro para tentar melhorar seu relacionamento, e durante uma sessão sozinho com o conselheiro, Alex contou ao terapeuta que vinha há muito cultivando um complexo jogo de fantasias sobre Beija, que passara a representar, com o passar dos anos, tudo que ele sempre quisera de um relacionamento. Ela era linda, generosa, inteligente, ele seria o único homem para o qual ela se abriria e assim por diante. Seu conselheiro escutou, tentando extrair da fantasia alguma noção do que Alex achava que era um bom relacionamento para usar essa informação no aconselhamento do casal. Porém, o que o conselheiro não sabia era que essa era a primeira vez que Alex contara sobre sua paixão secreta dos tempos de faculdade.

Na semana seguinte Alex foi com alguns amigos a um clube de esportes, e quando saía, no final da noite, ele encontrou, para seu completo espanto, Beija, a mulher dos seus sonhos. Ela ficou feliz em vê-lo mas não parecia especialmente abalada pela coincidência, enquanto Alex mal podia conter seu espanto. Beija não somente estava nesse lugar completamente inesperado, um clube de esportes, como ele ficou sabendo conversando mais longamente com ela, que ela

também tinha escolhido a mesma área profissional que ele, e havia se mudado recentemente para um apartamento numa esquina perto de onde ele trabalhava. Mais tarde, depois de um educado porém objetivo interrogatório sobre sua vida amorosa, ele descobriu que sua fase lésbica, tão notória no *campus* anos atrás, não tinha passado de um acontecimento único e ela concluíra nesses anos que era finalmente heterossexual, porém estava sem compromisso no momento. Tentando se manter calmo e colocado, Alex se despediu amigavelmente depois de haverem decidido se encontrar para um almoço para pôr o assunto em dia.

Para Alex, esse encontro foi importantíssimo. Não mais uma mera fantasia, “esse amor que nunca foi” agora morava a uma quadra de distância de onde ele trabalhava, estava no mesmo campo de atividade que ele e tanto estava disponível quanto era heterossexual. Infeliz no casamento, por motivos que tanto ele quanto sua mulher estavam pessimistas quanto a resolver, Alex interpretou esse encontro casual como um sinal de que ele e Beija estavam destinados a ficar juntos, uma interpretação reforçada pelo fato de sua tão antiga e cultivada fantasia sobre ela ter sido recentemente descrita pela primeira vez para outra pessoa. O momento de sua confissão, agora que ela estava de volta em sua vida, parecia cheio de significados.

Mantendo esse encontro em segredo, de sua mulher, Alex passou a almoçar com Beija, o que veio a se tornar um encontro semanal, decidiu que esperaria até que ela desse alguma indicação de que queria aprofundar o relacionamento; só então deixaria sua mulher para ficar com ela; a única mulher, ele tinha certeza, que ele poderia amar.

Da maneira como Alex conta essa história, esse ataque de romantismo levou algum tempo para passar, mas passou. Gradativamente foi ficando claro que Beija não estava romanticamente interessada nele mas o considerava um confidente com quem se sentia segura o suficiente para contar histórias intermináveis de suas aventuras sexuais, de como ela, nova na cidade, pulava de cama em cama sem nenhum cuidado. Alex começou a achar desagradável. Quando a verdade de quem Beija realmente era ficou clara para ele, Alex se viu apreciando mais e mais o que ele e sua mulher dividiam um com o outro.

Dessa maneira, o final da história é que o fracasso de Alex em ter um caso com o “amor que nunca foi” levou-o, ironicamente, a uma renovação em seu casamento. Apesar dos esforços ocasionais, seu relacionamento com sua mulher, diz Alex, é agora totalmente satisfatório. Como um epílogo para essa história, por assim dizer, aconteceu de Beija repentinamente levantar o acampamento e se mudar para longe seis meses depois de sua chegada, como se tivesse ficado tempo suficiente para ajudar Alex a tirar suas fantasias a respeito dela de sua cabeça para sempre.

Então qual é a moral dessa fábula da vida real? É difícil não extrair um pouco de sabedoria para nós mesmos das coincidências significativas, e essa é, sem dúvida, uma das formas de se lidar com os significados desses acontecimentos. Alex certamente pode dizer qual foi a moral de sua história: quando perguntei, ele disse que às vezes parece que a pessoa certa na hora errada pode na verdade ser a pessoa errada na hora certa, o que, para minha cabeça, é quase tão sucinto quanto qualquer fábula que Esopo possa ter escrito.

### Sincronicidade e Amores Proibidos: Quando Entra a Fé

Existem histórias de amores bem-vindos e histórias de amores complicados, mas nenhuma exerce mais fascínio sobre nós do que as histórias dos amores proibidos. A literatura está cheia dessas fábulas, nas quais os veículos externos de família, cultura ou religião colocam uma barreira entre as pessoas que só servem para inflamar a ligação. Essas são geralmente histórias da pessoa certa no momento e lugar errados — Tony e Maria de *West Side Story*, como Romeu e Julieta antes deles — ou, ao contrário, a pessoa errada em um, infelizmente, tempo e lugar propícios — o incrédulo Conde Vronsky e Anna Karenina, do livro de Tolstói, ou de uma outra forma, Emma Bovary e seu amante, em um relacionamento que os destruiu a ambos. Em qualquer caso, a qualidade arquetípica do amor proibido assegura quase que praticamente um desfecho trágico nas histórias que lemos. Felizmente para nós, as sincronicidades que acontecem na vida real quando nossas paixões vão de encontro aos códigos morais de nossa vida social geralmente provocam uma transformação em vez de uma tragédia.

Eu gosto especialmente da história, que me foi contada em confiança absoluta, por uma antiga colega de trabalho que chamarei de Camilla, sobre como ela e um homem que conhecera através da Internet mantiveram durante um ano um romance *sex-chat* através do computador, apoiado principalmente em descrições minuciosas de uma fantasia sexual particular que ambos compartilhavam. Os detalhes daquilo em que ambos estavam interessados é menos importante que a espantosa coincidência de encontrarem alguém que compartilhava do mesmo interesse peculiar. Porque ambos já estavam envolvidos em outros relacionamentos e Camilla era de certa forma prudente em revelar suas preferências sexuais, precisou de alguns papos antes que eles descobrissem seu raro porém mútuo excitante interesse, do qual nenhum de seus respectivos parceiros compartilhava.

Bem, podemos perfeitamente imaginar que os nomes que trocaram na Internet eram falsos (uma interessante coincidência nisso também, finalmente



veio à luz, quando eles descobriram que ambos usaram os nomes dos pais), e uma vez que o prazer do amor proibido sempre está apoiado no ato da transgressão, depois de muitos meses de tórridos papos pelo computador, durante os quais cada um deles foi se sentindo mais e mais confortável, Camilla e seu parceiro sexual de computador tiveram coragem de ultrapassar os limites e marcar um encontro. Eles resolveram se encontrar, sem nenhuma agenda sexual explícita em princípio, mas meramente para trazer seu conhecimento do campo verbal para a vida real e ver o que acontecia.

O que aconteceu a seguir não tem nada do charme ou satisfação dos outros casos que ouvimos, mas foi significativo assim mesmo. Quando chegaram ao café, vestindo o que haviam combinado para identificar um ao outro, Camilla e seu parceiro de *sex-chat* descobriram que já se conheciam de uma desagradável transação na vida profissional que tinham tido alguns anos antes. Na verdade, quando Camilla se aproximava do café, ela viu seu antigo desafeto andando pela rua e soube imediatamente que esse homem, que em sua cabeça representou durante muitos anos tudo o que havia de errado em sua profissão, seria a pessoa que ela tinha vindo encontrar.

Quando perguntei à Camilla qual era para ela o significado dessa coincidência, encontrar um parceiro sexual ideal em alguém por quem ela havia desenvolvido repugnância em outras áreas da vida, ela riu com certo desconforto e, de uma forma interessante, enunciou o que novamente soou como a “moral da história”.

“Primeiro”, disse ela, também para si mesma, senti, “fantasia é fantasia, e realidade é realidade, e os dois não devem nunca se encontrar. A fantasia é divertida porque não tem bagagem, porém essa estranha coincidência me mostrou que atrás de todos os disfarces e voos da imaginação que fazemos para esconder nosso verdadeiro eu, cada um de nós é uma pessoa de verdade. Não era a lição que eu queria aprender — realmente é um saco —, porém, francamente, me sinto muito mais com os pés no chão desde que isso aconteceu.”

Outras lições? Perguntei. Ela pensou um pouco e então, esboçando um sorriso, disse: “Eu não sei, talvez isso seja uma contradição, mas não julgue um livro pela capa. Você nunca sabe que tipo de relacionamento é capaz de ter com uma pessoa que você odeia! Eu pensei que conhecia este camarada — conhecia e não gostava —, mas descobri totalmente por acaso o que não poderia ter descoberto de outra maneira, que nós de fato partilhávamos de algo bastante incomum.”

Estando aberta para ter sua história reescrita para ela, a fábula de Camilla lhe ensinou que quem é “certo” ou “errado” pode nem sempre ser quem nós, em nossa autoritária sabedoria, pensamos que seja ou gostaríamos que fosse. Usando

outra vez a frase de Franz, “o acaso é o inimigo”; acontecimentos fortuitos atrapalham nossos planos e algumas vezes atuam de forma dramática para nos surpreender com um novo nível do que é “certo” e do que é “errado”, não nas bases da moralidade convencional, mas nas bases de nossa própria experiência subjetiva. O significado de partilhar um único ponto de contato com um homem que ela detestava anteriormente reorganizou sua maneira de pensar a respeito de si mesma de uma forma que só poderia ter acontecido por acaso. Exige uma certa coragem para nos olharmos e nos fazermos algumas das mais duras perguntas sobre nossas pretensões, com as quais um acontecimento sincronístico nos põe em confronto. Porém, se nossa vida é uma história, isto serve para nos alertar do que uma professora de inglês costumava dizer: escrever é reescrever, ver é rever.

Minha amiga Ann, a quem eu considero uma especialista em amores proibidos, nos conta como conheceu um homem chamado Richard Rosenstein e sua namorada em uma festa em Nova York. Na semana seguinte, por motivos principalmente de natureza profissional, Ann tentou encontrar Richard Rosenstein. Ela sabia que ele morava no Upper East Side e pegou seu número de telefone através do serviço de informações. Ligando, ela descobriu que tinha contatado Richard Rosenstein sim, mas não aquele Richard Rosenstein que estava procurando. No entanto, pegou-se conversando com este segundo Richard Rosenstein, e conversaram todas as noites na semana seguinte. Eles finalmente se sentiram confortáveis para se encontrar. Mesmo estando ambos envolvidos com outras pessoas no momento (na verdade Ann estava casada mas fazia dos casos extraconjugais um *hobby* nessa fase de sua vida), os dois se envolveram num relacionamento que durou anos.

Parte do encanto dessa história está na ironia quase literária do seu estilo: o número errado de Ann acaba se transformando no número certo, metaforicamente falando, levando-a através do acaso até um homem que ela acabou conhecendo e amando durante um longo tempo. Através desse acontecimento sincronístico, somado ao telefonema sincronístico de Dan, seu amante casado já apresentado na introdução, uma imagem de Ann toma forma através desses eventos sincronísticos, não é?

Conhecendo Ann, você vai logo descobrir que, ao contrário de muitos dos meus amigos, ela não é uma pessoa de muitas ideias psicológicas. À primeira vista, ela parece muito convencional, uma mulher de pés no chão, certamente não é alguém que filosofa muito a respeito de sua vida ou que retire muitas lições de suas experiências. Porém, o caráter impactante dessas experiências sincronísticas, no decurso de seus vários “amores proibidos”, por assim dizer, traz à tona um lado bastante diferente de sua personalidade, o lado não-

convencional e francamente mais romântico. As circunstâncias externas de sua vida — casou jovem e durante pouco tempo, depois se divorciou e não casou mais — descrevem só superficialmente a história de sua vida, pois as sincronicidades nos mostram uma mulher que tem profundas e duradouras ligações com os homens, embora muitas convenções sociais suavizem a importância dessas ligações.

Será Ann consciente, apesar da aparente estabilidade de sua vida, de quão anticonvencional ela é em outro nível? Conhecendo-a como eu conheço há muitos anos, devo dizer, até certo ponto. Com toda sua normalidade, ela gosta do papel de rebelde e tende com frequência a se achar uma pessoa precavida contra envolvimento, mas essas reflexões a seu respeito definitivamente não ocupam o centro do palco. Eu acho que lhe ajudaria fazer o que estou fazendo agora, especificamente, levar a sério a forma como os relacionamentos significativos em sua vida são pontuados pelas coincidências significativas, coincidências que demonstram ser ela uma pessoa com habilidade para o amor, uma pessoa com um especial talento para as conexões? Eu acho que sim: leal a um defeito como a um amigo, ela se vê como alguém ambivalente em relação ao amor. Porém, as histórias sincronísticas que ela conta só ajudam a perceber que pessoa realmente amorosa ela pode ser. As sincronicidades revelam o caráter profundo de Ann da mesma maneira que pistas casuais no decorrer de um mistério nos dizem para não acreditar em tudo que vemos sobre essa “especialista em amores proibidos”. Como a sincronicidade é em sua essência sobre conexões, não é surpresa que telefones e números errados apareçam em muitas histórias. (Fico imaginando às vezes como alguns desses tipos de coincidências costumavam acontecer no passado quando era fácil trocar um número de telefone ou dois, e, assim, tropeçar no destino.) Para completar essa trilogia dos amores proibidos pelo telefone, vem a história de Yvonne e Gert.

Durante os últimos dias de seu casamento, Yvonne, minha colega de pós-graduação, começou a desenvolver uma amizade com fortes tons românticos e eróticos com um colega professor da sua escola, chamado Gert. Embora os dois estivessem interessados um no outro, física e emocionalmente, ambos ainda estavam tecnicamente comprometidos em um relacionamento com outra pessoa. Gert, sendo alemão, e na intenção de respeitar as convenções sociais e a postura moral, manteve, portanto, seu arranjo com Yvonne estrita e relutantemente platônico. No entanto, está na natureza dramática de nossas histórias de amor ter essas resoluções intelectualizadas apagadas, apesar das melhores intenções dos protagonistas, Yvonne e Gert, neste sentido, não serem diferentes das de Abelardo e Heloísa ou Tristão e Isolda. Gradativamente, eles se viram passando cada vez mais tempo juntos, a maior parte no escritório de Gert que, ao contrário

do de Yvonne, era privativo e, portanto, o único lugar para se levar adiante um caso em compasso de espera.

Isto é, até que uma série de números de telefone sincronisticamente errados começou a acontecer, números errados tão específicos e frequentes que era assustador: cada vez que James, marido de Yvonne, ligava para ela na faculdade, durante vários meses, a mesa telefônica, por puro acaso, sem saber onde ela estava, passava erradamente a chamada para o escritório de Gert. Dessa forma, depois de uma série de mais de uma dúzia desses “números errados”, esses dois homens, ambos envolvidos de formas diferentes com a mesma mulher, sincronisticamente acabaram travando conhecimento um com o outro muito antes que a relação anterior tivesse acabado ou a nova começado.

O lado assustador de ter seu marido ligando sempre, por engano, para o homem que estava se tornando seu amante era, segundo Yvonne, uma das várias coisas que confirmavam a direção que ela estava tomando para fazer a transição para fora de seu casamento e para dentro de uma vida diferente com Gert, com quem partilhava muito mais interesses e paixões mais profundas. Os números errados criaram uma ponte entre o que havia sido e o que ainda estava em processo de transformação, tanto literal quanto simbolicamente, o conjunto externo de linhas cruzadas representava a encruzilhada na qual Yvonne se encontrava naquela época. Esse amor proibido, essa fábula da pessoa certa na hora errada, finalmente chegou a uma sincronicidade de cabeça também, que eu soube quando saí para jantar com Yvonne e Gert, no restaurante em São Francisco que foi o cenário dessa última coincidência significativa.

Tendo progredido, apesar das melhores intenções, do desejo platônico para o prazeroso desempenho, Yvonne e Gert resolveram uma noite escapar para jantar num lugar longe de onde ambos trabalhavam, numa área da cidade notadamente turística, onde seria extremamente difícil esbarrar em alguém conhecido. Eles descobriram na manhã seguinte uma coincidência que mais parecia a trama de uma farsa francesa: o departamento onde o marido de Yvonne trabalhava decidira fazer seu jantar de Natal nesse mesmo restaurante pequeno e tranquilo e meio fora do caminho. Por pura sorte, literalmente por uma questão de minutos, Yvonne e Gert escaparam de ser pegos.

Estando quase certos de que a mensagem em todas essas sincronicidades entre seu marido e Gert era de que cedo ou tarde ela e Gert seriam descobertos, os dois resolveram começar a agir para terminar seus relacionamentos anteriores e seguir o deles juntos com liberdade e sem receios morais. Com a ajuda quase implacável das sincronicidades, Yvonne e Gert fizeram a transição para reconhecer seu relacionamento como importante e público.

## Uma Fábula Comum: Coincidências Confirmadoras

Como essas histórias demonstram, quando eventos sincronísticos acontecem em nossas vidas amorosas, podem funcionar de duas formas diferentes para atingir nossa consciência: algumas vezes contrariam a direção que escolhemos, mostrando algo de novo a nosso respeito e nosso relacionamento; ou, ao contrário, um evento sincronístico pode confirmar e consolidar um relacionamento sobre o qual temos dúvidas. Quando existe uma ligação profunda e firme entre as pessoas, as inúmeras e abundantes coincidências entre eles e suas experiências de vida têm o segundo significado, confirmador, apoiando sincronisticamente o relacionamento e ajudando as pessoas envolvidas a terem consciência dos seus sentimentos de conexão.

Esse foi o caso de Greg, que escreveu sobre uma série de coincidências entre ele e sua namorada. “O número 11 começou a aparecer depois que comecei a sair com minha ex-namorada no final de 1992. Foi quando ela me disse: ‘Eu sempre olho para o relógio às 11h11.’ Provoquei-a, perguntando se ela possuía poderes sobrenaturais ou algo assim, rimos disso e realmente não pensamos mais nisso. Foi somente quando terminamos o relacionamento que eu vim a perceber o ‘elo’ incomum que partilhávamos com esse número. Nós ficamos juntos durante 11 meses. Nós terminamos o relacionamento no dia 11 de novembro. Emprestei a ela minha camisa de hóquei favorita com o número 11. Eu acreditei que isso era uma daquelas coisas bobas, melosas de relacionamento.

“Imediatamente reparei, no entanto, que esse número não foi embora com nosso rompimento. Havia aparições estranhas e fortuitas demais do 11 comigo para chamá-las simplesmente de coincidência.

“Uma vez cheguei em casa à noite, sentei em frente à TV e, ao olhar para o vídeo que gravava um programa, notei que o visor mostrava 11h11 da noite no canal 11 e o tempo de gravação era 11h11m11s.

“Vencido pela curiosidade, tentei sem sucesso encontrar um significado por trás de tudo isso. Essas aparições acontecendo com frequência, fortuitamente, e num período em que eu não tinha ligações físicas ou emocionais com minha ex, agora vejo sua associação com o número 11 como um ‘gatilho’. Ela alega não ter tido nenhum contato com o número 11 desde o rompimento.”

Assombrado pelo número 11, Greg parecia perdido sobre o que achar da repetida aparição desse número em conexão com seu relacionamento. A forma como ele escreve sobre a experiência — como se o significado pudesse ser encontrado fora, em algum lugar, “por trás” de tudo, em vez de em sua própria experiência, nas sensações e associações que o número evoca nele — nos mostra um exemplo de uma forma pouco frutífera de lidar com sincronidades.

Não há um único significado objetivo para o símbolo 11; como todos os símbolos, ele aponta para algo que não conhecemos inteiramente. São infinitos os significados que o número 11 pode ter.  $1 + 1 = 2$  pode ser uma alusão à maneira como ele + a namorada = uma nova união integral para eles. A repetição do número 1 pode indicar a repetitiva solteirice de sua vida sem ela. Sem dúvida, qualquer pessoa lendo este livro pode acrescentar suas próprias associações e interpretações desse número em relação ao relacionamento de Greg. Surpreendente enquanto coincidência, a aparição contínua desse número em conexão com sua namorada é sincronística porque Greg é capaz de viver de outra forma, o que significa *para ele* internamente: especificamente, que a sua ligação emocional com a namorada podia não ter acabado ainda. Como a imagem de um arcano numa história de terror, sua experiência em conhecer essa mulher é manifestada no mundo externo pela aparição de um número, por mero acaso. Greg, como a maioria das pessoas, fica sem saber o limite entre sua experiência emocional subjetiva do que a namorada significa para ele e do que o número 11 — ou qualquer símbolo de seu relacionamento — significa em si mesmo.

Em contraste, volto-me para uma cliente que se envolveu em um relacionamento com um homem muito mais velho. Logo que ela o conheceu, pensou: “Ele é atraente mas, céus, tem idade para ser meu pai”, para descobrir rapidamente que estava certa: ele tinha de fato nascido no mesmo dia do mesmo ano que seu pai. Mesmo sua experiência não sendo como a de Greg de ser perseguido, certamente a estranha coincidência das datas confirmou para ela a importância do relacionamento e não podia deixar de chamar sua atenção para a necessidade de considerar cuidadosamente a diferença de idade entre eles. Como Greg, ela encarou essa interessante coincidência pelo “avesso”, por assim dizer. A data em si objetivamente não representava nada; não era um sinal. Era mais um símbolo, e era importante por causa do significado *para ela*: colocando sucintamente, ela o vivenciou como um alerta para ser cuidadosa em não transferir para esse homem sentimentos que tinham mais a ver com seu pai do que com ele.

Um colega meu de trabalho, Ralph, tinha atravessado um longo e muito acidentado relacionamento com seu caso, um relacionamento iniciado sincronisticamente dez anos antes num bar quando, cruzando o olhar através do bar totalmente lotado, o homem com quem ele viria a se envolver sinalizou com as mãos “EU QUERO VOCE” pelas suas costas enquanto estava entretido numa conversa com outra pessoa. Era somente por acaso que Ralph conhecia a linguagem dos sinais, pois tinha crescido junto de uma sobrinha surda. O relacionamento que se seguiu, conta Ralph, foi maravilhoso e difícil, terminando

tristemente com a morte de seu companheiro, de AIDS.

Depois disso, outra vez acidentalmente, ele reencontrou um homem que conheceu anos antes, por quem ele sempre tivera uma certa queda. Esse homem, chamado Jack, tinha justamente acabado com um caso de muito tempo na semana anterior, jamais pegava o metrô para São Francisco, mas naquele dia num impulso decidiu fazê-lo. Desse modo, colocados juntos sincronisticamente, a pessoa certa, no momento certo, no lugar certo, Jack e Ralph consequentemente começaram a descobrir todo tipo de conexão. Suas tias eram grandes amigas numa cidadezinha ao norte do estado de Nova York. Igualmente, quando Ralph disse o nome de uma mulher que ele deveria ir buscar no escritório nacional da organização para a qual trabalhava, ele soube através de Jack que a irmã dessa mulher tinha sido a melhor amiga de Jack na escola primária trinta anos antes, numa pequena cidade do Meio-Oeste.

Essas sincronicidades confirmadoras, como passei a chamá-las, servem para nos assegurar de que devemos estar com a pessoa com a qual estamos, que geralmente constituem parte importante da história de amor que vivemos. Sem dúvida, as pessoas que amamos são pessoas com as quais provavelmente podemos, se não devemos, ter muita coisa em comum. Surge então a pergunta: investimos de significado essas banalidades *porque* amamos alguém? Quando estamos apaixonados, saímos procurando pontos de concordância que possamos vivenciar como significativos?

A resposta é: claro que fazemos isso. Porém, o importante no tipo de sincronicidade mostrado aqui é, primeiro, que essas banalidades se apresentam a nós *sem* que as provoquemos ou procuremos por elas. Por exemplo, se a experiência de Ralph com a linguagem dos sinais tivesse acontecido enquanto ele participava de uma conferência para *gays* surdos, em vez de um bar *gay* comum, não pensaríamos nela senão como coincidência, jamais como uma sincronicidade. A experiência extraordinária de um homem que Ralph jamais tinha visto comunicar-se numa linguagem que, por acaso, ele entendia, num lugar público, levou-o até seu amante. Ele realmente revestiu a coincidência de significado, porém não criou a circunstância externa. Aconteceu *com* ele.

Poder-se-ia também dizer, eu suponho, que, nesse caso, as pessoas então inventam as sincronicidades para servir aos seus propósitos psicológicos vendo significado em qualquer coisa que lhes aconteça. Nós provavelmente já encontramos essas pessoas crédulas, sempre à procura de sinais, geralmente no sentido literal, chegando às vezes a conclusões ridículas sobre os presságios que buscam.

Essas coincidências que chamamos de sincronicidade são diferentes no nível

da *experiência* individual que se tem delas: são vividas como *extraordinárias*, eventos *fortuitos* que acontecem primeiro e cujo significado *depois* se torna claro. Se você sair intencionalmente procurando por um homem que seja bem mais velho que você e encontrá-lo, dificilmente será uma coincidência, não importa qual seja a sua idade. Existem muitos homens idosos no mundo, você já tinha investido a sua idade de significado antes de começar sua busca. Se, no entanto, ao longo de sua vida, você descobrir que o homem que a atrai faz aniversário no mesmo dia que seu pai, a coincidência é um fato externo sobre o qual você “então”, como meu cliente, pode muito bem investir de significado.

E claro que o significado de cada evento varia de pessoa para pessoa; nesse sentido, talvez “inventemos” nossas sincronicidades. Mulheres, por exemplo, que sempre se sentiram atraídas por homens da idade de seu pai podem muito bem vivenciar a descoberta de um homem com o mesmo dia de aniversário que seu pai como nada muito fora do comum ou significativo. Porém, para minha cliente, era bastante extraordinário e se parecia muito com a definição de Jung, “a ocorrência de um certo estado psíquico que um ou mais acontecimentos externos refletem como paralelos significativos para o estado subjetivo momentâneo”. Prestando atenção aos fatos externos de nossas vidas nos quais uma extraordinária ocorrência do acaso tem significado imediato para nós, psicológica, emocional e simbolicamente, fazemos o que sempre fazemos com as histórias: permitimos que signifiquem algo para nós, que causem um impacto que, provoque uma mudança em nós.

Seria isso “inventar alguma coisa”? Sob uma perspectiva, poderia ser encarado assim. Porém, se a experiência subjetiva de alguém é valorizada como real e tão importante quanto os fatos objetivos e externos, então o tom de menosprezo e cinismo dessa frase não cabe, porque todas as pessoas retiram significados dos acontecimentos de sua vidas, usando símbolos para organizar e aprofundar suas vidas e suas ligações com os outros. E uma atividade do coração contar histórias, a essência da criatividade.

Além do mais, como as histórias de Alex e Beija ou Kathryn e Charlie mostram, eventos sincronísticos servem tanto para ressaltar o fato de que algo *não* está destinado a acontecer entre duas pessoas como também para encorajar aquela sensação de fé ou destino que os casais frequentemente sentem logo que se encontram. Como um exemplo de como a fé baseada nos sinais e símbolos é um negócio arriscado, a história de Sharon mostra bem.

Sharon me contou que vem de uma longa linhagem de mulheres fortes e psiquicamente dotadas, e algo que ela e sua avó fizeram juntas exatamente na época em que ela começou a se interessar pelos meninos ficou sempre em sua cabeça. Sua avó estava fazendo uma torta de maçã com Sharon, que tinha doze



anos, ajudando, quando a avó lhe pediu que descascasse uma maçã com cuidado para que a casca ficasse uma longa tira. Sabendo da habilidade de sua avó em “ver coisas” e a riqueza do conhecimento da tradição que ela possuía de seu passado apache, Sharon fez como ela disse. A avó mandou-a então pegar a casca, segurá-la nas mãos, pensar firmemente no homem que teria em sua vida como seu único e verdadeiro amor, depois jogar a casca por cima de seu ombro esquerdo. “A letra que a casca formar no chão será a inicial do primeiro nome de seu verdadeiro amor.” A letra, ela e a avó concordaram, só podia ser um P, pelo formato da casca no chão, porém Sharon tinha herdado também essa tradição de dons femininos, decidiu melhorar a tradição e jogar a casca outra vez e obter também a inicial do sobrenome de seu verdadeiro amor. Esta também acabou sendo um E do que ela e a avó riram na época, brincando que ela estava fadada a casar com Peter Piper e Pegar um Pote de Pickles de Pimentão. No entanto, numa família na qual os sonhos premonitórios eram comuns e as conexões entre as mulheres eram encaradas como fatos do dia-a-dia, Sharon jamais esqueceu o incidente, e embora nunca tenha falado com ninguém a respeito, secretamente, quando começou a sair com rapazes, continuava na busca do Sr. P. P.

Claro que nenhum dos rapazes com quem saiu tinha as duas iniciais, e depois da faculdade, ela conheceu David, e ficou loucamente apaixonada pela primeira vez em sua vida, ignorando a previsão de anos antes. Ela e David ficaram noivos e casaram em um ano, e muitos anos se passaram. Então, num Natal, estavam na casa do pai de David, no ano seguinte à morte de sua sogra. Seu sogro estava planejando vender a casa da família e ela e David o estavam ajudando a arrumar todas as coisas no sótão, decidindo o que jogar fora e o que guardar. David encontrou alguns brinquedos que sua mãe havia guardado em uma caixa por motivos sentimentais, e rindo, ele pegou sua velha flauta preta, do tipo que distribuem nas escolas para que as crianças se habituem a tocar um instrumento e a ler música. Seu pai sacudiu a cabeça afetuosamente e perguntou se ele lembrava de como ele tinha tocado sem parar durante um ano, quase deixando a família maluca.

Sem saber do significado de suas palavras, David se virou para Sharon inesperadamente e disse: “É, eles começaram a me chamar de Peter Pipe, de maneira que meu irmão fez com que até as crianças na escola me chamassem assim. O que não ajudou muito na minha autoconfiança musical!”

Até hoje, Sharon me disse, ela ainda não encontrou coragem para contar ao seu marido que uma casca de maçã havia “predito” seu relacionamento, mas com a condição de que trocasse seus nomes, ela disse que me deixaria usar a história de como às vezes, mesmo quando você pensa que sabe qual é a sua história, existe uma virada na trama para a qual somente um acontecimento

sincronístico pode chamar sua atenção.

A primeira vista, Sharon é exatamente o tipo de pessoa que nosso lado cínico imagina que encontre sincronicidades em tudo; de uma longa linhagem de mulheres sensíveis, ela se apegou a uma imagem prevista por uma casca de maçã. Mesmo assim, a coincidência do apelido de infância de seu marido com o personagem da cantiga infantil sobre a qual sua avó tinha brincado anos antes é dificilmente algo que alguém possa acusar Sharon de ter “inventado”. A coincidência externa simplesmente *tinha* um significado para ela, nesse caso confirmando o acerto em estar com seu marido. Ela precisava dessa mensagem de alguma forma? Obviamente não, porque, segundo ela, estava bastante feliz com seu marido, apesar do fato dele não ter as iniciais “certas”. Mas a coincidência, mesmo assim, fez com que ela sentisse que a história de sua vida era de fato coerente, que sua infância e herança de clarividência estavam ligadas à sua vida atual e ao seu futuro com o homem com quem se casou. Como numa história, o símbolo do apelido e suas iniciais amarraram um fio solto e fizeram com que Sharon sentisse como se um ciclo se tivesse encerrado.

Por essa razão, a pergunta que às vezes me fazem: “Como faço para acontecerem sincronicidades para mim?” é certamente sem sentido, pois a sincronicidade é fortuita, ou, como diria Jung, um fenômeno psicológico de manifestação natural. Em termos simples, elas apenas acontecem, e quando acontecem, o significado da história de nossas vidas e de nossos amores fica claro. É por isso, talvez, que as sincronicidades parecem tão naturais quando a história é de amor, pois não seria a experiência do amor uma das mais profundas coincidências que qualquer um pode viver?

### Por que Encontramos quem Encontramos Quando os Encontramos: Reflexões sobre Sincronicidade no Amor

Tendo ouvido histórias de como pessoas, frequentemente sem levantar um dedo e até apesar de seus melhores esforços, acabam ficando juntas, os leitores podem também confirmar aquilo que descobri quando reuni todas as histórias de amigos, conhecidos ou estranhos para este livro. E só mencionar que você está interessado em coincidências significativas e é bem provável que você venha a ouvir a história sobre o amor da vida de alguém. Histórias de amor sempre se mantiveram como uma das formas mais populares de divertimento porque as nossas próprias histórias de amor representam um importante meio que usamos para entender as nossas vidas.

Par que será que alguns relacionamentos começam e terminam sob circunstâncias tão dramáticas? E porque eu vivo essa vida tediosa e insípida,

você deve estar pensando consigo mesmo, enquanto os outros, psicologicamente mais em harmonia ou mais afortunados que eu, vivem aquilo que eu só posso ler em livros como este? A resposta para esta pergunta, eu acho, está no uso que fazemos de nossos relacionamentos amorosos para nós e para nosso crescimento.

Se assumimos que os acidentes não existem, no sentido de que todas as coisas que nos acontecem são potencialmente significativas, muitas das histórias de amor sincronísticas parecem sugerir duas verdades sobre o papel dos nossos relacionamentos. Primeiro, a pessoa que melhor pode nos ajudar a crescer não é sempre a pessoa por quem nos sentimos atraídos inicialmente. Tanto em minha experiência pessoal como profissional, passei a ver que aquilo que imediatamente nos atrai na outra pessoa, se torna o que nos enlouquece a longo prazo; por outro lado, coisas que vivemos no início como grandes diferenças, geralmente quando apreciadas e trabalhadas, nos trazem muito mais crescimento emocional.

Segundo, um relacionamento transformador com outra pessoa pode não ser relativo a *quem*, num sentido absoluto, mas ao *quando*. Eu ficaria surpreso se houvesse muitos leitores que não pudessem encontrar a verdade desses depoimentos em sua própria experiência. Existe alguém que não tenha se deixado levar emocionalmente por uma atração irresistível — física, emocional ou espiritual — por alguém que não o tratasse bem? Essa foi certamente uma lição que Alex aprendeu quando esbarrou em Beija, sua antiga paixão da faculdade. Existe alguma pessoa que não pense em alguém que seria bom para eles e para seu desenvolvimento mas por quem sentem uma pequena atração? Isso foi com certeza o que aconteceu com Rena no meio de sua ambivalência sobre o homem que tinha finalmente se tornado seu marido depois de demonstrar tanta preocupação com ela quando sua mãe morreu.

No aconselhamento matrimonial, frequentemente falamos sobre o acordo inconsciente dentro de um relacionamento, o acordo tácito entre duas pessoas que é a verdadeira razão pela qual estão juntas em vez da razão pela qual cada um pensa que está. Algumas vezes essas barganhas são malévolas e inúteis, por exemplo, as frequentemente encontradas nos casamentos tradicionais: “Você provê o conforto material e me deixa continuar infantil e eu farei todo o trabalho emocional por você e deixo você continuar infantil também.” Algumas vezes, no entanto, como essas histórias sincronísticas parecem mostrar, o mistério de um relacionamento é quando um acordo emocional é atingido, apesar de nossa consciência daquilo que queremos de um parceiro, que ajuda em nosso crescimento. A história de Rena e Bob é alentadora para o coração por essa razão: o que ela precisava de um parceiro não era o que ela pensava que queria enquanto viajava pela Europa descobrindo os povos e suas culturas, mas o que

ela teve de Bob, alguém estável e presente durante uma crise, alguém que era confiável e preocupado, que foi precisamente o que deu certo. A história da paixão de Alex por Beija, que certamente o teria levado à loucura como parceira, é um exemplo da situação inversa, um acordo inconsciente que seria péssimo para todos os envolvidos. Felizmente para Alex, um evento sincronístico deixou isso óbvio para ele, antes que tivesse qualquer consequência desastrosa.

A segunda verdade — de que muito do mistério dos relacionamentos não reside tanto nas características fixas e imutáveis de nossos parceiros mas no mistério do *timing* — é frequentemente trazida à tona pelos eventos sincronísticos em nossas vidas amorosas, acontecendo em um momento especial em nossas vidas quando somos capazes de ver *quem é* a pessoa e não somente *o que* pode nos oferecer, emocional ou materialmente. A tendência em ver as pessoas como objetos e os relacionamentos como uma mercadoria a ser adquirida ou trocada tem uma longa história. Atualmente se pode pôr um anúncio no jornal para procurar pessoas, da mesma maneira que se anuncia um carro ou um apartamento, como os pais que costumavam avaliar os pretendentes de casamento para seus filhos baseados em fortuna e *status* (e em muitos lugares do mundo ainda o fazem).

Essa objetivação na forma de ver as pessoas e os relacionamentos — acreditar que encontrar a pessoa com a combinação certa de atributos vai garantir nossa felicidade no amor — ignora o que esses acontecimentos sincronísticos no amor nos recordam: que nenhuma lista de lavanderia das características ideais pode nos trazer um relacionamento satisfatório a não ser que o momento seja certo. Pete e Mary, que estão bem felizes juntos e sempre sentiram que poderiam ser, tiveram que esperar vários anos até que, sincronisticamente, o momento fosse oportuno. Foi o momento do segundo encontro de Kathryn com Charlie que fez efeito em sua resistência a relacionamentos, acontecendo em um momento de sua vida em que ela, em suas próprias palavras, tinha crescido e era capaz de perceber na incrível coincidência de encontrá-lo outra vez uma lição e não somente uma maldição. Até o relacionamento de Rena e Bob, “arranjado” num certo sentido por seus amigos, só desabrochou quando circunstâncias além do controle de qualquer um deles intervieram.

Amor não é uma questão de pessoa “certa” *versus* pessoa “errada”, porém, parece, depois dessas histórias de amor, muito mais uma questão da nossa atitude interna e de como essa atitude cria um momento especial em nossas vidas, quando podemos encontrar uma outra pessoa em seus próprios termos. Esse encontro entre interno e externo, esse momento sincronístico, está no centro de

muitas das histórias de amor que lemos e é a verdadeira essência de várias das histórias de amor que vivemos.

### Uma Boa Trama, Bons Amigos e Cheia de Expectativa: A Coincidência Significativa das Amizades

Das histórias de amor onde a sincronicidade intervém para mudar a forma da vida de uma pessoa, passamos para esse outro domínio das ligações humanas que, para a maioria de nós, é pelo menos tão importante quanto a paixão romântica e para algumas pessoas é ainda mais: a amizade. As chamas do amor romântico e erótico são quentes e queimam rapidamente, dependendo de nossa atitude em relação ao amor, com muita frequência elas queimam pouco e rápido, enquanto o menos intenso porém mais profundo brilho de uma amizade duradoura é com mais frequência um lado muito mais satisfatório de nossas vidas. De certa maneira, a amizade, por causa da ausência da paixão erótica, representa um tipo de relacionamento mais misterioso que os psicólogos, escritores, poetas e filósofos se esforçaram através dos séculos para definir e descrever.

A febre do amor pode ser causada pela química dos hormônios ou por aquele conjunto de necessidades e desejos primitivos nascidos de nossos relacionamentos primários, mas a causa de nossas amizades e a natureza dessa forma única de relacionamento não é assim tão fácil de perceber. Na amizade, existe química, naturalmente, porém não uma urgente e avassaladora paixão. Com nossos amigos, existem as coisas em comum, com certeza, mas sem a urgência de se consumir, se fundir e se perder. A amizade é um dos poucos espaços numa cultura que idealizam o amor homem-mulher, onde reconhecemos que o amor de outro homem ou de outra mulher é parte indispensável de uma vida completa e bem-arrematada.

Uma vez que as nossas amizades nos proporcionam a possibilidade de uma ligação sem a intensidade de nossos relacionamentos amorosos, muitas pessoas sábias consideram um amigo de verdade mais valioso do que cem amantes, uma introspecção que é o centro de milhares de histórias através dos tempos. Algumas dessas amizades se tornaram lendárias: o amor guerreiro entre Aquiles e Pátroclo ou a suave fidelidade de Ruth e Naomi nos vêm à mente. Os clássicos da literatura e também os filmes contemporâneos nos têm mostrado as lendas de algumas amizades memoráveis, das aventuras de Huck Finn e Tom Sawyer às divertidas loucuras de um par mais recente, Thelma e Louise. Nossas próprias amizades, nem sempre tão grandiosas ou ousadas, têm inegavelmente mudado a história de nossas vidas.

Durante o período de minha própria vida em que, por várias razões, estive privado de amigos, passei muito tempo pensando sobre o que era a amizade e por que era tão importante. Meu analista, que tem sido sempre um valioso mentor, me deu uma ideia de quais são as condições básicas de uma amizade, uma ideia que está guardada para sempre em minha mente. De acordo com ele, amizade consiste em “proximidade e interesses comuns”, quer dizer, uma boa amizade requer tanto proximidade física quanto partilhar atividades. Faltando um ou outro, nossa amizade em breve também faltará. Muitas amizades enriquecedoras afundaram quando, por motivos internos ou externos, a geografia entra no meio ou mudanças na vida provocam uma troca de interesses ou de atenção.

Como é de se esperar, portanto, através da proximidade ou dos interesses em comum, acontecimentos sincronísticos ocorrem em nossas amizades, pois a amizade, assim como o amor romântico, é, em essência, sempre uma coincidência — duas pessoas se encontram e suas vidas se tornam entrelaçadas. Esse foi o caso de quando fiz esforços para expandir meu círculo social, acabando com nada menos do que sete diferentes homens chamados Steve em minha vida, o simbolismo disso até hoje ainda não consegui captar muito bem. Tornava as comunicações difíceis, exigindo um confuso e elaborado código de iniciais. Ainda assim, banhado por um mar de Steves durante algum tempo, achei a sincronicidade tranquilizadora, lembrando pela pura repetição do nome que eu não estava só.

Na mesma tendência está a história de Becky e as Deborahs em sua vida. “Conheci a primeira Deborah há dezesseis anos. Nascemos no mesmo dia, temos a mesma altura, constituição física, cor do cabelo, dos olhos e pele, parecidas o bastante para sermos irmãs. Ambas éramos nadadoras na faculdade, e ambas largamos antes de nos formar. Ambas casamos aos vinte anos, tivemos nossos primeiros filhos com a mesma idade e ambas ficamos em casa para criar as crianças. Ambas nos mudamos para Dakota do Sul com a mesma idade e morávamos a menos de 2km de distância. Sua segunda filha e nosso cachorro se chamavam Missy (os dois receberam os nomes antes de nos conhecermos). O marido de Deb e meu cavalo favorito se chamavam Skip. A filha de Deb e meu marido se chamam Dawn e Don, respectivamente.

“A segunda Deborah (também fã de cavalos e cães) entrou em minha vida uns quatro anos atrás, ‘por acaso’, quando nós duas chegamos sem avisar na casa de uma amiga comum. Essa Deb trabalhava com algumas terapias alternativas de massagem e nessa época eu estava tendo sérios problemas de coluna por causa de uma queda de cavalo. Nem é preciso dizer, ela iniciou o caminho da cura para as minhas costas.

“A terceira Debra entrou em minha vida seis meses depois da segunda Deborah. A casa vizinha à nossa tinha ficado desocupada por mais ou menos um ano, e eu vinha rezando fervorosamente para que se mudasse alguém que gostasse de cavalos e ficasse feliz em morar perto do nosso estábulo. No dia em que Deb se mudou e nos falamos pela primeira vez, instantaneamente nos tornamos grandes amigas.

“As similaridades entre a Deborah dois e a Debra três são incríveis. Elas nasceram com seis meses de diferença e ambas são nove anos mais moças que eu. São da mesma altura, peso, cor de cabelo e pele. Ambas casadas duas vezes, e tiveram problemas conjugais ao mesmo tempo, que resultaram na mudança das duas para a mesma cidade, na mesma época. Deb dois para 30km ao leste, Deb três 30km ao sul.

“Deb três e eu temos coisas peculiares em comum que eu fico realmente espantada. Seu marido uma vez comentou irritado que nós duas só podíamos ter sido chocadas no mesmo ovo. Nossos maridos são ambos físicos e maníacos por computadores e usam aparelho para surdez. Seu marido e meu irmão mais velho se chamam Michael. Seu irmão e meu filho se chamam David. Seu irmão David e meu irmão Michael deram o nome de Brian a seus filhos primogênitos. Deborah e eu tivemos mães que batiam em nós. Ambas crescemos cercadas de gado Holstein. As duas estamos voltando à faculdade de ciências, ambas somos escultoras.

“Quando Deb e seu marido se mudaram para longe, no último outono, eles alugaram sua casa para um casal jovem muito simpático. O nome dele também é Mike, e ele é o terceiro Mike consecutivo que mora na mesma casa vizinha.

“Mas a coincidência seguinte é a mais estranha de todas. Quando Deborah tinha dezesseis anos, outra garota, também de dezesseis anos, mas sem parentesco, mudou-se para sua casa e morreu no mesmo ano, de leucemia. Quando eu tinha dezesseis anos, também morei, como colega, na casa de uma garota da mesma idade, que também morreu de leucemia!”

Claro que cada uma dessas banalidades em si pode não ser tão notável ou poderia ser rejeitada, como Becky buscando sinais em seu mundo exterior para confirmar sua necessidade de aceitação. Como um todo, no entanto, como minha fatura de Steves, os elementos comuns entre ela e suas amigas são tantos e existem em tantos níveis — família, geografia, interesses, nomes e experiências — que a natureza sincronística dessas coincidências, e seu significado para Becky, é inegável. Como as banalidades sincronísticas entre os amantes, as sincronidades banais entre amigos serve para apoiar e confirmar o sentido significativo desses relacionamentos. O prazer óbvio que Becky sente contando

a história da corrente de participação que ela tem com suas amigas revela o significado que ela retira dessas coincidências: que ela está ligada aos outros de maneira profunda e permanente. Sem tudo que ela compartilha tão sincronisticamente com as várias Deborahs, é claro que suas amizades continuariam a ser significativas, mas talvez não tivessem esse forte lembrete da boa sorte e da extraordinária interligação que ela está vivendo com suas amigas.

A história de como Laurie encontrou sua amiga Danielle num momento de sua vida quando o que ela mais precisava era de uma amiga, mostra-nos um exemplo de sincronicidade transformadora da vida que vem através da amizade.

“Não sei direito por onde começar a história”, ela me disse um dia no escritório, “a não ser talvez dizendo que toda minha vida foi sempre pontuada por dificuldades em torno de comida e peso. Cresci numa casa onde ser gordo era ao mesmo tempo encorajado e ridicularizado, e durante longos períodos em minha vida tive peso normal, às vezes através de meios pouco normais, como dietas absurdas e exercícios obsessivos, havia também, por outro lado, pelo menos o mesmo número de períodos de minha vida em que eu ficava fora de controle em relação à comida, peso e minha relação com meu corpo. Como música, cantora, compositora e pianista, isso era um problema, pois me deixou insegura como artista e várias vezes atrapalhava meu caminho, me levando a preferir apresentações, por assim dizer, menores, em vez de me desafiar a entrar na grande cena.

“Quando fiz trinta anos, foi como se fosse o dia do juízo final. Eu tinha engordado 25 quilos em três meses, depois de um período de quase anorexia, tendo passado por todas as dietas e programas de exercícios que havia, eu estava realmente no fim da linha. Uma colega do meu trabalho diurno falava muito na época sobre sua decisão de entrar para os Comilões Anônimos. Foi uma ideia que nunca me atraiu, pois o lado espiritual do programa me desanimava. Mesmo assim, naquele ano, quando se aproximava do meu aniversário e parecia não haver sinais de alívio em minha farra e meu aumento de peso, decidi que iria a uma das reuniões para saber o motivo.

“Bem, dez anos antes, meu melhor amigo na época me perguntou se eu cantaria no casamento de um de seus amigos. O casamento ia ser numa pequena capela muito fora de mão, no alto das Serras, e meu amigo tinha sido chamado para ser o organista. Ele não queria viajar sozinho e achou que eu poderia ir com ele, você sabe, cantar alguns sucessos durante a cerimônia e fazer-lhe companhia. Na época pensei, por que não? Então fui e cantei, e todos ficaram agradecidos, especialmente os noivos, Danielle e Hank, e o que aconteceu foi que na verdade esse foi o último casamento em que eu cantei, essa pequena apresentação nas montanhas.



“De volta ao presente. Sendo uma pessoa fechada como eu sou, decidi não arriscar indo a uma reunião dos CA na minha cidade, certa de que iria encontrar alguém conhecido e querendo ficar o mais anônima possível. Então, o que fazer? Consigo o horário das reuniões na cidade grande mais próxima, mais ou menos uma hora ao sul de onde moro, e planejo ir à próxima reunião, que, na minha cabeça, será uma das grandes onde não serei notada.

“Quando cheguei lá, naquele dia, senti-me estranha, é claro. Rapidamente sentei, sem realmente olhar para ninguém, de repente sinto uma mão em meu braço, da mulher sentada ao meu lado, que sorri e pisca. Dentre todas as pessoas, era Danielle, cujo casamento tinha sido o último em que eu cantara.

“Conseguimos chegar ao fim da reunião sem falar — conversas paralelas são proibidas durante as reuniões dos CA, como nos AA —, depois passamos horas maravilhadas tomando café. Esse casamento com todo seu encantamento e romance, percebi, acabou num casamento não muito feliz, e Danielle se refugiou num problema alimentar até três anos atrás quando procurou os CA e entrou em recuperação. Nessa época, ela e o marido se separaram e divorciaram. Eu lhe contei um pouco da minha história de como tinha resistido em vir; de que na verdade morava a mais de uma hora de distância e até de como seu casamento havia me afetado.

“Realmente as coincidências eram demais mesmo para uma cabeça-dura como eu ignorar. Eu perguntei se ela seria minha responsável, ela concordou, e graças à sincronicidade eu consegui pela primeira vez em minha vida começar a me recuperar com relação à comida. Ela e eu somos ainda grandes amigas.”

Enquanto o isolamento de Laurien era interno e emocional, sincronisticamente libertado pelo encontro com Danielle num lugar e momento particularmente inesperados, a história do meu colega de faculdade John encontrar um amigo exatamente no momento e lugar certos é disparada a mais geograficamente exótica. Minha própria amizade com John, meu companheiro de quarto no primeiro ano na Itália, ficou mais forte depois da formatura. Ele se engajou no Corpo da Paz por dois anos, e durante esse período ficou baseado numa ilha remota nas Filipinas. De certa forma, ele evitou conscientemente se comunicar com seus antigos amigos, inclusive comigo. Mais tarde, fiquei sabendo que ele estava vivendo o que chamou de período de discernimento espiritual, tentando descobrir que rumo tomar em sua vida.

Quando seu compromisso com o Corpo da Paz terminou, ele decidiu viajar pelo mundo, e a caminho da Índia acabou pulando de ilha em ilha no Pacífico Sul. Por causa do tamanho progressivamente menor das ilhas e da falta de confiabilidade dos aviões e barcos, ele sem esperar ou querer acabou tendo que passar a noite onde descreve como “um cartão-postal no Pacífico”, a minúscula

ilha de Truk, onde havia somente uma casa de hóspedes jesuíta. Quando se sentou na varanda naquela noite, o potencialmente longo período de real isolamento e solidão nesse esquecido pedaço de terra no meio do nada pesou muito em sua mente.

Nesse momento, ele ouviu alguém chamar seu nome atrás dele, espantado, ele se virou e encontrou uma colega de faculdade. Ela tinha frequentado a escola de enfermagem conosco em Georgetown, e desde a formatura vinha viajando pelo mundo, como ele. Só que no momento ela estava morando em Truk e trabalhando no pequeno hospital que as missionárias abriram lá.

Durante o café, depois do almoço em minha casa, perguntei-lhe que efeito tinha tido nele esbarrar nessa amiga em um dos mais remotos lugares do mundo. Ele respondeu: “E engraçado, você sabe. Lá estava eu, me sentindo realmente bastante só no mundo, mas como você sabe, eu havia escolhido vagar e não me estabelecer. Esbarrar em alguém que eu conhecia de Georgetown na ilha de Truk me fez entender, me fez sentir que na verdade não importa onde eu estivesse no mundo, eu estava conectado, não estava realmente sozinho. Alguém cuidaria de mim, não importa aonde eu fosse. Quando deixei Truk no dia seguinte, me encaminhando para a Índia, quem sabe aonde mais, me sentia realmente mais seguro daquilo que tinha decidido fazer. Vê-la em Truk mudou as coisas para mim.”

As histórias de Lauren e John nos mostram que às vezes nossas conexões sincronísticas com amigos ocorrem em momentos de solidão e necessidade, quando estamos isolados tanto psicológica quanto fisicamente e poderíamos precisar de um lembrete que, apesar do que você sinta, nossos relacionamentos resistem. E como se os amigos que chegaram até eles sincronisticamente eram em si mesmos um tipo de símbolo, pessoas cuja proximidade e interesses em comum apontam para além da solidão do presente para uma conexão que sempre esteve lá.

O final da história de Sandra ainda não foi escrito, segundo ela, mas sua fábula ilustra como a sincronicidade às vezes vem a nós para restabelecer uma ligação que não queremos ou ainda estamos muito envergonhados para reconhecer. Conheço Sandra de uma disciplina que cursávamos juntos durante a faculdade, e quando contei-lhe sobre o livro em que estava trabalhando, ela ofereceu a história que segue em troca de um chá com biscoitos.

“Nasci numa cidade pequena da Costa Leste, e sendo uma das crianças mais brilhantes da minha classe, naturalmente batia de frente com o outro crânio da classe, cujo nome era Adam. Adam e sua família moravam perto de nós, meus pais e seus pais participavam ativamente da Associação de Pais e Mestres, e assim por diante. Porque ambos éramos escritores, com frequência nos

colocavam juntos em nossas aulas na escola primária para fazermos projetos especiais e tarefas, enquanto os outros alunos ainda estavam aprendendo coisas que ele e eu já sabíamos.

“Foi num dia de primavera, me lembro, nós tínhamos nove ou dez anos, naquela idade em que você começa a gostar mais um pouco de meninos mas ainda precisa fingir que não gosta. Enfim, estávamos voltando para casa, e eu tinha recém-descoberto uma grande amiga, e como crianças fazem, eu estava muito preocupada em impressioná-la, fazendo tudo igual a ela, me vestindo da mesma maneira que ela, você sabe como é. Estamos então voltando os três para casa juntos, quando de repente ela começa a fazer graça com Adam, gozar de seus óculos, seu cabelo, suas roupas, e eu me juntei a ela, sem na verdade saber por quê, pois afinal ele e eu sempre fomos amigos. Ele ficou zangado, naturalmente, mas principalmente magoado, eu acho; foi quando comecei a me sentir mal com o que estava fazendo. E então, perversamente, aumentei meus ataques sobre ele, talvez para impressionar minha amiga, talvez para mandá-lo embora, pois secretamente eu gostava dele. Não sei, até hoje.

“Mas, repentinamente, minha boca começou a despejar um monte de bobagens antisemitas — Adam era judeu — e eu comecei a dizer que todos falam que os negros estão arruinando este país, mas na verdade são vocês, judeus sujos, pena que os nazistas não pegaram todos vocês, pois não precisaríamos mais lidar com vocês, e muito mais do que isso. Eu estava maluca, e ainda não sei por que disse tudo aquilo, ou de onde tirei isso. Por ser na Costa Leste, metade de nossa cidade ou era judia ou italiana, e eu jamais ouvira esse tipo de coisa em minha família, nem mesmo comentários racistas sobre negros, nada.

“E claro que Adam começou a chorar, e minha amiga e eu partimos para a morte, jogando pedras e perseguindo-o até sua casa, e assim acabei com minha amizade de infância num momento de completa crueldade irracional. Frequentamos a escola juntos pelos dez anos seguintes, sem nunca mais falarmos um com o outro, apesar de tudo o que tínhamos em comum. Ele se tornou bastante introvertido e pouco popular, enquanto eu era do grupo quente da escola. Durante meu crescimento, o que tinha acontecido entre nós pesava na minha consciência o tempo todo, mas eu na verdade nunca soube como me dirigir a ele ou como tentar reparar. Eu nem sequer sei por que fiz aquilo.

“Então saí da cidade para fazer a faculdade, e depois o mestrado, indo parar na Califórnia. Ao longo do meu trabalho numa agência de aconselhamento da comunidade, tínhamos no serviço interno de treinamento um dia sobre preconceito e diferenças culturais. Durante um dos exercícios com um grupo pequeno, eu realmente tive a coragem de contar esta história, minha e de Adam,

e de meu antissemitismo inconsciente, para o grupo, mostrando-a como um problema moral que eu ainda não era capaz de resolver, ou até mesmo de admitir. Essa foi a primeira vez que falei disso para alguém em anos, vinte, para ser exata.

“Na semana seguinte, estava tomando um café perto de casa, sem pensar em nada, quando Adam, quase idêntico à última vez que o vi, entrou no café. Bem, eu estou muito diferente do que era no colegial — cor de cabelo diferente, muito mais gorda, óculos diferentes. Muitas pessoas não me reconhecem quando me veem, e Adam tampouco. Eu fiquei sentada lá, paralisada, mortificada, parecendo que tinha sido ontem que eu dissera aquelas coisas para ele. Eu fiquei observando-o pegar seu café e sair. Depois de desenterrar tudo isso na semana anterior, achei incrivelmente sincronístico que ele tivesse entrado no café em minha vizinhança, passado direto por mim, e nós dois termos vindo parar na mesma cidade da Califórnia.

“Bem, a história não acabou. Continuei vendo Adam por toda cidade, nos lugares mais inesperados provavelmente o menos esperado foi quando reformaram minha academia de ginástica, eu entrei errado no vestiário masculino justamente quando ele estava saindo. Eu nunca o tinha visto na ginástica e não o vi mais desde então. Não tenho certeza se ele me reconheceu ou não, e contando essa história para todos os meus amigos, eles continuam dizendo que o universo não vai me deixar fora dessa enquanto eu não me desculpar com ele pelo que aconteceu. Porém, até agora, ainda não fui capaz de fazê-lo.”

O enquadramento da sincronicidade de Sandra é do tipo de insistência de sua consciência para reparar uma amizade permanentemente danificada num momento de imaturidade e ódio infantil, lembra a história dos infernais encontros “arranjados”. E a lição a ser aprendida com essa série de aparições sincronísticas é de que qualquer tentativa em ignorar a existência de nossa conexão com o outro será seguida de uma consequência, com um permanente lembrete de que o amor — romântico ou de amizade — é uma realidade sempre presente, quer aceitemos ou não. Esse parece ser o ponto marcante na história da experiência de Sandra, quase como se ela estivesse vivendo sua própria versão psicológica de *Crime e castigo* ou *Os miseráveis*, onde uma ofensa do passado continua a persegui-la ao longo de sua vida.

Todo relacionamento é um tipo de sincronicidade: um acontecimento único no qual um encontro externo entre as pessoas assume um significado emocional, simbólico e transformador. O que muitos dos acontecimentos vistos neste capítulo mostram é que estamos muito mais conectados uns com os outros do que normalmente achamos, e cada uma das coincidências significativas que

descreví endossa a ideia de Jung sobre o inconsciente coletivo, a noção de que seres humanos dividem em um nível psicológico e espiritual uma conexão com todos os outros seres humanos do planeta.

Como se fôssemos personagens de uma trama, geralmente encontramos as pessoas que precisamos encontrar. Em momentos de crise ou de grande abertura, um personagem nos é apresentado, por acaso, e se torna uma das mais importantes figuras na história de nossa vida — um cônjuge, um melhor amigo, o amor de nossa vida. Em outros momentos, quando estamos satisfeitos conosco e com nossa vida, as conexões que acontecem com as outras pessoas se parecem com uma força da natureza, como algo que estava destinado a acontecer. Também, em outros momentos de nossas vidas, quando nos fechamos para o mundo por egoísmo ou medo, os acontecimentos sincronísticos nos servem como uma assombração e insistentes lembretes de que nossas conexões com os outros não podem ser facilmente ignoradas. Quando esses eventos acontecem, nós percebemos mais profundamente a história que estamos vivendo, a história que diz: você não está sozinho.

O amor é um desejo humano central, ou, em termos junguianos, uma realidade arquetípica. Porque somos envolvidos em histórias para dar estrutura e significado aos acontecimentos, encontramos nas nossas histórias de amor e amizade, como nas deste capítulo, um significado que é único. A sincronicidade de quem nós amamos, portanto, reside não só nas circunstâncias surpreendentes que compõem as nossas histórias de amor mas também no significado interno que vemos e vivemos nas histórias de nossas vidas.

## **Capítulo Três**

### **Ganhando e Gastando**

#### *Sincronicidade e o Trabalho de Nossas Vidas*

O mundo está demais conosco; tarde e cedo, Ganhando e gastando, desperdiçamos nossos poderes: Pouco vemos na natureza que seja nosso.

**WILLIAM WORDSWORTH**

Melhor o trabalho rude que conta uma história ou registra um fato do que o mais rico, sem significado.

**JOHN RUSKIN, *The Lamp of Memory***

Que os eventos sincronísticos aconteçam em nossos relacionamentos parece bastante natural, pois os relacionamentos que temos com os nossos parceiros, cônjuges e amigos estão entre os mais significativos nas histórias de nossas vidas; além do mais, tanto relacionamentos quanto sincronicidade tratam essencialmente de conexões entre nosso eu interior e o mundo que nos cerca. No entanto o amor sozinho não preenche todas as nossas necessidades, esperanças e sonhos, mesmo que as canções populares e novelas de amor nos encorajem a pensar assim.

Em minha experiência, as narrativas reais vividas pelas pessoas são muito mais parecidas com os clássicos da literatura europeia do século XIX, onde uma trama de tapeçaria ricamente entrelaçada, englobando muitos personagens e situações, é o padrão. Quando autores como Dickens, Tolstoi, Zola e Melville prestaram atenção nas condições sociais de seus personagens, a qualidade realística das descrições das atividades através das quais as pessoas se organizavam, preenchiam ou desperdiçavam suas vidas, mostram como o trabalho que fazemos e seu significado têm sempre um papel central em nossas histórias. O conhecido comentário de Freud a respeito do propósito da psicanálise não foi ainda, em minha opinião, superado em simplicidade ou precisão: quando perguntado em que a psicanálise ajudaria as pessoas, respondeu: “A amar e trabalhar.” Conheço muito poucas pessoas que discordariam da importância essencial dessas experiências humanas.

Houve um tempo, antes do desenvolvimento desenfreado da indústria e da

tecnologia, quando o significado do trabalho que fazíamos era indiscutível, mesmo o mais humilde dos ofícios tinha seu significado. Em função de seu caráter demorado, muitas atividades necessárias à sobrevivência eram frequentemente repetitivas e embotavam a mente, meramente um trabalho menor; porém, durante uma época, cultivar e preparar comida, fazer e consertar roupas, construir e manter abrigos, eram encaradas como atividades essenciais para a comunidade. Em torno dessas atividades humildes foram criados rituais, associações ou se formavam círculos sociais, e a vida pública da civilização se desenvolveu. Essas atividades eram *consideradas* significativas.

Nessa antiga visão de mundo, ocupações derivadas das necessidades básicas de sobrevivência da comunidade, que tinham como alvo o grande bem-estar da sociedade ou metas de natureza essencialmente não-material, eram chamadas de “profissões” ou “vocações”, indicando novamente sua importância para a sociedade. Professar algo é fazer uma declaração de crédito e/ou valorização, portanto, ter uma profissão teve durante uma época um sentido mais completo e quase espiritual, indicando que alguém organizou e dedicou sua vida a uma atividade em consonância com um juramento prestado ou conjunto de valores estabelecidos; o trabalho era uma declaração das crenças de cada um, uma profissão, como na expressão “uma profissão de fé”. Igualmente, a vocação, da palavra latina vox, ou voz, era uma atividade para a qual a pessoa se sentia chamada, geralmente por Algo ou Alguém muito maior do que os seus interesses ou gostos pessoais. Ter uma vocação era realizar um trabalho que a pessoa fora *escolhida* para fazer por motivos que vão além de ganhar o sustento.

Alguns podem lamentar a perda desse suposto significado no trabalho do dia-a-dia que fazemos, agora que a maior distinção que as pessoas fazem em suas vidas profissionais parece ser entre um “emprego”, alguma coisa que fazemos meramente para garantir o dinheiro da sobrevivência, e uma “carreira”, que denota uma perspectiva de longo prazo com o qual encaramos nossos trabalhos, o que pode ou não indicar que achamos nosso trabalho significativo. Não é surpresa, nesse contexto cultural, que o conselho de Joseph Campbell, “siga sua felicidade”, dado durante a série de entrevistas para Bill Moyers no canal público de TV, se tornasse uma catarse da cultura popular, assim como o título do livro de Marsha Sinetar, *Siga sua vocação que o dinheiro vem* (publicado no Brasil pela Record, Rio de Janeiro, 1995), as pessoas, na verdade, sentem muita falta do sentido mais profundo de satisfação que vem de sentir que nosso sustento faz parte da história maior de nossas vidas.

O aspecto atraente com o qual nos iludimos em nossos “empregos” ou “carreiras” não pode esconder o fato de que o sucesso, medido em termos

puramente materiais ou sociais na forma de dinheiro ou fama, não é alimento suficiente para nossa alma e não serve de base para uma história verdadeiramente satisfatória ou interessante. Portanto, não devemos nos surpreender que as coincidências significativas sejam abundantes em nossa vida profissional, talvez até mais atualmente do que antes, quando procuramos encontrar significado e propósito na sociedade pós-industrial. O trabalho ocupa uma posição central em nossas vidas, e, como sempre, a sincronicidade aparece onde quer que haja — ou precise haver — maior compreensão da história que estamos vivendo no dia-a-dia.

Nós Procuramos o Trabalho ou o Trabalho nos Procura?

Nós já ouvimos muitas histórias sobre pessoas cujas cabeças estão em descompasso com seus corações, que haviam decidido que seus futuros caminhavam em uma direção para que um encontro sincronístico praticamente mude suas vidas através do poder do amor. Em muitas histórias a respeito de sincronicidade e trabalho que eu tive o privilégio de ouvir, encontrei o mesmo fenômeno. Muitas das pessoas com quem falei tinham a firme intenção de seguir em uma direção profissionalmente, quando um acontecimento sincronístico as desviou do caminho, conduzindo-as algumas vezes de forma surpreendente para um outro trabalho mais satisfatório ou para uma linha de trabalho inteiramente diferente. O exemplo anterior de meu amigo Sam, que foi demitido de seu trabalho como contador para receber a oferta de um trabalho muito mais satisfatório na música, sua verdadeira paixão, faz parte desse tipo de sincronicidade. Em resposta à pergunta que surge: “Como trabalhar com a sincronicidade?”, proponho o conselho aparentemente paradoxal de “esperar o inesperado”.

Uma cantora, que conversou comigo sob a condição de ser confidencial, e a quem chamarei Elise, contou-me a história do que considera sua grande chance, que chegou até ela completamente não-intencionalmente, até mesmo apesar de seus maiores esforços. Como a maioria das cantoras profissionais, Elise investia muito tempo de sua vida com sua voz, representação, aulas de coreografia, tudo por sua conta e com pleno conhecimento de que as possibilidades de ganhar a vida decentemente vivendo de apresentações era um jogo com poucas chances. Como os artistas em qualquer campo, porém, ela fazia o que fazia porque amava o que estava fazendo, apesar das dificuldades, frustrações e incertezas.

Como sua formação era clássica, de cantora de ópera, seu interesse em participar de produções de comédias musicais não era dos maiores, embora seu professor e colegas frequentemente tentassem persuadi-la a tentar esses papéis,



em função de sua personalidade naturalmente cômica e brilhante, e da notável versatilidade de sua voz. Mas apesar dos conselhos, Elisa resistia ao encorajamento e continuava tentando entrar no muito pequeno e altamente competitivo mundo da ópera, indo a entrevistas e mais entrevistas com um sucesso mediano, arranjando um pequeno papel aqui e ali em pequenas companhias locais, enquanto mantinha seu emprego diurno para pagar o aluguel.

Para a produção de uma ópera popular por uma pequena porém bem-conceituada companhia de ópera, Elise passou um mês inteiro polindo sua ária para a audição, e quando foi marcado o teste, solicitou especificamente o horário das últimas audições, sabendo que sua voz soava melhor no final do dia. Quando ela chegou ao centro comunitário onde seriam as audições, no entanto, imediatamente ficou claro, pelo ar deserto em volta, que tinha havido algum erro. Ansiosamente se aproximou de uma senhora que parecia a assistente e que guardava alguns papéis em uma pasta no final do corredor onde estava escrito “Audições”. Elise disse com o máximo de autocontrole possível:

— Não me diga que as audições terminaram. Tenho marcado o horário das cinco horas.

A senhora pareceu surpresa.

— Na verdade, já acabaram — ela disse —, mas o comitê ainda não saiu. Deixe-me ver se eles podem ouvi-la.

Depois de uma breve consulta a portas fechadas, a mulher voltou e levou Elise para a sala. Elise me contou que lembra que o pianista deu uma olhada estranha para ela quando ela lhe deu sua música, mas naquele momento, disse ela, realmente “não registrei e encarei sua expressão como uma repreensão por ter chegado atrasada à audição”. Dois homens e uma mulher se sentaram atrás de uma escrivaninha, parecendo, como sempre, impassíveis porém atentos, e depois de se concentrar, ela se lançou à sua peça da audição, uma ária de coloratura em italiano. Ela sentiu que tinha ido muito bem, e no final agradeceu ao comitê com um pouco mais de desenvoltura que o normal, pela sua indulgência com seu atraso. Quando estava se preparando para sair, um dos membros do comitê dirigiu-se a ela e então perguntou, estranhamente, se não havia preparado nada em inglês.

Sem entender, ela respondeu que não tinha pensado que a peça fosse ser apresentada traduzida.

— *Candide*? — disse o homem, levantando as sobrancelhas, se referindo à comédia musical quase-operística de Leonard Bernstein, que tinha se tornado um repertório conhecido.

Foi naquele momento que Elise percebeu que havia tropeçado, dentre outras coisas, na audição totalmente errada.

— Eu realmente não sei o que dizer. Pensei que estava fazendo a audição para outra companhia e outro espetáculo.

A mulher da porta riu.

— Isto é amanhã. A audição deles é amanhã, domingo.

Mas o diretor do espetáculo fez um sinal para o pianista e perguntou a Elise se ela poderia cantar um pouco lendo uma partitura. Entre mortificada e intrigada pelo desafio, Elise foi em frente com a música desconhecida, e no final descobriu que eles estavam interessados nela para o difícil papel de Cunegonde, a mulher de Candide, que ela na verdade conseguiu, descobrindo mais tarde que ela fora a única, das três sopranos que eles ouviram, realmente capaz de cantar o papel. A maioria das outras ou não tinha o mesmo preparo musical que Elise ou não conseguia cantar adequadamente a música que Bernstein havia escrito.

Por sua apresentação nesse musical, Elise recebeu grande atenção por parte da imprensa, o que resultou em outras ofertas para apresentações locais e regionais, no teatro musical em vez da ópera. Porém, quando Elise me contou essa história de sua chance sortuda, disse: “Não estou me queixando. Tive que ir à audição errada para poder acordar e fazer o que acredito deveria estar fazendo há muito tempo. Estou trabalhando regularmente, estou feliz. É isso que conta, não? Embora eu não queira que o mundo saiba que eu fui doida a ponto de cair no lugar errado com a música errada. E ruim para a imagem, você sabe.” Uma vez diva, sempre diva, até mesmo na comédia musical, penso eu.

As sincronicidades geralmente acontecem, como a que aconteceu a Elise, quando temos nossas cabeças determinadas que um final específico, e somente esse final, é bom, uma característica tão comum nas histórias que ouvi sobre essas coincidências que quase me faz querer responder à pergunta: “Como faço para as sincronicidades acontecerem para mim?” dizendo, sem ser totalmente petulante: “Fique obstinado a respeito daquilo que você aceita ou não da vida, e então veja o que acontece.” Mas sincronicidades também acontecem quando você não está predeterminado, quando estamos indecisos e quando estamos indecisos, e quando estamos abertos, tropeçamos em uma pessoa, lugar ou algo significativo. Foi assim a história de meu amigo John, que em meio à sua transição vocacional encontrou um mentor num dos lugares mais inesperados da Terra.

Sentindo-se levemente chamado para o sacerdócio durante o período de faculdade, John se formou e decidiu que algum tempo no Corpo da Paz o ajudaria a buscar sua verdadeira vocação. No entanto, como seu compromisso de dois anos nas Filipinas estava acabando, e a questão de se tornar ou não sacerdote continuava em aberto, como sempre, e sentindo necessidade de mais algum tempo, John decidiu viajar pelo mundo, ao acaso.

Nós já ouvimos seu tranquilizante encontro com seu colega na ilha de Truk. Porém, antes desse incidente, o período transitório da vida de John começou com uma primeira parada, sem nenhum plano predeterminado, na Índia, onde ele pensava em visitar um certo *ashram* e mergulhar na cultura nativa.

Chegando no *ashram*, no entanto, sua esperança em ser o único ocidental foi frustrada ao encontrar um outro americano que tinha chegado antes dele — um jesuíta, do mesmo estado que John. A coincidência, para a cabeça de John, foi impressionante: ele foi parar por acaso num remoto *ashram* na Índia durante um período escolhido especificamente para o processo de decisão em relação ao sacerdócio, para ter um jesuíta de sua cidade natal como seu único companheiro ocidental nesse lugar. Suas conversas, como podemos imaginar, eram significativas, pois John agarrou essa oportunidade sincronística que se apresentou a ele para conversar com o padre sobre a incerteza de sua vocação, sobre como era a vida na Sociedade de Jesus, sobre o que esperar e o que não esperar. Desse encontro fortuito surgiu a grande certeza de John de que entrar para a Sociedade era o próximo passo certo para ele, que foi o que ele fez quando tomou seu caminho de volta para os Estados Unidos.

Contrariando meu conselho (reconhecidamente irônico) de ser teimoso sobre o futuro como um convite aos acontecimentos sincronísticos, a história de John inspira um outro tipo mais caprichoso de conselho para aqueles que querem provocar acontecimentos do acaso. Se você quiser uma coincidência significativa para mudar a história de sua vida, vagueie pelo mundo ao acaso e esteja disposto a ouvir tudo que a vida apresentar. Essa última parte, “estar disposto a ouvir tudo que a vida apresentar”, é, eu acho, um bom conselho para quando nos deparamos com eventos casuais que confundem os nossos planos ou nos mostram algo diferente daquilo que esperávamos. A mudança inesperada dos acontecimentos que devemos encarar pode muito bem ser uma virada de uma história na qual somos personagens sem saber ainda.

Porém, essa atitude de abertura requer estabelecer uma linha fina entre ser realisticamente auto direcionado e ser persistentemente cabeça-dura. Ser ambos, determinado e disposto a deixar acontecer, é um desafio para qualquer um, ainda assim, requer habilidade se quisermos buscar significado nos “acidentes” que despencam sobre nós. Por exemplo, Gail, uma colega minha, passou sua vida inteira perseguindo o objetivo de ser professora de religião comparada. Começando o colegial, ela planejou sua carreira acadêmica com grande premeditação, escolhendo faculdade e mestrado com grande cuidado, cultivando contatos, participando de comitês, viajando nas férias para lugares com potencial de pesquisa para teses, trabalhos ou dissertações.

Apesar desse planejamento cuidadoso e bem-encaminhada para seu

doutorado, Gail se viu bloqueada de formas que nunca poderia prever. Seu supervisor e ela discordavam sobre a direção de sua dissertação por motivos que aparentemente não tinham nada a ver com o conteúdo, porém Gail achava que tinha muito mais a ver com conflitos de personalidade e machismo. Com a falta de seu apoio, ela se sentiu incapaz de procurar as companhias-chaves e tirar vantagem de outras oportunidades, como tinha feito no passado, sendo, portanto, forçada a se matar de trabalhar em bicos para pagar despesas de sobrevivência e sobrando pouco tempo e energia para fazer seus trabalhos escritos e pesquisas que precisava para avançar. Além do mais, a universidade que ela escolheu, uma das melhores no campo, era também uma das mais caras, e com sérias probabilidades de sua formatura demorar alguns anos a mais do que pretendia, Gail começou a considerar, com ansiedade cada vez maior, a quantidade de compromissos financeiros que estava acumulando.

Ela conta que acordou uma manhã e admitiu para si mesma que estava numa crise de carreira. Naquele dia, ela estava sentada com o coração pesado, no café onde tomava seu desjejum, quando ouviu um animado alô vindo por trás dela. Nancy, uma mulher que ela conhecera em seu curso de pós-graduação, porém sobre a qual sempre tivera sentimentos dúbios, sentou-se sem ser convidada.

Nancy contou a Gail que também tinha estado como ela, mas tinha reconsiderado a vida acadêmica e resolveu então seguir a carreira de terapeuta. Ouvindo Nancy no início por educação, Gail não pôde deixar de passar a ouvir mais atentamente, e até de lhe fazer algumas perguntas sobre como estava indo em sua nova profissão, quais eram as exigências e assim por diante. Naquela época, as exigências para a licença que Nancy decidira conseguir eram mínimas, não mais que um certo número de cursos específicos, ter um determinado número de horas de experiência, e então passar pelos exames escrito e oral, o que fazia tudo parecer muito fácil; e poderia realmente ser fácil em vista da possibilidade de alguns dos cursos que Gail já tinha feito contarem pontos para sua formatura.

Daquele dia e daquele encontro sincronístico veio a resolução final de Gail de contar as perdas relativas à sua carreira de professora e obter sua licença de psicoterapeuta, o que ela fez com um mínimo de alarde. Licenciada há vários anos agora, Gail me contou que, ironicamente, está dando mais aulas — em forma de supervisão, *workshops* e aulas como professora adjunta em escolas locais — do que gostaria de estar.

“Eu seria muito infeliz na carreira acadêmica, percebo agora”, me disse ela. “Eu era movida por uma ideia que não me cabia, uma ideia da infância para a qual eu nunca olhei como adulta. Se eu tivesse que lecionar nos mesmos três ou quatro cursos, durante anos e anos, eu enlouqueceria e iria para o espaço em

cinco anos. Portanto, tudo deu certo — apesar de meus maiores esforços, me envergonho em dizer.”

Embora essa última afirmação seja da própria Gail, me pego pensando que na verdade a habilidade de Gail em tolerar uma fase intermediária e em considerar a possibilidade de que seu encontro acidental com a amiga indiscreta poderia trazer algum benefício foi o que mais contribuiu para tornar a coincidência sincronística. Sem a habilidade para estabelecer a linha entre determinação e prudência, o aparecimento de Nancy teria sido simplesmente um aborrecimento em vez de uma virada significativa.

Essas histórias de pessoas que se deparam com direções completamente inesperadas ou ativamente combatidas em suas vidas deixam claro que a sincronicidade é um fenômeno do acaso. Nada do que Gail, John ou Elise fizeram intencionalmente os ajudou tanto quanto o que lhes aconteceu por acaso. Todavia, enquanto podemos conjecturar a respeito do título deste livro, declarando através de uma perspectiva literal que é claro que os acidentes existem — ocorrências do acaso sem intenção ou significado —, histórias como as acima nos fazem imaginar se na verdade *existem* acidentes, se os pequenos detalhes *não são* partes importantes do propósito global da fábula que chamamos de nossa vida. As verdades de certas afirmações, como “Virá quando você menos espera” ou “Deixe estar, entregue a Deus”, são reflexões sobre como, quando estamos mais investidos de nosso ego em nossos planos limitados ou, ao contrário, mais abertos, nós criamos um momento na trama de nossas vidas cheio de possibilidades.

## Nós Encontramos Trabalho ou o Trabalho nos Encontra?

Acontecimentos sincronísticos nem sempre constituíram a base para uma carreira, como com John, Gail e Elise, mas certamente tiveram seu papel em muitos trabalhos. Lembre-se de Ellen do Capítulo 1, que desligou o telefonema de seu pai sem ideia de como iria se sustentar sem a ajuda dele e recebeu uma oferta de emprego no dia seguinte através de um encontro acidental: como entre amigos e namorados, as oportunidades sincronísticas geralmente acontecem quando mais precisamos delas.

Tony D’Aguanno, um professor e terapeuta da área da baía de São Francisco que se especializou em assuntos em torno de trabalho e dinheiro, conta a história de uma amiga sua cuja experiência em busca de trabalho foi significativa não só para ela como também para Tony, confirmando sua sensação de que nossa vida profissional pode ser tão espiritualmente envolvente como qualquer outra área de nossas vidas. A amiga de Tony tinha se especializado como enfermeira assistente

no campo altamente especializado da neurocirurgia, mas não estava encontrando trabalho. Andando por Westwood um dia, ela sentiu vontade de atravessar o *campus* da UCLA em vez de seguir sua rota habitual. Em vez de reprimir sua sensação, como muitos de nós faríamos, ela seguiu seu instinto, e seguiu seu instinto outra vez quando ele a fez entrar em um prédio em especial do *campus* e subir um lance de escada. Lá ela encontrou um quadro de avisos coberto por várias camadas de informações, propagandas e anúncios. Impelida por uma sensação obscura, ela começou a levantar os anúncios pregados neste quadro que ela nunca tinha visto antes, continuou olhando até encontrar um pequeno anúncio de um trabalho no seu campo de especialidade em um hospital localizado a seis horas ao norte, na cidade de Santa Cruz. Ela ligou para o departamento de neurocirurgia do hospital no mesmo dia, se inscreveu para o trabalho no dia seguinte, foi entrevistada na semana seguinte e conseguiu o trabalho.

Uma outra história de D'Aguanno mostra como as melhoras sincronísticas em nossas vidas materiais podem chegar até nós através das nossas amizades. O melhor amigo de Tony era um terapeuta que, em vista de seu comprometimento com a saúde mental da comunidade, estava envolvido em uma série de trabalhos de certa forma satisfatórios, porém quase sempre mal pagos. Enquanto a satisfação não-material de fazer o bem era mais ou menos equilibrada com o estresse de nunca ter dinheiro suficiente, Tony se via, cada vez com mais frequência, queixando-se com os amigos sobre as dificuldades de sua situação financeira.

Quando se aproximava o aniversário de seu amigo, Tony criativamente pensou que o que gostaria de dar ao seu amigo era um trabalho que pagasse melhor, mas como isso estava fora de questão, decidiu escolher uma nota de sua grande coleção de moedas e notas raras, mandar emoldurar e dar ao seu amigo como um amuleto de boa sorte. A nota que ele escolheu era de Weimar, Alemanha, daquele famoso período de inflação selvagem quando o dinheiro era impresso ao acaso em cada cidade individualmente e cujos valores cada vez mais astronômicos. No entanto, o simbolismo de dar essa nota de valor inacreditavelmente alto ao seu amigo extremamente mal pago, disse Tony, estava menos presente em sua mente do que a linda cena representada na nota que, depois de montada, parecia uma pintura em miniatura.

O amigo de Tony recebeu a nota, entregue com a história de que simbolizava o presente que Tony realmente gostaria de dar: um trabalho que pagasse melhor. Imediatamente após, de fontes totalmente inesperadas, seu amigo recebeu duas ofertas de trabalho em meio expediente, que aumentaram em quatro vezes sua receita, permitindo a ele que se demitisse do trabalho anterior.

Como Tony teve um número razoável de experiências sincronísticas em sua vida, ele viu essa coincidência como uma vitória, feliz que sua boa intenção em relação ao seu amigo tivesse se realizado, mesmo que ele não tenha tido nada a ver com o ocorrido. Mais tarde, em seguida ao golpe de sorte de seu amigo, no entanto, a situação do trabalho de Tony começou a ficar desagradável, e achando que talvez ele estivesse mais necessitado da “nota da sorte” do que seu amigo, que agora estava ganhando bastante dinheiro, Tony pediu e conseguiu a nota emoldurada de volta, “emprestada”, como disse ele.

A semana seguinte, incrivelmente, chegou cheia de boa sorte. O patrão de Tony anunciou, sem qualquer aviso, que daria um aumento a Tony. Enquanto estava parado à toa em uma esquina, encontrou a mulher que viria a ser sua sócia em um empreendimento que ambos ainda tocam, e que trouxe aos dois satisfação profissional e material; e como última cartada da sorte, ele recebeu um recado no trabalho perguntando se estava disposto a dar um curso na escola local de educação para adultos. Embora muitas pessoas estivessem inscritas para lecionar nesse curso, o administrador do programa ofereceu-o a Tony baseado na recomendação de um amigo, mesmo sem Tony ter se inscrito para o trabalho. Sete anos se passaram e ele continua dando aulas nesse mesmo curso.

De todos os objetos que encontramos no dia-a-dia, não existe nenhum mais simbólico que o dinheiro. Que nada mais é que polpa de madeira e tinta, feito da mesma substância que lenços de papel ou papel de bala, o dinheiro tem mais poder, influencia mais vidas, inspira mais ansiedade, prazer, dor, alegria e ambivalência do que qualquer coisa. A história da “nota mágica” de Tony, em minha opinião, é uma boa ilustração do simbolismo que o dinheiro carrega, como um colecionador. O interesse de Tony era no aspecto literal do dinheiro — dinheiro como arte, arte colecionável, dinheiro como um objeto — e não realmente em seu aspecto mais simbólico — dinheiro como poder, dinheiro como escolha, dinheiro como liberdade, dinheiro como *status*. Na verdade, não era esse o problema de seu amigo, que havia ignorado o aspecto não-material e simbólico do dinheiro em favor de outros valores — ajudar às pessoas e auto sacrifício —, e em consequência se viu literalmente sem dinheiro suficiente? Como um objeto bonito em si, e portanto algo para ser apreciado, a nota tem também um forte valor simbólico, tanto como um presente substituto para o presente que Tony realmente queria dar, quanto ao mesmo tempo de um artefato de uma época e lugar onde o dinheiro estava sendo desvalorizado de uma forma extraordinária, refletindo simbolicamente a desvalorização de seu amigo em sua própria vida material. Todos os símbolos podem ter múltiplos significados, e a sincronicidade dessa nota de Weimar não é exceção. O que sua posse tinha significado para ambos, Tony e seu amigo — apareceram sincronisticamente

com ela oportunidades que eram tanto materialmente compensadoras quanto emocionalmente satisfatórias —, é, portanto, o centro desse posto-chave na trama de suas vidas.

Uma perspectiva casual dessas coincidências atribuiria poderes mágicos à nota, como vemos nos contos de fadas ou nas histórias contadas em volta da fogueira nos acampamentos: as histórias dos talismãs da sorte, amuletos ou outros objetos que as pessoas, modernas e pré-modernas também, investem de algum tipo de poder objetivo de afetar os acontecimentos em nossas vidas. Possuí-los “traz” para nós boa sorte e perdê-los “traz” má sorte.

A resposta racional/científica para essas crenças mágicas, no entanto, também perde o alvo, em minha opinião, quando nega o poder objetivo desses objetos sem considerar o poder *subjetivo* que carregam, o efeito *simbólico* que provocam na autocompreensão das pessoas. Tony não era crédulo nas propriedades ocultas da nota, mas tampouco diminuiu seu significado da maior importância como símbolo de um momento de virada em ambas as vidas, sua e de seu amigo — o que tornou os acontecimentos coincidentes, em torno da nota, sincronísticos em vez de mágicos.

A palavra “acidente” é usada de duas formas diferentes na linguagem comum. Se você está sentado em casa lendo o jornal e sua esposa entra anunciando: “Meu bem, hoje tive um acidente”, é quase certo que você vai correr para a janela para olhar o carro. Esse significado da palavra acidente, um contratempo físico, é provavelmente a reação mais frequente que encontramos — tive um acidente com minha bicicleta, quebrei meu braço quando caí acidentalmente de uma árvore, minha sobrinha acidentalmente molhou as calças. Porém, até agora neste livro, temos usado o termo “acidente” em seu sentido mais abstrato: um acontecimento que parece do acaso, não planejado, ou não-provocado por interferência pessoal específica. No entanto, às vezes a natureza de um acontecimento sincronístico traz em si os dois sentidos da palavra, quando os contratempos literalmente físicos, acidentes na linguagem corriqueira, provocam acidentalmente mudanças importantes, por puro acaso. Os acidentes na história de Stephen, de como seu emprego procurou por ele, em vez de ser ao contrário, são tanto literais quanto figurativos.

“Em minha adolescência, minha ambição era ser cineasta. Depois do colegial, entrei para a escola de cinema e consegui meu primeiro diploma. Armado de minha pele de carneiro e muita confiança juvenil, me preparei para ser um grande cineasta. Inscrevi-me em todos os lugares. Ninguém estava contratando cineastas; um ano depois, eu estava fazendo fotos de bebês por setenta centavos a cópia. Num dia de fevereiro, meu carro pegou fogo e explodiu, quase me matando.



“Como eu precisava de carro para ser fotógrafo de bebês, decidi vender minha Bolex [um tipo de câmera de filmar]. Eu já havia abandonado a ideia de algum dia conseguir emprego na indústria do cinema. Qualquer estação de TV ou produtora só contratava aqueles com experiência, e eu não tinha nenhuma: o velho dilema. Admitindo o fracasso, condenado a ser fotógrafo de bebês para sempre, coloquei um anúncio no jornal para vender minha filmadora.

“Mais ou menos às nove e trinta da manhã, um rapaz de uma grande rede de TV ligou em resposta ao anúncio. Ele era *cameraman* e estava procurando uma câmera extra para deixar na mala de seu carro como reserva, e me perguntou se poderia passar depois do jantar para ver a Bolex que eu tinha para vender. Eu disse que sim, é claro.

“Naquela tarde um de seus *cameramen* levou um tiro [mas não morreu]. Quando o rapaz da TV chegou naquela noite, ele me perguntou: ‘Você filma notícias?’ Falei: ‘Sim, claro.’ Ele disse que precisavam de alguém para fazer uma substituição durante um mês ou dois e perguntou se eu poderia começar imediatamente. Ansiosamente disse que sim, e no dia seguinte comecei a filmar notícias. Embora fosse somente temporário enquanto seu colega se recuperava do tiro, eu consegui ganhar experiência bastante para ser contratado por outra estação de TV alguns meses depois, e jamais tirei outra foto de bebê.

“Apesar da vontade e da intenção, foi uma série de acontecimentos negativos e indesejáveis que tornou possível aquilo que não podia ser obtido de outra forma: sem trabalho; o carro explode; a venda da câmera; o rapaz da TV leva um tiro; eu consigo trabalho.

“Se o carro tivesse explodido em outro dia, nada.

“Se o rapaz da TV não tivesse levado um tiro, nada.

“Se eu não tivesse posto o anúncio no jornal, nada.

“A vida se desenrola, apesar da vontade.”

Essa série de acontecimentos sincronísticos, nos quais os acidentes são literais e conduzem a uma chance profissional para Stephen, mostra claramente, eu acho, como o significado de um acidente não está fora de nós, porém nos acontecimentos em si, que são acima de tudo acidentes, eventos do acaso. O significado tem a ver com a maneira como montamos, como Stephen na sucinta sinopse do final, a história do que nos aconteceu nesses acidentes, o que eles significaram e de como mudaram nossas vidas.

Em nossas histórias, esses acidentes ganham significado — ou não. Acidentes acontecem todos os dias. Confundimos o horário de um compromisso como Elise, ou somos designados para trabalhar com machistas, orientadores

acadêmicos pouco cooperativos como Gail, ou nosso carro explode e um colega tem suficiente falta de sorte para levar um tiro, como no caso de Stephen. Não se trata do acontecimento em si, mas o seu lugar na narrativa de nossas vidas que determina se um acidente é ou não sincronístico.

O que é interessante, no entanto, em tantas dessas histórias sobre coincidências significativas que acontecem na vida de trabalho das pessoas é a aceitação do fracasso que parece quase que necessário antes que sejam capazes de seguir em frente, uma aceitação forçada sobre eles através de um aparente infortúnio. Ter que sacrificar sua Bolex depois da explosão de seu carro levou-o ao homem que finalmente conseguiu um trabalho para ele. A mancada de Elise levou-a a ter que admitir seu próprio erro de sua visão tão estreita e voltada para um só tipo de carreira musical. A má sorte de Gail, uma vez aceita, ajudou-a a ampliar sua visão e encontrar a profissão com a qual continua muito satisfeita. A expressão “acidentalmente de propósito” vem à mente quando se pensa em acidentes desse tipo, pois ao longo da vida profissional dessas pessoas os acidentes que sofreram e o sacrifício de atitudes anteriores que esses contratempos impuseram sobre elas eram na verdade o eixo em torno do qual gira a trama de sua vida profissional.

### Vindas do Nada: Histórias de Ajuda Sincronística no Trabalho

Acontecimentos sincronísticos, como os das histórias anteriores, podem com certeza sobrepujar nossa cabeça-dura tipicamente humana a respeito do tipo de carreira que devemos seguir ou do tipo de trabalho que devemos ter. Porém, as coincidências, percebi, podem também representar um papel importante nos ajudando a conseguir e obter muito prazer em fazer os trabalhos ou seguir nas profissões em que estamos no momento. Algumas vezes essas coincidências são confirmadoras, algumas vezes desafiadoras, algumas vezes somente acidentais, daquela forma propositada que só entendemos mais tarde.

Quando meu amigo Mark decidiu deixar seu trabalho como assistente social de um grande hospital em Nova York e atravessar o país, era uma decisão repleta de todo tipo de incertezas. Mesmo se sentindo atraído pelos serviços humanos, uma série de decisões administrativas decepcionantes por parte do hospital o levaram a ver com toda clareza que haveria poucas chances de qualquer tipo de avanço profissional para ele num futuro próximo. Tinha acabado de terminar um relacionamento, e uma visita à sua irmã na Costa Oeste deixou-o esperançoso o suficiente para desistir de tudo em Nova York e mudar para San Francisco. Porém, o estresse e a incerteza dessa mudança, mesmo depois de ter encontrado trabalho numa agência de serviços sociais perto de seu novo apartamento,

continuavam.

Isto é, até que ele começou a falar com um colega, John, de um dos outros programas da agência, da mesma forma que as três Debbies do Capítulo 2, e descobriu uma lista de coisas estranhas que tinha em comum com seu novo colega. Ele e John tinham se inscrito para o mesmo trabalho na agência, o qual nenhum dos dois conseguiu, mas foram subsequentemente contratados para trabalhos diferentes e seus escritórios eram próximos um do outro. Moravam em calçadas opostas da mesma rua em San Francisco, descobriram que ambos haviam morado em Nova York na mesma época e que o apartamento em que Mark morara era do outro lado da rua do escritório de John. Durante um período difícil de sua vida, John confessou que havia procurado ajuda na mesma clínica em que Mark estivera trabalhando antes de se mudar para a Califórnia, e voltando ainda mais atrás, ambos cresceram em cidades vizinhas no coração de Iowa e frequentaram dois colégios secundários, dentre os vários existentes no centro de Iowa, que eram arquirrivals em atletismo.

Esta série de coincidências, no meio de dúvidas e ansiedades sobre se tinha ou não feito a coisa certa mudando para a Califórnia, pareceu significativa para Mark, como se o fato dele ter ganhado um colega no trabalho, com quem partilhava tantas coisas em comum, fosse um sinal de que talvez, na verdade, ele estivesse certo em ter se mudado. Em John, Mark tinha encontrado alguém que sabia “onde ele tinha estado”, em ambos os sentidos da frase, literal e figurativo. Dizendo de uma forma mais simples, encontrar John ajudou Mark a se sentir fazendo parte da agência em que trabalhava.

De uma forma diferente, a sincronicidade representou um papel importante no que uma conhecida minha chamada Patty me contou, o que seria um grande erro de cálculo de sua parte quando aceitou o trabalho de gerenciar um recém-criado departamento dentro da sua empresa de *software*. Querida e diligente, há muito buscava aumentar suas responsabilidades e conseguir um cargo de gerência. Então, quando conseguiu a aprovação para começar a desenvolver um pequeno projeto com um outro homem da empresa com quem ela já havia trabalhado anteriormente e se dava bem, ela se sentiu estimulada.

No entanto, contando a história, Patty não via com clareza como a novidade de ser gerente e sua insegurança poderiam representar um papel que afetasse sua mente. Ela tomou as rédeas com seu colega, agora seu subordinado, com um entusiasmo e uma confiança auto compensadora que até o final da primeira semana já tinham gerado um bom número de ressentimentos entre os dois. Sem consultar ninguém, ela decidira modificar várias coisas sobre o projeto, a organização do trabalho e a direção de seu novo departamento, apoiada em sua atitude autoritária por experiência própria com seus patrões e por seu sentido

exacerbado de ser totalmente responsável. O resultado de sua arrogância ficou rapidamente claro quando, na segunda-feira seguinte, o homem que ela estava supervisionando delicadamente perguntou-lhe se gostaria de almoçar num restaurante chinês na vizinhança e lá, durante o almoço, disse a ela, sem economizar palavras, como se sentia sobre a forma pela qual ela o estava tratando, dizendo-lhe abertamente que não estaria mais interessado em trabalhar com ela se não encontrasse uma forma mais cooperativa de trabalhar.

Em outra situação e com outra pessoa, ela poderia facilmente colocar a reação dele como problemas em trabalhar sob as ordens de uma mulher, mas o fato é que Patty sabia por dentro que ela nunca tinha estado por cima, e havia deixado suas próprias inseguranças e a alegria de se tornar gerente lhe subirem à cabeça. Ela tentou se desculpar com seu colega, que estava muito mais interessado em trabalharão» ela e não somente *sob* suas ordens ou *para* ela desenvolvendo o novo projeto, mas o estrago estava feito, e ela sentiu que iria precisar de mais do que um simples pedido de desculpas para reparar a ofensa. O que dizia em seu biscoito da sorte naquele dia? “O grande líder comanda pela força do coração e não da mão.”

Contando-me a história, Patty me mostrou o pedaço de papel no qual, disse ela, lhe foram dadas “as palavras de como levar a vida”. Um incidente aparentemente menor para Patty se transformou em uma nova postura. Ela colou a sorte em sua mesa, onde continua, lembrando-a de que ser uma figura de autoridade vai além do mero exercício do poder. Ela foi capaz de consertar o relacionamento com seu colega, e diz que a sabedoria do biscoito da sorte a manteve firme ao longo de sua carreira.

Nas profissões artísticas, ao contrário dos serviços profissionais ou do mundo do comércio, a avaliação de seu desempenho no trabalho é uma questão subjetiva. A competência em gerenciar o desenvolvimento de produtos de *software* ou em administrar os serviços sociais de um hospital pode normalmente ser julgada dentro de padrões objetivos. Se o principal no seu trabalho é criar algo belo, no entanto só se pode contar com seu próprio instinto e experiência. Portanto, o fato de as experiências sincrônicas — eventos do acaso, subjetivamente significativos — serem frequentemente parte integral do processo criativo não deveria ser encarado como um choque.

Quando Matthew me contou sua história, fez um prefácio em sua narrativa com uma observação sobre o que ele diz ser uma antiga tradição no treinamento vocal, professores tiranos que estão convencidos de que seu método é o método e não toleram oposição da parte de seus alunos. Durante o início de sua carreira, portanto, Matthew se viu numa situação nada incomum em seu campo — em um conflito de longa escala com seu treinador vocal sobre que material usar numa

audição marcada. Seu treinador insistia que Matthew deveria cantar uma ária em particular na audição, e intimidado pela fama e forte personalidade de seu treinador, Matthew se escravizou nessa difícil peça musical até conseguir cantá-la com perfeição. Para crédito de seu treinador, Matthew podia ver que essa ária de fato mostraria o melhor de sua voz no menor tempo, mas como a peça era de certa maneira nova para ele e ainda não tinha realmente sido “trabalhada para sua voz”, como dizem os cantores, ele se sentia indeciso quanto a usá-la. Relativamente novato na música profissional, Matthew, que na época tinha participado de poucas audições, pensou, apesar da sua confusão de sentimentos, que talvez seu professor soubesse o que era melhor.

Um dia, revirando o problema em sua cabeça, Matthew se pegou cantando uma antiga canção italiana, um dos baluartes da pedagogia vocal que todos os cantores treinam mas que é vista como uma “peça de estudo” em vez de uma música em si. Saiu de casa com a fantasia rebelde de usar essa pequena cançoneta como a peça para a audição, e ainda cantarolando a canção, entrou em seu carro e ouviu ninguém mais que Pavarotti derramando sua própria versão da mesma canção que Matthew vinha cantando. As probabilidades de existir uma gravação tão diferente, ainda mais sendo tocada em uma estação de música clássica que não era conhecida por tocar esse tipo de música, e ainda por cima Matthew sintonizando o rádio no mesmo instante em que ela estava girando em sua cabeça, parecia uma coincidência bastante significativa para prender sua atenção. A versão de Pavarotti dessa canção, floreada com bom gosto e cantada com simplicidade, fez Matthew decidir que seguiria sua própria intuição e usaria a canção em sua audição, sem comunicar a troca ao seu professor.

Entendendo a aparição da música por acaso como um encorajamento para confiar em seus próprios instintos, Matthew ficou surpreso ao perceber que os fatos corroboravam sua interpretação sincronística da coincidência, pois na audição o cantor anterior havia cantado a peça que seu professor queria que ele usasse com uma voz tão perfeita que Matthew só poderia sofrer com a comparação. Além do mais, Matthew descobriu mais tarde, quando foi contratado para fazer um pequeno, porém importante, papel no espetáculo, que o diretor musical tinha uma grande paixão pela antiga cançoneta italiana. A ousada decisão de Matthew, ele soube mais tarde, foi fonte de grande prazer para o diretor, que admirou Matthew incondicionalmente e serviu para garantir sua participação no espetáculo.

O que essa experiência sincronística ensinou a Matthew? Por toda ajuda e aconselhamento que recebeu de seu eminente professor, a maioria dos quais muito valiosos, a vivência subjetiva de Matthew do seu talento — o que parecia certo para ele, que material significava mais para ele — foi muito mais

importante do que as considerações objetivas. Na verdade a escolha de seu professor de uma peça para uma audição estava “correta” para seu tipo de voz, e foi exatamente por isso que o cantor antes dele na audição cantou-a. Porém, não era uma peça com a qual Matthew se sentisse bem, relaxado e confortável naquela época. Na história de sua carreira de cantor, Matthew usa essa sincronicidade como um exemplo de como, depois que você domina a técnica, a habilidade objetiva em sua arte, você precisa então ouvir a si mesmo e aos seus sentimentos: se você não fizer isso, diz ele, a vida pode gentilmente lembrá-lo. O encorajamento sincronístico que Matthew recebeu para usar uma canção simples para sua audição é um exemplo dentre muitos que eu ouvi de como os recursos que alguém necessita para completar um trabalho aparecem surgidos do nada. Essas histórias da vida real de nos ser dado o que é mais útil em nosso trabalho podem ter o mesmo charme e impacto dramático que os contos de fadas de Rumpelstiltskin. Aparecendo para ajudar a infeliz princesa prisioneira a transformar um saco de lã em meadas de ouro, Rumpelstiltskin aparece do nada e encaminha a história para um final feliz. Porém, isso é um conto de fadas, certo?

Não para Danielle, que era a líder de um pequeno departamento em uma organização sem fins lucrativos que ela e dois amigos fundaram, que se dedicava a fornecer ajuda material para os desabrigados em uma cidade de porte médio do Sul. Sua vocação não era das mais fáceis, pois a atitude geral em relação aos que vivem nas ruas vai de um nojo educado e indiferença até a total hostilidade. Através de trabalho duro, conexões sociais e criatividade organizacional, Danielle e seus parceiros conseguiram em poucos anos construir uma agência com suficiente credibilidade e eficiência para solicitar e conseguir subvenção de vários governos e fundações privadas.

O problema é que, como na maioria dos casos, o sucesso é mais difícil de manejar que o fracasso. As subvenções começaram a chegar em quantidades tão numerosas que estava ficando difícil controlar, e seu conselheiro financeiro temporário não estava muito a fim da tarefa, e não escondia isso. Danielle e seus dois parceiros esquentaram a cabeça na reunião administrativa semanal da equipe, tentando imaginar onde encontrar um gerente financeiro com conhecimento suficiente de organizações sem fins lucrativos para fazer bem o trabalho pelo modesto salário que eles dispunham para o cargo. A situação parecia bastante sem esperança.

Nesse momento o telefone toca na pequena sala de reuniões onde eles estavam conversando, embora a recepcionista soubesse que eles não atendiam chamadas durante reuniões. Ligeiramente aborrecida pela interrupção, Danielle pegou o telefone e, para sua surpresa, acabou falando com uma senhora mais

velha que tinha sido gerente financeira das indústrias da Boa Vontade, que estava aposentada e enviuvava recentemente. A senhora queria saber se eles estavam precisando de alguém com suas habilidades. Sem acreditar muito em sincronicidades, Danielle sentiu seu ceticismo um pouco abalado quando conheceu a voluntária fortuita e descobriu que essa senhora era exatamente o tipo de pessoa que eles precisavam. Ela combinou um período de seis meses de experiência durante os quais tentaria conseguir fundos para que o cargo se tornasse efetivo, o que acabou acontecendo.

Na história de Danielle, como na de Matthew, o que era necessário foi dado no momento em que era mais útil, o que me leva a pensar que talvez os contos de fadas como Rumpelstiltskin continuam a nos encantar não porque nos trazem uma fantasia reconfortante de como a vida poderia ser, mas porque descrevem as histórias de algumas de nossas vidas como elas realmente são. Muitos de nós, de uma forma ou outra, pequena ou grande, já tivemos a experiência Rumpelstiltskin, por assim dizer. Se reconhecemos a realidade da sincronicidade, essas coisas saem do nada e chamam nossa atenção para a história que estamos vivendo, então a famosa distinção entre verdade e ficção parece embaçada ou até mesmo inexistente. Dada a qualidade dramática de acontecimentos sincronísticos, como os de Danielle e Matthew, pode muito bem ser que nossa ficção imite nossa vida, e não vice-versa.

### Indo, Indo, Foi: Sincronicidade e Deixando um Trabalho

Conseguir um trabalho pode ser um acontecimento sincronístico. Conseguir ajuda para realizar esse trabalho pode também vir através de uma coincidência significativa. Da mesma maneira, as histórias de como trabalhos acabaram centrados em coincidências que ou confirmaram transições das quais as pessoas não estavam seguras, ou em alguns casos até forçaram os indivíduos para as transições fora do trabalho que estavam realizando.

Minha experiência pessoal de sair de três empregos diferentes imediatamente antes de grandes reorganizações em várias empresas continua sendo, na história de minha vida, um padrão sincronístico significativo não simplesmente pela experiência incomum e repetida de sair justamente na hora certa, mas por causa de quem eu sou. Com a tendência em ser leal até o fim, eu assumo um compromisso e me mantenho nele, algumas vezes muito além do que é bom para mim ou para as pessoas em volta. Teriam três experiências sincronísticas do mesmo tipo me ensinado algum tipo de lição?

Eu estava muito feliz em meu primeiro emprego, como processador de dados numa firma de consultoria durante meio expediente enquanto estava na

faculdade, graças à flexibilidade do horário, o estupendo salário para aquele momento da minha vida e os bons amigos que eu tinha feito em meu departamento. Eu estava em um lugar no qual imaginava que seria capaz de continuar a ganhar um bom dinheiro quando passasse para o horário integral depois da formatura, enquanto eu ampliava minhas horas de estágio a caminho da licenciatura como terapeuta. Deram-me toda garantia de que esse plano seria possível, tanto o chefe do departamento de processamento de dados quanto o chefe geral da equipe editorial. As avaliações meu desempenho eram constantemente excelentes, pois eu era mais do que super qualificado para o trabalho, e quando acabei de escrever minha tese, segui adiante com os planos de passar para o horário integral no verão.

Então, um dia, fui chamado ao escritório do editor-chefe e fui informado abruptamente de que não havia como eu trabalhar quarenta horas por semana num futuro próximo. Outros funcionários haviam pedido aumento de horas, e seus pedidos tiveram preferência sobre o meu. Eu estava zangado e desapontado, é claro, principalmente porque tinha imaginado que meu emprego na firma seria de longo prazo, uma fantasia sobre esse cargo que dizia mais a meu respeito e sobre minha tendência em assumir compromissos a longo prazo do que, obviamente, a realidade da firma e suas necessidades. Deveria eu ficar surpreso deles terem dado preferência aos outros empregados e não a mim, que afinal nunca havia feito segredo dos meus objetivos reais de carreira? Olhando para trás, talvez não, mas mesmo assim eu fiquei. Cansado de não ter dinheiro suficiente, cansado de ser um estudante trabalhando meio expediente, relutantemente informei meu patrão que estaria saindo no final do semestre. Teve a festa de praxe na qual me despedi de todos os amigos que fizera, embora a tristeza estivesse um pouco diluída pelo fato de naquele momento eu já ter conseguido um trabalho de horário integral em outra firma.

Dois meses mais tarde recebi um telefonema de um antigo colega que me contou que uma auditoria havia descoberto todo tipo de irregularidade nos livros da firma. Pessoas estavam sendo dispensadas a torto e a direito, e eu escapei por um triz de participar dessa situação horrorosa. Inclusive, alguns dos processadores de dados estavam sendo intimados pelo Departamento de Justiça para depor sobre possíveis atividades ilegais no local! Eu não sei se haveria qualquer pessoa que não tivesse uma sensação de alívio com essas notícias, escapando por um triz de participar do que certamente deve ter sido uma confusão no trabalho, portanto, eu me considerei sortudo. Porém, a sorte desse incidente só passou a significar algo depois que a mesma situação aconteceu novamente.

Meu novo trabalho, o segundo emprego, era para uma pequena firma de



investimentos financeiros, em horário integral durante o dia, com salário mais alto e melhores benefícios, que complementava meu trabalho noturno e de finais de semana como terapeuta interno. Passei seis anos trabalhando com eles. Havia uma ligação familiar entre os funcionários, e na época em que consegui minha licença e comecei a exercer a psicoterapia, me vi outra vez relutado em deixar o emprego. Na verdade, muitos de meus amigos não acreditavam que eu, um terapeuta licenciado, continuava trabalhando como processador de dados; de novo, meus sentimentos de ligação e lealdade com as pessoas com quem trabalhava tornavam difícil minha saída. Durante um tempo, eu reduzi meu compromisso aos poucos, protelando as despedidas, arranjando para reduzir minhas horas pela metade, o que me dava tempo para aumentar minha prática mas não me forçava a romper todas as ligações.

Então, depois de ouvir de um amigo que uma importante clínica para doenças mentais na cidade estava procurando um administrador para um de seus programas, eu me inscrevi para o cargo, sem contar aos meus patrões. Para minha surpresa, apesar da minha limitada experiência administrativa em entidades não lucrativas, consegui o emprego. Minha saída da firma foi tão triste quanto eu imaginara. Ainda assim eu estava ansioso para trabalhar no campo para o qual era treinado, em vez de continuar trabalhando em escritório.

Seis meses mais tarde, a crise atingiu a firma também. Ampliada pelos investimentos imobiliários e de crédito durante o *boom* dos anos oitenta, a empresa teve que fazer uma redução radical para se salvar financeiramente na economia mais austera dos anos noventa. A resignação de dois sócios-fundadores, apesar de todo tipo de acusações e processos legais, cobrou seu preço e forçou-os a economizar, a empresa toda mudou para um inconveniente subúrbio mais barato. Outra vez, lá estava aquela sensação de ter sorte, mas dessa vez começava a parecer que minha boa sorte era simplesmente isso — pura sorte —, pois eu havia retardado minha saída da firma o maior tempo possível.

A coincidência de deixar dois locais de trabalho justamente a tempo de escapar de uma crise foi aos poucos me fazendo reavaliar o apego emocional que eu sentia pelos lugares onde trabalhei. Retrospectivamente, foi uma boa coisa sair, mas na época minhas saídas eram difíceis e só aconteceram porque eu sentia que não tinha escolha. Todos os meus sentimentos indicavam a direção oposta, me obrigando a ficar quieto. Na terceira vez que isso aconteceu, ficou claro para mim quão potencialmente problemática minha tendência em adiar os finais poderia ser.

Passados outros seis anos dirigindo o que começara com um pequeno programa de prevenção à AIDS e que, através dos meus esforços e daqueles

colegas com as mesmas ideias, se expandiu ao longo dos anos em fundos, serviços e treinamento, eu não era tão sentimentalmente apegado a essa organização quanto era aos meus antigos empregos, mesmo assim, era um sentimento de lealdade e comprometimento que me manteve lá um ano a mais do que eu deveria. Eu me dizia várias coisas — que o trabalho era importante, que havia mais coisas a fazer e aprender —, mas a verdade é que meu tempo na organização tinha acabado. Nessa época, os problemas de organização que vieram à tona depois que eu saí já estavam no ar. Na verdade, muito do último ano foi gasto em discussões relativas à fusão com uma outra organização da comunidade. Assim, com o fim de alguns projetos, naturalmente me senti frente ao desfecho, pedi demissão, me diverti em meu jantar de despedida e saí. Dessa vez, porém, não levou meses para a crise bater. Na semana seguinte, soube que o diretor da organização se demitira, o novo diretor indicado da organização associada tinha tirado licença para tratamento médico e nunca voltou, e o lugar mergulhou num absoluto caos organizacional.

Portanto, três vezes eu evitei por um triz de participar de feias disputas de organização, e me sinto grato pela minha boa sorte. Porém, o elemento sincronístico dessa série de eventos, que para outras pessoas seja talvez somente o *timing* certo, está na maneira como essas três experiências constituem a história da minha vida no trabalho, especificamente como essas coincidências me fizeram ver como às vezes é importante deixar um trabalho. Essa é uma lição que eu não poderia ter aprendido de outra forma, sendo quem sou, dedicado e comprometido, com uma tendência ao apego e um gosto pela estabilidade. Nas coincidências de escapar de uma crise três vezes em seguida, percebi a história de um homem que precisa ficar aberto ao significado inerente a terminar alguma coisa no tempo certo e pelo motivo certo, não importa quão triste seja o processo, ou quão importante o trabalho e os relacionamentos tenham sido. Essas sincronicidades não me revelaram a estrutura da realidade, porém o que eu sou mais completamente, para mim mesmo e para aqueles que ouvirem a história.

Em outra história mais dramática de um sinal sincronístico para deixar um emprego, uma amiga chamada Vai lembra uma época que como mãe solteira se sentiu presa em seu emprego, escravizada por um patrão tirano a uma distância considerável de sua casa porque precisava desesperadamente do dinheiro e tinha pouca experiência para o mercado. Dia após dia ela se arrastava para o escritório, fazia o que mandavam, pegava seu cheque e ficava de boca fechada. No entanto, aborrecimento, depois raiva, então fúria lentamente começaram a crescer dentro dela, tornando mais e mais difícil arrastar seu corpo até a estação do metrô, depois ouvir ordens de seu desagradável patrão. E claro que a ideia de

largar tudo passava por sua cabeça mil vezes por dia, mas, dadas as circunstâncias, sua falta de experiência, suas necessidades financeiras e sua própria desesperança, era uma ideia que ela não achava prática ou mesmo possível.

Então um dia, em pé na plataforma do metrô, com seu habitual medo do dia que vinha pela frente, Vai sentiu uma intensa confusão de sentimentos — raiva de sua situação e um desejo profundo de ter pelo menos um dia de folga, um dia sem que tivesse que enfrentar aquilo tudo. “Porém teria que ser algo catastrófico para meu patrão me deixar fazer uma coisa dessas”, me disse ela. “Ele não era do tipo de pessoa para quem telefonar se dizendo doente signifique muito, ele só tornaria sua vida mais difícil quando você voltasse, e não valia a pena. Não, para sair de lá seria preciso algo realmente fora do comum.”

Nesse instante, Vai escutou uma enorme explosão, e muito longe nos trilhos ela viu chamas gigantescas jogando para cima uma nuvem de fumaça negra. O rumor logo se espalhou pela plataforma. O motor do trem que ela estava prestes a embarcar, o trem que ela pegava todos os dias para o trabalho, tinha simplesmente explodido. Hipnotizada pela cena, Vai ficou apavorada enquanto os serviços de emergência corriam pela plataforma, caminhões de incêndio, helicópteros chegavam para socorrer um desastre extraordinário e jamais visto. Para Vai, no entanto, a explosão era um símbolo que dizia para ela: saia do emprego ou exploda. Ela deixou o emprego logo em seguida e não olhou para trás. Ela está agora empregada em uma área onde está muito mais feliz. Os aspectos simbólicos de um acontecimento sincronístico nem sempre nos atingem na cabeça de forma tão violenta, mas no caso de Vai, ela ficou contente de que a mensagem fosse inconfundível.

O Mito do Sucesso e do Fracasso: Quando uma Porta se Fecha, Abre-se uma Janela

Se o momento certo que envolve deixar um emprego voluntariamente pode estar cercado de fenômenos sincronísticos, como no meu caso, entendido posteriormente, ou no caso de Vai, apontado por um símbolo poderoso, então deixar um emprego involuntariamente — em outras palavras, ser demitido — pode muito bem ser um daqueles tipos de acontecimentos sincronísticos cujo significado só pode ser percebido posteriormente. Mais do que qualquer outro, esse aspecto da sincronicidade, quando a aparente má sorte passa a ser significativa, nos torna conscientes do quanto a nossa vida é como uma história. Mal sabia Bob Crachitt, do conto *Uma canção de Natal*, de Dickens, que tipo de transformação estava reservada para o seu relacionamento com seu patrão

Ebenezer Scrooge naquela triste noite de Natal em que quase foi despedido. No entanto, quando entendemos nossas vidas como histórias, através do significado que os acontecimentos do acaso podem nos reservar, somos obrigados a reconsiderar toda questão do que consiste “sucesso” e “fracasso”. As definições convencionais desses termos ficam um pouco confusas quando começamos a perceber que não existem acidentes.

No início da minha carreira de terapeuta, por exemplo, aprendi essa lição quando repetidamente tinha um cliente me “despedindo”, por assim dizer, ou seja, interrompendo abruptamente o tratamento comigo, frequentemente demonstrando insatisfação com o rumo do tratamento ou com minhas habilidades, para receber logo em seguida um telefonema de alguém querendo iniciar um tratamento e só tendo um horário para vir me encontrar: justamente a hora recém-aberta pelo cliente que saía. A frequência com que esse tipo de coincidência me aconteceu ao longo da minha prática é tão grande que, confesso, é difícil não começar a pensar causalmente sobre essas coincidências, como se alguma força benéfica do universo estivesse olhando pessoalmente por mim e pelo horário do meu cliente, bem como reafirmando a certeza das minhas próprias habilidades profissionais. Porém, sem essa crença em um agente externo objetivo que está provocando essas coincidências (um assunto que discutiremos mais alongadamente no Capítulo 6), o plano que eu percebo nessas intrincadas manobras dos horários é a história subjetiva da minha vida como terapeuta, meu próprio senso de mudar de pensar egoisticamente e concretamente a respeito de sucesso e fracasso para reconhecer como o “sucesso” e o “fracasso” são relativos, não absolutos. Como em minha experiência em deixar os empregos, é o meu próprio crescimento que eu persigo quando a mesma situação ocorre várias vezes, e não uma força objetiva me ensinando uma lição para meu próprio bem.

Essa questão da relatividade do fracasso e do sucesso é premente, eu acho, pela mesma razão que o acaso sincronístico é premente, porque ambos têm a ver com o papel do nosso ego em nossas vidas. Não é difícil perceber o ego profissional inseguro dos novatos no trabalho pelas definições de “sucesso” e “fracasso” que eu costumava usar, a necessidade do meu ego em reafirmar que eu sabia o que estava fazendo, que eu era competente, instruído e mantinha o controle. Acontecimentos sincronísticos, coincidências significativas, desafiavam meu ego em sua visão limitada, porque, a longo prazo, coisas que inicialmente pareciam ruins acabaram tomando um significado totalmente diferente.

Dependendo de quanto as pessoas usam seu ego para organizar suas vidas, os acontecimentos sincronísticos podem ser transformadores ou, pelo contrário,

oportunidades perdidas de maior introspecção. Então, aqui também encontramos mais uma resposta para a pergunta “Como utilizo um acontecimento sincronístico?” que é: “Não ache que você já sabe todas as respostas, agora e para sempre. O revés de hoje pode ser bastante diferente quando toda a história se desenrola.”

Veja o exemplo do meu ex-patrão, Marco, que estava sonhando em comprar o que ele considerava uma joia de restaurante num subúrbio muito na moda em Nova Jersey com o sonho de ampliar seu negócio de restaurantes italianos. As negociações se prolongavam, por inúmeras razões, algumas das quais tinham a ver com o caráter bizarro do homem que estava vendendo o restaurante e outras eram desvios, atrasos inevitáveis do acaso. Ansioso para reformar, redecorar e todas as outras centenas de coisas necessárias para inaugurar um restaurante novo com sucesso, a frustração de Marco crescia na mesma proporção do tempo perdido em discussões aparentemente infundáveis. Uma questão ficava resolvida, outra aparecia; eles resolviam o próximo problema, e aparecia outra coisa.

A personalidade tipicamente italiana de Marco caía muito bem para um empresário. Ele era naturalmente uma pessoa extrovertida com muita energia, muito segura de seu próprio poder em fazer as coisas acontecerem e completamente satisfeito com seu ego, adaptado a situações de comando. Portanto, quando sua mulher sugeriu que ele reconsiderasse todo o negócio — em suas palavras, “este novo lugar é azarado” —, quase um ano de constantes dificuldades passou antes que ele começasse a pensar seriamente se ela não estaria certa. Então, finalmente, uma data final foi marcada para a venda, uma mudança nos acontecimentos que conseguiu enganá-lo facilmente. Marco estava fascinado, pois seu sonho, mesmo custando tanto tempo, energia e saúde mental, seria finalmente realizado.

Sua alegria durou até a semana seguinte, quando foi informado repentinamente que o dono anterior, depois de tudo, ia ficar com o restaurante, achando que, pela ansiedade de Marco em comprar, aquilo poderia ser uma mina de ouro. Marco conta que nesse ponto ele entrou num estado de fúria além das palavras. Um ano de batalhas acabando em nada, um excelente restaurante escapara entre seus dedos, e pior, para seu ego masculino, sua mulher estava certa.

A data para fechar o negócio chegou e passou, um dia que Marco passou rangendo os dentes, furioso sobre o que poderia ter sido. Então, um dia logo depois, ele recebeu um telefonema de seu corretor de imóveis. Parece que o dono do restaurante acabara de ser informado pelo Departamento Estadual de Proteção Ambiental que sua licença para possuir e operar um restaurante estava sendo revista. Eles tinham recebido denúncias de que o restaurante estava no

lugar onde havia funcionado uma tinturaria, e eles precisavam fechar o local por um período considerável, mais de um ano, para ter certeza de que o lixo tóxico tinha sido manipulado de forma correta, um processo que pode inclusive vir a demolir o próprio prédio. Só então Marco compreendeu o golpe de sorte que seu “fracasso” havia sido. Se ele tivesse tido “sucesso” na compra do restaurante, teria significado sua ruína financeira.

Como se pode imaginar, Marco não é uma pessoa do tipo super- psicológico, então quando lhe perguntei o que achava do significado desse acontecimento sincronístico, ele meramente riu, eu acho que para disfarçar a atitude humilde que teve que assumir, uma atitude que não foi fácil. “O jogo não acaba enquanto a gorda não parar de cantar”, disse ele, que é uma forma mais rebuscada de dizer que as coisas não são necessariamente o que parecem à primeira vista e que o significado daquilo que nos acontece pode ficar óbvio somente mais tarde.

Embora eu tivesse segurado minha língua enquanto falava com ele, não pude deixar de pensar comigo mesmo sobre o simbolismo desse acontecimento sincronístico, esperando que Marco seja capaz de enxergar e aprender com seus próprios sonhos, e de seu desejo furioso de construir um império com ele no topo, que pode estar escondendo lixo tóxico por baixo, literalmente com certeza, porém metafórica e emocionalmente também. Conhecendo seu passado, como segunda geração de ítalo-americanos, vindo de um ambiente difícil da classe trabalhadora, fico imaginando se os sentimentos remanescentes de inferioridade, raiva pela falta de apoio da família e a frustração de achar que nunca tem o suficiente não seriam o lixo tóxico em cima do qual estavam pousadas suas ambições.

O que transformou um fracasso aparente em um sopro de boa sorte foi, como sempre é numa história efetiva e satisfatória, o *timing*. Algo que “deveria” ter demorado menos tempo foi extraordinariamente atrasado, porém levando ao desfecho afortunado. Como nas histórias de amor e romance do Capítulo 2, essas histórias relativas ao trabalho demonstram que quando as coisas não saem de acordo com nossos planos ou horários, os resultados podem ser afortunados em vez de desastrosos — um ponto a ser lembrado quando estivermos de frente com uma situação, um problema ou uma oportunidade que pareça estar indo mal.

A frase que Jung normalmente usava para descrever o efeito desse tipo de acontecimento sincronístico em nós é que eles servem para “tornar nosso ego relativo”, isto é, eles acalmam os nossos próprios desejos que dominam tudo, e nos levam a ver as coisas sob uma perspectiva mais ampla. A ilustração de ficarmos presos em uma montanha durante uma tempestade, subirmos um pouco mais e sairmos da tempestade para que possamos olhar para ela de cima em vez de ficarmos presos nela, é uma analogia perfeita para descrever o que acontece

quando somos capazes de nos conscientizar da relatividade dos nossos egos. Não quer dizer que o acontecimento desafortunado tenha passado — a tempestade ainda ruge, a compra de Marco ainda assim foi desfeita, Sam ainda assim perdeu seu emprego, Gail ainda assim teve que deixar seu programa de doutorado —, mas seu significado mudou em função da mudança em nossa perspectiva com o passar do tempo. Olhamos para trás em nossas histórias e finalmente vemos a importância do que aconteceu, em vez do que pareceu naquele momento, para nossos egos, simplesmente um sopro do azar ou mais um fracasso.

Se os acontecimentos sincronísticos demonstram para alguns de nós que o fracasso pode ser boa sorte disfarçada, eles também demonstram que o inverso é igualmente verdadeiro: o que comemoramos hoje como sucesso pode muito bem sincronisticamente se transformar em algo de significado completamente diferente.

Uma história triste contada por Larry, que passou sua vida profissional trabalhando em instituições para grupos de jovens adultos com problemas no desenvolvimento de habilidades e de distúrbios emocionais, lembra em especial uma interna de uma dessas casas que demonstrava um forte medo de escadas rolantes. Embora essa fobia não interferisse em nenhum nível em sua vida de jovem por serem as escadas rolantes fáceis de evitar, os orientadores da clínica encararam o desafio de cercar a interna de todo tipo de ajuda profissional, trabalhando lentamente com ela para vencer seu medo até um ponto que, depois de algum tempo, eles conseguiram levá-la ao *shopping* local e fazê-la andar na escada rolante sozinha.

Por uma trágica coincidência, nesse exato momento, uma criança debruçou-se sobre o parapeito do andar de cima, perdeu o pé e caiu diretamente em cima da garota fóbica. A boa notícia é que, por estar embaixo dela, pôde amortecer a queda e, sem dúvida, salvou a vida da criança; a má notícia é que a moça saiu da experiência muito mais traumatizada do que antes.

Larry, que me contou essa história, tirou um bom número de conclusões sobre o que isso significava, ao menos para ele, embora, como Marco, a conclusão parecesse ser mais implícita que explícita. “Nunca se sabe”, foi sua observação final sobre o acontecido, que, é claro, é uma maneira muito simplista de dizer algo muito profundo sobre a natureza limitada da consciência de nossos egos. Você nunca sabe ao ajudar alguém se não está fazendo exatamente o oposto, Larry parecia dizer, e você nunca sabe quando o que pensa estar fazendo vai ter consequências muito além das esperadas. Conselheiro por profissão, Larry tinha um toque de mágoa e humildade em sua voz como tinha Marco quando refletiu sobre sua virada inesperada da sorte.

“Nunca se sabe” é uma outra resposta para a pergunta “Com que tipo de

atitude devo encarar os acontecimentos sincronísticos?”. Uma atitude de “nunca se sabe” certamente parece ser a indicada pelas histórias tiradas das experiências das pessoas em suas vidas profissionais, área onde infelizmente nossos egos podem ser particularmente ativos e onde as noções de sucesso e fracasso determinam muito daquilo que fazemos em vez da relatividade de todas as nossas ações.

## Por Que Trabalhamos? A Coincidência Significativa de Nossa Vida

Convido os leitores deste livro a fazerem sua própria experiência em relação à vida profissional das pessoas. Façam às pessoas a pergunta: “Por que você trabalha?”, como eu fiz ao longo do meu trabalho neste capítulo, e veja se obtém as mesmas respostas que eu.

Quando fiz essa pergunta, obtive variações em duas respostas básicas. A resposta mais comum que as pessoas me deram foi colocada da forma mais imaginativa por uma amiga que disse imediatamente: “Porque eu gosto de comer”, sua maneira equivocada de dizer em uma palavra: dinheiro. No entanto, uma minoria de pessoas respondeu também imediatamente, mas de forma diferente: “Eu gosto do que faço.”

Se examinarmos essas duas motivações para trabalhar mais de perto, tendo em mente as muitas histórias que ouvimos sobre sincronidades na vida profissional das pessoas, percebemos que, na melhor das circunstâncias, o trabalho que fazemos é muito mais satisfatório quando essas duas respostas coincidem, quando fazemos algo que gostamos que também é capaz de proporcionar nosso bem-estar material. Aqui a diferença entre trabalho e vocação é pertinente. Um trabalho pode muito bem atender às nossas necessidades materiais mas não estar necessariamente ligado a fazermos algo de que gostamos. Por outro lado, vocação é uma atividade que buscamos por motivos que podem ou não suprir nossas necessidades materiais mas que certamente atendem às aspirações não-materiais que temos como seres humanos; a necessidade de nos sentirmos úteis e darmos uma contribuição, talvez, ou incorporar e promover um conjunto de profundos valores ou crenças.

Podem as pessoas ficar satisfeitas em trabalhar somente para ganhar dinheiro? Com certeza podem. Mas eu sei que muitas das pessoas que responderam minha pergunta dizendo “Eu trabalho por dinheiro”, fazem seu trabalho porque gostam do que fazem. Ou até mesmo que não estejam completamente fascinadas pelo conteúdo de seu trabalho, elas estão de qualquer forma felizes com seus trabalhos, pois o dinheiro que ganham ajuda a preencher os anseios não-materiais que possuem. O homem da loja de *cappuccino* na



esquina do meu escritório está feliz fazendo café porque está sustentando sua família. A recepcionista do lugar onde eu costumava trabalhar faz seu trabalho porque, segundo ela, precisa; porém, a segurança econômica de um emprego dá a ela um *status* social que não tinha antes, que é o porquê dela estar contente em atender telefones e receber visitantes. Meu ex-patrão Marco diria que tem um restaurante porque “é a sobrevivência”, mas fica muito claro para mim pela forma como ele age em seu trabalho que é bem mais que somente um trabalho.

Se você é feliz em seu trabalho, provavelmente é tudo uma coincidência, no sentido de que, o que você precisa para sua sobrevivência material coincide com os valores não-materiais que você carinhosamente carrega. E aquelas pessoas envolvidas em uma vocação que não supre com segurança suas necessidades materiais? Podem ser felizes? Claro que podem. Mas quando você examina suas vidas mais de perto, você verá que muitas dessas pessoas também trabalham para ganhar a vida. Enquanto Elise e Matthew faziam audições em busca de uma brecha da sorte para satisfazer suas aspirações artísticas, eles serviam mesas e faziam *telemarketing*. Durante os anos em que eu fazia meu treinamento profissional, eu datilografei relatórios, anotei recados e limpava a geladeira do escritório todas as sextas-feiras à tarde. Por trás da alegria, mesmo das mentes mais elevadas, existe a mesma coincidência: um meio de sobrevivência material de qualquer tipo que sustenta sua dedicação às aspirações não-materiais.

Quando estamos infelizes em nossa vida profissional, portanto, acredito que provavelmente seja porque um dos lados dessas coincidências esteja sendo ignorado em favor do outro. Será que podemos conscientemente fazer algo a respeito dessa situação quando, como Vai, odiamos nosso trabalho porque não nos traz nada para a alma ou quando, como Stephen, nos sentimos estranhos em nossa vocação por causa da pressão das necessidades materiais? Claro que podemos. Podemos procurar conselheiros vocacionais, nos associar aos amigos, pôr anúncios em jornais, responder aos anúncios dos jornais e mobilizar nossas fontes de renda ou aumentá-la ou esclarecer que tipo de trabalho seria mais compensador emocional ou simbolicamente.

Porém, como mostram essas histórias, algumas vezes é um acontecimento fortuito que põe o aspecto material e o não material de nossa vida profissional juntos para nós, na forma de um acontecimento que estamos chamando de sincronístico. Algumas vezes a coincidência provoca uma mudança interna. Patty, por exemplo, não precisava ter saído da firma de *software*; apoiada na sabedoria de um biscoito da sorte, ela mudou sua atitude como gerente. O erro no horário dos encontros de Elise resultou numa mudança sincronística em sua perspectiva sobre ela mesma e seus talentos. Eu mesmo precisava dar uma olhada nas minhas ligações com os vários locais de trabalho, ainda assim

precisou uma excêntrica repetição da mesma situação três vezes seguidas num período de quinze anos para que eu me tornasse mais intimamente seletivo em relação àquilo com que vou me comprometer e por quê.

No entanto, frequentemente, a transição que os acontecimentos sincronísticos nos ajudam a fazer em nossas vidas profissionais são de natureza externa. A amiga de Tony, de Los Angeles, precisava arranjar um outro emprego, mesmo baseada num palpite ela teve que procurar no meio de uma pilha de papéis em um quadro de avisos. Danielle precisava contratar um diretor financeiro para sua organização sem fins lucrativos, e um telefonema passado para ela na hora errada trouxe a diretora que ela precisava. Vai precisava pedir demissão, fato que ficou amplamente claro quando a situação literalmente explodiu em sua frente.

Em todas essas histórias de sincronicidades, a característica é que o acontecimento sincronístico uniu os aspectos material e não-material da vida profissional das pessoas e criou uma coincidência entre seus trabalhos e suas vocações, entre a necessidade material de ganhar dinheiro e as aspirações não-materiais que tinham para si mesmos como seres humanos. Não que essa união de necessidades objetivas e significados subjetivos não aconteçam conscientemente às pessoas, pois acontece. Porém, essas histórias demonstram que nosso ego pode precisar não ser *sempre* a única fonte de crescimento em nossas vidas.

Quando vivemos as histórias de nossa vida profissional, podemos ficar tentados a confiar unicamente em nossa própria habilidade em controlar e manejar os acontecimentos, pessoas e objetos. Essa é a história que aqueles que responderam “dinheiro” à minha pergunta pensam estar vivendo. Mais que isso, numa sociedade capitalista como a nossa, somos encorajados a pensar em nós mesmos em termos materialistas. De certa forma, nos é dado um roteiro no qual somos somente agentes de produtividade.

Que os acontecimentos sincronísticos ocorrem conosco de fato é uma mensagem que nos traz alívio, ânimo e nos inspira. Ouvimos de algumas pessoas como o aspecto potencialmente criativo de seus trabalhos emergiu quando deixaram de lado suas agendas e permitiram que o acaso tivesse um lugar na história de suas vidas. Ouvimos também que mudar as circunstâncias externas de nossas vidas pode envolver seguirmos os movimentos de nossos corações e mentes — nossas intuições, palpites, sensações e ideais. Se alguma atitude pode “criar” um acontecimento sincronístico e promover um final feliz na história de nossas carreiras, será aquela que equilibra os aspectos materiais e não-materiais pelos quais trabalhamos, tornando o que fazemos na vida uma profissão consciente de quem somos e do que é importante.

## Capítulo Quatro

### Uma História Íntima

#### *Sincronicidade e Nossas Vidas dos Sonhos*

O poeta e o sonhador são diferentes,  
Diferentes, completamente opostos, antípodas,  
Um derrama o bálsamo sobre o mundo,  
O outro o atormenta.  
JOHN KEATS, “The Fali of Hyperion”

Aqueles que compararam nossas vidas com um sonho  
estavam,  
por acaso, mais certos do que imaginavam.  
Estamos acordados dormindo,  
e dormindo acordados.  
MONTAIGNE, *Ensaaios*

Sonhos, usando as palavras de Keats, atormentam e perturbam nossa vida diária. Até as pessoas mais obstinadas e racionais em algum momento de suas vidas se lembrarão de um sonho, serão acordadas por um pesadelo ou passarão um dia atormentadas por uma imagem, sensação ou situação que viveram em seus sonhos. Nas sincronicidades descritas até agora, nas histórias de amor e de trabalho na vida das pessoas, as coincidências significativas aconteceram quando um fator externo — um encontro, uma série de acontecimentos fora do comum entre pessoas ou situações, um telefonema casual, uma oferta de trabalho inesperada, um acidente como uma explosão ou tiroteio — coincidiu significativamente com o estado interior do indivíduo num momento específico ou ao longo de sua história particular. O sentido dessas sincronicidades tem sido, por assim dizer, de fora para dentro: um acontecimento externo extraordinário tinha ou passou a ter um significado interno emocional ou simbólico.

Neste capítulo partimos para as sincronicidades que vão na direção oposta, de dentro para fora, quando ocorre um fato interno que, acontecendo, coincide com um circunstância externa de uma forma importante e transformadora. E claro que o ponto principal da sincronicidade é que a diferença entre “interior” e “exterior” pode não ser tão rígida quanto geralmente acreditamos, portanto talvez seja

importante sermos o mais claro possível quanto a esse ponto: que a diferença geralmente indicada quando usamos as palavras “interior” e “exterior” depende da participação de outros em nossas experiências.

Naquilo que chamamos de eventos “externos”, pessoas e objetos estão envolvidos de uma maneira que os outros podem ver. Quando um trem explode na minha frente, ou quando encontro um conhecido num hotel no meio do deserto, trata-se de uma experiência que é partilhada por mim e por outra pessoa. Nas histórias que lemos, o grau do que ocorre com os personagens é o que chamamos de trama: aconteceu isso, mais isso e então essa outra coisa aconteceu. Acontecimentos “internos”, por outro lado, ocorrem somente com uma pessoa, e nas histórias que lemos, assim como nas histórias que vivemos, esse grau de experiência é o que a maioria das pessoas chamaria de “personagem”: quem o protagonista é como pessoa, aquilo que pensa e sente, suas esperanças pessoais, sonhos e quais são os seus conflitos.

O prodígio da sincronicidade neste capítulo está na maneira como os acontecimentos do acaso no mundo externo representam significativamente alguma manifestação pessoal da vida interior de alguém em forma de sonho. As sincronicidades relacionadas com o sonho nas histórias que se seguem aprofundam nossa compreensão das histórias que vivemos nos mostrando como a trama de nossas vidas reside não somente nos acontecimentos externos que vivemos — as interessantes histórias de aventura, romance e intriga — mas também na essência de quem somos. Como num livro moderno, onde a trama “é” o personagem, e os acontecimentos da história se passam na vida interior do protagonista, é a vida subjetiva da alma que estará em foco nas histórias que seguem.

Nossos sonhos têm vida própria, e muito mais, talvez, do que qualquer outro fenômeno de nossas almas; são absolutamente particulares, únicos e subjetivos. Podemos partilhar um sentimento com uma pessoa específica. Podemos compartilhar uma aspiração, esperança ou visão com uma pessoa de ideia semelhante. Porém, somente nós mesmos vemos, sentimos, ouvimos e vivemos nossos sonhos. Não importa quão detalhada seja a nossa descrição, somente nós mesmos vivenciamos a cadeira vermelha, o cheiro dos biscoitos da vovó ou a sensação de chegar atrasado para uma prova. A absoluta privacidade da nossa vida de sonhos é o que pode ser tão “afetivo”, especialmente para pessoas cuja personalidade, histórias e hábitos a levem a valorizar o “externo” muito mais do que o “interno”. Nesse campo pessoal, na vida de nossa alma, temos nossa maneira própria de ser, nossa linguagem especial, perspectivas próprias e nossas reações. E sobre a vivacidade desse mundo interior que Montaigne se refere na citação acima, quando ele percebe o quanto estamos “acordados” enquanto

dormimos. Quem nunca teve a experiência de acordar pela manhã se sentindo esgotado e exausto depois de uma noite de sonhos reais, pesadelos assustadores, incomodativos, ansiedades semiconscientes, fantasias de formas e tamanhos perturbadores? Embora irônica, a afirmação de Montaigne — que algumas vezes estamos mais dormindo quando acordados do que quando estamos dormindo — soa verdadeira. Uma parte de nós está bem acordada enquanto dormimos, e nossos sonhos são a prova disso.

Como nossas vidas interiores são tão individuais, nossas e de mais ninguém, às vezes me parece que a psique pode ser comparada a uma ilha que já foi ligada ao continente, porém agora está isolada. Como literalmente acontece nesses casos, as plantas, animais e o meio ambiente desse lugar começam a desenvolver suas particularidades e ritmos, suas próprias cores e formas. Não que as plantas e animais de lugares como esse não tenham semelhança alguma com os outros — a flora e a fauna de um lugar como a Austrália, por exemplo, têm conexões óbvias com as encontradas em outros lugares, o meio-urso koala e o meio-coelho canguru são demonstrações desse tipo de conexão. Porém, existem formas e maneiras diferentes e únicas de se fazerem as coisas nesses lugares. Esse é o caso dos nossos sonhos, e conta em larga escala para a estranheza de nossos sonhos quando comparados com a realidade do mundo do dia-a-dia.

Em vista disso, pode-se muito bem perguntar: qual a razão de nossos sonhos? Qual o papel que representam? Enquanto a resposta para essas perguntas pode ser tão variada quanto as psicologias e filosofias do mundo, eu acho a resposta sugerida pelos resultados das pesquisas do sonho moderno dentre as mais aproveitáveis.

Recentemente alguns cientistas realizaram experiências para descobrir com o que sonham os animais. Qualquer um que tenha um animal de estimação com certeza já ficou intrigado com a agitação das patas, grunhidos altos e seus movimentos inconscientes enquanto dorme, mas somente na última década pesquisadores conseguiram determinar o que realmente ocorre no cérebro dos animais. Monitorando as ondas cerebrais que ocorrem durante certas atividades enquanto acordados e enquanto sonhando, os cientistas presumiram, baseados nas semelhanças e diferenças das ondas cerebrais, que animais possivelmente sonham com comportamentos de sobrevivência específicos de sua espécie, armazenando e consolidando as lembranças das experiências de quando estão acordados: gatos caçam, coelhos cuidam de seu território, ratos exploram.<sup>1</sup>

Extrapolando em cima dessa pesquisa, podemos supor que a razão do sonho no ser humano é semelhante: seres humanos sonham a respeito de comportamentos de sobrevivência específicos de sua espécie, tanto como prática para enfrentar situações na vida real quanto como para trazer informação para

nosso consciente sobre nós mesmos e nosso ambiente que são vitais para nossa sobrevivência e crescimento. Porque, ao contrário dos outros mamíferos, os seres humanos têm autoconsciência, e muitas das informações para as quais os nossos sonhos chamam nossa atenção podem ser sobre nosso mundo interior, alimentando nosso crescimento emocional e saúde, nosso desenvolvimento espiritual, ou outros aspectos de nossas experiências subjetivas, que são tão cruciais tanto para nossa sobrevivência quanto para o nosso bem-estar físico.

Nossos sonhos podem muito bem ser os encarregados do cuidado com nossa alma, nos contando uma história noturna, símbolos de quem somos. Dessa forma, podemos entender o sentido do que vivemos no dia-a-dia. O aprofundamento da moderna psicologia deduz, como também os intérpretes de sonhos de todas as outras culturas, períodos e orientações religiosas, que os sonhos são significativos, e, também, que um sonho é um texto — uma história com uma estrutura narrativa e um propósito — que está entre as mais importantes contribuições da psicologia para a auto compreensão do ser humano.

Seriam os Sonhos Proféticos Sincronísticos?

Seriam os Sonhos Sincronísticos Proféticos?

Seriam os Sonhos Psíquicos ou Extra-sensoriais Proféticos?

Desde muito antes da psicologia moderna, as pessoas têm sustentado que os nossos sonhos, embora estranhos ou desagradáveis, têm um significado que a sabedoria e a interiorização podem nos ajudar a entender. A atitude com relação aos sonhos, demonstrada através dos mitos, lendas e rituais das culturas através do mundo e através dos tempos, é um reconhecimento de que todos os seres humanos são, de uma certa maneira, bilíngues. Nós falamos a linguagem de uma realidade exterior, uma linguagem que o outro escuta e entende, e ao mesmo tempo nós temos nossa linguagem interior própria e particular, uma linguagem que nós temos que escutar de uma maneira especial para podermos compreender inteiramente. Essa linguagem, a linguagem dos sonhos, tem sido sempre compreendida como de natureza simbólica. Não é necessário ir-se muito longe para mostrar que a psicologia moderna adotou uma maneira de ver os sonhos que existia muito antes da *Interpretação dos sonhos* de Freud.

No Gênesis, por exemplo, o primeiro livro da Bíblia, muito se fala da habilidade de José em interpretar sonhos, tanto os seus quanto os dos outros, e a trama de sua vida gira em torno dessa habilidade. No início de sua história, José tem dois sonhos que ao longo de sua vida se tornaram realidade: enquanto ceifava feixes de trigo com seus onze irmãos, seus feixes se inclinavam para reverenciá-lo; em outro sonho, José via o sol, a lua e onze estrelas se inclinarem

para reverenciá-lo. O que seu pai e seus irmãos pensaram desses sonhos — vendo José sendo exaltado por esses símbolos — é tão claro quanto seu ciúme e ressentimento.

Porém, como já vimos, nossos egos nem sempre estão completamente no controle dos acontecimentos, e tentando se livrar de seu dotado irmão, vendendo-o como escravo para os egípcios, os seus irmãos acabaram sem querer colocando-o numa posição onde outro par de sonhos o levam, através de uma coincidência, à atenção do governante do Egito, o Faraó. Prisioneiro por acaso junto com o mordomo e o padeiro do Faraó, José ouve os sonhos desses dois homens — o mordomo com uma parreira com três galhos brotando uvas que ele espremia na taça de vinho do Faraó, o padeiro carregando três cestas em sua cabeça e os passarinhos comendo da cesta de cima. José interpretou esses sonhos com precisão: que em três dias o mordomo seria readmitido sob os favores do Faraó, enquanto o padeiro seria decapitado e pendurado em uma árvore para ser comido pelos pássaros. Anos mais tarde, o mordomo, que estava nas graças do Faraó, se lembrou de José. O Faraó teve dois sonhos perturbadores que o deixaram perplexo e preocupado, um sonho com “sete vacas saudáveis e gordas” junto às “sete vacas magras e esqueléticas”, e um segundo sonho com “sete anos de grãos fartos e bons” brotando nas hastes seguidos de “sete anos de escassez e pragas”.

Ouvindo de seu mordomo sobre o jovem hebreu que através de um sonho predissera com precisão a volta do mordomo aos seus favores, o Faraó ordena que José seja trazido até ele, pois ao contrário de seu pai e seus irmãos, o Faraó não resiste aos acontecimentos preditos nos sonhos. Quando José revela ao Faraó que os símbolos de seus sonhos indicam sete anos de fartura seguidos de sete anos de fome, o Faraó se prepara para os tempos difíceis armazenando grãos durante os tempos de abundância. José é nomeado governador da terra, cumprindo sua ascensão à proeminência predita anteriormente em seus sonhos dos feixes de trigo e do sol, lua e estrelas.

Essa história bíblica escrita pela primeira vez há mais ou menos três mil anos atrás, embora sem dúvida seja bem mais antiga que isso, pode ser vista sob uma grande variedade de perspectivas. Para o autor dessa história, que está contando essa lenda como parte da história sagrada de um povo, o sentido da história de José é ilustrar os seus poderes proféticos, a sabedoria que lhe foi concedida, como para alguém escolhido de Deus, para um único propósito na história. Depois de reconhecer a intenção religiosa do autor, no entanto, podemos também perceber que essa passagem do Gênesis é relevante para o assunto da sincronicidade e a vida dos sonhos. Os irmãos de José, o mordomo, o padeiro e o Faraó tiveram seus sonhos transformados em realidade, sonhos cujos

simbolismos têm importantes paralelos nos acontecimentos externos subsequentes da história. Usando o termo moderno, descreveríamos essas situações como sincronísticas para esses indivíduos — um acaso fora do comum no mundo exterior, paralelo a um estado subjetivo de uma forma significativa emocional e simbolicamente. Portanto, a história de José é uma evidência de que, embora a sincronicidade seja um conceito moderno, não é de maneira alguma uma experiência exclusivamente moderna.

Nem todos os sonhos são sincronísticos, é claro. Muitos, se não a maioria dos nossos sonhos, são sobre circunstâncias que nunca aconteceram e podem de fato nunca acontecer no mundo externo. Nossos sonhos são povoados de pessoas que na realidade não existem. Em nossos sonhos temos habilidades que na verdade não possuímos: de voar, saltar sobre edifícios com um simples impulso, de encolher do tamanho de uma ervilha. As vezes, no entanto, sonhamos com um fato que realmente acontece, porque o sonho nos mostra o fato literalmente ou, como na história de José, simbolicamente. Chamaremos esse tipo de sonho de sincronístico, um sonho no qual a lenda interior é contada antes que a história externa idêntica aconteça.

Esse fenômeno evidenciado por José na história do Gênesis foi chamado por diferentes nomes ao longo dos anos — profético, extrassensorial, premonitório, divinatório. O que é importante entender é que esses termos não são puramente descritivos, mas na verdade todos eles indicam uma certa compreensão do propósito do sonho sincronístico. Chamar de “profética” essa coincidência de uma imagem interior com um fato externo é chamar a atenção para a natureza religiosa de seu significado, como faz o autor do Gênesis para ilustrar sua crença na santidade de José e para narrar uma forma importante de como ele entendia a ação de Deus na história do mundo. Chamar esses sonhos de “extra-sensoriais” é outra vez não somente uma descrição, mas traz implícito em si uma afirmação de causalidade, atribuir a coincidência entre um sonho e a realidade a uma habilidade de perceber a realidade não-percebida pelos nossos cinco sentidos normais. Chamar essas coincidências de “premonitória” ou “divinatória” é trabalhar com uma suposição de que o futuro tem uma realidade objetiva da qual são concedidas visões a determinadas pessoas em certas ocasiões, como se elas adiantassem uma fita de vídeo ou como se espiassem as últimas páginas de um livro de mistério para saber o final. Os termos “premonitório” ou “divinatório” são afirmações de causalidade: a presumível existência objetiva futura de um acontecimento *provocou* a nossa visão desse fato retroativamente no presente.

Em todos esses termos existe a suposição de uma conexão *causal* entre a imagem do sonho e o subsequente acontecimento externo. A existência objetiva futura do sonho ou a sua ocorrência em outra dimensão *faz* com que a vejamos



em um sonho através de algum tipo de sentido ou habilidade extraordinários. Ou, de um ponto de vista religioso, Deus, em sua onisciência, pode nos conceder a habilidade de profetizar, nos emprestando Seu conhecimento do futuro para atingir Seus propósitos no mundo. Naturalmente, do ponto de vista do nosso ego, é difícil *não* encarar as coisas causalmente quando uma visão interior subsequentemente se torna realidade.

Porém, como já sabemos, o conceito de sincronicidade de Jung em relação a esses sonhos enfoca essas experiências de forma completamente diferente. Em vez de recorrer a uma explicação objetiva causai — de que o fato retrospectivamente *causou* nosso sonho —, ela enfatiza que o sentido da coincidência entre uma imagem de sonho e o subsequente acontecimento externo está no *significado subjetivo* que experimentamos com o acontecimento, o seu efeito emocional ou, como venho dizendo, no papel que representa na história de nossas vidas. E através dessa perspectiva *não-causal* que estaremos examinando os sonhos que se seguem, sob a perspectiva do significado *interior* da coincidência, seu significado para *nós*.'

Jung, de fato, especificamente desenvolveu seu conceito de sincronicidade como um princípio de conexão *não-causal*, de forma a possibilitar a discussão do fenômeno das coincidências significativas — uma experiência universal entre humanos — de uma forma puramente descritiva sem se obrigar a fazer afirmações metafísicas sobre a natureza e a estrutura do universo, ou um desafio teológico e filosófico que ele considerava além do alcance de uma psicologia empírica. Mesmo que não partilhemos da perspectiva do autor do papel de José como profeta, ou mesmo que concordemos, o fato é que sonhos sincronísticos — sonhos que espelham acontecimentos externos de uma maneira significativa — têm e sempre tiveram um papel importante na história da vida de muitas pessoas. Porque todas as perguntas sobre terminologia são importantes, e precisamente porque acredito que descrever essas coincidências como sincronísticas, em vez de premonitórias, extra-sensoriais ou proféticas seja uma maneira mais cuidadosa, e principalmente mais proveitosa, de encarar esses acontecimentos, talvez seja melhor ilustrar através de exemplos da vida real. A história de um cliente que chamarei de William vai servir para mostrar meu ponto de vista.

William acordou em pânico e ansioso uma manhã depois de um sonho realista no qual sua mãe estava dirigindo em uma estrada sinuosa ao longo da costa, muito rápida e perigosamente, no carro da família de sua infância. Ele e sua mãe, na verdade, nunca se deram muito bem, e muito de meu trabalho como seu conselheiro lidava com esse problema. Tragicamente, na semana seguinte ao sonho, a mãe de William na realidade morreu saindo da estrada e caindo em uma

ravina com seu carro, em circunstâncias que tanto poderiam ser acidentais quanto suicidas de sua parte.

Essa coincidência entre um sonho anterior e o subsequente acontecimento foi com certeza sincrônica, seu impacto emocional e seu significado na vida de William eram inegáveis. Teria sido premonitório, profético ou extra-sensorial? Dizer que sim é dizer, em princípio, que o sonho de William deu a ele conhecimento de que esse fato aconteceria. É uma afirmação que só pode ser feita depois do acontecido. Porém, no momento do sonho de William, ele não tinha nenhum conhecimento desse fato, porque isso ainda não havia acontecido. William não se sentia nenhum profeta, ou que o seu sonho fosse profético. E sem essa perspectiva, o que melhor podemos observar é que um sonho e seu subsequente acontecimento são extremamente similares e incrivelmente significativos.

Ver o sonho de William de outra maneira que não seja causal, uma coincidência significativa pode induzir certas pessoas, e o próprio William, talvez, a assumir uma certa dose de responsabilidade por sua morte. Em vista do conhecimento de seu sonho, que de uma perspectiva “premonitória” ou, “extra-sensorial” se tornaria equivalente às percepções através dos sentidos normais, significa que ele deveria ter prevenido sua mãe, ou, ainda pior, sem a perspectiva do acaso que reconhece a natureza casual do paralelo entre seu sonho e o subsequente acidente, William poderia, na verdade, começar a acreditar que de alguma forma sua hostilidade em relação à sua mãe e seu relacionamento difícil seriam responsáveis por sua morte, que seus sentimentos doentios e seus desejos haviam “provocado” seu acidente fatal. Afinal era *seu* sonho, não era?

Em certos momentos depois da morte da sua mãe, William, na verdade, sentiu ambas as coisas, o que vem só demonstrar o quanto é difícil abrir mão da forma causa e efeito de pensar que massageia seu ego, mesmo quando ele nos causa sofrimentos desnecessários. Como esses sonhos são absolutamente particulares e pessoais, a tentativa de acharmos que somos responsáveis pela realidade que eles retratam é muito forte, especialmente porque os sonhos podem ter uma aura de realidade em si. Portanto, eu tive um certo trabalho para ajudar William a ver que a coincidência do sonho da morte de sua mãe era, na verdade, precisamente isso — uma coincidência, um acontecimento externo fora do comum, sobre o qual não temos nenhum controle.

Um sonho pode ser sincrônico *depois* do fato, apesar do significado que se possa sentir no momento. Neste caso, o significado da coincidência está na forma que o sonho teve, antes da morte de sua mãe, aumentando a sensação de ligação de William com sua mãe, apesar do afastamento de muitos anos, e de uma certa forma também serviu para prepará-lo para a eventualidade de sua

morte, mostrando- a num sonho.

Ao examinar a razão e a natureza dos sonhos, especialmente sonhos sincronísticos, o que é mais importante lembrar é que os sonhos usam uma linguagem *simbólica* de imagens. Na história de José, as estrelas com as quais sonhou não fizeram literalmente reverência, tampouco as três parreiras, especificamente, floriram, ou sete vacas específicas emagreceram. Os sonhos interpretados por José usavam *símbolos* de situações que tinham subsequentes paralelos significativos na realidade. O que quer dizer que a natureza sincronística de certos sonhos não se encontra necessariamente na imagem literal do sonho que subsequentemente acontece na realidade externa, mas pode encontrar seu paralelo numa conexão simbólica significativa entre a imagem interior e um acontecimento externo. Se, por exemplo, no dia seguinte ao seu sonho William tivesse sido forçado por circunstâncias acima de seu controle a dirigir seu próprio carro para fora da estrada, o paralelo entre o sonho e o subsequente acontecimento externo ainda assim seria significativo, somente agora o significado sincronístico da coincidência estaria mais claro dentro do simbolismo do sonho — o que significava para ele se encontrar em uma situação externa projetada simbolicamente como aquela em que sua mãe se viu. Nesse caso, a tentação de apontar uma causa objetiva para o sonho seria consideravelmente menor.

Concluindo, olhar para os sonhos através das lentes da sincronicidade é sempre examinar o significado *subjetivo* de uma coincidência entre um mundo interno simbólico, imaginativo, e um acontecimento externo concreto: o que fazemos com coincidências, o que elas significam para nós na narrativa de nossas vidas. Através dos sonhos sincronísticos nos são mostrados aspectos das nossas histórias, aspectos do nosso caráter, que talvez alguns de nós não saibamos apreciar inteiramente, formas pelas quais a trama interna de nossas almas tem uma conexão fundamental com o mundo ao nosso redor.

### O Que Tiver de Ser Será: Sonhos “Premonitórios”

O sonho sincronístico de William sobre a morte de sua mãe foi dramático e triste, no entanto é bom saber que a coincidência de uma imagem interna e o subsequente fato externo em outros sonhos sincronísticos não precisam ser nem espetaculares, nem devastadores ou externamente dramáticos. Vai, cuja história a respeito de sua infelicidade no trabalho que coincidiu com a explosão do trem e foi contada no capítulo anterior, teve uma experiência de sonho sincronístico diferente, humilde em conteúdo e de efeito simples, porém importante e memorável para ela.

O sonho de Vai aconteceu em um momento de sua vida que destruiu inclusive suas dificuldades com seu tirânico patrão. Nesses tempos, ela era, em suas palavras, “uma pobre mãe desempregada, lutando para seguir em frente”, porém por dentro ela estava lutando também com uma extrema pobreza de autoestima, se sentindo muito burra para seguir adiante, não boa o suficiente para conseguir e não inteligente o suficiente para encontrar uma forma mais confortável de vida. Então, ela teve o seguinte sonho:

Eu estava numa cama grande num grande quarto, e sentia nitidamente que não deveria estar ali. Porém, em volta da cama havia várias pessoas deitadas, todas em volta da cama de maneira que eu não conseguia encontrar um modo de sair dessa cama sem pisar nelas. Incapaz de encontrar um jeito ou de ponderar a situação, descobri que a razão pela qual eu deveria sair era porque aquela era a cama do Dalai-Lama, o que somente amentou o meu sentimento de urgência. Então o próprio Dalai-Lama entrou no quarto e, vendo-me em sua cama, não fez nada além de olhar para mim com piedade. Nesse momento uma afirmação me veio no sonho: “Quem quer que esteja na cama do Dalai-Lama, faz parte da cama do Dalai-Lama.” O sonho acabou, sem qualquer outra conclusão diferente desta.

Vai acordou do sonho intrigada, com uma estranha sensação de que tudo daria certo para ela, e de que ela estava onde deveria estar em sua vida. A essa altura, ela me disse, qualquer tranquilidade que tenha sentido por causa do sonho não veio do conhecimento de quem ou o que o Dalai-Lama era, apesar de já ter ouvido seu nome e ter uma vaga ideia dele como uma figura religiosa. Isto até a noite seguinte à do sonho, quando ela viu que, na verdade, o Dalai-Lama estava na cidade para visitar seus seguidores e ensinar. Espantada de ter “previsto” sua visita, ela se sentou e prestou atenção com mais seriedade ao que parecia ser a mensagem do sonho.

Não temos que recorrer às teorias de causalidade retrospectiva para explicar por que Vai sonhou sobre a visita do santo homem tibetano sem saber conscientemente de sua visita. A moderna teoria do inconsciente nos permite uma explicação racional da ideia, em vez de mística ou metafísica, que poderia ter sido um caso de percepção subliminar da parte da Vai: ela havia visto anúncios da visita nos jornais ou noticiários e esquecera, ou talvez alguém tenha mencionado de passagem sua visita, numa conversa que ela escutou mas à qual não prestou

atenção. Mesmo assim sua percepção continuou inconsciente, até que o inconsciente mostrou a ela em forma de sonho.

No entanto, nenhuma teoria de causalidade fala da importância desse sonho “premonitório” para Vai, que está bem distante de qualquer explicação de causa

e efeito. Seu subsequente conhecimento de quem era o Dalai-Lama e o que ele representava foi a razão central de como o sonho a afetou, indo até Vai em um momento que ela estava se sentindo consideravelmente pouco enaltecida, desconfortável com sua situação e incapaz de encontrar uma saída.

Discutindo o sonho com Vai, sugeri a ela, conhecendo-a como uma médica especialmente boa em lidar com indivíduos que se encontravam na “gangorra”, que talvez sua própria experiência de tempos difíceis possa ter sido um tipo de cama, o lugar de onde vieram sua subsequente força e habilidade em ajudar pessoas. Mas enquanto o sonho em si se exprime simbolicamente, foi somente o acontecimento externo, ela respondeu, que realmente a fez apreciar aquilo que ela estava atravessando no momento. “Foi realmente espantoso ver aquilo com que sonhei tomar vida naquela noite e saber que eu tinha uma ligação com isso, mesmo sem saber. Sentir que eu deveria estar na cama do Dalai-Lama, que ali era meu lugar, e que estava tudo bem, era muito esperançoso.”

Embora não possamos evitar que nossa atenção seja atraída para um sonho sincronístico como o de William, eu mostrei aqui o sonho de Vai para deixar claro que frequentemente os acontecimentos sincronísticos em nossas vidas, especialmente em nossa vida interna, têm em si uma aparência simples de dia-a-dia, sem o alto teor de drama e extrema improbabilidade de muitas das histórias que mostrei até agora. Sonhos são acontecimentos comuns, portanto, acontecimentos sincronísticos em torno dos sonhos frequentemente trazem em si um sensação de normalidade, o que não os faz menos importantes.

Na verdade, essa mesma aparência de dia-a-dia de alguns dos meus próprios sonhos sincronísticos me levaram a uma falha na apreciação de seus significados para mim, ao longo da história da minha vida. Um incidente dos meus dias de conselheiro interno aparece, envolvendo uma jovem com a qual eu tive um relacionamento tempestuoso como conselheiro.

Vindo de um passado difícil, como filha única de pais infinitamente indulgentes e negligentes, essa cliente que chamarei de Grace tinha grandes dificuldades nos relacionamentos e com seus próprios sentimentos de autoestima, primeiro idealizando alguém, geralmente um homem mais velho, e procurando se confundir com ele para se sentir melhor sobre si mesma, em seguida se sentir perdida no relacionamento, o que a levava a terminar rápida e cruelmente, preservando, assim, seu senso de independência. Esses rompimentos, embora provocados por ela, sempre a levavam a se sentir ainda mais sozinha do que antes, e o ciclo começava outra vez.

Assim Grace fez durante seus anos de adolescência e juventude, o fato dela tentar viver comigo o mesmo padrão de relacionamento, mesmo enquanto fazia o aconselhamento para entender e mudar isso, não era uma fonte de admiração.

A única diferença comigo foi que, quando ela se sentiu sendo engolida, consegui fazer com que ela continuasse no relacionamento de aconselhamento, o que ela fez durante mais um ano, só me atacando uma vez ou outra durante o relacionamento para manter distância de mim. Naturalmente, dentro dessas circunstâncias, o relacionamento que nós tínhamos era tumultuado, porém, felizmente, muito menos do que seus romances autodestrutivos.

Depois de muitas voltas nesse ciclo, Grace acabou o aconselhamento bruscamente um dia, usando como desculpa outros compromissos e falta de tempo, energia e dinheiro para continuarmos o trabalho juntos. Tentei convencê-la a ficar, reafirmando que minha porta estava sempre aberta, e a vi partir com tristeza. Meses se passaram, e assegurado por meu supervisor de que a saída dela do aconselhamento não era necessariamente um sinal de minha incompetência como conselheiro, mas poderia muito bem, na verdade, ser algo que ela precisasse fazer como parte de seu crescimento, eu tive um sonho com ela uma noite, o primeiro sonho que tive com um cliente de aconselhamento.

No sonho, eu vi Grace entrar pela porta da sala onde geralmente nos encontrávamos, se sentar calmamente e dizer calorosamente que estava pronta para recomeçar, que ela repensou o que tinha acontecido entre nós, queria se desculpar por ter me tratado mal e que na verdade estava grata por eu ter ficado com ela durante os altos e baixos de seus sentimentos. O sonho parecia tão natural e real que eu nem pensei em mencioná-lo ao meu supervisor, acreditando que eu estava de alguma forma inconscientemente tentando me fazer sentir melhor por não ter sido um conselheiro “suficientemente bom” para ela e tentando continuar “tratando-a” em meus sonhos.

Na semana seguinte, no entanto, percebi que talvez algo mais do que eu imaginava estava acontecendo, pois Grace havia ligado para o consultório para marcar uma hora comigo, e quando ela chegou, foi exatamente como aconteceu no meu sonho. Ela estava calma, sem nenhuma animosidade áspera ou carência, que ela sempre trouxera para seus relacionamentos. Ela me disse que tinha aprendido muito com nosso relacionamento ao longo desse ano e que minha firmeza ajudou-a a se juntar a uma comunidade religiosa, mostrando-lhe que outras pessoas podem ser verdadeiras e comprometidas com o seu bem-estar. Por sentir que parte do seu crescimento consistia em rever sua própria vida e assumir a responsabilidade pelo seu comportamento, ela precisava voltar pelo menos essa vez para me dizer que se sentia mal por ter sido tão complicada.

Na época, fiquei espantado pela precisão com a qual meu próprio sonho havia “predito” as circunstâncias que finalmente aconteceram, mas agora, olhando para trás, é claro que o único significado do sonho para mim era concomitante ao fato que o evento, na verdade, coincidentemente ocorreu. Se a corrente dos

acontecimentos do acaso não tivesse rebatido meu sonho de volta para mim através da coincidência, se a cliente não tivesse voltado para falar comigo uma semana depois, meu sonho teria sido um dos muitos nos quais o simbolismo — o que essa cliente significava para mim — teria ficado estritamente subjetivo.

A natureza sincronística do evento está na forma como o evento externo fortuito aconteceu num tempo muito próximo ao da imagem interna, e isso me forçou a trazer meus sentimentos subjetivos em relação a essa mulher para dentro do relacionamento objetivo que eu tinha com ela: o significado sincronístico para mim e para o meu desenvolvimento profissional era ver que meus relacionamentos terapêuticos com meus clientes eram de fato relacionamentos *verdadeiros*, não somente relacionamentos superficiais montados ou serviços prestados por contrato. Eu percebi que me importava com eles — eles existiam para mim subjetivamente —, em como eles se sentiam genuína e profundamente ligados a mim, tão profundamente a ponto de voltar para finalizar o relacionamento de fato e não somente em meus sonhos. Que o meu primeiro sonho com um cliente tenha sido sincronístico é ainda uma fonte de espanto para mim.

Ver esse sonho como “premonitório” em vez de sincronístico é entender o acontecimento de uma forma totalmente diferente, e muito menos subjetiva. Se um sonho meu é capaz de prever o futuro, então eu devo ser dotado de habilidades especiais. Teriam sido essas minhas habilidades especiais — minha clarividência, meus talentos divinatórios, ser escolhido de Deus — e não a simbólica subjetividade do evento externo que tomaria o centro do palco, uma mudança na ênfase que, para quase todos os egos, exerce uma grande atração. Ver esse sonho como premonitório significaria também que em alguns momentos a corrente normal de causa e efeito, na qual o presente ocorre como reação aos eventos do passado, é revertida por motivos desconhecidos e indeterminados, de maneira que eventos que ainda vão acontecer no futuro provocam eventos no presente retroativamente, como nos sonhos premonitórios.

Talvez porque eu mesmo lute tanto com meu ego, tenha sido tentado a acreditar em alguns dos meios lisonjeiros através dos quais esses eventos podem ser entendidos, a noção de sincronicidade de Jung é atraente para mim como um exercício de prudência, baseada mais naquilo que é conhecido do que naquilo que podemos especular se é verdade. Na mesma moeda, saber que algumas pessoas chegam a uma apreciação da natureza sincronística de seus sonhos tão naturalmente e sem qualquer treinamento a não ser sua própria experiência é gratificante.

Marie, uma conhecida minha de muitos anos, dividiu comigo a experiência de um sonho que ela teve depois do nascimento de seu filho. Ela e seu marido

tiveram muitos problemas para conceber esse filho, tentando durante vários anos sem sucesso, fazendo, portanto, da falta de fertilidade uma questão em torno da qual girava sua vida. Depois que seu filho nasceu, a situação econômica da família fez com que Marie continuasse seu trabalho como enfermeira, mesmo sentindo a necessidade de uma mudança.

Marie sempre olhou para dentro em busca de orientação, e uma noite ela foi para a cama pedindo para ter alguma luz com relação ao seu dilema. Se Marie fosse uma pessoa diferente, poderia facilmente ignorar o sonho que teve naquela noite: ela sonhou que ia à clínica de fertilidade que ela visitara tantas vezes como cliente, mas dessa vez, em seu sonho, ela estava indo para trabalhar.

Enquanto acordava e lembrava claramente de seu sonho, Marie não conseguiu descartar a possibilidade de que poderia haver um significado sincronístico nisso, principalmente porque ela se preparara antes de dormir naquela noite para estar aberta para qualquer resposta que se apresentasse. Ela ligou para a clínica imediatamente. A recepcionista reconheceu seu nome, é claro, e um tanto intrigada com o motivo do telefonema, perguntou hesitante se Marie queria marcar uma consulta. Marie disse que não estava querendo uma consulta. O bebê estava bem, disse ela, e acrescentou que estava ligando para ver se havia alguma vaga, pois ela estava procurando trabalho.

A recepcionista disse que de fato justo naquele dia ela soubera de uma vaga para enfermeira em uma escola. Se Marie queria as informações sobre o trabalho? Marie disse que sim e seguiu a dica, conseguindo o trabalho e a mudança em sua carreira que estava querendo fazer há algum tempo, desde o nascimento de seu filho. Como Marie mesmo colocou: “E o trabalho perfeito para mim. Estou trabalhando com crianças em idade escolar, então tudo que eu faço no meu trabalho se aplica à minha família, e tudo que faço com a família se aplica ao trabalho. E simplesmente a mudança perfeita, da qual eu precisava.”

Pode-se discutir infinitamente, suponho, sobre as causas dessa coincidência. Teria Marie recebido uma visão de Deus em forma de sonho? Teria ela percebido subliminarmente a informação da última vez que visitou a clínica ou escutou uma conversa na rua, para que seu inconsciente a formulasse na forma do sonho que ela lembrava? Seria ela clarividente enquanto dorme? Mas enquanto perguntas como estas não serão nunca respondidas e nem necessitam ser para nossos propósitos, não se pode discutir o significado sincronístico do acontecimento para Marie, para quem encontrar o trabalho foi uma grande coincidência significativa, tampouco a forma pela qual, sem ler qualquer livro sobre sincronicidade, mas simplesmente estando aberta para a conexão entre sua experiência subjetiva e a realidade exterior, Marie juntou elementos díspares de sua história num todo coerente.



## Símbolos dos Sonhos e Acontecimentos Sincronísticos

Até agora, enfocamos sonhos cujas imagens têm paralelos quase literais com subsequentes acontecimentos externos. Porém, a natureza simbólica das imagens dos sonhos em si algumas vezes fica ecoando, significativamente, ao longo de nossas vidas exteriores. A história de Bobbie, na introdução, na qual sua série de sonhos com o baralho de tarô coincidiu com um excêntrico presente de um baralho de tarô da parte de seu marido, é um exemplo de como um símbolo interno pode ser encontrado por acaso na vida exterior. Bobbie não sonhou que seu marido lhe dera um baralho de tarô: a conexão sincronística ao contrário era o símbolo que se repetia, por um acaso significativo, na sua vida exterior.

Numa tarde chuvosa em San Francisco, Jonathan, um consultor de computador meu amigo, contou-me a seguinte história em resposta à minha descrição deste livro. No inverno anterior, o barbeiro que cortava o cabelo de Jonathan há mais de quinze anos morreu depois de uma longa doença. Embora ele conhecesse esse homem há um tempo considerável, Jonathan não considerava o homem como um amigo, mesmo tendo convidado um ao outro para festas, tendo almoçado juntos ocasionalmente depois de um corte de cabelo e tido amigos pessoais e de negócios em comum. Como seu relacionamento não era uma amizade íntima nem um conhecimento superficial, a morte de seu barbeiro, me disse Jonathan, foi muito esquisita de enfrentar. O que ele deveria fazer? O que deveria sentir? Que resposta deveria ter?

Na noite anterior ao serviço fúnebre do homem, Jonathan sonhou que estava em frente a uma casa semiconstruída. A estrutura estava lá, mas as paredes não tinham sido feitas ainda e ele tinha a sensação de que agora cabia a ele finalizar o trabalho. O sonho ficou com ele, disse, porque as imagens eram tão claras e a sensação de obrigação de terminar o trabalho muito vivida. Mais tarde, naquele dia, soube que o principal texto da Bíblia escolhido pelo padre para o serviço fúnebre de seu barbeiro era uma série de versos do livro dos Provérbios, que começa com “A sabedoria construiu sua casa, ela assentou suas sete colunas”, e continuava com outros versos relativos ao simbolismo da casa, incluindo: “O fraco será destruído e não existe mais, porém a casa do justo ficará de pé” e “A sabedoria construiu sua casa, porém a tolice a pôs abaixo com suas próprias mãos”.

Jonathan levantou as sobrancelhas, enquanto me contava a história. “Devo dizer, eu estava tão surpreso pela forma como meu sonho e a leitura do serviço funeral se encaixavam, sem mencionar que o padre se referia continuamente à vida de meu barbeiro como uma casa que ele havia construído, uma estrutura que todos nós que o conhecíamos ajudamos a construir com ele. Fez-me pensar em minha própria vida e sobre o poderoso sonho que eu tivera naquela manhã.

Estaria eu sendo sábio ou tolo? Por que a casa do meu sonho tinha sido deixada inacabada? Seria isso a minha vida?

“Isso me fez sentir que o símbolo da casa, junto com a morte do meu barbeiro, me avisavam que havia certas coisas que eu precisava fazer para pôr minha casa em ordem, coisas que eu queria ignorar e deixar os outros fazerem por mim, coisas que eu não poderia encarregar a outros. Eu não sou muito dos que acreditam em sonhos, mas se você quer uma coincidência significativa, essa foi uma delas.”

Perguntei a Jonathan a respeito do que exatamente ele estava falando, que tipo de coisa ele sentiu que precisava fazer para botar em ordem sua casa.

“Bem, para começar, fiz um testamento. Finalmente marquei um encontro com um consultor financeiro e acabei aplicando dinheiro em um fundo de aposentadoria. Eu tinha sempre visto essas coisas como parte do trabalho de minha mulher: eu fazia o dinheiro, ela o administrava para nós. Porém, naquele dia na igreja, quando ouvi as palavras da Bíblia em cima do meu sonho, fui atingido de alguma maneira.”

Pressionei-o um pouco no sentido de que poderia estar somente respondendo ao fato de que alguém que ele conhecia tinha morrido.

“Isto era definitivamente uma parte, embora eu já tivesse estado em outros funerais, de pessoas de quem eu me sentia bem mais próximo, que nunca tiveram esse efeito. Foi essa estranha coincidência entre o sonho e as passagens da Bíblia naquele dia. Eu ainda recito as palavras para mim mesmo até hoje. ‘A sabedoria construiu sua casa, porém a tolice a pôs abaixo com suas próprias mãos.’ Palavras poderosas.” E com isso Jonathan sacudiu a cabeça e mudou de assunto.

Histórias como essa, eu confesso, são do tipo de história relativa aos sonhos sincrônicos que eu considero as mais atraentes, pois desafiam todas as tentativas de colocar o sonho dentro de uma corrente de causa e efeito. O sonho que o próprio Jung usa para ilustrar os limites da racionalidade e o poder de nossa imaginação noturna se tornou uma lenda tradicional nos anais da sincronicidade, é, portanto, uma história apropriada para contar ao encerrarmos nossa discussão sobre sonhos “premonitórios”. Vou deixar Jung contar a história: O problema da sincronicidade me intriga há muito tempo, desde meados dos anos vinte, quando eu estava investigando o fenômeno do inconsciente coletivo e sempre encontrava conexões que eu simplesmente não podia explicar como agrupamentos casuais ou “repetições”. O que encontrei foram “coincidências” que eram tão significativamente ligadas que sua ocorrência por “acaso” representaria um grau tão grande de improbabilidade que teria que ser demonstrada através de um número astronômico. Para exemplificar devo

mentonar um incidente observado por mim...

Meu exemplo se refere a uma jovem cliente que, apesar dos esforços de ambos os lados, provou ser psicologicamente inacessível. A dificuldade estava no fato de que ela sempre sabia tudo. Sua excelente educação fornecera a arma ideal para esse propósito, isto é, uma racionalidade cartesiana altamente polida com uma ideia da realidade impecavelmente “geométrica”. Depois de várias tentativas infrutíferas para transformar sua racionalidade numa compreensão mais humana, tive que confiar na esperança de que algo inesperado e irracional aconteceria, algo que romperia com a retórica racional na qual ela se havia trancado. Bem, eu estava sentado em frente a ela um dia, de costas para a janela, escutando sua torrente de retórica. Ela tivera um sonho impressionante na noite anterior, no qual alguém lhe dera um escaravelho de ouro — uma peça cara de joalheria. Enquanto ela ainda estava me contando esse sonho, eu ouvi algo batendo suavemente na janela. Virei-me e vi que era um inseto voador relativamente grande que estava batendo contra o vidro pelo lado de fora num esforço óbvio para entrar na sala escura. Isso me pareceu bastante estranho. Abri a janela imediatamente e peguei no ar o inseto quando ele voou para dentro. Era um escaravelho comum, cuja cor verde-dourada quase se parecia com as de um escaravelho de ouro. Eu entreguei o escaravelho para minha paciente com as palavras: “Aqui está seu escaravelho.” Essa experiência abriu o buraco do desejo em sua racionalidade e quebrou o gelo de sua resistência intelectual. O tratamento pôde então continuar com resultados satisfatórios.<sup>2</sup>

Reconhecidamente, parte do charme duradouro dessa história é a forma floreada com que Jung narra ele próprio dando ajuda e subsídio à sincronicidade, se certificando de que o sentido do sonho e seu acontecimento paralelo no mundo exterior não se perdessem diante de sua paciente recalcitrante e intelectual. Como mencionamos anteriormente, conexões casuais podem com frequência se beneficiar ao serem apresentadas através de um estilo correto para um maior efeito transformador.

Mesmo que cada experiência sincronística seja em si única, parece haver padrões nessas experiências, especialmente para pessoas que resistem a reconhecer os níveis inconsciente, irracional e simbólico de suas existências. Quando o Primeiro Ato de nossas histórias consiste de nosso ego cavando, e querendo tudo à sua maneira, faça chuva ou faça sol — como no encontro arranjado de Kathryn ou na recusa de Elise em considerar a comédia musical —, então o palco está montado para que mais tarde um acidente do acaso levante a cortina para um Segundo Ato muito diferente.

Trabalhando durante meses com um cliente que dizia querer trabalhar seus sonhos comigo mas que menosprezava, resistia e denegria todas as tentativas de

encontrar significado nos sonhos que ele desafiadoramente contava em nossas sessões, eu continuei em frente de certa forma esperançoso com ele, levando cada um dos sonhos a sério, porém sentindo sinceramente que não estávamos chegando a lugar algum. No entanto, quando eu sugeria que talvez trabalhar os sonhos não estivesse sendo realmente produtivo, ele insistia que estava, e assim continuávamos.

Quando terminamos uma das sessões, depois de termos gasto bastante tempo com um sonho que ele tivera com um cachorro, tentando associações que eram negadas, propondo possibilidades que eram derrubadas, sugerindo possíveis sentimentos evocados no sonho pelo cachorro, que ele negava, tive que admitir que estava aliviado. Levantei-me e abrindo a porta do consultório, que fica em um edifício de escritórios no centro de Berkeley, eu gostaria de ter a graciosidade de Jung para mostrar ao meu cliente o que via — pois na porta, sentado obediente e atentamente, como que esperando que abrísssemos a porta, estava um grande e bem-comportado *golden retriever*.

Mudo de espanto, eu olhei para o meu cliente, que olhava do cachorro para mim, depois para o cachorro. E sem dizer uma palavra, porém deixando no ar uma sensação de mistério, ele partiu, os dois imaginando como um cachorro veio parar sentado tão educadamente dentro do prédio do meu consultório, olhando justamente para nossa porta.

Na semana seguinte, fiquei feliz ao perceber que meu cliente não estava mais tão teimosamente antagônico à possibilidade de que seus sonhos poderiam conter um significado para ele, e que a aparição do cachorro, um fato que nunca discutimos, marcava o fim do tipo de resistência ao trabalho com sonhos que ele havia mostrado durante toda a primeira parte do nosso trabalho juntos. Algumas vezes um acontecimento sincronístico nem precisa de análise para ter um efeito transformador, pois algumas vezes a história é tão perfeitamente elaborada que atinge seu efeito sem mesmo você tomar conhecimento dela.

### Mais do Que Você Sabe: Sonhos “Extra-sensoriais”

Além dos sonhos que coincidem com um acontecimento subsequente de uma forma sincronística, muitos sonhos parecem revelar não somente o que será, porém o que é, de uma maneira impossível de saber através da nossa experiência sensorial normal. A palavra que a maioria das pessoas usa, “extra-sensorial”, é a descrição mais simples para esses sonhos, porém empregar este termo, acredito, confunde a questão da causalidade de uma forma não verdadeira dentro do conceito de sincronicidade.

Para dar um outro exemplo relativo a cachorros, quando uma cliente minha

contou um sonho que ela tivera no qual eu brincava no quintal de uma casa com um enorme cachorro branco, senti inicialmente aquela sensação familiar de arrepio de uma sincronicidade a caminho, pois na verdade eu tenho um grande cachorro branco da raça *Samoyed* em casa, conhecido entre os amigos e a família por sua personalidade extrovertida e seu jeito mandão.

Contendo minha excitação, no entanto, percebi que fora uma boa coisa não ter seguido o exemplo de Jung e feito uma dramática declaração sobre as habilidades “extra-sensoriais” dessa cliente, pois quando ela começou a falar sobre o sonho, ela estava muito reticente sobre sua clarividência: “Eu imagino que sonhei com seu cachorro branco porque sempre vejo os pelos brancos nas bainhas de suas calças. Ou é isto ou você tem um gato do Himalaia. Qual dos dois?” Humildemente tive que admitir que talvez isso não fosse tanto um exemplo de sexto sentido da parte dela, porém falta de aspirador de pó da minha parte.

Não que não tenhamos seguido adiante e trabalhado produtivamente com esse sonho, nem quando minha cliente associou livremente seu sonho aos cachorros em geral com um cachorro em particular, nem quando exploramos o que a minha imagem brincando com o cachorro queria dizer, como ela se sentia em relação a mim como pessoa e sobre o nosso relacionamento. Obviamente, conexões causais — ela viu os pelos brancos nas minhas calças e sonhou com o que aquilo a fez pensar — podem ser tão significativas quanto as conexões causais das sincronicidades.

Por outro lado, eu tenho clientes que contam sonhos com uma quantidade de detalhes sobre minha vida pessoal que seriam impossíveis deles saberem, e os quais, com certeza, nunca lhes revelei. Uma mulher sonhou que era meu aniversário quando de fato era meu aniversário. Outra sonhou repetidamente com o número 909, que é o endereço não-divulgado de minha casa. E outra, uma vez, sonhou com uma trama que fazia um paralelo perfeito com um conto no qual eu estava trabalhando, e que jamais tinha contado a ela.

Seriam elas sincronísticas, no sentido do termo que entendemos, ou seja, significativas? Para mim eram, mesmo que tenham o alto conteúdo dramático de alguns dos outros incidentes que contei ou experimentei, mas elas serviram para reforçar o fator pessoal no relacionamento que eu tinha com esses clientes. Elas eram como os pequenos toques que um escritor dá ao cenário no qual o acontecimento principal da história se desenrola — a cortina num tom de roxo profundo cuja cor reflete os sentimentos do personagem, o carinho na face que cria um sentimento de ternura, o tom alegre da voz da recepcionista para melhorar o humor.

Pequeno ou grande, dramático ou fútil, os sonhos sincronísticos e seus efeitos

em nossas histórias sempre nos desafiam a reconhecer o significado do acaso no fio da trama que estamos vivendo. Como no meu sonho com a minha antiga cliente Grace, na semana antes dela encerrar sua terapia comigo, minha experiência com Jerry mudou o curso de minha biografia profissional e serviu como uma ilustração hábil, embora dolorosa, de quão difícil pode ser algumas vezes não tirar conclusões objetivas e causais sobre as interseções dos sonhos e os acontecimentos externos.

Na minha experiência, os indivíduos geralmente procuram a psicoterapia por duas razões. Algumas pessoas, capazes de lidar com a vida nos seus próprios termos, vêm para o aconselhamento por causa de circunstâncias fora do comum que as oprimiu e as levou a procurar ajuda; e algumas pessoas vêm porque sua criação e desenvolvimento não são suficientes para torná-las capazes de lidar com o estresse e a pressão comuns da vida diária.

Jerry se encaixa perfeitamente na primeira categoria. Bem-adaptado, com um bom emprego num campo criativo, ele veio até mim por causa de duas situações extraordinárias que ele precisava de ajuda para lidar: ter sido diagnosticado portador de AIDS e a preocupação com a velhice de seu pai depois da morte de sua mãe. Qualquer uma dessas situações já seria motivo suficiente para até mesmo a pessoa mais competente procurar apoio; juntas, elas oprimem todas as reservas emocionais de Jerry. Esperando sinceramente uma terapia de aconselhamento de curto prazo, trabalhei com ele durante um certo número de meses, dando-lhe apoio, checando com ele semanalmente que providências havia tomado em relação à sua saúde, pesquisando com ele o que fazer para mudar seu relacionamento com seu pai para que ambos pudessem cuidar de suas necessidades, e depois de um período de pouco menos de um ano, tudo parecia estar caminhando suavemente. A saúde de meu cliente estava estável graças ao tratamento preventivo que ele estava fazendo para o HIV, e seu pai tinha se mudado, com a ajuda e insistência do meu cliente, para uma comunidade de aposentados onde muitas de suas necessidades sociais e físicas poderiam ser atendidas sem a vigilância constante do seu filho.

Concordando que ele havia realizado aquilo para que tinha vindo, que era como eu esperava em vista de seu pé firme na vida, terminamos nosso trabalho e eu lhe desejei tudo de bom. Um ano mais tarde porém, surgindo do nada, sonhei com Jerry. Ele estava numa casa de praia, deitado muito quieto em uma cama e respirando muito lentamente. O sonho era ansioso, com uma sensação de que algo estava errado, porém eu não estava no sonho e, portanto, não havia nada que eu pudesse fazer senão olhar. Eu acordei inseguro naquela manhã, lembrando claramente do sonho, e pelo resto da semana pensei muito em meu antigo cliente. Muitas vezes cheguei perto do telefone para ligar para ele, só para

conferir, porém avaliava a mim mesmo, descontando minha ansiedade e dizendo que ele não era do tipo de pessoa que aceitaria bem um telefonema preocupado de antigos terapeutas. Para encurtar, eu fiz o que a maioria das pessoas fãria diante das circunstâncias: ignorei o sonho como se fosse uma peça de minha imaginação.

Meses se passaram antes que eu fosse obrigado a ver quão poderosos esses truques da imaginação podem ser. Um dia, inesperadamente, recebi um telefonema urgente de Jerry. Ele veio ao meu consultório no dia seguinte, parecendo emocionalmente exaurido, cansado e obviamente deprimido. Ao longo de um relacionamento difícil que havia começado depois que tínhamos terminado o trabalho juntos, todos os sentimentos que ele havia reprimido durante anos e anos gerenciando, representando e lutando o alcançaram, até que um dia, ele me contou, meses atrás, registrou-se em um hotel na beira do mar, onde sua família tinha passado as férias inúmeras vezes quando ele era criança, e seguindo a receita ensinada em um livro sobre suicídio assistido, tomou o coquetel de drogas sugerido para se matar. Cansado de viver, certo de que teria uma morte sofrida por causa da AIDS, e se sentindo desamparado por todos, ele me contou que naquele momento decidiu que o melhor era acabar com tudo.

Perguntei-lhe o que tinha acontecido, preocupado com a situação e lembrando com apreensão do meu sonho de muitos meses atrás.

“Bem, eu só fiquei lá deitado inconsciente durante quase três dias, até que acordei me sentindo uma merda, porém vivo, é claro, e fui para casa. Ninguém apareceu procurando por mim. Na verdade, parece que ninguém sequer sentiu minha falta. No trabalho pensaram que eu tinha saído, num impulso de momento, para um fim de semana prolongado. Meu pai e eu não nos falamos com tanta frequência, e a mulher com quem eu tinha rompido, naturalmente, não se surpreendeu que eu tivesse sumido de vista por um tempo.”

O terapeuta ideal, ensinaram-me, deve pensar em cada intervenção de cada cliente, mas tenho que admitir que dessa vez, se eu pensei, foi rápida e intuitivamente. Perguntei-lhe quando isso havia acontecido e ele me disse as datas.

No primeiro momento disponível depois da sessão, consultei o meu diário de sonhos, e, de fato, eu tivera o sonho na semana anterior à sua tentativa de suicídio. Na semana seguinte, quando Jerry chegou, contei-lhe o que havia sonhado e quando, na verdade lendo para ele o meu diário. Mais do que levemente curioso em saber como ele reagiria à informação de que a imagem que eu tivera continha um fantástico paralelo com o que, de fato, tinha acontecido, minha esperança era que ele reconhecesse, a partir do meu sonho sincrónico, mesmo que naquele momento ele não tenha sentido uma conexão

com ninguém ou com coisa nenhuma, que essas conexões existem mesmo assim. Fico feliz ao dizer que Jerry aceitou minha auto revelação dentro do espírito desejado, e continuamos nossa terapia por mais algum tempo depois disso.

Contudo, durante meses, eu ainda me pegava silenciosamente me auto recriminando por não ter telefonado para ele quando tive o sonho, fazendo inconscientemente aquilo que eu tinha visto muitas pessoas fazerem quando enfrentam esse tipo de sincronicidade, agindo como se o sonho tivesse sido premonitório, que é simplesmente uma outra forma de colocar meu ego no centro das coisas, imaginando, na minha grande sabedoria, que poderá ter — e na verdade, foi — sido concedido a mim, de alguma forma, um lampejo do futuro, e que como Deus eu deveria ter interferido para mudar o curso da história. O fato é que o sonho não tinha sido sincronístico para mim até o momento em que eu descobri por mero acaso que um fato externo tinha um extraordinário paralelo com a minha própria experiência interior. E esse é o perigo de ver tais sonhos como “premonitórios”, pois não se pode nem se deve autocensurar por não ter interferido em uma situação que, por experiência própria subjetiva, ainda não tinha acontecido.

O significado desse evento não está na minha ação ou falta de ação, mas na forma como o fato de eu ter sonhado com ele mudava muitas das suposições que Jerry havia feito sobre qual era sua posição nos corações e mentes de outras pessoas. Como tende a acontecer num evento sincronístico, a linha entre o subjetivo e objetivo, interior e externo, nós e o outro, torna-se um ponto de encontro, um ponto onde a trama do que fazemos e o personagem que somos se juntam e é, como em toda boa história, resolvido no final.

Obviamente, o trabalho psicoterapêutico não é o único lugar onde os sonhos sincronísticos figuram decisivamente na trama, mesmo se a relação terapêutica seja um dos poucos lugares em nossa cultura nos quais os sonhos são encorajados, examinados e apreciados. O vínculo especial entre mãe e filho é sabidamente um relacionamento no qual todos os tipos de sincronicidades ocorrem, inclusive aquelas que envolvem sonhos, e o sonho do meu colega Pete relativo à mãe que nunca conhecera mostra quão decisivamente um sonho sincronístico pode mudar toda a história de nossa vida.

Adotado ao nascer, porém sem muito desejo de localizar seus pais naturais, Pete, aos vinte e sete anos, começou a ter o que me descreveu como uma série de sonhos insistentes sobre seus pais naturais. Os sonhos, ele me contou, eram reais o suficiente para chamarem sua atenção durante dias seguidos naquela época, e ele se sentiu compelido a dividir muitos deles com seus amigos. Sentindo-se bastante protetor e leal aos seus pais adotivos, ele jamais tinha pensado em procurar seus pais naturais até esses sonhos se tornarem insistentes, então, em



resposta direta a esses sonhos, ele foi em frente e conseguiu toda informação não-identificada que pôde da agência de serviços sociais através da qual fora adotado.

Foi quando Pete descobriu a quantidade de detalhes sobre seus pais naturais que lhe havia sido revelada com precisão em seus sonhos: sua herança étnica, por exemplo, como também o fato de que quando os sonhos começaram ele tinha a mesma idade que sua mãe natural quando abriu mão dele. Na esperança de que agora que obtivera todas as informações seus sonhos iriam cessar, Pete constatou que eles continuaram, até que uma noite ele teve um sonho no qual lhe diziam em termos precisos: “O nome de sua mãe é Gladys.” Pete considerou o sonho sem sentido, pois o nome de sua mãe *adotiva* era Gladys. O que ele me contou que não tinha levado em consideração naquele momento era de que o sonho poderia estar lhe trazendo uma outra mensagem diferente.

Depois de mais ou menos outro ano com esses sonhos, Pete levou a sério a sugestão daqueles à sua volta que estavam convencidos de que havia uma razão inconsciente para esses sonhos, e começou a encarar ativamente a busca de seus pais naturais. As leis do estado onde ele tinha sido adotado eram liberais nesse sentido, requerendo somente o consentimento dos pais naturais e o adotado ser adulto para liberar a informação da identificação. Pete achou que seria um processo fácil, pois a assistente social com quem havia falado anteriormente dera indicações de que sua mãe tinha deixado esse consentimento. No entanto, contatando novamente a agência, ele foi informado pela nova assistente que esse consentimento não estava nos arquivos e que ele deveria iniciar sua própria busca, foi quando, frustrado e aborrecido, ele viu que o sonho podia ser útil.

Na tentativa de convencer a assistente pelo telefone a liberar para ele ao menos o nome de sua mãe natural e seu último endereço conhecido, ele disse a ela que havia sonhado que o nome dela era Gladys. Muda de espanto, a assistente levou um longo tempo para recuperar o fôlego.

“Ah, eu entendo”, disse ela com a voz trêmula. “Bem, seu nome é Gladys”, e sentindo a força do sonho sincronístico de Pete, ela foi persuadida a revelar a informação, dizendo, “Se alguém algum dia perguntar, responda somente que veio do seu sonho”. Dois dias mais tarde, depois de uma pesquisa nos catálogos telefônicos, Pete localizou sua mãe natural e conseguiu estabelecer um relacionamento muito satisfatório com ela.

Contando esse pequeno trecho de sua biografia, Pete continua se espantando não somente pela coincidência entre o sonho e o nome de sua mãe, que já é suficientemente significativa, mas com a estranha coincidência de ambas as suas mães terem o mesmo nome. Estando tão aflito desde o início da busca de sua mãe natural, ele me disse que, outra vez, o significado dessa coincidência está no

valor simbólico, a coerência que representou em relação à sua vida. Ela dá à história da sua vida aquela dimensão de beleza da qual falou Kundera, um pequeno detalhe coincidente porém significativo, num conto, como também na biografia de Pete, sentimos que se aplica de alguma forma.

Os sonhos “extra-sensoriais” que ouvimos até agora têm muito a ver com um evento externo ocorrendo simultaneamente à imagem inconsciente interna de um indivíduo. No entanto, o fenômeno de um sonho compartilhado — o mesmo sonho compartilhado por duas ou mais pessoas ao mesmo tempo — é um outro gênero na categoria geral dos sonhos sincronísticos que temos explorado. Apresentada a mim por amigo que sabia que eu estava trabalhando neste livro, Naomi me contou a história de como experimentou um tipo de sonho sincronístico.

Naomi faz parte de um grupo fechado de amigos desde a sua juventude. Enquanto estava sentada em casa um dia contando a novos amigos histórias de seu antigo grupo, alguém do antigo grupo telefonou só para recordar os velhos tempos. Encantada em ouvi-lo de uma maneira tão sincronística, ela implorou por um papo mais longo e marcou uma hora para se encontrarem.

Quando ela e seu amigo se encontraram na semana seguinte e depois que o requisitado papo foi posto em dia, eles começaram a conversar sobre um amigo comum que havia morrido, um homem tão querido por todo o grupo que eles o haviam apelidado de São Chris. Sentindo-se um pouco envergonhada de não ter mantido contato com Chris durante seus últimos anos, Naomi confessou ao seu amigo que durante muito tempo teve uma série de sonhos com Chris, vendo-o em vários lugares em seus sonhos, fazendo várias coisas, vendo uma expressão de espanto na cara de seu amigo. “Você também, hem.?””, disse ele, começando com a sua série de sonhos sobre São Chris que ele nunca tinha contado a ninguém, sonhos esses que eram idênticos aos de Naomi.

Perguntei a Naomi o que ela achava dessa coincidência. Ela respondeu dizendo que havia duas sincronidades aí. Primeiro, seu velho amigo entrou em contato justo num momento em que ela precisava saber dele, especialmente por causa de seus sentimentos de perda a respeito do antigo grupo de amigos. Segundo, a descoberta de que sua tristeza sobre Chris e o antigo grupo era compartilhada deu-lhe um sentido de ligação que ela sentiu a necessidade de reparar.

A sensação que tenho depois de falar com Naomi é aquilo que, na literatura da sincronicidade, é algumas vezes descrito como o campo inconsciente sendo ativado, semelhante ao campo elétrico ou magnético, exercendo sua influência nas pessoas que se encontram dentro do alcance desse campo. Outra metáfora usada com frequência por Jung para descrever essa experiência de coincidências

simultâneas é que um conjunto de complexos arquetípicos se “propagam” através dos sentimentos que duas pessoas compartilham sobre uma importante virada dos acontecimentos nas histórias de suas vidas. A descrição da sensação de ter um sonho compartilhado com um velho amigo, como um campo inconsciente ativado, considero uma boa metáfora, pois resume o sentido de estar incluído, de conexão mútua e de consciência de grupo que, para Naomi, era o maior significado do incidente.

O problema, no entanto, com essas metáforas é que é muito tentador tentar usar a metáfora concretamente como uma forma de explicar o que poderia ter “causado” essas coincidências, da mesma forma que é possível explicar por que duas bússolas apontam para o norte magnético ao mesmo tempo em partes diferentes do globo. O surpreendente do sonho compartilhado de Naomi, em minha opinião, é precisamente que *não* poderia ter sido causado por um “campo energético” ou “vibrações cósmicas”, mas estava além do controle consciente ou inconsciente de qualquer um. O caráter extraordinário e definitivamente inexplicável do evento serviu para chamar a atenção de Naomi para o quanto Chris e todos os seus amigos significavam para ela enquanto ela seguia com sua vida para um outro capítulo. A visão de Naomi da história é, ao menos para mim, um desfecho que não perde em significado sem uma causa discernida.

## Eu Posso Sonhar, Não Posso? Trabalhando Com Sonhos

Para realmente apreciar os sonhos sincronísticos, nossos e de qualquer pessoa, precisamos, como disse no início deste capítulo, ser capazes de trabalhar produtivamente com os sonhos, e o primeiro passo para fazer isso é presumir que o que sonhamos é significativo. No início da moderna psicologia, isso era uma dedução audaciosa, mas atualmente, apoiada por muitos anos de teorias psicológicas, e até por pesquisas experimentais, vemos que a dedução do significado nos sonhos não é nem primitiva nem autoprotetora.

Mesmo assim, deduzir o significado dos sonhos não quer dizer que o sonho seja uma mensagem na garrafa do inconsciente, para ser decodificada a fim de dar indicações secretas sobre situações específicas, como os dicionários dos sonhos exibidos em bancas de jornais nos querem fazer acreditar, nos quais os símbolos são listados alfabeticamente, de A a Z, e são dadas interpretações num padrão universal, boas para todos, em todos os tempos.

O significado que um sonho carrega é mais como o significado de uma história. Como os infinitos volumes de interpretação literária atestam, muitos significados válidos podem ser encontrados para a mesma história, que podem ser úteis para nos proporcionar uma introspecção, em nós mesmos como leitores

e dentro do mundo do autor da história. O *mágico de Oz*, de L. Frank Baum, por exemplo, tem sido interpretado sob uma ampla variedade de perspectivas. O significado psicológico que muitos junguianos, inclusive eu, encontramos na história, vendo Dorothy como símbolo do arquétipo feminino e a história de sua jornada como heroína dessa aventura em busca da maturidade emocional, é apenas mais um dos vários significados que as pessoas encontram na história de Baum. Em contraste, fui um dia presenteado com uma interpretação de um homem que argumentava que Baum pretendia que sua história fosse uma parábola da situação econômica dos Estados Unidos no início do século XX quando a confiança americana no padrão do ouro — a estrada de tijolo amarelo — deveria mudar para uma confiança em outra fonte de prosperidade simbolizada pela Cidade das Esmeraldas e o Mágico de Oz.

Minha intenção ao citar essa larga variedade de exemplos de interpretação literária no contexto do trabalho com os sonhos é para prevenir contra assumir uma postura que infelizmente muitos críticos se sentem obrigados a assumir com relação às suas interpretações de um texto: minhas ideias estão certas, as suas erradas; eu sei o verdadeiro significado do trabalho, você não. Lidando com um trabalho literário, deve haver alguma justificativa para essa atitude, sabendo o quanto uma interpretação conta para o texto. Uma interpretação do *Mágico de Oz*, por exemplo, que não tenha nada a dizer sobre o papel da Bruxa Malvada do Oeste na história, não seria obviamente uma interpretação muito boa. Porém, nos sonhos, nos quais o texto é totalmente subjetivo, pode não haver interpretações absolutamente certas ou erradas: elas são meramente interpretações melhores ou piores.

Como na crítica literária, a precisão da interpretação do sonho depende em parte do quanto essa interpretação que fazemos, seja qual for, leva em conta a complexidade das imagens do sonho ou da série de sonhos. Porém, diferente da crítica literária, nossa interpretação dos sonhos deve sempre levar em conta também nossa experiência subjetiva — de como o sonho nos fez sentir, sobre o que o sonho nos fez pensar e como o sonho se encaixa na visão geral da história de nossas vidas. Uma interpretação que leve em conta as imagens mas ignore a experiência interna ou o significado dela para quem sonhou não é uma interpretação que valha muito, não importa quão elegante ou compreensível seja. E em relação aos sonhos sincronísticos em particular, como eu espero ter deixado claro até agora, nossa habilidade em avaliar nossa experiência subjetiva é o segredo dessas coincidências enriquecerem ou não nossas vidas.

Para algumas pessoas que compartilharam suas histórias comigo, essas atitudes duplas — deduzir o significado e valorizar a experiência subjetiva — vêm naturalmente, pois elas cuidam de suas vidas interiores — seus sentimentos,

suas fantasias, seus sonhos — com tanta seriedade quanto fazem com sua vida externa — seus relacionamentos, suas vidas profissionais. Na verdade, para pessoas como os terapeutas, que gastam a maior parte de suas vidas pessoal e profissional dedicados ao desenvolvimento da vida interior de si mesmo e dos outros, as sincronicidades podem até ser chamadas de “ações da bolsa”. Porém, as histórias que contei mostram que essas pessoas não possuem o monopólio sobre os sonhos; não há nada inerentemente especial ou diferente ou talentoso para que coisas como essas aconteçam a elas. Como Jonathan com seu sonho sobre acabar sua casa, ou Pete com sua série de sonhos sobre sua mãe natural, tudo que se precisa é um pouco de insistência de parte da vida interna de cada um, acompanhada de uma coincidência que chame a atenção, e a importância em cuidar de sua vida interna se torna uma coisa natural.

Uma vez que todas as pessoas sonham, vejo o sonho como uma ocorrência diária, e examiná-lo com diligência é provavelmente a melhor maneira de começar a trabalhar com os sonhos. Algumas pessoas escrevem seus sonhos em diários, enquanto outras só escrevem seus sonhos de vez em quando, quando o espírito (ou o sonho) os emociona. Desenhar, pintar ou esculpir as imagens do sonho é uma técnica mais demorada, porém, para algumas pessoas, para quem as palavras não vêm fácil, é a única forma de lhes dar a vida de direito.

O sentido de todos esses métodos de registrar os sonhos não está em *como* fazê-lo, já que não existe a melhor forma, tampouco a melhor maneira de ler um livro ou ver um filme. A melhor forma é a que funciona para você. Minha amiga Yvonne se sente e lê ficção científica do começo ao fim de uma só tacada, para poder penetrar no mundo criado pelo autor. Eu gosto de expandir a experiência, fazendo pausas a cada capítulo, para deixar minhas próprias impressões ferverem e borbulharem até a superfície. Da mesma forma com nossas lendas interiores. Se você acha que os sonhos têm significado e gasta algum tempo ficando com seus sonhos de uma forma que se encaixe com sua personalidade, você irá sem dúvida saber mais a respeito de sua vida interior do que você jamais achou que fosse possível.

Porque os sonhos são de natureza simbólica, quando eles coincidem significativamente com eventos de nossa vida externa, o resultado é geralmente a mesma coisa que acontece quando um bom livro tem o efeito pretendido pelo autor: nossa percepção acorda, a consciência de quem somos e o do nosso lugar no universo se amplia e aprofunda. No próximo capítulo, estaremos indo mais adiante para o íntimo e para o alto, do mundo dos sonhos para o âmago de nossa espiritualidade, onde a coincidência da vida interior e os eventos externos tomam um significado transpessoal ainda maior.

## **Capítulo Cinco**

### **Entrando em Contato com o Autor**

#### Sincronicidade e Nossas Vidas Espirituais

O espírito é o eu verdadeiro.  
CÍCERO

Desde o Iluminismo, aquele período decisivo na história ocidental quando a fé na racionalidade e na ciência empírica começou a desafiar as crenças religiosas e suplantou a fé nas experiências espirituais, muitos se encontraram interiormente à deriva, inseguros, sem saber o que fazer com as experiências que em uma certa época eram vistas simplesmente como atos de Deus em suas vidas, e que quando vistas sob a luz da razão, ou não faziam sentido ou jamais poderiam ter acontecido. Além disso, com o sucesso espetacular que a Revolução Industrial teve em transformar a vida na Terra, essa fé científica nascida do Iluminismo parecia estar bem- fundamentada, tornando ainda mais difícil para muitas pessoas valorizar aqueles aspectos de nossas vidas que são irracionais e subjetivos. Nossas experiências espirituais, para continuar usando a imagem central deste livro, são vistas meramente como “ficção” sob a perspectiva de uma visão racional, empírica da vida, e porque os significados que atribuímos a essas experiências não podem ser provados pois as “causas” desses fenômenos não podem definitivamente ser determinadas, nossa era moderna fez da “crise de fé” uma aflição especialmente característica.

Esboçando o presente estado das coisas tão amplamente, como uma introdução à nossa exploração de sincronicidade e espiritualidade, não desejo negar o fato de que muitas pessoas modernas têm um conjunto estável de crenças e práticas religiosas, frequentemente aliadas a comunidades particulares, denominações ou tradições, que para elas resumem e dirigem suas vidas interior e externa. Mas mesmo dentro dessas comunidades de fé existe um sentido distinto de luta.

E para outros, ainda, essa moderna “crise da fé” assumiu outras formas. Rejeitando as tradicionais crenças religiosas ou reconhecendo que tais práticas e comunidades não se adaptam nem ajudam a encontrar sentido em suas experiências, as próprias palavras “religião” ou “espiritualidade” estão disponíveis e definidas de formas muitas vezes de natureza bastante individual.

Na verdade, na minha experiência, a palavra “religião” é na maioria das vezes usada explicitamente para falar da religião institucional, e “espiritualidade” fala de “minhas crenças pessoais” ou “minhas experiências individuais”, uma troca semântica que tem como resultado um conjunto relativamente organizado de crenças e práticas que normalmente são conhecidas como “Nova Era”.

Tanto na forma tradicionalmente religiosa como no formato de idiossincrasias espirituais, o fato é que essas nossas “ficções”, nossas religiões e experiências espirituais, crenças e práticas, são essenciais e parte universal do ser humano, não importando quão externamente transformadora a fé na razão e na ciência tenha sido ou continue a ser. Ser humano é contar histórias, viver e usar símbolos para dar sentido às nossas vidas, buscar uma experiência profunda, direta, daquilo que está além da nossa limitada existência mortal, e nenhum amontoado de tecnologia é capaz de mudar essas nossas características. Ficando com os primórdios da ciência da psicologia, nos quais havia uma corrida para identificar em que consistiam os instintos básicos da personalidade humana, Jung fez sua parte denominando o que ele chamou de “instinto religioso”, baseado em sua observação de que todas as culturas humanas têm sempre contado histórias de como as coisas aconteceram para dar sentido ao universo e para viver esse sentido através de rituais programados para provocar experiências de uma realidade transcendental.

Atualmente, a tensão é grande entre a forma puramente científica de ver o mundo e aquela que admite a existência de um poder maior que nós mesmos, e, querendo ou não, todos nós nos encontramos num estado de profunda transição sobre o lugar das histórias sagradas em nossas vidas. Serão todas as minhas crenças “ficção” no sentido menos respeitoso do termo, um conjunto de fantasias autoindulgentes que formulei ou inventei sobre a natureza da criação para tranquilizar, confortar ou iludir a mim mesmo? E possível “provar” de alguma forma a existência de Deus, se tudo o que temos são nossas experiências subjetivas — o que nos aconteceu individualmente, o que sentimos, o que isso quer dizer?

Como vimos até agora, onde quer que existam questões profundas, onde quer que haja uma história para contar, onde quer que haja transições a serem feitas, aí também encontraremos eventos sincronísticos frequentemente exercendo um papel importante e algumas vezes decisivo. E com relação às histórias de nossas vidas espirituais e religiosas, o princípio de conexão não causal que está no âmago de uma experiência sincronística, a forma como a realidade objetiva é trazida para dentro do relacionamento significativo através da experiência subjetiva, permite uma maneira de conciliar as exigências conflitantes da racionalidade e da crença.

No entanto, neste capítulo não somente estaremos olhando para a forma como as coincidências significativas moldam as histórias pessoais de indivíduos em relação a suas vidas espirituais, como o valor dado à experiência subjetiva do indivíduo nos levará a discutir questões básicas sobre a natureza das experiências religiosas, sua relação com formas científicas de entender o mundo e a perspectiva da psicologia sobre ciência e religião. E através das histórias que ouviremos sobre as sincronicidades na vida espiritual das pessoas veremos mais claramente o que significa sermos humanos.

## Como Encontrei meu Mentor Espiritual

Como descobri ao fazer a pesquisa para o capítulo sobre amor e amizade, pergunte a alguém como conheceu seu marido, mulher, amante ou companheiro de vida, e as chances serão de que você ouvirá uma história de sincronicidades. Portanto, não fiquei surpreso em saber que é a mesma coisa quando eu pergunto a alguém sobre seu desenvolvimento espiritual. Pergunte a alguém como conheceu seu mentor espiritual e como embarcou naquilo que considera seu caminho espiritual e, provavelmente, aconteceu sincronisticamente. O que eu não esperava, no entanto, falando com as pessoas sobre suas vidas espirituais, era que poucas pessoas nunca tivessem contado a alguém mais a história de seu despertar espiritual, um sinal, em minha opinião, de quão desvalorizadas (ou talvez protetoras) as pessoas se tornaram sobre essas histórias sagradas que, em outras culturas, têm um lugar central nas relações humanas. Senti-me muito privilegiado, por essa razão, ouvindo histórias e mais histórias sendo-me reveladas de pessoas que se viram no caminho para uma consciência mais elevada através de mero acaso.

Em retrospecto, não deveria me parecer estranho que, quando eu estava prestes a me sentar para começar a escrever o rascunho deste capítulo, recebi um telefonema de uma moça chamada Ellie. Tendo sabido através de amigos que eu estava escrevendo um livro sobre sincronicidade, ela pensou em me telefonar e oferecer a história do seu despertar espiritual. Eu pretendia escrever naquele dia, porém resolvi praticar aquilo que prego sobre sincronicidade e ficar aberto a uma coincidência significativa em potencial. Mudei meus planos para encontrar com ela naquele dia, e logo depois, sob a luz do sol da primavera na Califórnia, conseguimos nos encontrar no movimentado *shopping* perto de sua escola.

“Na verdade nunca me sentei para contar isso a ninguém”, disse ela, igualmente tímida e autoconfiante, “mas a razão pela qual estou aqui falando com você, e fazendo aquilo que estou fazendo na minha vida em geral, é puro acaso.” Descrevendo a si mesma como estudante de ciências na UCLA sem



nenhum contato com espiritualidade ou psicologia, Ellie me contou que no ano anterior, com vinte e cinco anos de idade, ela passou por uma “crise da metade da vida”, percebendo que a carreira científica para a qual tinha sempre se preparado não era o que ela queria realmente fazer, porém sem ter ideia de qual seria sua vocação.

“Era como se eu estivesse no final da vida que eu conhecia como minha. Não que eu tivesse alguma vez pensado em suicídio ou algo parecido, porém eu sabia que a vida que eu vinha vivendo tinha acabado.” Por acaso, um amigo deu a ela uma cópia do livro de Marianne Williamson, que Ellie leu com certo interesse, o primeiro desse gênero de leitura que ela teve. Intrigada pela perspectiva espiritual de Williamson, ela pensou que gostaria de ver Williamson falar, mas o local das palestras e o fato de que Ellie não tinha carro tornava isso quase impraticável. Descobrimo que Williamson também tinha um programa de rádio, Ellie tirou um tempo para sintonizar no programa regularmente, durante um período de seis meses, ficando cada vez mais atraída por suas mensagens espirituais.

Ellie ficou intrigada especialmente pelas frequentes referências de Williamson a um centro comunitário espiritual chamado Agape Center, e, através do catálogo de endereços, conseguiu o número do telefone, descobrimo então por pura sorte que ficava a uma distância de dez minutos a pé de onde ela estava morando. Quando Ellie começou a frequentar as atividades do centro regularmente, na mesma época seu tio, que estava treinando para praticar a hipnose como terapia, perguntou se Ellie gostaria de fazer hipnose com ele, não com propósitos psicoterapêuticos, mas para ajudar a parar com seu hábito de roer as unhas.

“Então lá estava eu, na verdade sem programar, frequentando o Agape Center e a hipnose”, me disse ela, continuando calmamente sua história, como se fosse difícil para ela acreditar em si mesma. Uma noite, enquanto seu processo de descoberta interior continuava em ambos os locais, Ellie estava sentada em uma livraria, folheando uma revista, quando um livro deixado por alguém na mesa em sua frente chamou sua atenção. Tendo chegado ao livro por acaso, ela então deu uma rápida olhada, e embora não tivesse ficado muito impressionada, encontrou no entanto uma referência a Ken Wilbur e à psicologia transpessoal, sobre os quais ela já havia ouvido falar e dos quais ela nada sabia.

Logo depois desse contato acidental com a psicologia transpessoal, Ellie passou por uma experiência espiritual transformadora durante sua meditação usual que ela descreve como uma “comunhão consigo mesma”. Durante essa experiência, seu longo período de confusão e falta de direção foi finalmente se encaminhando para um fim, pois nela ela recebeu uma visão do que deveria estar

fazendo em sua vida, qual era seu propósito e como deveria seguir em frente. Ela me contou que foi avisada em sua visão de que a psicologia transpessoal era o caminho que deveria seguir, embora na época da visão não soubesse o que era psicologia transpessoal.

Num café, logo depois dessa experiência, Ellie se viu trocando olhares com um rapaz do outro lado da sala. Depois de evitar seus olhares numerosas vezes, ela resolveu “seguir o rumo da experiência”, se apresentando a ele e começando a conversar. Perto do fim da conversa, sabendo que ele era estudante de sociologia, ela perguntou, por acaso, se ele sabia o que era psicologia transpessoal. No início ele disse que não tinha ideia, mas depois, refletindo um pouco, disse que tinha um amigo cuja mãe frequentara uma escola no Norte especializada em psicologia, uma escola chamada Universidade John E Kennedy, mas não sabia muito mais. Ellie sorriu enquanto continuava a história.

“Então, no dia seguinte, eu liguei para informações e consegui o telefone da JFK. Telefonei e perguntei, da mesma maneira que vinha perguntando a várias pessoas ao longo dos meses desde aquele momento de clareza, se eles sabiam o que era psicologia transpessoal. O rapaz riu de mim. ‘Nós simplesmente temos um curso inteiro dedicado a isso.’ E foi assim que eu acabei indo fazer um curso universitário lá, e acabei decidindo ser um psicoterapeuta. Uma série de acasos: o livro de Williamson me sendo dado do nada, pegando um livro numa livraria por acaso, sendo avisada por meu eu superior de que psicologia transpessoal era o meu caminho e depois aconteceu de conhecer um homem que me conduziu para a JFK, sendo que ele próprio nem sabia o que era psicologia transpessoal!”

Como resultado do que parece, visto de fora, ser simplesmente uma série de acasos, Ellie parecia bastante certa de que estava fazendo o que deveria fazer, em ambas as suas vidas, espiritual e vocacional, e o papel que o acaso parecia representar, empurrando-a de encontro ao que ela sentia que precisava ser, obviamente concede um elemento fantástico à sua história, como é sempre o caso em experiências sincrônicas.

Agora, muitos de nós provavelmente poderíamos contar histórias semelhantes de como acabamos fazendo o que devemos estar fazendo em nossas vidas, internamente ou externamente, e a história de Ellie, com seus acontecimentos do acaso, não tem nada do drama ou da astronomicamente remota improbabilidade de algumas das outras histórias de coincidências significativas que já ouvimos. O que é importante ver, no entanto, é o significado que Ellie tirou dos acontecimentos do acaso: que uma série de coincidências externas do acaso pareciam guiá-la, geográfica e espiritualmente, a um lugar onde ela encontrou o que considera sua vocação espiritual. Ela não estabeleceu que acharia a JFK. Ela não decidiu que se tornaria psicoterapeuta. Ela não se sentou um dia e disse “Vou

fazer algo sobre o meu vazio espiritual” e começou a frequentar a igreja deliberada e conscientemente buscando uma realização espiritual. De fato, no início do que ela veio a perceber como seu despertar espiritual, ela não tinha ideia do que fazer ou aonde ir para resolver seu desencanto com a carreira científica que estava seguido.

As conexões que aconteceram com Ellie na verdade *aconteceram* para ela, sem que ela as tivesse provocado, e ainda assim, tiveram grande significado e influenciaram na direção de sua vida interior e exterior. Teria ela interpretado os acontecimentos dessa maneira em retrospectiva? Teria ela “inventado” essa história, no sentido de que ela colocou esses significados em acontecimentos do acaso? Sim e não. Ela conta que as oportunidades externas do Agape Center, a hipnose e a psicologia transpessoal aconteceram por acaso, entrando em sua vida num momento de abertura para a transformação, ao qual ela respondeu agindo. Como em todas as histórias que vimos, uma coincidência pode conter um significado ou não, dependendo da atitude que trazemos para ela.

Uma outra mulher, Roberta, encontrou seu caminho espiritual através de uma coincidência improvável, porém não menos transformadora. Atravessando o país de carro, dirigindo e cansada da infundável estrada interestadual perto de Ohio, Roberta seguiu um impulso e saiu da auto-estrada para seguir seu caminho para o Oeste, pelo menos por um pouco, pelas estradas rurais. Ao longe, em meio aos campos e mais campos das fazendas, ela avistou um amontoado de construções e gente, os quais pareciam estar todos ocupados, em meio a uma colorida celebração ou um tipo de desfile. Intrigada por encontrar um festival nesse fim de mundo, seguiu seu faro e foi investigar, descobrindo uma comunidade espiritual organizada em torno de um guru, cujo dia da fundação dessa comunidade estava sendo celebrado e cuja tradição de receber bem um visitante estranho nesse dia era vista como um sinal auspicioso.

Roberta estava mais do que comovida com a simples coincidência de tudo aquilo, parecido com o tipo de sentimento que Pete teve ao encontrar Mary no motel no deserto do Mojave ou o que meu amigo John teve quando encontrou o homem que se tornaria seu mentor em um remoto *ashram* na Índia. Ficando para saber mais sobre a comunidade, seu mestre e suas práticas, Roberta me disse que conta seu despertar espiritual como tendo começado nesse dia, quando ela apareceu nessa comunidade no meio da celebração em meio ao nada. Se existe uma moral nessa história, é, suponho, que mesmo a estrada que leva a lugar nenhum leva a algum lugar.

Para uma outra coincidência sincronística envolvendo vagar pelo mundo e seguir sua intuição, Naomi me contou uma história que se passou quando ela tinha

dezessete anos de idade e vivia num *ashram* no Nepal. Durante um longo período ela sofreu de uma doença para a qual nenhuma prática médica do Ocidente ou do Oriente que ela consultou puderam encontrar a causa nem a cura. Depois de um sonho muito marcante sobre um homem que ela jamais conhecera mas cuja imagem ela podia ver claramente em sua mente, ela deixou o *ashram*, embora doente, e decidiu viajar.

Embora fosse difícil, pois ela estava sofrendo de uma doença crônica, Naomi, como Roberta, não seguiu nenhuma rota específica em suas viagens e por acaso e intuição foi atraída para uma cidade em especial na Índia. Lá, vendo um clínica naturalista e pensando que talvez as pessoas pudessem ajudá-la com seu problema de saúde, para seu espanto conheceu o homem com quem havia sonhado tantos meses antes, cujo rosto ainda estava fresco em sua memória como na noite em que havia sonhado com ele. Sentindo claramente que tanto o sonho quanto encontrá-lo eram sinais importantes demais para serem ignorados, ela se submeteu ao tratamento prescrito por ele, ficando curada de sua doença, permanecendo na clínica durante três anos depois para ser treinada pelo homem cuja especialidade espiritual e médica abriram seus olhos para a conexão entre o corpo, a mente e o espírito num período de formação de sua juventude.

Como Barry conheceu seu professor de astrologia é uma história que começou com uma sincronicidade e acabou ensinando a Barry uma lição completamente diferente daquela que ele pensou estar aprendendo. Em suas próprias palavras:

“Em 1981, enquanto eu estava na Universidade de Chicago, consegui uma bolsa de estudos para estudar bengali em Calcutá. Como astrologia hindu seria o assunto da minha tese, fiz indagações e encontrei um astrólogo, um velho homem bengali que concordou em me ensinar os rudimentos da astrologia hindu. Chamado Prodip, ele era um homem interessante e tinha levado uma vida bastante movimentada. Em certo ponto, no meio de minha estada na primeira visita lá, ele sugeriu que eu conhecesse seu filho, que era também astrólogo e quiromante, chamado Torun.

“Astrólogos e quiromantes na Índia geralmente dividem espaço com uma joalheria, pois receitam pedras. Então, mais tarde, quando decidi procurar Torun, encontrei essa pequena joalheria enfiada em meio a outras lojas em uma estranha rua em Calcutá, onde tudo estava caindo aos pedaços daquela forma evocativa que acontece na Índia. Bati na porta da câmara de Torun — lá eles chamam câmara — e, entrando, encontrei um homem sentando atrás de uma mesa num cubículo pequeno e apertado, meio barrigudo, quarentão, pele escura e olhos muito intensos. Eu me apresentei, dizendo que seu pai tinha me mandado para

conhecê-lo, mas não me senti atraído por ele, e a curta leitura que ele fez não me impressionou, então eu me levantei, agradei e saí.

“De volta a Chicago, depois de um ano, terminei minhas provas escritas, e quando a bolsa de estudos que eu esperava para voltar para a Índia não saiu, eu imaginei se eu estava destinado a voltar ou não para a Índia. Porém, de última hora, consegui uma outra bolsa e lá fui eu, no início de 1983. Nesse ano eu descobri que parte de minha alma estava em Calcutá. É uma cidade realmente fascinante, uma das cidades mais fascinantes do mundo inteiro e certamente da Índia. É extremamente cosmopolita, porém muito tradicional e tribal, com edifícios mofados e decadentes. É muito bonita em sua decadência, e todo infortúnio ou vício da Terra pode ser encontrado lá, portanto, é calorosa e rica em cultura.

“Como eu agora conhecia bengali muito bem, eu pensei em voltar a Prodip e terminar minhas aulas. Mas quando procurei-o, ele me disse que sentia muito mas estava muito velho e não podia mais aceitar alunos. Eu fiquei muito desapontado. Implorei a ele, mas continuou dizendo não, dizendo que eu devia estudar com seu filho. ‘Você conheceu meu filho?’, perguntou. Sim, eu disse rapidamente, sem muito interesse, porém Prodip me obrigou a ir procurá-lo e conversar mais com ele. Eu saí desanimado, realmente sem a menor intenção de marcar o encontro com seu filho.

“Eu fiquei rodando durante mais ou menos uma semana, pensando sobre com quem iria estudar. Certa vez, estava eu indo para o Instituto onde estudava, passeando, tendo em mente a decisão de procurar um professor de astrologia naquele dia, quando virei a esquina, a uma quadra do Instituto, e ao longe, numa longa e poeirenta estrada, vi dois homens em pé à minha esquerda. Eu olhei para eles, virei, depois olhei outra vez; no segundo olhar, vi que os dois estavam olhando para mim. O mais jovem dos dois ficou subitamente excitado em me ver, mas eu não o reconheci, ele veio até mim cheio de entusiasmo, dizendo ‘Oi, como vai?’, e assim por diante, ao que eu respondi hesitante, perguntando ‘Eu conheço você?’. Acabou que, na verdade, eu não o conhecia. Porém, o homem que estava com ele ficou parado olhando para mim com um olhar intenso, tão intenso que eu acabei ignorando o outro que estava me fazendo tanta festa. Eu sorri para ele, embora sem saber por quê, e ele sorriu para mim. Eu não me lembrava dele, mas andei até ele e disse ‘Alô’.

“Ele perguntou: ‘Você se lembra quem eu sou?’

“Eu disse: ‘Não, mas você me parece familiar.’

“Ele respondeu: ‘Eu sou o filho de Prodip, Tbrun.’

“ ‘Ah, alô’, eu disse. ‘Eu tenho pensado em encontrá-lo. Gostaria de lhe falar sobre a possibilidade de estudar com você.’

“Ele se tornou verdadeiramente receptivo de repente. ‘Muito bem’, disse ele. ‘Venha comigo’, e me pegou pela mão, desde aquele momento nos tornamos inseparáveis. Alguma coisa mudou repentinamente durante aquele encontro por acaso com ele na rua, de completamente desinteressado por ele eu subitamente me senti atraído como se fosse um ímã e não entendia por quê, mas assim que aconteceu eu tive a sensação de que esse relacionamento estava destinado a acontecer. Eu tinha finalmente encontrado a pessoa com quem iria estudar, embora não tivesse noção de que seria esse o caso.”

Desse encontro do acaso com um homem que Barry já havia conhecido mas não tinha sequer reconhecido na rua, nasceu uma amizade para o resto da vida. Para começar, com a ajuda de Torun, Barry expandiu seus conhecimentos sobre astrologia, hinduísmo e seu próprio caminho espiritual, mas ao longo do tempo o relacionamento se tornou mais complexo e difícil, na medida em que Torun revelava seus próprios atalhos, impelindo Barry a ver a necessidade de seguir seu próprio caminho e não ficar preso tão intensamente e confiar em um professor para lhe mostrar o caminho à frente.

A história que Lisa conta sobre seu desenvolvimento espiritual também esbanja sincronicidade, demonstra a verdade do que Barry aprendeu através de seu longo relacionamento com Torun: os *insights* espirituais vêm através de prestarmos atenção ao movimento da própria alma e nem sempre da confiança em professores e ensinamentos. A natureza na história de Lisa serviu como seu professor espiritual na forma de coincidências que tiveram um impacto significativo na maneira como ela enfrentou o mundo à sua volta.

De forte tradição protestante sulista, Lisa passou sua vida envolvida na igreja, tanto como participante quanto como líder. Casada com um vendedor, com três filhos, ela me contou que durante muitos anos, por mais que amasse seu marido, suas repetidas ausências eram problemáticas e ela começou aos poucos a ver que ele não era um homem capaz do tipo de intimidade que ela sempre buscara. Quando seus filhos cresceram e se tornaram mais independentes, e depois que ela voltou à escola para realizar seu sonho de se tornar fisioterapeuta, ela e seu marido em acordo mútuo resolveram se separar em vez de continuar seu relacionamento emocionalmente distante e frustrante.

O que Lisa não contava era de como a notícia de seu divórcio seria recebida pela igreja que ela e seu marido frequentavam. Ela viu que muitos dos membros de sua igreja, de quem ela fora próxima, foram mais solidários com seu marido, que como vendedor foi capaz de colocar seu lado da história para eles de uma maneira que ganhou simpatia e compreensão, e certas pessoas culpavam explicitamente a independência e a autoconfiança de Lisa pela separação. A experiência de ser julgada e a repentina falta de apoio que ela experimentou do

que tinha sido sua comunidade religiosa foi uma experiência divisora de águas para ela, colocando-a naquela situação que já vimos como característica dos acontecimentos sincronísticos — um período de transição.

Durante esse período, Lisa me disse, ela começou a ter sonhos e visões de uma maneira que naquele tempo eram totalmente sem precedentes para ela. Uma série de sonhos envolvia rituais e figuras religiosas dos índios americanos, como círculos de cura, curandeiros e pajés, e aconteciam durante o dia, quando Lisa se pegava imaginando; ela tinha repetidas experiências acordada dessas figuras aparecendo e falando com ela. Uma outra série de sonhos e visões envolvia figuras que naquela época Lisa não tinha conhecimento, mas que em seguida descobriu serem divindades hindus, o deus-elefante Ganesha e a poderosa figura masculina da divindade Shiva, com quem ela teve uma visão de si mesma fazendo amor. Um pouco chocada com essas imagens “pagãs”, do ponto de vista de sua própria criação estritamente cristã, ela me contou que foi encorajada por seu conselheiro na época — a quem ela procurou principalmente para receber apoio em torno do rompimento de seu casamento — a seguir a linha dessas visões para ver aonde levavam.

Para onde levaram, Lisa descobriu, foi para a natureza. Quando as principais figuras que ela via começaram a desaparecer gradualmente, o que ela percebeu estar ocorrendo em sua vida espiritual eram aparições repetidas daquilo que ela chamava de “guias animais”. Essa fase de seu caminho espiritual foi inaugurada por uma sincronicidade especialmente poderosa. Tendo tido a visão de uma serpente enorme, tão grande que na verdade ela não podia ver nem a cabeça nem o rabo, deitada em um altar em sua frente como um objeto sagrado para ser reverenciado, ela se viu mais tarde naquela semana descansando num tronco numa área selvagem próxima que ela havia escolhido para fazer suas meditações pessoais durante o período do divórcio. Ela ouviu um sussurrar nas folhas e olhou para baixo e viu deslizando, dentro de um arbusto, o corpo de uma linda serpente lentamente seguindo seu caminho, passando por ela até desaparecer. Este momento, no qual a realidade externa espelhou sua vida interior, foi um momento de confirmação sincronística para ela, levando-a a ter mais certeza sobre o solitário e estranho processo de crescimento espiritual que ela estava experimentando nos últimos meses através dos sonhos e das visões.

Desse momento em diante, Lisa começou sua própria pesquisa com visões, tendo o hábito de vir ao mesmo ponto da floresta, desenvolvendo um ritual baseado em suas próprias visões e algumas de suas leituras sobre espiritualidade na natureza. Ela desenhava um círculo na terra à sua volta, para simbolizar totalidade e proteção, oferecia comida e outras prendas para os espíritos animais da área como símbolo de respeito e relacionamento, então parava e esperava

para ver o que aparecia para ela. Praticamente sem exceção, Lisa era visitada pelos animais residentes na área. Pássaros, lagartos, cobras e insetos, todos apareciam em sua frente, algumas vezes respondendo a pedidos específicos de orientação, algumas vezes somente para lhe fazer companhia.

A semelhança entre a prática espiritual espontânea de Lisa com os rituais dos índios americanos me impressionou quando ela me contou a história, e eu fiquei imaginando o que ela fez com isso. De sua parte, ela disse, tinha a sensação que uma vez liberta de um casamento opressivo e uma atitude religiosa tradicional, ela era capaz de entrar em contato com o espírito mais natural da terra na qual ela vivia e que, é claro, tinha sido ocupada durante milhares de anos pelo mesmo povo cujos rituais ela estava recriando para si mesma. Embora morando na época em um recém-construído subúrbio fora de uma das maiores cidades do Sul, a história de sua família na região vinha de mais de duzentos anos, e Lisa conseguiu explicar as experiências para si mesma como uma aceitação de sua profunda conexão com a terra onde vive.

Diferente das histórias anteriores onde, através de uma série de acontecimentos do acaso, pessoas encontraram seus mestres espirituais ou tiveram suas consciências ampliadas, essa história de como Lisa encontrou seu mestre espiritual, por assim dizer, em forma de natureza e do passado vivo da terra representa uma sincronicidade de outro tipo. Sua criação espontânea de rituais, cuja similaridade com as práticas tradicionais as quais ela ignorava totalmente na época, baseados em visões de guias e divindades com espantoso paralelo com figuras religiosas específicas, parecia demonstrar que sincronicidades não precisam ser somente incidentes dramáticos, mas podem também ter a forma de um lento processo de surgimento da totalidade na história da vida de uma pessoa.

## É Tudo Sincronicidade? Na Percepção do Significado dos Acontecimentos

Até agora, se fiz meu trabalho, o leitor deste livro, tendo ouvido uma variedade tão grande de experiências sincronísticas — tanto dramáticas como simples, tanto externamente significativas como internamente transformadoras —, pode muito bem estar perguntando: “Bem, o que *não* é sincronicidade?” — uma pergunta que pode ser especialmente apropriada nas áreas de espiritualidade e religião. Os exemplos que seguem de como pessoas perceberam eventos do acaso em suas vidas como significativos, não somente porque eles resultaram em mudanças externas específicas, como trabalho, casos de amor ou uma amizade, mas por causa de mudanças “internas” que influenciaram sua compreensão de si mesmos, mudanças que obviamente não podem ser confirmadas ou negadas por



ninguém mais, colocam uma questão chave: como as pessoas distinguem o que é significativo em suas vidas?

Não teria Lisa simplesmente visto significado espiritual na aparição de animais para se sentir melhor? Não pode ser que Ellie, ao recontar a história de como ela foi para a faculdade, fez parecer como se ela tivesse sido guiada por uma força espiritual fora de seu controle? Não poderia você tirar conclusões filosóficas ou religiosas de quase tudo que lhe acontece? Não podemos investir nossas vidas desse significado para nos fazer sentir importantes ou mesmo escolhidos? Voltaire, este quintessencial pensador do Iluminismo, escreveu uma maravilhosa sátira (*Candide*) especificamente para fazer piada das maneiras indiscriminadas, fáceis e, portanto, tolas de como algumas pessoas vêem significado em tudo e para responder perguntas como as acima.

O herói dessa história, Candide, é seguido por seu mestre, Dr. Pangloss, através de catástrofes após catástrofes, que, apesar da aparente realidade, sustenta que tudo é para o melhor com as melhores palavras possíveis. Voltaire encerra seu livro com Pangloss balbuciando para Candide: “Todos os acontecimentos neste melhor dos mundos estão admiravelmente ligados. Se um simples elo dessa grande corrente for suprimido, a harmonia inteira do universo será destruída. Se você não tivesse sido expulso daquele lindo castelo, com aqueles chutes cruéis, por seu amor pela Srta. Cunegonde; se você não tivesse sido preso pela Inquisição; se você não tivesse enfiado sua espada no barão; se você não tivesse perdido todas as ovelhas que trouxe daquele belo país Eldorado, junto com os ricos com os quais elas foram embarcadas, você não estaria aqui hoje, comendo limões em conserva e pistache.”

Na verdade, em um livro sobre sincronicidades, história após história sobre acontecimentos do acaso são mostradas pelas pessoas que as experimentaram como significativas e transformadoras, de uma forma que agora pode se parecer muito com a de Pangloss, onde a quase tudo — a aparição de uma cobra, o fato de encontrar um professor de astrologia, como fui parar na faculdade — é dado um significado avassalador e transformador da vida. A sátira de Voltaire, no entanto, como todas as sátiras, vem do exagero, e eu conheço muito poucas pessoas que como Rangloss sentem uma certeza inabalável no significado das coisas que acontecem com elas ou afirmariam que, se não tivessem visto a serpente ou conhecido seu marido, toda a harmonia do universo seria destruída.

Eu gostaria de chamar a atenção do leitor para a forma como a maioria das histórias mostradas até agora, inclusive aquelas recém-contadas, envolve pessoas muito mais perdidas sobre o que fazer de suas vidas, pessoas que não sabem para onde ir e o que fazer, que não encaram os acontecimentos de suas vidas sob a posição filosófica de que “é tudo para o melhor no melhor dos mundos

possível”. Na verdade, muitos dos significados das sincronicidades aparecem em contradição direta com o que as pessoas gostariam de acreditar sobre a direção de suas vidas. A vida inteira frequentando uma igreja, Lisa se viu incomodada quando seus amigos da igreja lhe viraram as costas, e certamente a última coisa que ela gostaria era deixar para trás a comunidade da qual fazia parte há tanto tempo. Da mesma forma, Ellie, cuja crise da meia- idade aconteceu quando ela não tinha como evitar de reconhecer que aquilo que ela queria acreditar ser importante—uma carreira científica — não era de fato nem realizadora nem satisfatória.

O que ocorre em muitos, se não na maioria, dos acontecimentos sincronísticos como me foram contados, é que o que as pessoas na verdade queriam acreditar sobre si mesmas e suas vidas — emocional, profissional, psicológica e espiritualmente — foi revelado a elas, contra suas vontades, por mera coincidência, como nada do que parecia. Por termos que contar essas histórias num livro, depois que elas aconteceram e depois de as pessoas já terem articulado seus significados para si mesmas, existe uma tendência em ficar obscuro para o leitor que quando os fatos aconteceram seus significados — o que eles viriam significar no curso da história da vida dessas pessoas — ainda não estavam totalmente claros e concisos como aparecem agora.

Portanto, se a facilidade demonstrada por Pangloss, com a qual algumas das pessoas nessas histórias parecem estar investindo os acontecimentos menores de um significado mais amplo, algumas vezes até cósmico, é preocupante, eu sugiro que esse pode ser o efeito de ouvir a história depois do acontecido, e quero lembrar ao leitor para prestar atenção no que a experiência subjetiva da pessoa que viveu o fato deve ter sido naquele momento. Se nossas vidas são histórias, o que é contado e o que estou apresentando são versões revisadas e editadas. O rascunho, ou seja, a experiência original, é quando o significado da experiência é mais completo para as pessoas envolvidas.

Mas, mesmo então, a questão não é totalmente resolvida, pois há objeção de que as pessoas “leram” nos acontecimentos em retrospecto o que elas gostariam que fosse? Eu acho essa objeção interessante, porque propõe uma questão que parece em oposição com o equilíbrio entre subjetivo-objetivo que a psicologia tenta atingir: seria sua experiência subjetiva mais importante que a experiência objetiva? Ou, para usar a imagem central deste livro, seremos nós então os autores de nossas histórias? Se significado é um fenômeno totalmente subjetivo, no qual contamos a nós mesmos histórias sobre nossas vidas para encontrarmos um sentido em tudo, não *deveríamos* ter que ser os autores?

No entanto, o que é importante notar, enquanto ouvimos e ouvimos de novo histórias que as pessoas contam de acontecimentos sincronísticos, é que os

narradores não se sentem como se fossem, de fato, os autores da experiência. Quando ocorre uma coincidência entre um estado interno e um acontecimento externo do acaso, o qual nós não provocamos nem procuramos, não parece como se tivéssemos escrito a história mas como se algo objetivo, uma força externa, um princípio de ordem divina, Deus ou a Fé, tivesse em mente um plano para nós e para nossas vidas. No momento desses acontecimentos, ou quando você olha para trás para uma série desses acontecimentos, nós vemos uma organização e intenção que *parece* objetiva, que parece uma história escrita por outra pessoa, e certamente nada daquilo que nós mesmos teríamos escrito. Na verdade, às vezes o espantoso sobre o acontecimento é que aconteceu de maneira totalmente diferente e improvável, como o são algumas coincidências.

Quem é, então, o autor? De onde vem o significado nas histórias de nossas vidas? Para pessoas com uma fé religiosa, cuja experiência subjetiva afirma a existência de um Deus objetivo, Deus é claramente o autor. Em qualquer das histórias até agora, alguém com esse tipo de fé em um, Deus que está envolvido em sua vida diária provavelmente não teria chamado os acontecimentos ocorridos consigo de sincronísticos, porém teria simplesmente dito: “Deus me conduziu ao meu marido”, “Eu fui divinamente guiada para o trabalho que arranjei” ou “Foi o plano de Deus para minha vida que fez com que eu estivesse onde estava quando tudo aconteceu”.

Mas, e se você não pode ou não partilha sua perspectiva religiosa, sua crença, na existência objetiva de Deus? A resposta para essas perguntas sobre de onde vem o significado, ou quem é o autor de nossas histórias, me lembra uma citação de ninguém menos que Voltaire, quando ele diz de seu modo tipicamente irreverente: “Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo.” Esta observação sobre seres humanos, nossa necessidade de inventar Deus, foi uma observação para a qual Jung por sua vez trouxe uma explicação muito mais desenvolvida e séria, pois, percebendo não que nós, como teria Voltaire, deliberada e especialmente “inventamos” Deus, mas que todos os seres humanos partilham da capacidade de ver ou imaginar a totalidade.

A noção de Jung do arquétipo, como mencionei na minha introdução, é definida como uma forma típica de captação, um padrão de percepção e entendimento psicológico comum a todos os seres humanos. Uma dessas formas de percepção, e talvez uma das mais importantes identificadas por Jung, é o arquétipo da totalidade, a habilidade de perceber a unidade fundamental entre as partes dispersas de nossa experiência. Como vimos nas várias experiências sincronísticas contadas até agora, a percepção de totalidade nesses incidentes não vem do nosso ego, nosso sentido consciente de nós mesmos, mas sim da

forma como o significado reúne *tudo* o que somos, partes de nossa experiência que não percebíamos, potenciais que possuímos mas que estavam adormecidos ou não-desenvolvidos, elementos de nossa personalidade que não sabíamos que existiam.

Por essa razão, Jung chamou o arquétipo da totalidade de Eu, pois na verdade a experiência desse arquétipo é muita parecida com a de uma personalidade supra ordinária, a totalidade de nós mesmos trazida para dentro de uma estrutura coerente, como numa história onde todas as coisas têm seu lugar e significado. De acordo com Jung, esse tipo de experiência, na qual um acontecimento ativa nossa capacidade arquetípica de perceber a totalidade, é responsável pela maneira pela qual nosso ego percebe que o significado desses eventos vem de fora, de uma fonte externa, de um princípio objetivo da ordem do universo. Quando percebemos essa totalidade, não sentimos como se nós, nossos egos, nossos eus diários, fôssemos os autores do significado, mas como se houvesse um autor, um Eu com E maiúsculo, cujo plano para nossas vidas parece maravilhoso e compreensível em sua estrutura e coerência.

Esse arquétipo de totalidade é responsável pelo que Jung chamou de imagem de Deus na psique humana. Seu termo, imagem de Deus, em vez de Deus, é uma observação designada não para negar a possibilidade de um Deus objetivo nem para denegrir as crenças ou experiências daqueles que se sentem capazes de fazer essas afirmações sobre realidade definitivas. São meramente para observar as qualidades particulares na experiência humana que permitem a alguns de nós perceber a ação de Deus em nossas vidas, e para outros, que não acreditam em Deus, entenderem por que a imagem de Deus é tão poderosa, universal e importante, pois, como disse Voltaire: “Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo.”

Nossa capacidade de perceber a totalidade, o arquétipo do Eu, é portanto o autor de nossas histórias, os meios pelos quais os acontecimentos do acaso são ligados através de seus significados objetivos. Para aqueles de nós para quem Deus é a primeira causa em toda corrente de causalidade, cujo resultado é o universo, como para Tomás de Aquino, não existem acidentes, pois Deus é o autor de todas as nossas histórias. Para outros de nós, cuja fé num princípio objetivo de ordem no universo não é tão certa, cuja noção do papel de Deus em nossas vidas diárias não está clara, ou cuja crença em um Deus objetivo não exclui um interesse no que acontece com os *humanos* que nos permite perceber e conhecer Deus, a noção de Jung do Eu representa uma forma não-teológica de falar e entender essas coincidências significativas.

Através do princípio psicológico da sincronicidade, o valor é colocado em nossas realidades subjetivas, um valor que não é permitido por nenhuma outra

religião nem pelo ponto de vista científico relativo à realidade objetiva. Dentro da ideia de que nossa capacidade humana inata de perceber a totalidade conta para o significado que experimentamos nos acontecimentos do acaso, Jung nos deu uma maneira de falar das transformações que atravessamos através das coincidências de nossas vidas e os mitos que elas nos revelam sobre quem somos mais profundamente.

### Quando as Palavras Entram em Conflito: Experiências Místicas como Acontecimentos Sincronísticos

Com um entendimento do conceito de Jung do Eu para se referir às questões importantes que costumam despontar em torno da espiritualidade e da sincronicidade, vamos agora nos embrenhar mais adiante neste emaranhado, dentro do âmago do que é tradicionalmente chamado de experiências místicas. No sentido normal do termo, cada experiência sincronística é mística, com isso desafia a forma usual de entendermos nossas vidas como uma corrente de causas e efeitos. Porém, enquanto as experiências sincronísticas são frequentemente enganadoras, elas não são necessariamente “místicas” no sentido em que o termo tem sido usado na religião ocidental: uma experiência de um indivíduo direta e consciente de Deus.

Em vista dessa definição, obviamente, toda experiência mística não é necessariamente sincronística, pois muitas não envolvem uma coincidência entre o estado interior e um evento externo mas, ao contrário, são experiências transformadoras totalmente internas que nos trazem uma consciência mais elevada. Na história de Ellie, por exemplo, o despertar espiritual que ela experimentou em sua prática meditativa não era em si um acontecimento sincronístico, não era uma coincidência entre interior e exterior, embora fosse realmente um exemplo de experiência mística — uma experiência direta de um alto nível de consciência que mudou sua vida interior. O que ela experimentou como sincronístico foi a série de acontecimentos do acaso que ocorreu depois, e que a levou ao lugar onde ela sentiu que poderia preencher aquilo que se tornou, através de sua experiência mística, sua vocação para a psicologia transpessoal.

As histórias que seguem se referem a experiências místicas que *eram* sincronísticas por natureza. Essas histórias são coincidências significativas entre visão interior e acontecimento externo que tinham em si um conteúdo especificamente religioso ou espiritual, ou tinham um efeito importante no desenvolvimento do despertar espiritual de um indivíduo. Elas ilustram o papel que o acontecimento sincronístico representa até mesmo em nossa relação com Deus, como quer que Deus seja entendido.

A história que Stuart me contou de como encontrou sua vocação como terapeuta é um exemplo de uma experiência mística que era sincronística. Como tinha sido o caso de muitos indivíduos que dividiram suas histórias comigo, Stuart estava infeliz em sua situação como ator na cidade de Nova York; lutando por trabalho, “terminalmente auto absorvido”, para usar sua própria descrição, e precisando demais de uma grande mudança em sua vida. Uma série de acontecimentos ocorreu então, quando aconteceu essa mudança de vida, com toda sua excitação e ruptura. Recebendo uma oferta de trabalho como ator fora do estado em um grupo que trabalhava com crianças para despertar a consciência sobre assuntos como maus-tratos, justamente quando seu companheiro estava entrando nos estágios terminais de AIDS, ele ficou conhecendo uma mulher que se tornaria sua mentora, quando ela impulsivamente lhe ofereceu um quarto em sua própria casa, sem saber que ele estava precisando de moradia no momento. Durante todos esses acontecimentos, no entanto, os sentimentos de Stuart não eram daquele tipo surpreendente de experiência que outros tiveram, porém muito mais uma sensação contínua de questionamento: “Por que isso está acontecendo comigo? Por que não? Onde estará indo?” Ele tinha a vaga sensação de estar sendo guiado a algum lugar por alguma coisa, mas sem realmente saber o quê ou onde.

Não foi senão após a morte de seu companheiro que uma experiência interior absolutamente única aconteceu para Stuart e sincronisticamente esclareceu o que ele deveria fazer a seguir. Enquanto ele dobrava suas roupas numa lavanderia em Manhattan, sua mente divagando, uma voz em sua cabeça disse claramente, distinta e simplesmente: “San Francisco.” Nesse momento, enquanto me contava a história, Stuart riu. “Eu não sei como descrever isso. Não era a minha voz. Não era como se eu estivesse falando comigo mesmo ou algo parecido. Era muito clara e isso foi tudo o que disse. Somente San Francisco.”

Bem, ao longo desse seu trabalho com crianças que, na verdade, era de enfoque muito mais terapêutico do que meramente representar, Stuart cresceu interiormente e aprendeu a prestar atenção a essas mensagens. Então, quando por coincidência descobriu que amigos seus iriam fazer uma viagem a San Francisco, ele se convidou para ir junto, e é lá que ele mora e segue sua carreira de psicoterapeuta. Como ele me disse: “Aqui é onde devo estar. Este é o lugar onde deveria vir”, eu podia ver a decisão em seu rosto, de todas as muitas perguntas que ele vinha fazendo a si mesmo sobre o rumo de sua vida. Como as histórias que já ouvimos de pessoas sendo aparentemente guiadas para o lugar certo no momento certo, a história de Stuart envolve uma experiência direta, imediata, consciente e transformadora de ouvir uma voz específica dizendo a ele para fazer uma coisa específica, que definitivamente o levou a fazer a transição

que vinha buscando em sua vida.

A pergunta natural levantada por esse incidente é: quem ou o que era aquela voz? Era o próprio Stuart? Stuart diz que não. Da forma como ele descreve a experiência, *não é* uma simples tomada de consciência de seu desejo de se mudar para a Costa Oeste, porém um acontecimento interno totalmente casual e muito específico que o levou a mudar sua vida.

Seria Deus? Ao contrário de Ellie, que se sentia confortável usando linguagem religiosa para descrever sua experiência de uma voz interna, Stuart parecia bastante cuidadoso em concluir que Deus tinha dito a ele para ir para San Francisco. Mesmo assim, ele se sentiu convencido de que se não fosse pela experiência mística de ter sido avisado de que deveria ir, ele não teria a vida que tem em San Francisco, um lugar onde ele jamais tinha realmente imaginado que moraria.

Como nos sonhos, a direção sincronística de experiências místicas como essa são de “dentro para fora”; o elemento do acaso é o acontecimento interno que vem de lugar nenhum — certamente não vem da sensação consciente do eu do indivíduo. O simples uso da palavra “mística” para descrever esses eventos indica que *quem* quer que seja essa voz, jamais poderá ser determinado objetivamente. Porém, o significado subjetivo do acontecimento, confirmado pela subsequente satisfação de Stuart nesse novo capítulo de sua vida, faz da história de Stuart sincronística — pois a sua voz interna guiou-o diretamente, porém coincidentemente, para uma importante mudança em sua vida.

Todas as épocas e culturas estão cheias de histórias de curas físicas que coincidiram sincronisticamente com revelações e instruções místicas. Eu vou me limitar aqui a uma que me foi contada pessoalmente, para mostrar como aquilo que da perspectiva de uma religião tradicional é uma cura mística, também pode ser chamada de acontecimento sincronístico.

Juanita, que veio com sua família de Porto Rico para os Estados Unidos, sofreu por quase toda sua vida de uma doença de pele nas mãos, para a qual os médicos há tempos não conseguiam fazer nada. Ela havia tentado todo tipo de tratamento médico convencional, como remédios e loções e, na falha desses, Juanita se voltou para as formas menos convencionais de tratamento, remédios de ervas nativas preparados por amigos e coisas semelhantes, também sem sucesso.

Um dia, durante uma oração na qual, disse ela, seu problema não estava em foco, ela, como Stuart, ouviu a voz de uma mulher a quem imediatamente identificou com a Virgem Maria, que disse que ela deveria imergir as mãos na água e agradecer a Deus por sua cura. Juanita se lembra da suavidade na voz como sua característica mais impressionante, um tom amoroso que, segundo

Juanita, fez com que ela se sentisse imediatamente bem. Ela fez o que disse a voz, enchendo de água a pia de seu banheiro e pondo suas mãos nela enquanto agradecia a Deus. Em uma semana, a doença de pele que ela tivera a vida inteira tinha desaparecido.

Tornou-se um passatempo dar explicações causais a esses acontecimentos como o de Juanita, explicações geralmente baseadas na ideia de doenças psicossomáticas ou, para usar um termo antigo, distúrbios de somatização, onde o conflito emocional se manifesta ou é convertido num sintoma físico. Quando ocorrem curas espontâneas, portanto, elas são explicadas como algum conflito inconsciente obscuro que se resolve de forma que a pessoa pode “abrir mão” da doença ou da aflição. Em termos teológicos ou religiosos, obviamente, a explicação é bastante diferente, e a ideia de que a Virgem Maria visitou Juanita como mediadora para uma manifestação concreta da generosidade de Deus — que é a interpretação da própria Juanita sobre os fatos — em si mesma explica a cura da sua doença de pele. Atualmente, em plena consciência da Nova Era, a chamada conexão mente-corpo, despojada de qualquer noção do inconsciente bem como de qualquer filiação doutrinária específica, aceita como *de fato* a causa desses eventos. E, é claro, nenhuma dessas explicações causais poderia ser persuasiva, em vista de nosso conhecimento, hábitos intelectuais e experiências pessoais.

Se refreamos, no entanto, a tentação de declarar a causalidade do acontecimento físico específico e apreciarmos, ao invés, a experiência subjetiva da própria Juanita — surgindo do nada, uma voz adorável promete uma cura física que de fato tem lugar subsequentemente, aparentemente atendendo à obediência de Juanita às instruções que lhe foram dadas —, então, o que vemos, é o que temos chamado até agora de sincronístico; um evento interno que para o indivíduo é vivido não como ele mesmo, porém como Alguém lhe dando instruções, orientação ou conselhos, que, quando seguidos, coincidem com um significativo desfecho externo na vida da pessoa.

Minha colocação é que, chamando essa experiência mística de sincronística, nós não estamos tentando explicar o que aconteceu em termos religiosos ou psicológicos. Tudo que estamos fazendo é observando a estrutura do incidente, na qual o acaso interno coincide com eventos externos significativos, e constatando que esse evento foi incorporado como um incidente importante na história que Juanita conta de sua vida. Porque nosso propósito neste livro tem sido constantemente explorar como as pessoas encontram sentido em suas vidas, como ocorrências do acaso se entrelaçam dentro de uma história que dá coerência às nossas vidas, quando se trata de experiência mística especialmente, o conteúdo do evento — o que ele significa — cabe sempre ao indivíduo



interpretar e viver.

Diferente de Juanita, Vai me conta a história de uma experiência mística que resultou sincronisticamente numa cura de natureza emocional, em vez de física. Durante a longa doença de seu pai, Vai e o resto de seus irmãos se mantiveram a distância dele. Malvado durante suas infâncias e não tendo amolecido com a idade, ele se tornou na última parte de sua vida inteiramente dependente da mãe de Vai para enfrentar o constante declínio de sua saúde. Portanto, quando sua mãe chamou-a um dia para perguntar se ela viria ficar com eles para dar a ela um pouco de descanso, Vai foi com o coração pesado e muita resistência.

Quando ela chegou, a cena era pior do que imaginava que seria. Ela se sentia desconfortável dormindo na casa de onde tinha fugido muitos anos atrás. Seu pai, com uma dor constante, a todo momento perdendo a consciência, e sua mãe nervosa, exausta e dependendo dela. Depois de alguns dias lá, Vai subitamente acordou uma manhã e sentiu o que ela descreveu como uma “poderosa mensagem” para pegar o carro. Ela obedeceu e dirigiu como que guiada por uma força desconhecida para uma área da cidade onde ela nunca tinha estado antes e se viu em um *shopping center* que jamais visitara. Sua mente consciente, preocupada com o porquê dela estar fazendo isso, mas mesmo assim se sentindo compelida a fazê-lo, ela entrou em uma livraria e sem pensar foi direto até o fundo, para uma prateleira de livros sobre tratamentos naturais de cura, pegando um livro em especial dentre todos os outros, abriu-o em uma página específica onde era descrito um tratamento para alívio da dor com o uso de óleo de cânfora e flanela. Estupefata, ela comprou o livro, foi a uma loja próxima, onde comprou o óleo de cânfora e a flanela que fora orientada a comprar, e levou-os para casa, onde sua mãe estava sentada, tomando café na cozinha no andar de baixo.

Tendo certeza de que devia ir até fim, Vai contou à sua mãe sua experiência, e as duas partiram para o tratamento contra a dor descrito no livro. Imaginando que talvez ela mesma devesse fazer a cura descrita, Vai entregou a tarefa para sua mãe, incapaz de enfrentar o tipo de contato necessário com seu pai.

“O relacionamento dos dois sempre fora ruim, e a doença não ajudou”, me disse Vai, enquanto eu ouvia a caixa de som perto de nós tocar a música da cena final de *Tristão e Isolda* de Wagner, um toque sincronístico do mundo real fazendo a trilha sonora para a história que eu estava ouvindo. “Porém, você sabia, aquela massagem com óleo de cânfora e flanela mudou completamente o relacionamento deles. Eu não sei se aliviou sua dor fisicamente, suponho que algo aconteceu, mas a verdadeira cura se deu emocionalmente, por causa dessa massagem, que só aconteceu porque eu segui uma estranha mensagem interior espantosamente específica, minha mãe e meu pai na verdade se apaixonaram um

pelo outro novamente. Eu fui embora logo após esse incidente, desde que senti que não era mais necessária, e sua segunda lua-de-mel continuou durante todo o último ano de sua vida. Eles eram realmente carinhosos um com o outro. Eu ligava para falar com eles, e ambos eram como duas pessoas diferentes. Eu estava realmente espantada. Foi como se eu tivesse sido o veículo para uma cura emocional, no entanto não me pergunte como nem por quê. Eu não sei. Tudo que sei é que a mensagem que recebi, como instruções do universo, mudou tudo. Foi realmente algo especial.”

Nas experiências místicas de Stuart, Vai e Juanita, uma experiência interior de caráter inteiramente diverso de qualquer experiência prévia que eles jamais tiveram levou-os a atitudes no mundo externo que mudaram suas vidas ou as de pessoas à sua volta, atitudes que eles jamais tomariam de outra maneira. Menos espantosa, talvez, mas não menos mística é a história de Tony d’Aguanno e sua busca do conhecimento. (O leitor deve se lembrar de Tony e de sua história da “nota mágica”, que ele deu ao seu amigo em lugar de um trabalho.) Durante um ritual de índios americanos no qual os participantes eram induzidos a escolher um objeto de poder para si mesmos de uma pilha de pedras que ficava no meio de um círculo, Tony se ofereceu para ser o primeiro. Ele tinha planejado examinar cada uma das pedras da pilha para selecionar aquela que sentisse ser a mais acertada para ele, porém, no canto de sua visão, ele viu uma pedra em especial na forma de uma montanha com uma cabeça de lobo no topo, “pulsando” em suas palavras. Sem pensar, escolheu essa pedra e levou-a para casa depois do ritual.

Tony estava se preparando para partir para uma viagem de dois meses pelo país, mas na semana antes da data de sua partida seu carro começou a dar problemas e seu mecânico disse que a junta do motor não estava vedando. Ele lhe sugeriu usar um outro carro, pois era certo que o motor do dele não aguentaria, porém Tony ignorou seu conselho e partiu assim mesmo, pensando no último momento: “E melhor eu levar aquela pedra comigo.”

No pé das Sierras, o inevitável aconteceu. O medidor de temperatura do carro subiu até as alturas e Tony foi forçado a encostar na beira da estrada para acampar durante a noite. Pela manhã, recebendo uma mensagem de algum lugar, alguém ou alguma coisa, Tony fez uma espécie de ritual espontâneo com a pedra sobre o motor do carro, se sentindo um pouco bobo e mesmo assim compelido a continuar agindo. O carro funcionou na manhã seguinte, e embora continuasse tendo problemas intermitentes durante todo o resto de sua viagem, ele conseguiu levá-lo de volta para casa.

Quando Tony levou o carro até o mecânico sem demora para os consertos que ele havia adiado por meses, ele olhou para Tony admirado. “Eu nunca vi isso

antes. A junta está boa”, disse ele, incapaz de acreditar em seus olhos ou em Tony, quando ele lhe jurou que não tinha feito nenhum conserto no carro.

Que o “objeto de poder” em forma de pedra que ele havia escolhido ou o ritual que realizara sobre o motor magicamente “causaram” a cura é mais do que certo. Mas essas experiências místicas, como as de Vai e Tony, nas quais o indivíduo se sente guiado, forçado ou levado intimamente a praticar certos rituais que dramaticamente coincidem com acontecimentos externos, mostram uma outra forma pela qual entramos em contato com uma sensação de plenitude, o Eu do qual somos parte, que dá contorno e coerência à nossa história.

As vidas dos místicos são sempre pontuadas, se não totalmente estruturadas, por histórias de acontecimentos espantosos do tipo apresentado no último parágrafo, geralmente apontados pela linguagem religiosa como milagres, sinais da intervenção direta de Deus na história humana. Na verdade, para a santidade de alguém ser reconhecida pela Igreja Católica Romana é necessário um número específico de milagres realizados pelo indivíduo, e coisas como curas, fenômeno da bilocação (aparecer em dois lugares simultaneamente) e a transformação física de objetos fazem parte do conjunto geral de realizações milagrosas que evidenciam a santidade de alguém.

Em contraste com as histórias de cura, em algumas religiões tradicionais, as feridas e o sofrimento são a essência da sincronicidade mística, como é o caso dos homens e mulheres na tradição cristã que foram descritos como tendo recebido as chagas de Jesus Cristo em seus próprios corpos. Estigmáticos, como são chamados, começando com São Francisco de Assis, que recebeu as chagas de Cristo durante uma experiência de êxtase perto do final de sua vida, são, sob um ponto de vista, exemplos vivos de sincronicidade, as feridas físicas em suas mãos e pés coincidindo com as chagas do Cristo crucificado descritas no Novo Testamento. Embora seja fácil chamar essas histórias de meras lendas quando elas datam da Idade Média, exemplos muito bem-documentados dessa forma particular de experiência mística, mais recentemente como a do Padre Pio de Pietrelcina, são difíceis de ignorar.

Nascido em uma pequena cidade do Sul da Itália em 1887, Francesco Forgione era considerado por todos piedoso, mesmo para os padrões de seu tempo e lugar. Ele entrou para o seminário e rapidamente manifestou uma intensa devoção religiosa. Em 1918, depois da celebração do recebimento do estigma de São Francisco, Padre Pio, como era chamado Forgione como padre, acordou de um estado de êxtase de união com Deus que o deixou no chão do sótão do coro da igreja, sangrando profusamente e dolorosamente nas mãos, pés e lados. Essas chagas nunca cicatrizaram nos cinquenta anos seguintes de sua vida.

Místicos e experiências místicas por sua própria natureza provocam respostas fortes de crédulos e incrédulos igualmente. Em contraste com o que os tipos anticlericais possam acreditar sobre a religião organizada — que essas experiências místicas são usadas e promovidas pela igreja para avançar nas reivindicações que a igreja supostamente tem da verdade total da existência —, a realidade é que a hierarquia institucional da Igreja Católica Romana tem se mostrado constantemente bastante hostil e desconfiada a respeito de experiências místicas como as aparições da Virgem Maria, curas espontâneas e fenômenos como os estigmas. Em parte devido ao medo de impostores agindo para desacreditar a igreja ou enganar fiéis crédulos com truques de natureza espiritual, financeira ou psicológica, e em parte devido à ansiedade geral que qualquer burocrata sente quando se depara com desafios irracionais para sua autoridade, os dirigentes da igreja não são tão diferentes dos mais ferrenhos racionais fora da fé para acreditar na aparência desses fenômenos místicos.

Por exemplo, seguindo a aparição das feridas do Padre Pio, que durante sua longa vida nenhum tratamento médico foi capaz de curar nem exame psicológico capaz de explicar, os próprios superiores do Padre Pio o puseram praticamente em “cárcere domiciliar”, proibindo-o de aparecer em público, celebrar a missa, ter qualquer contato prolongado com qualquer pessoa fora de um círculo restrito. Mesmo assim, como se pode imaginar, Padre Pio conquistou bastantes seguidores, e as histórias das curas efetuadas por ele, ou aparições que ele fazia a pessoas perturbadas ou necessitadas, e a sabedoria de seus ensinamentos, rapidamente se tornaram uma legião. Como ele viveu no século XX, a história do Padre Pio foi examinada com toda a eficácia da ciência moderna, e enquanto se pode debater se a causa de seus estigmas era psicológica, espiritual, mística ou histórica, um elemento da história do Padre Pio fica fora de dúvida: suas feridas eram reais.

Sem conhecer essa história, durante o curso secundário eu cultivei uma amizade muito próxima com o capitão do nosso time de futebol, Vince, cuja família tinha nascido em Pietrelcina e tinha conhecido pessoalmente Padre Pio. Meu passado é completamente protestante, de um tipo muito americano, pé no chão, portanto eu não sabia nada de misticismo, e com certeza nada sobre Padre Pio, exceto que Vince fora batizado por ele e que, na verdade, carregava uma crosta de uma das feridas do Padre Pio em sua carteira. Como a maioria dos adolescentes em Nova Jersey, eu achava estranha essa coisa de crosta de ferida, mas o catolicismo do Sul da Itália era, como eu disse, mais ou menos como um outro mundo para mim na época, e de místicos, santos, estigmas, milagres e curas, eu era completamente ignorante.

Vince e eu continuamos nossa amizade na faculdade, e na semana anterior à

minha partida para um ano de estudos na Itália, fomos à missa juntos numa igreja perto de seu alojamento na Universidade da Pensilvânia. Era uma missa cedo e a enorme igreja estava praticamente deserta. Sentado bem no centro, sem ninguém em volta de nós, três vezes distintas durante os serviços eu senti um cheiro fortíssimo de rosas: uma vez, durante o sermão; uma vez, durante a consagração da Hóstia, e uma vez, na bênção do final. O perfume era peculiar, muito penetrante, como rosas em declínio, e muito forte, me atingindo em ondas. Eu olhei em volta e vi que não havia rosas na igreja, nem mulheres perto que pudessem estar usando perfume, nem incenso queimando.

Na nossa volta para o quarto no alojamento de Vince, ele simplesmente perguntou: “Você sentiu algum cheiro estranho hoje na igreja?”

“Bem, na verdade, senti”, respondi, mas antes que eu pudesse dizer-lhe o que era, ele me fez silenciar.

“Não me diga nada a respeito disso, está bem? Somente antes de você ir para casa hoje à noite, vá até a casa dos meus pais e conte a eles que você sentiu um cheiro estranho na missa hoje.”

Atordoado, eu fiz o que me fora pedido, indo até a casa dos pais de Vince naquela noite e simplesmente relatando que tinha sentido um cheiro na igreja. O pai de Vince, para meu espanto, descreveu o que eu havia sentido: “Rosas, muito forte, e três vezes, depois do sermão, durante a consagração e no final dos serviços.”

Bastante impressionado, eu devo ter parecido confuso quando disse: “Está certo. Foi exatamente isto. Como você poderia saber?” Ele ficou absolutamente calmo e, na verdade, sorrindo levemente do meu espanto. “Esse era o cheiro do espírito do Padre Pio que estava com vocês dois hoje, antes de você partir para a Itália. Ele estava enviando uma bênção para sua viagem e para sua amizade.” Na verdade, como soube posteriormente, o odor de rosas está entre os mais frequentes fenômenos descritos em conexão com o Padre Pio, mas minha experiência pessoal disso, um tipo de experiência mística que eu tive sem realmente saber que eu estava tendo, certamente entra no âmago das sincronicidades místicas que vimos discutindo, embora no sentido inverso — um evento externo absolutamente único no curso da minha vida significativamente coincidiu com uma situação emocional interior para criar em mim uma atitude muito diferente em relação a esse fenômeno do que aquela com a qual eu cresci em minha religião, uma abertura em relação ao misterioso e inexplicável que eu não tinha antes disso. Embora eu tenha assumido uma posição firmemente agnóstica em relação a esse incidente, não me sentindo tão convencido quanto o pai de Vince em dar uma interpretação religiosa à coincidência, mesmo assim contei a história várias vezes para muitas pessoas, assim como Vai, Stuart ou

Juanita contaram suas histórias, um sinal de quão significativas essas coincidências podem ser no curso da história de nossas vidas.

Quando as Visões de Mundo Entram em Colisão: Serão os Milagres Sincronísticos?

O que as histórias do Padre Pio levantam é uma pergunta que me tem sido feita com frequência, normalmente por pessoas que praticam uma fé religiosa: “Serão os milagres exemplos de sincronicidade?” Embora a resposta para esta pergunta novamente venha requerer uma ampla discussão dos termos e das propriedades dos fenômenos, eu acredito que a questão é importante quando aplicamos um conceito psicológico como a sincronicidade aos fenômenos geralmente considerados como parte de histórias religiosas ou sagradas de uma cultura ou de alguns indivíduos.

O que se precisa esclarecer primeiro é o que o termo “milagre” quer dizer, uma palavra usada livremente numa conversa informal. Derivada da palavra *mirari* do latim, olhar com admiração, no seu sentido mais usual, um milagre é qualquer coisa que provoque nosso espanto. Nesse sentido amplo, portanto, qualquer coisa extraordinária que nos faz abrir a boca de espanto — o dó de peito de Luciano Pavarotti, o extraordinário púrpura de um pôr-do-sol de outono, o fato de os Chicago Cubs terem vencido o campeonato — poderia ser chamada milagrosa. Porém, dentro do contexto religioso, o termo “milagre” tem um significado mais preciso e se aplica a eventos normalmente considerados impossíveis no mundo físico mas que aconteceram através da intervenção divina: Deus abrindo o mar Vermelho para os israelitas; Jesus de Nazaré transformando água em vinho nas Bodas de Caná; Padre Pio curando um homem de uma doença que todos os médicos especialistas declararam incurável.

Como mencionei antes, em nossa discussão sobre de onde vêm os significados e quem é o autor de nossas histórias, esse uso religioso estrito da palavra “milagre” descreve um acontecimento que mesmo de uma perspectiva religiosa não é na verdade “casual”, pois acima de tudo, nessa visão, Deus é a causa dos milagres. Porém a palavra “casual”, como a temos usado em relação à sincronicidade, se refere à causa humana e intenção, em um acontecimento que a própria pessoa não poderia ter feito acontecer e não pretendia que acontecesse. Obviamente, quando o carro de Stephen explodiu no acidente que o levou ao seu trabalho como *cameraman*, a explosão teve uma causa — o radiador do carro tinha um vazamento, o óleo baixo, e assim por diante. Quando percebemos a natureza coincidente do acontecimento, e o descrevemos como uma ocorrência casual, estamos dizendo que o próprio Stephen não queria que isso acontecesse e

não agiu conscientemente ou deliberadamente para fazer isso acontecer.

De acordo com esse entendimento do uso da palavra “casual”, portanto, vemos que os milagres são na verdade, sob nossa perspectiva humana, acontecimentos casuais, pois atribuímos sua causa às forças divinas que estão além da compreensão humana ou controle, daí os milagres serem *definidos* como casuais. Por outro lado, os milagres seriam simplesmente “mágica”, uma palavra que usamos para definir uma causalidade que não é empiricamente provável. Na mágica, espetamos alfinetes numa esfinge do nosso patrão e creditamos que esse ato vai matá-lo — quando ele morre, atribuímos a causa de sua morte à nossa ação mágica deliberada, embora não tenhamos razão racional, empírica ou plausível na qual apoiarmos nossa crença de que somos a causa. Na mágica, *nós* fazemos o impossível acontecer através de uma forma oculta de causalidade, através de forças e poderes ocultos para a maioria das pessoas mas que os mágicos podem manipular para atingir seus próprios propósitos.

Em sistemas religiosos como o cristianismo, judaísmo ou islamismo, no entanto, milagres são a antítese da mágica, porque, por mais que sacrifiquemos cabras, rezemos para São Judas ou enviemos vibrações boas ou más para alguém, somente através da graça da intervenção divina os milagres acontecem. Qualquer ato que tenhamos feito — orações, sacrifícios e afins —, são simplesmente para nos prepararmos para receber a generosidade que Deus, Alá, o Grande Espírito ou o Sopro da Criação confere na forma de um acontecimento impossível em termos humanos. Deus atendeu às nossas preces através de Sua Graça, não porque rezamos para São Judas, sacrificamos uma ovelha no altar do templo ou andamos sete vezes ao redor do templo em Meca. Os milagres são, no entanto, acontecimentos casuais em dois sentidos: primeiro, no sentido que suas causas físicas não podem ser determinadas, e segundo, no sentido que *nós* não os causamos.

Concluindo, então “Serão os milagres sincronísticos?”. Claro que são, embora o significado de um milagre para uma pessoa religiosa seja bastante diferente do de um incrédulo. Aqui, precisamos somente notar a diferença entre minha resposta ao perfume das rosas numa igreja vazia e a dos pais do meu amigo Vince. O Sr. e a Sra. Mandato entenderam minha espantosa experiência como um milagre, vendo nela o significado religioso padrão — que Deus, através do Padre Pio, estava conosco naquele dia na igreja. Eu, no entanto, fui capaz de aceitar essa experiência irracional como real vendo-a através das lentes do seu significado para mim, subjetiva, emocional e simbolicamente. Para mim, reprimindo declarações absolutas de realidade objetiva, eu posso no entanto chamar o evento de sincronístico — uma coincidência cujo significado está na diferença que fez em minha atitude religiosa, até agora muito prática, me abrindo

para a possibilidade de que Deus pode estar trabalhando de formas misteriosas em minha vida. A cura espontânea das mãos de Juanita significa uma coisa para ela e outra para seu admirado médico. Em ambos os casos, o evento tem significado emocional e simbólico como uma ocorrência causal, mas em cada caso o significado é diferente.

E a pergunta contrária: “Serão as sincronicidades milagres?” Claro que podem ser, mas somente para aqueles cuja fé religiosa os leva a perceber a ação de Deus nesse episódio especial de suas vidas. Chamar uma coincidência de milagre é colocar uma interpretação religiosa no acontecimento, mas mesmo depois de você haver explicado um acontecimento sincronístico de aspecto milagroso em termos de uma causalidade comum, um passatempo popular desde o advento da ciência moderna — a Estrela de Belém foi uma conjunção de planetas fora do comum, a passagem dos israelitas pelo mar Vermelho foi possível pelas condições da seca e de um tipo de vento caprichoso que soprou as águas rasas para os lados —, ainda se tem que contar com o significado subjetivo do acontecimento para aqueles que o experimentaram, como um acontecimento do acaso, porém transformador nas histórias de quem eles são. Para alguns, a palavra “milagre” cabe melhor para descrever esse significado para outros, a descrição “sincronicidade” permite uma linguagem que nem afirma uma posição teológica especial nem despreza a ocorrência como nada além de um fenômeno natural fora do comum.

### Lendo a Sorte: Sorte Proposital e Chance Significativa

As experiências místicas que temos discutido parecem simples de acontecer com as pessoas, frequentemente acima de suas vontades, algumas vezes, como em meu caso, mesmo sem seu conhecimento. Ainda, no âmago da espiritualidade e da religião, através dos tempos e culturas, o princípio da sincronicidade tem sido usado ativamente e propositadamente. Acreditando que eventos externos e experiências interiores podem coincidir significativamente, praticamente todas as pessoas em todos os lugares têm usado esses *insights* para desenvolver meios de encontrar uma direção espiritual para si mesmas, para descobrir as histórias de suas almas.

Tendo falado tanto da natureza casual da sincronicidade, a ideia de adivinhação, um uso ativo e intencional dos eventos sincronísticos, pode parecer uma contradição: como pode alguém determinar o uso de uma ocorrência que acontece por acaso? Uma forma pobre, em minha opinião, é trazer a maneira de pensar de causa e efeito para o trabalho de adivinhação, nesse caso a adivinhação parecerá mais estereotipada do que ler a sorte: perguntar às cartas, folhas de chá,



bola de cristal ou tudo que nos fãle sobre acontecimentos futuros específicos, quais os números para jogar na loteria de sábado, em que cavalos apostar, qual dos nossos namorados será o mais bem-sucedido e, portanto, com quem devemos nos casar. Essas atitudes concretas e materialistas em torno das predições do futuro, embora com sentido místico, são baseadas na suposição de que a cadeia de causa e efeito é imutável através do tempo — *esta* causa terá *este* efeito previsível —, e se sabemos dessas causas e efeitos com antecedência, seremos capazes de “causar” outro “efeito” por nós mesmos, isto é, ganhar na loteria, ficar milionário, ser feliz.

Por mais comum ou universal que essa atitude tenha se tornado entre nós (pessoas modernas são piores que as antigas nesse sentido, que às vezes usavam o oráculo e necromancia tão maternalisticamente quanto qualquer cartomante moderna), o fato é que existe um meio menos grosseiro e mais significativo de encarar a sincronicidade. Todos os métodos de adivinhação assumem que o acaso *pode ser* significativo; embora nem sempre ou definitivamente seja significativo, geralmente é considerado significativo em relação ao estado de desenvolvimento espiritual de cada um em vez do resultado da corrida de cavalos de amanhã. Esse enfoque da adivinhação não é previsão, mas exploração, e quando olhamos para vários métodos de adivinhação através do tempo e das culturas, encontramos uma variedade sem fim de familiares e corriqueiros até os esotéricos e elaborados.

Alguns desses métodos são folclóricos e curiosos, como a avó de Sharon que acreditava no poder de previsão da casca da maçã no Capítulo 2. Alguns são idiossincrasias, como quando Lisa analisava as diferentes atividades dos animais que apareciam para ela na mata em busca de resposta para as várias perguntas que ela tinha em mente naquela época. E eles podem ainda incluir uma matéria elaborada como a astrologia, na qual as posições das estrelas em vários momentos da vida de um indivíduo são entendidas e carregam um significado.

Por outro lado, alguns métodos de adivinhação são de natureza explicitamente espiritual ou filosófica, por exemplo, o jogo dos palitos para indicar que trecho ler no livro da sabedoria chinesa chamado *I Ching*, ou o Livro das Mutações, ou a comum prática cristã de abrir a Bíblia ao acaso em qualquer passagem que seu olho capte primeiro. Mesmo assim, ambas as práticas de adivinhação envolvem a manipulação de objetos materiais, e, também, alguns métodos de adivinhação consistem em nada mais que manipulações e exames, vendo mensagens no fato em si: necromantes etruscos, na península itálica antes do Império Romano, examinavam os fígados das galinhas, vendo em suas marcas e formatos presságios para o futuro e significados relativos ao presente, como o padrão encontrado no fundo de uma xícara de chá é levado em

consideração para saber das coisas que virão ou a ordem do universo naquele momento em particular.

Vários métodos simbólicos, que usam imagens e ilustrações, têm longas e veneráveis histórias, como as runas nórdicas, nas quais vários azulejos com letras são escolhidos ao acaso e examinados para saber o significado. Nessa mesma categoria de métodos simbólicos, uma das primeiras formas de adivinhação para os ocidentais é o tarô, cuja história pode ser traçada por alguns até o antigo Egito, mas que provavelmente data da Idade Média europeia. Que os defensores da psicologia fiquem chocados ao ver esses testes como o de Rohrschach, com seus borrões de tinta, ou o Teste de Percepção Temática, com seus desenhos inacabados, como os descendentes do tarô dos dias modernos, não muda o princípio por trás do modo simbólico da adivinhação: ao encontrar uma realidade externa — um borrão de tinta, uma gravura, uma carta simbólica, fígado de galinha, uma passagem da Bíblia ao acaso ou um padrão da natureza —, podemos encontrar e ver melhor nossa realidade espiritual interior.

Por que isso é verdade? Por que as adivinhações funcionam? Por que existiram pessoas sempre e em todos os lugares que desenvolveram esses métodos e os usaram? Outra vez, aqueles que acreditam em uma divindade objetiva vão assegurar que é por causa de Deus ou dos deuses que nos mandam mensagens através dos padrões externos, objetos e sinais. Porém, se nos eximirmos dessas afirmações ontológicas e ficarmos estritamente dentro do âmago da experiência humana, podemos ver que os métodos de adivinhação nos permitem usar a mesma capacidade que usamos para criar arte, escrever ficção ou imaginar qualquer coisa significativa que se torna realidade. Ao encararmos a realidade externa com a suposição de que o significado é possível, permitimos ao arquétipo do Eu a habilidade de se manifestar, não externamente ou casualmente, porém subjetiva e simbolicamente. A única diferença entre um processo de adivinhação e outros eventos sincronísticos que ouvimos até agora é que o último tende a nos pegar de surpresa, parecendo nos apresentar uma coerência para nossas vidas da qual não tínhamos consciência, enquanto durante uma adivinhação estamos conscientes e decididos a estarmos abertos para o significado do que nos é apresentado pelo padrão casual das cartas, runas, folhas de chá, haste de mil folhas ou moedas.

Esse é o caso do método muito cômico e deliberado que os monges chineses de Kuei-yuan usam para eleger um abade como líder de sua comunidade. Como contado por Holmes Weích e Robert Aziz, estes monges escolhiam um abade tirando a sorte dentre os nomes de centenas de candidatos: depois de uma oração e um ritual, um antigo membro da comunidade usa palitos para pegar um nome de dentro de um tubo de metal, e a pessoa cujo nome é retirado três vezes em

seguida — dentre as centenas possíveis — é reconhecido como abade. Como se pode imaginar, esse demorado processo, que a comunidade continua enquanto necessário até que apareça três vezes o nome escolhido, pode algumas vezes finalizar a seleção numa pessoa que a comunidade inicialmente ache um candidato mau ou problemático. Mas mesmo quando indivíduos universalmente reconhecidos como inferiores foram escolhidos, mesmo assim esse método parece ter sempre funcionado com eficiência: para surpresa da comunidade, esses indivíduos “inferiores” se provavam líderes capazes, o que aponta para a elegância desse método no qual a pura sorte — livre das influências humanas do preconceito, inveja, malícia e ambição — é melhor para apontar a liderança da comunidade do que qualquer mortal poderia.<sup>1</sup>

Esse exemplo de uma “sincronicidade deliberada” serve bem para examinarmos quais são as condições necessárias para que esse acaso leve à interiorização e significado. Primeiro, como os monges de Kuei- yuan, precisa-se levar a sério o que está sendo mostrado. Como Marie, que não questionou seu sonho depois de ter pedido orientação, quando se usa um método de adivinhação, é preciso ouvir a resposta mostrada. A sincronicidade sempre se refere ao ego, e, embora accidental ou deliberado, o resultado sincronístico de um processo de adivinhação pode ser do tipo que inicialmente nós não queremos aceitar ou ainda não somos capazes de ver.

Segundo, temos que ter em mente que o resultado do processo de adivinhação será de natureza subjetiva, no âmago do significado interno da história de nossas vidas, em vez de físico ou material no sentido básico. Muitas pessoas, na minha experiência, encaram os métodos de adivinhação com a ideia de que vão ter as respostas sobre o que fazer, como se o padrão das cartas de tarô ou nas estrelas fosse um código secreto a ser decifrado e no qual a sugestão explícita de como agir será feita, como se um significado objetivo de fora fosse transmitido de alguma forma através de um receptor que seriam as cartas ou o mapa astrológico. Ao apreciarmos como os significados se mostram em nossas vidas, de dentro para fora em vez de fora para dentro, através da capacidade do nosso Eu de organizar as partes dispersas de nossa vida em uma narrativa coerente, e simbolicamente profunda, o padrão do acaso nos apresenta a oportunidade de explorar o significado do que já existe naquele momento específico, em vez de nos dizer o que será o futuro.

A casualidade é a diferença essencial entre testes psicológicos de projeção e os métodos tradicionais de adivinhação. Testes como o de Rohrschach ou o TAT têm sido padronizados para que os padrões sendo sempre os mesmos possibilitem comparações de pessoa para pessoa, para a compilação e organização de dados em grupos de pessoas por temperamento. Na adivinhação

ao contrário, os padrões criados pelas estrelas, as cartas do tarô, os palitos ou as folhas de chá são cada vez diferentes e com tempo específico, significando que a adivinhação é um processo individual, impossível de ser repetido, tão singular quanto uma história ou uma obra de arte.

Minha cliente Bobbie, cuja história sobre ter ganho um baralho de tarô sincronisticamente de seu marido, que apareceu na introdução deste livro, começou sua iniciação no uso das cartas com a típica atitude “me dê uma resposta” até que gradativamente ela viu sua atitude mudando para uma atitude de exploração e abertura. Foi um incidente engraçado que ajudou a mudar sua visão: ela me disse que havia pedido uma sugestão específica sobre o que fazer em certa situação. Na época, ela usava um jogo simples de cinco cartas em cruz, um jogo que lhe foi mostrado num sonho, no qual a carta do topo representava o que ela sabia da situação em questão, a carta de baixo o que ela não sabia, as cartas da direita e esquerda o que estava em conflito na situação e no centro a carta da resolução.

No entanto, depois que Bobbie botou as cartas, ela sentiu que não gostava muito da resposta que havia recebido das cartas — as cartas e seus símbolos pareciam sugerir que ela não deveria tomar atitude alguma, pois eram somente imagens de pessoas sentadas contemplando as situações. Bobbie sentia que uma ação forte era necessária nessa situação, então decidiu que em vez de ouvir esse jogo ela faria um novo jogo, esperando que a segunda leitura lhe desse uma resposta mais palpável.

Ela jogou outra vez, descobrindo, para seu espanto, que todas as cartas estavam de cabeça para baixo, ou seja, olhando para longe dela, como se não quisessem falar com ela. Quando ela me contou sobre esse incidente, embaraçada e esclarecida, ambos tiramos a mesma conclusão do ocorrido: tendo ignorado a mensagem do primeiro jogo, o segundo jogo confrontava sua resistência em ouvir aquilo que já tinha sido dito antes.

Em eventos sincronísticos como esse, até parece que as cartas têm uma vontade própria, que elas estavam ofendidas. Ainda assim, é possível prestar atenção e retirar significado do evento do acaso sem colocar uma construção tão antropomórfica na ocorrência. Outra vez, a história dos monges é instrutiva: quando eles deparavam com um abade que não é nada daquilo que imaginavam, eles não começavam de novo até que a “sorte” escolhesse alguém que eles considerassem mais adequado. Em vez disso, eles assumem o significado da ocorrência do acaso e trabalham com ela num processo de exploração espiritual interior.

Algumas vezes, no entanto, esses modos de adivinhação têm a mesma sensação de “previsão” que alguns dos sonhos do capítulo anterior tinham, e ver essas

coincidências como exemplos de significado interior em vez de “adivinhação da sorte” pode ser um bom desafio psicológico. Por todo meu interesse em sincronicidade, eu não sou imune à tentação habitual de aplicar causalidades retrospectivas em minha vida.

Numa farra na última noite de minhas férias na Itália com amigos, meu melhor amigo de faculdade, Michael, e eu consultamos uma cartomante cujos métodos eu jamais vira antes. Nós perguntamos: “O que o futuro reservava à nossa amizade?”, e a mulher, usando um falso turbante cigano e tudo o mais, começou a virar as cartas, uma depois da outra numa pilha, até que depois de mais ou menos uma dúzia de cartas ela parou, puxou três e disse: “Uma mulher vai se meter entre vocês dois”, de uma forma dramática, especial para turistas como nós.

Bem, era difícil levar essa previsão a sério. Primeiro, soava como uma previsão coringa que você poderia fazer para quaisquer dois homens, a não ser que nós dois fôssemos *gays* e a possibilidade de uma mulher se meter entre nós era quase nenhuma. Segundo, parecia que ela tinha simplesmente salteado ostensivamente as cartas até encontrar duas cartas com figuras masculinas separadas por uma figura feminina, para apoiar sua previsão e nos provar que estava nas cartas. Nós rimos e não pensamos mais sobre isso.

Michael tinha reserva para voltar para casa no dia seguinte, no início da tarde, e eu marcara um encontro cedo naquela manhã com o dono do vinhedo onde estávamos hospedados para ver como eram as outras instalações da propriedade. A propriedade não era grande e meu plano era chegar em casa a tempo para levar Michael para o aeroporto em Pisa, a uma hora de distância. No entanto, o destino interveio, e o carro que Benedetta, a gerente da propriedade, dirigia quebrou no lado mais distante dali, e quando eu cheguei em casa, Michael já havia partido, com medo de perder o avião. Eu não pensei muito sobre isso na época, pois nós dois nos falamos no telefone à noite.

Como ele foi para a Alemanha e eu voltei para os Estados Unidos, quando Michael morreu um ano mais tarde, a história que nos foi contada pela cartomante em Florença naquela noite fora a história que vivemos. Uma mulher, Benedetta, *tinha* se metido entre Michael e eu em nosso último dia na Itália, e aquela noite em Florença foi a última vez que estive com Michael em sua vida. Eu não tive chance de dizer adeus ao Michael pessoalmente: uma mulher havia se colocado entre nós.

Como sempre em acontecimentos sincronísticos, como temos visto, somente depois do fato o significado pode ser percebido e apreciado. Nesse caso, mais comovente que a previsão da cartomante se tornar realidade, foi para mim a contundência da coincidência, o modo inesperado como meu melhor amigo e eu

tivemos nossa despedida final, uma história que desde então se tornou parte permanente da minha história. A previsão em si foi inútil no momento, afinal — nenhum de nós poderia imaginar que o que ela nos dissera estava na verdade acontecendo; sua importância está em como acontecimentos subsequentes me afetaram. O que é importante num processo de adivinhação não é realmente a previsão ou a revelação, os sinais e presságios em si, porém como a nossa capacidade de perceber a totalidade de nossas vidas — o Eu — traz intimamente ou visivelmente aspectos de nossas vidas para dentro de um relacionamento com cada pessoa tendo como resultado que a história de nossas vidas é escrita simultaneamente para nós e conosco.

### Sincronicidade e a Psicologia de Nossas Histórias Sagradas

Como vimos neste capítulo, existem três diferentes visões de mundo que entram em conflito nas histórias de sincronicidade na vida espiritual das pessoas. Uma, apoiando a razão, a ciência e a causalidade, que geralmente chama essas histórias de “mitos” no sentido depreciativo e deixa sua realidade de lado, colocando-as ao lado de lendas fantásticas e outros pequenos tipos de divertimentos de ficção: elas não aconteceram nem poderiam ter acontecido. A segunda, apoiando a realidade objetiva de Deus, também chama esses eventos de “mitos”, porém usa o termo afirmativamente, no sentido de uma “história sagrada” cuja realidade é importante ver: essas coisas aconteceram, elas aconteceram pela vontade de Deus, e seu significado é de natureza religiosa. O terceiro ponto de vista, aquele que temos visto ser aplicado nessas sincronicidades, é o da psicologia, que se exime de tomar essas posições e se limita a apontar o quão importantes são esses mitos para a humanidade: coincidências como essas acontecem e querem dizer alguma coisa.

Para responder perguntas aparentemente simples sobre as coincidências significativas, é preciso, portanto, que entendamos que premissas estão por trás das perguntas e gastar um tempo desenrolando as malhas dos termos e das pretensões. Apesar do nosso enfoque, no entanto, os exemplos aqui apresentados, de sincronicidade nas vidas espiritual e religiosa das pessoas, a parte mais íntima e sagrada da história de nossas vidas indica, a meu ver, que a nossa capacidade em encontrar significado é o que dá às nossas vidas a qualidade de uma história única, e coesa. E o significado que estrutura nossas vidas dentro de uma narrativa coerente, e, nos acontecimentos sincronísticos, as ocorrências estão repletas de significados, entramos em contato com o Autor, um Ser mais elevado, em quem nós, como as pessoas cujas histórias ouvimos neste capítulo, devemos confiar para orientação, inspiração e realização.

## Capítulo Seis

### Toda História Tem um Começo e um Fim

#### *Sincronicidade e as Questões de Vida e Morte*

Doces brisas acordaram  
Dia e noite elas mexem e sussurram;  
Em todo lugar que eles estejam trabalhando.  
Oh, perfume fresco, oh, nova música!  
Agora, pobre coração, não tema mais,  
Agora todas as coisas devem mudar.

O mundo fica mais bonito a cada dia,  
E o que ainda pode acontecer, não se pode dizer.  
O florescer não terá fim, e  
Mesmo o mais profundo, mais distante dos vales está  
florindo.  
Agora, meu pobre coração, esqueça sua dor.  
Agora, todas as coisas devem mudar.  
LUDWIG UHLAND - “Fé na Primavera” (*Frühlingsglaube*)

Dos quatro aspectos da sincronicidade apresentados no começo deste livro, o fato dessas coincidências sempre acontecerem em momentos de transição é o aspecto que mais mostra a narrativa de nossa vida como um todo. Nós temos até agora olhado a maior parte do tempo para as histórias *dentro* da vida das pessoas — quem elas amam, o que fazem, como crescem, em que acreditam. Neste capítulo final estaremos vendo um quadro mais amplo: a história *de* nossa vida, e como os acontecimentos sincronísticos ocorrem nas duas transições mais graves e universais — nossos nascimentos e nossas mortes.

Que nosso nascimento e nossa morte emolduram nossas histórias tão significativamente parece de início quase óbvio demais para mencionar, exceto talvez para dar ênfase, à luz do que temos mostrado em relação à sincronicidade até aqui, que a transição literal para dentro e para fora da existência que todos experimentamos adquiriu para os seres humanos um significado simbólico muito importante. Não somente os teólogos ou estudiosos da religião, com certa razão,

colocam o arquetípico ciclo do nascimento, morte e renascimento como o centro de todos os rituais religiosos através dos tempos e culturas, porém, como vimos nas histórias já contadas, o aspecto simbólico do nascimento e da morte contam a história de cada transição que fazemos ao longo das nossas vidas, de forma que ao longo de nossas vidas experimentamos várias pequenas mortes e os decorrentes renascimentos várias vezes.

Neste capítulo final estaremos enfocando essas histórias específicas, que me sinto tentado a chamar de nossas autobiografias, e ainda mais especificamente, no início e no final dessas histórias. Estou certo de que agora, por causa de todas as histórias que já ouvimos, a noção de que acontecimentos sincronísticos ocorrem em torno do nascimento e da morte dificilmente surpreenderá alguém. Como era de se esperar, essas ocorrências nos mostram o que nos mostraram em outras áreas de nossa vida, isto é, a narrativa coerente de nossas histórias, o potencial de realização por trás das vidas que vivemos.

Lidando com nossa efetiva transição para dentro e para fora da vida, no entanto, nosso nascimento literal e nossa morte literal, acontecimentos sincronísticos frequentemente intervêm para salientar o aspecto profundamente simbólico dessas transições, que as pessoas com muita frequência ignoram. Portanto, nas histórias de gravidez, nascimento, morte e o luto que se segue, foi sempre uma coincidência que serviu para lembrar as pessoas envolvidas daquilo que as imagens arquetípicas dos rituais religiosos e mitos têm mostrado sempre: que nossa vida é um ciclo, no qual a morte se segue ao nascimento e o renascimento se segue à morte, e como o poema de Uhland acima, tudo deve mudar.

### No Momento Oportuno: Gravidez, Nascimento e Sincronicidade

Mais ou menos trinta anos atrás, Mary Williams, uma analista junguiana em Londres, apresentou um artigo ao *Journal of Analytical Psychology* relativo a uma experiência com um paciente seu cuja história apresenta muitos temas que eu também descobri quando ouvi histórias de mulheres sobre suas gravidezes. O momento da concepção, as circunstâncias envolvendo a gravidez e o nascimento e os sentimentos e reações das mulheres a essa experiência básica são frequentemente tão repletos de elementos sincronísticos que depois de um tempo praticamente paramos de nos admirar com a presença dessas coincidências e começamos a esperar o inesperado.

A mulher da história de Mary Williams começou um tratamento de psicoterapia por causa de profundos conflitos sobre sua feminilidade. Com trinta e oito anos e casada, ela sofria de falta de interesse sexual e ataques de choro que



ela descobriu virem desde o início de sua menstruação; sua mãe reagira à sua primeira menstruação como uma catástrofe. Sob os cuidados de uma mãe dominadora e das tias, esta mulher, filha única, cresceu medrosa e insegura de si mesma. Embora tenha se casado por conveniência, seu marido, no entanto, a via como uma “boa mãe para seus filhos”.

Nessa situação, onde a mulher em questão obviamente precisava fazer uma mudança em sua vida e em seus sentimentos sobre si mesma, um sonho com tons proféticos e esperançosos não diferente dos muitos que já vimos aconteceu a ela. Neste sonho, disse a mulher: “Eu estava numa sala como a sua [da terapeuta]. Ouvi um barulho. Uma foto em uma moldura de mogno caiu da parede. Quando fui olhar para ela, a foto pulou para fora. E era como um jogo de cubos. Enquanto eu olhava, caíam fotos, uma após a outra. Então, bem no fundo, eu vi uma boneca, um bebê. Suas mãos estavam levantadas e ela parecia estar sorrindo para mim.”

Conhecedora da superstição inglesa na qual um quadro caindo da parede é um prenúncio de morte iminente, a mulher ficou maravilhada com a justaposição dessa profecia de morte e o que parecia, no momento, a remota possibilidade de que ela pudesse estar grávida, simbolizada pela sua descoberta do bebê “lá no fundo” com as mãos levantadas para ela. Williams continua descrevendo as sincronicidades que aconteceram após o sonho, na vida dessa mulher.

“A primeira manifestação da natureza ‘profética’ do sonho ocorreu três semanas mais tarde, com a morte súbita de sua mãe. A paciente se ausentou por quatro meses, organizando o inventário e cuidando de seu pai. Na sua volta, ela parecia estar grávida (e isto foi logo confirmado), mas não levou em conta, pois sua menstruação tinha continuado, embora não fosse como normalmente... Não havia mais ataques de choro. Suas reações à gravidez eram ambivalentes, um prazer intenso junto com ressentimento contra a fé por ter imposto a questão antes dela se sentir preparada para isso.

“As sincronicidades não estavam nem perto de acabar. Seu médico ficou ansioso porque a cabeça do feto não tinha descido para a pélvis no tempo esperado, então [ele] mandou a paciente a um especialista. Havia uma discrepância de aproximadamente seis semanas entre suas previsões [do dia do parto], o que deixou a paciente num grande estado de ansiedade, pois ela tinha muitas coisas para organizar. (...) Ela apelou então para a analista, que sem pensar entrou no papel de oráculo e, pegando a data do sonho como a data da concepção, contou duzentos e oitenta dias e deu-lhe a resposta [de quando nasceria o bebê]. Isso fez com que a previsão do médico fosse três semanas mais cedo e a do especialista três semanas atrasada. O oráculo parecia confuso, pois nada aconteceu na data prevista. Três semanas mais tarde a mulher foi internada

no hospital para fazer uma indução ao parto. Na hora, porém, o tamanho do feto comparado com o tamanho da dilatação tornavam uma cesariana aconselhável. O bebê, um lindo menino, estava levemente desidratado e, pelo seu estado, a data do sonho foi confirmada.

“Não podemos especular sobre o que atrasou o início do parto, porém duas coincidências significativas devem ser mencionadas. A mãe da paciente morreu três semanas depois do sonho e o bebê nasceu três semanas depois do prazo. Teria ela inconscientemente equacionado os dois eventos no tempo? Então, como notou a própria paciente, ‘Bebês de cesariana parecem bonecas e não como recém-nascidos!’, uma observação de um fato que novamente liga a realidade interior e exterior de uma forma significativa. O que parecia fisicamente verdade era que a criança e o seu novo eu não tinham ainda se tornado suficientemente reais para ela.

“Mãe e bebê foram vistos dois meses depois e pela sua expressão não havia dúvida de que a criança tinha se tornado realidade. Agora sua família consistia de três homens: seu pai, seu marido e seu filho; uma mudança importante no padrão de seu arranjo anterior [ou seja, sua família originalmente dominada por mulheres].”<sup>1</sup>

Portanto, o sonho dessa mulher sobre sua gravidez teve a sincronicidade adicional de coincidir com a morte de sua mãe também, dentro de um conjunto de circunstâncias que na verdade vieram a acontecer no mundo externo. Mas o momento sincronístico da gravidez é o que é mais impressionante aqui: sendo libertada através da morte da sua mãe de um relacionamento emocional doentio que em primeiro lugar mandou-a para o analista, essa mulher quase imediatamente se sentiu “capaz” de conceber, tanto literalmente quanto no sentido figurado, de ser ela mesma mãe, e uma mulher madura e adulta.

Judy, uma conhecida minha, contou-me uma história quase idêntica, sobre o momento de sincronicidade de sua primeira gravidez ocorrendo em conjunção com a morte de sua mãe. “Eu vinha tentando durante um longo tempo engravidar através de inseminação artificial, e nada parecia estar funcionando. Eu tinha passado por várias tentativas, as quais, como você deve saber, têm uma probabilidade de efeito decrescente. Isso quer dizer, se não funcionou da primeira, segunda e terceira vez, é menos provável que outros remédios de fertilização irão funcionar. É realmente um caso de resultado decrescente, e eu sabia disso. Meu médico na época era muito franco, colocando as probabilidades de ter um bebê saudável em cerca de 1 para 20 dentro das circunstâncias, mas eu imaginei tentar mais um ciclo de remédios para ver o que acontecia, e, depois disso, ficaria em paz com o fato de não poder engravidar.

“Nesse meio tempo minha mãe ficou doente, o que era mais um estresse, e eu

tendo que lidar com isso e também com a inseminação, os remédios e o *timing* de tudo isso. Então minha mãe morre, inesperadamente. Mas como é você pode estar realmente preparada para isso? Na ovulação seguinte, depois de sua morte, eu fiquei grávida, e minha irmã também.”

A conjunção de nascimento e morte aqui na história de Judy espelha a história que Williams conta do sonho profético de sua paciente (embora sem as dificuldades emocionais da paciente de Williams) e também sublinha as curiosas formas em que ocorre uma gravidez, com um *timing* que, em si mesmo, já pode ser um exemplo de acaso significativo. Certamente o simbolismo de gerações anteriores passando adiante para dar lugar às próximas é inerente nessas histórias, lembrando os vários mitos nos quais a conexão entre nascimento e morte é também mostrada; o velho rei ou rainha precisa ser deposto, morto ou removido para que a criatividade e fertilidade sejam restauradas na terra. Nessas histórias sincronísticas que ligam nascimento e morte tão intimamente, nós vemos que, na verdade, a ficção frequentemente reflete a verdade sobre as histórias que as pessoas vivem.

O elemento do *timing* nessas histórias, o fato de a gravidez poder sincronisticamente ocorrer numa conjuntura especialmente significativa na vida de alguém, se reflete em outra história que me foi contada, dessa vez por Marie, cujos sonhos sobre a clínica de fertilidade a levam a um trabalho, também contada no Capítulo 4. Marie conta sua história:

“Hank, meu marido, e eu vínhamos tentando engravidar durante dois anos. E durante todo esse tempo eu estava trabalhando demais e Hank estava cursando seu mestrado. Então havia muitas preocupações financeiras em torno de ficar grávida, mas nós sabíamos que era o momento e estávamos prontos. E o que aconteceu foi que no mês que ele arranhou um bom emprego eu fiquei grávida. Mas o fato é que eu não sabia que estava grávida. Então ele conseguiu o emprego e nós ficamos muito excitados, e uma semana mais tarde — lembre-se, isso foi depois de dois anos tentando — eu recebi a notícia de que estava grávida. Foi justo no momento em que eu podia relaxar com relação a isto.”

Embora se possa dizer que engravidar é um acontecimento causai — o esperma encontra o óvulo, acontece a concepção, causa e efeito —, a história de Marie enfatiza que a gravidez é, na verdade, um dos eventos da sorte em nossas vidas, como o controle de natalidade é falível, e a frustração de muitas pessoas que querem filhos também pode atestar. A gravidez é uma questão incerta, mesmo atualmente, com uma fantástica tecnologia à nossa disposição, e *quando* ocorre, pode ser uma coincidência significativa do tipo mais singular na vida de um casal. Rara Marie, o momento da sua gravidez, coincidindo com a resolução

das ansiedades no mundo externo, possibilitou que ela relaxasse e desfrutasse a experiência.

Igualmente, as ansiedades da minha amiga Jacqueline sobre seu segundo filho foram resolvidas de uma forma fora do comum e sincronística, possibilitando que ela também relaxasse e desfrutasse a experiência. Seu primeiro filho, uma linda menininha, nasceu com defeito genético, como consequência ela e seu marido decidiram não arriscar tendo outro bebê. Portanto, quando ela se viu grávida novamente, foi mais um caso de preocupação do que de comemoração. Jacqueline conta ela mesma a história:

“Eu estava preparada para me preocupar com essa gravidez. Eu não queria estar, claro, mas eu não conseguia. Então meu marido e eu fomos numa sexta-feira, durante o sexto mês de gravidez, fazer um ultrassom, para ter certeza de que tudo estava bem. Mais tarde naquela noite, depois de ver as fotos de Joseph dentro de mim, me bateu que nós tínhamos estado uma hora olhando para ele e gravando imagens em videoteipe, mas durante esse tempo todo eu não tinha visto os braços ou as mãos do bebê. Eu sentei de repente reta na cama, realmente assustada, falei ao meu marido sobre isso. Ele me tranquilizou, é claro, mas mesmo me sentindo ridícula, passei aquela semana inteira preocupada que eu fosse ter um filho sem nenhum braço ou mão. Meus amigos me diziam que os médicos me diriam se houvesse algo, e assim por diante, eu concordava, agia como se estivesse calma, mas por dentro eu dizia a mim mesma: ‘Eles não sabem. Pode acontecer. Já aconteceu antes.’

“Mesmo ansiosa como eu estava, consegui esperar até segunda- feira, e então liguei para o médico e disse: ‘Eu quero que você ligue para o departamento de exames do hospital, para saber se meu ultrassom foi normal e me ligue de volta.’ Ele ligou de volta imediatamente, ele era realmente um grande sujeito, e disse: ‘Sinto muito que você tenha passado o fim de semana inteiro preocupada com isso, você deveria ter ligado para mim. A razão de ter demorado tanto na sexta-feira é que você tem um formato de útero diferente e todos queriam ver. Mas o bebê está bem. Sabe, eu tenho um novo aparelho de ultrassom que está sendo instalado agora mesmo, e eu preciso de alguém para testar como funciona. Por que você não vem aqui e relaxa sua cabeça, dê uma outra olhada no bebê e então vai saber que ele está bem?’

“Então lá fui eu naquele dia fazer um segundo ultrassom, e bem quando estou olhando para a tela com aquela coisa na minha barriga, pensando, ‘Espero que ele esteja bem, espero que ele esteja bem’, lá está o bebê, dentro de mim, juntando seu polegar e indicador, fazendo o sinal OK para mim! Eu fiquei atônita, e o médico caiu na gargalhada. ‘Viu, mamãe, ele está dizendo que está bem.’

“Bem, os bebês fazem isso, é um reflexo, mas o que foi sincronicidade, se você quiser usar esta palavra, foi que aconteceu no momento exato da ultrassonografia em que eu estava dizendo ‘Espero que ele esteja bem’. Esta é que eu acho a melhor parte. E não é mentira. Na verdade eu tenho a foto daquele momento, tirada da fita de ultrassom, Joseph fazendo o sinal OK. Dali em diante, relaxei. Eu sabia que ele estaria bem, e estava mesmo.”

O que é interessante nessa história não é somente que o medo bastante racional de Jacqueline sobre seu segundo filho tivesse acalmado, mas que o médico, acidentalmente, também tenha sentido o caráter sincronístico do gesto de seu futuro filho, mostrando isso a ela, como Jung na história do escaravelho. Embora os reflexos expliquem *que* o fato aconteceu, o momento e o significado da coincidência ocupam o lugar central na história da família de Jacqueline. Eventos sincronísticos muitas vezes se tornam parte da história que uma família conta sobre si mesma, é a tradição. Para Rena, seguir suas próprias intuições em relação ao momento do parto acabou sendo uma questão sincronística de vida ou morte, e ela conta a história com grande sentimento, como se conta uma lenda ou um mito:

“Faltavam três semanas para a data do meu parto previsto, e estávamos acampando em uma ilha com dois outros casais. Um dos sujeitos era médico. O tempo todo que estivemos lá, que deveria ser de uma semana mais ou menos, eu ficava pensando comigo mesma: ‘Rena, algo não vai bem’, e pedia ao amigo médico para me examinar, mas todo mundo continuava dizendo que eu estava bem. Mesmo assim não conseguia me livrar da sensação, então um dia meu marido e eu partimos cedo, remando para fora da ilha, e chegamos em casa sem problemas. Bob, meu marido, é realmente tranquilizador e ficava repetindo que tudo ficaria bem, que eu devia somente relaxar, seria bom. Mas eu sabia que algo não estava certo. Eu simplesmente sabia.

“Eu esperei até a manhã seguinte. Bob tinha saído, ele estava no *playground* com as duas outras crianças, então eu simplesmente decidi, vou até o hospital, sozinha. E isso aí. Deixei um recado para ele, tentando parecer normal, ‘Vou até o hospital, vejo você em uma hora’. Cheguei no hospital e pedi à médica interna para chamar meu médico, mas ela ficava me fazendo uma porção de perguntas para me avaliar: ‘Por que você acha que algo está errado? Você usa alguma droga de rua? Álcool?’ esse tipo de coisa, às quais eu respondi não, é claro. ‘Bem, então’, disse ela, ‘eu acho que isso pode esperar até amanhã de manhã.’ E eu disse: ‘Não, eu preciso telefonar para meu médico agora’, o que ela fez, graças a Deus, e meu médico disse para a interna: ‘Se a Rena está aí, é por uma boa razão.’ Ele me pediu para esperar até ele chegar lá, e quando chegou, fez um ultrassom portátil, mas o resultado era muito fraco. Ele me assistiu durante toda

a noite.

“Então, no dia seguinte, depois de um exame que indicava que algo não estava certo, eles induziram meu parto e nasceu minha filha.

Bem, aconteceu que o cordão umbilical dela estava enrolado no pescoço, não uma volta, porém duas, o que é realmente fora do comum, e se eu não tivesse vindo naquele momento, ela teria sido estrangulada até a morte dentro de mim. Eu sempre me senti realmente espantada por ter teimado pela minha sensação. Havia uma razão. E você sabe como afirmam que as experiências de parto das pessoas as afetam mais tarde na vida. Até hoje, Katie, minha filha, não usa gola alta.” Rena acreditou em suas armas quando teve a intuição sobre o perigo de seu bebê, uma situação que não havia possibilidade dela saber, e foi sincronisticamente confirmada para ela.

No entanto, o momento dos acontecimentos pode não ser o único elemento que carregue significado sincronístico na concepção e no nascimento. A intuição de Rena sobre seu parto encontra paralelo numa história ainda mais dramática sobre o sonho de minha amiga Gail. A primeira gravidez de Gail ocorreu sem novidades, e com grande esperança, ela e seu marido se prepararam para um parto em casa com uma parteira, “como todo bom *hippie*”, como ela dizia.

Porém, o vivido sonho que teve logo antes de entrar em trabalho de parto parecia improvável, parecia mais como um produto de seu medo inconsciente do que de expectativas razoáveis: Gail sonhou que Sam nascera mas não estava respirando, que ela teve que empurrar a parteira para fazer-lhe respiração boca a boca pois o cordão umbilical não estava funcionando, ele estava ficando roxo, e que finalmente começou a respirar quando seu marido o tocou. Como Gail não é do tipo de mulher que rejeite esse tipo de sonho, quando entrou em trabalho de parto, ela ficou em guarda, e de fato tudo que ela havia sonhado aconteceu. Sam não estava respirando quando nasceu. As suaves medidas que a parteira estava tomando não estavam funcionando. Gail empurrou-a para o lado para fazer boca a boca e Sam fez sua primeira respiração, para enorme alívio de todos, no momento em que seu pai o tocou pela primeira vez.

Sentindo a situação interior e também as atitudes que deveriam ser tomadas, Gail exemplifica o quão mais fácil pode ser a vida quando se está aberto à possibilidade de que as imagens internas podem na verdade encontrar paralelos nos acontecimentos externos. “Não me pareceu assustador enquanto estava acontecendo, pois eu já havia sonhado com tudo antes. Estava simplesmente acontecendo da forma que eu tinha visto, e eu fiz o que tinha que fazer.” Reparando-a para o evento improvável, de um parto complicado, a habilidade de Gail em considerar a possibilidade de que seu sonho pudesse ter semelhança sincronística com o evento do nascimento de seu filho na verdade ajudou-a a

salvar sua vida.

Gravidez e parto acontecem em seu próprio tempo, apesar de nossos desejos conscientes, esperanças, esforços e fantasias. Podemos decidir que queremos um filho e fazer todos os esforços para ter um, ainda assim, se acontece ou não está além do controle mesmo do mais desejoso e diligente dos casais. E mesmo quando acontece a gravidez, quando o surpreendente momento da concepção é confirmado, os médicos nos dão uma data prazo que pode ser somente uma data aproximada, porque quando e como o bebê chega é também uma questão além de determinação. Por essa razão, em minha opinião, uma gravidez e parto merecem nada mais serem chamados de sincronicidade: a coincidência do acaso de um dos milhares de espermatozoides encontrar um óvulo em especial, ainda dessa coincidência, a qual nós absolutamente não controlamos, crescer toda a vida. Podemos experimentar coincidência significativa maior?

### Por Que Temos os Filhos Que Temos: Lições Sincronísticas

Se ficamos grávidas é uma questão de sorte, e quando e como parimos está na maioria das vezes além do nosso controle consciente, porém as sincronidades em potencial na experiência da paternidade não acabam somente com a chegada da criança. O significado da experiência de quem somos e quem é a criança como pessoa também carregam aspectos sincronísticos para muitos pais, fazendo algumas vezes com que os pais confrontem suas próprias fantasias egoístas de quem eles gostariam que seus filhos fossem, e outras vezes, e para pais diferentes, trazendo confirmações sincronísticas do que é importante nas histórias de suas próprias vidas.

De uma mulher que serviu de parteira para muitos nascimentos, inclusive o de sua irmã Janet que está no centro desta história, vem uma narrativa que nos faz imaginar, da mesma maneira que muitas sincronidades fazem, quão casual é a atitude psicológica de alguém e sugere a pergunta de por que nos é dado aquilo que nos é dado em nossas crianças:

“Quando minha irmã Janet teve sua filha Jeannie, seu marido, Kefir, na verdade queria um menino. Ele é de Mali, norte da África, e vem de uma cultura onde ter o primeiro filho homem é realmente importante. Então, durante a gravidez, ele chamava o bebê dentro dela de ‘ele\* o tempo todo, e não fazia mistério disso. Ele havia decidido que seria homem; tinha que ser. Então chegou a hora e Janet entrou em trabalho de parto. Nós tínhamos planejado um parto em casa, mas depois de um longo período de trabalho de parto, nós fomos para o hospital, mas ainda assim nada do bebê. Finalmente todos os médicos decidiram prepará-la para uma cesariana.

“Nesse momento, Kefir se entregou. Ele pôs sua mão na barriga de Janet e disse ao bebê: ‘Tudo bem, você pode ser uma menina.’ E esse foi o momento, depois de todo esse intenso e longo trabalho de parto, que ela nasceu!”

Essa história da mudança de sentimento de Kefir sobre ter uma menina, uma mudança interior coincidindo sincronisticamente com o nascimento de sua filha depois de horas de trabalho de parto, mostra como esse homem se viu confrontado pelo significado real do que é ser pai, uma experiência muito menos sobre o sexo da criança e muito mais sobre o aspecto sagrado da vida em si, sobre amar as crianças que temos sem exigir que elas sirvam às ideias de nosso ego sobre a vida perfeita. Por outro lado, a história de Williams de sua paciente, que cresceu entre mulheres dominadoras, se encontrar cercada de homens pela primeira vez em sua vida depois do nascimento de seu filho foi vivida como um evento sincronístico que complementou em vez de confrontá-la, pois trouxe para ela uma experiência de masculinidade que ela dolorosamente precisava.

A questão levantada pelos significados que esses pais colocam no por que eles têm os filhos que têm, serve novamente para aperfeiçoar e aprofundar a compreensão sobre sincronicidade. Não queremos todos nós amar os filhos que temos? E tão surpreendente que Salomão viesse a amar sua filha tanto quanto ao seu filho, ou que a paciente de Williams percebesse o significado da família que tem e teria percebido o significado de qualquer maneira, mesmo que ela tivesse tido somente meninas? Enquanto essas reflexões têm algum mérito e podem de fato ser verdade sobre muitos, se não a maioria, dos pais, elas perdem o ponto principal *dessas* histórias.

Para esses dois pais, o sexo de suas crianças tinha um significado sincronístico por causa da história que emergiu de suas experiências: quem seus filhos se tornaram foi uma coincidência que os levou a entender as histórias de suas vidas de uma forma que revela não a verdade objetiva sobre suas vidas, porém a subjetiva. Sem dúvida, se Kefir tivesse tido um menino ou a paciente de Williams não tivesse tido somente meninas, nós, é claro, estaríamos ouvindo uma outra história — como estaríamos também se todos os casos deste livro não tivessem ocorrido aos outros indivíduos. O que aconteceu a Kefir e à paciente de Williams foi o que acontece em todas as coincidências significativas: nosso ego encontra uma chance do acaso de uma forma que se torna simbólica e emocionalmente transformadora para a história de nossa vida. A questão de aceitar o que nos acontece e gostar de seu significado nunca é mais significativa quando o que acontece é uma vida nova. No entanto, para muitos pais, cujos passados, personalidades ou histórias de vida ficam no caminho dessa abertura, aceitar *quem* são seus filhos algumas vezes assume um significado sincronístico.

Helen foi uma cliente que procurou acompanhamento num momento de



transição em sua vida, fazendo a mudança de uma vida muito introvertida de uma contadora, que tinha ficado desgastada, para tentar sua sorte no mais extrovertido e potencialmente lucrativo campo imobiliário. Explorando os relacionamentos de sua família com ela como parte do meu processo para conhecê-la, fiquei inicialmente impressionado pela maneira como ela e sua filha de vinte anos, Hannah, pareciam, pela sua descrição, ter uma grande dificuldade uma com a outra. “Nós na verdade não nos damos bem”, disse ela. “Eu sempre tive grande dificuldade em lidar com ela. Desde pequena, ela era difícil. Muito ativa, constantemente testando os limites, sempre precisando de atenção. Meu marido, que é uma pessoa muito mais expansiva, e Hannah sempre tiveram um relacionamento melhor um com o outro do que ela e eu tínhamos.”

Arquivar essa informação para um uso futuro, como fazem os terapeutas, não funcionaria. Percebi que muito do meu trabalho com Helen estava centrado na questão do desenvolvimento de sua extroversão e superação de suas dificuldades em ser aberta, ambiciosa e autodeterminada o suficiente para fazer sucesso em seu trabalho com imóveis. Não fui eu no entanto, mas seu marido, quem fez o comentário que ela achou transformador, quando um dia, depois de uma das nossas sessões, na qual eu tinha falado sobre introversão e extroversão, ele lhe disse que parecia que ela deveria ter umas aulas com Hannah. O momento se cristalizou num evento sincronístico para Helen.

“Eu fiquei arrasada. Toda minha vida eu tive sempre tantos problemas com Hannah. Eu a amava, é claro, da maneira que todas as mães fazem, eu imagino, mas na verdade nunca a entendi, e Deus sabe o esforço que eu fazia para apreciá-la como pessoa. Mas então, quando meu marido me disse aquilo, foi como se o quebra-cabeça inteiro se encaixasse. Era isso: a personalidade de Hannah era tudo o que eu precisava. Era com ela que eu precisava aprender o que eu tinha que aprender nessa altura da minha vida.”

Com a habilidade de Helen em ver um significado em *quem* sua filha era como pessoa, as coisas que eram difíceis há tempos para ela se juntaram num momento de entendimento sincronístico quando o processo interno encontrou o acidente dos dons especiais de sua filha numa coincidência que acabou mudando as vidas de ambas. Com todo o meu apoio, Helen começou a “consultar” Hannah sobre como Hannah se comportaria em certas ocasiões e, com o tempo, a brecha entre elas lentamente se fechou.

Essa sincronicidade compensadora entre pais e filhos tem sua contrapartida na história do meu colega Jack, que foi criado por um homem cujas ideias sobre quem e o que Jack deveria ser tiveram efeitos prolongados e desastrosos. Fanático por esportes toda sua vida, o pai de Jack tinha decidido cedo o que seu único filho seria, fizesse chuva ou fizesse sol: um atleta profissional, e foi assim que

Jack foi criado, numa atmosfera de campo de treino onde todas as atividades eram dirigidas à meta da excelência atlética. Infelizmente, a coincidência dos talentos atléticos quase inexistentes de Jack e o ego de seu pai era uma sincronicidade que não tinha nada dos resultados sanguíneos dos acima, e o significado que teve para Jack em sua vida era o de uma praga em vez de uma bênção. Na verdade, como se pode imaginar, a rebeldia e raiva que Jack sentia por essa criação marcou a maior parte de sua vida, embora nem sempre os resultados fossem terríveis. Por exemplo, sua atitude “não me diga o que fazer” foi um instrumento que o capacitou a construir um negócio de sucesso para si mesmo, no entanto deve ter sido limitador e doloroso em outras áreas de sua vida.

Então Jack teve seu próprio filho, que não só se parecia com o muito odiado pai de Jack, como, enquanto amadurecia, parecia ter herdado de seu avô o interesse pelo atletismo. “Será que essas coisas pulam uma geração? Não é o que dizem?”, Jack me disse um dia, a caminho de um encontro quando eu lhe perguntei como estava sua família. “Eu passei toda minha vida tentando fugir dos esportes, porque isso era enfiado pela minha garganta dia e noite, e o que acontece?, eu estou vivendo em uma casa cheia de figurinhas de beisebol e com futebol às segundas à noite. Ele até convida os amigos e eles se sentam lá, gritando na frente da TV, exatamente como papai. Isso está me deixando louco.”

Mera coincidência ou sincronicidade? O aspecto coincidente do paralelo entre seu filho e seu pai certamente não é ignorado por Jack, mas o seu significado, como Jack encaixa isso em sua vida, ainda está em processo. Minhas ideias, ou as suas, estando de fora da situação, podem ver algum sentido nessa impressionante coincidência entre aquilo de que Jack procurou fugir sua vida inteira e o que por pura ironia do destino veio a ele na forma de seu filho, mas não somos nós que escrevemos a biografia de Jack, é ele quem deve escrever sua autobiografia. E até agora tem sido uma coincidência sem aquele momento interno definidor de interiorização que, apesar de sua evidência flagrante para você ou para mim, tornaria isso uma sincronicidade para Jack.

Pode ser que para a maioria dos pais, quem seus filhos se tornam como pessoas, não é vivido como especialmente sincronístico, no sentido de que nossas crianças frequentemente tendem a se parecer conosco e muito do que eles são é resultado não de puro acaso mas de como nós os criamos, o que fizemos ou deixamos de fazer — em outras palavras, fatores causais em vez de casuais. Pais sem um grande ego, agendas ou conflitos têm algumas experiências de sincronicidade em torno de quem são seus filhos porque o significado dos filhos em suas vidas cresce não de um encontro casual do destino, mas de sua habilidade natural em aceitar, amar e apreciá-los. Mas nem todos os pais são

criados igualmente, e os encontros sincronísticos que têm com seus filhos, no nascimento ou ao longo de suas vidas, é o material do qual a literatura como também nossas vidas são feitas. Nessas horas, para esses pais, os filhos são o futuro simbólico de todas as nossas histórias de vida, confrontar as pessoas com o que suas vidas significaram pode ser o único ponto de interiorização e crescimento ao longo de suas histórias.

### Aproximando-se da Morte e Além Dela: Sincronicidade e a Transição Definitiva

Eu peguei emprestado uma imagem de uma amiga minha que é enfermeira profissional de um hospício para enquadrar as histórias que seguem, as últimas do nosso livro. Como ela assistiu à morte de tantos indivíduos, observando suas famílias se segurando para impedir a perda, vendo indivíduos lentamente abandonando tudo que eles consideravam caro sobre si mesmos e suas vidas, ela falava do processo de morte com grande sabedoria e introspecção. Sua imagem do processo para a morte é muito parecida com o trabalho de parto, tem uma verdade que muitas das histórias que eu recolhi de pessoas que têm um contato íntimo com a morte podem confirmar.

A morte é um processo de desligamento dos interesses, investimentos e conexões com este mundo e não muito diferente do trabalho de parto, é um processo que tem seu próprio tempo e ritmo, sobre os quais temos pouco controle. Como um antigo cliente descobriu em sua tentativa de suicídio mencionada no capítulo sobre os sonhos, mesmo quando tomamos todas as providências para morrer, nós só vamos quando for nossa hora de ir e não antes; essa é uma lição que qualquer família que assistiu à morte de um ser amado sabe, e é uma lição que muitas histórias de ocorrências sincronísticas parecem levar para casa.

Como a imagem de um espelho da história de Kefir, o pai africano que no momento de fazer as pazes com a filha que ele não desejava parecia ter dado a ela permissão para nascer, Linda conta a história do último dia de sua companheira Jane. A filha delas, Annie, que tinha só dois anos de idade quando o câncer de Jane entrou em sua fase terminal, vinha evitando abertamente ir ao quarto de Jane durante sua última semana de vida, uma resistência que Linda percebeu enquanto ela cuidava de Jane em seu processo de morte mas que ela sabiamente deixou acontecer. Reunindo seus amigos em torno de Jane quando ela entrou em coma, Linda e sua comunidade fizeram um sinal em torno do corpo dela naquela noite, durante o qual Annie, em outro quarto, dormindo, foi ouvida quando caiu em lágrimas.

Pensando que a morte provavelmente aconteceria naquele dia e continuando a

respeitar a necessidade de Annie de manter distância de Jane, Linda mandou Annie, para a casa vizinha para passar o dia com amigos. Quando a respiração de Jane se tornou pesada, Linda soube que o fim do longo processo de morte estava perto e se deitou na cama com Jane para ficar perto dela. Ela ouviu Annie chegar em casa, querendo pela primeira vez em mais de uma semana estar com Jane. Annie entrou no quarto, foi para a cama com elas, e então, menos de um minuto mais tarde, Jane morreu.

“Era como se ou Jane estivesse esperando Annie vir para estar com ela ou de alguma maneira Annie, estando em paz com a morte de Jane, permitiu que ela finalmente se deixasse ir”, contou-me Linda, maravilhada com o *timing* de sua filha de dois anos de idade e comovida de quanto significado teve para ela ter toda a família reunida enquanto Jane era entregue à morte.

Previsões de morte formam uma grande parte do que as pessoas geralmente chamam de superstições, como a da história neste capítulo na qual um quadro caindo da parede significa que alguém próximo vai morrer, ou a crença de minha própria avó de que um pássaro voando dentro de casa é o mesmo presságio. A palavra “superstição” literalmente significa “sobrevivência”, se referindo à maneira como as crenças desses povos sobreviveram à investida da modernidade para ainda continuarem frescas na imaginação como sinais de um tempo onde os eventos sincronísticos eram mais bem compreendidos e apreciados.

Jung contou um bom número de histórias de sua própria vida nas quais suas premonições sincronisticamente refletiam os acontecimentos subsequentes. Durante a Segunda Guerra Mundial, num trem, ele conta que foi “dominado pela imagem de alguém se afogando”, a lembrança de um incidente ocorrido durante seus dias de militar, ele percebeu que não conseguia tirar esta lembrança de sua mente durante toda sua viagem para casa. Quando finalmente chegou em casa, ele encontrou o lugar em tumulto pois no momento exato em que essa lembrança começou a persegui-lo, seu neto Adrian quase se afogara no lago atrás de sua casa. Igualmente, tendo sonhado com uma sepultura classicamente antiga de dentro da qual saía flutuando uma figura parecida com sua esposa, Jung acordou na manhã seguinte e soube que a prima de sua mulher tinha morrido naquela noite.

No entanto, numa mistura de divertido e arrepiante, a narrativa de Jung sobre o sonho que teve em 1922 pressagiando a morte de sua mãe dificilmente pode ser superada. “Eu não sonhava com meu pai desde sua morte em 1896”, escreve Jung em sua autobiografia. “Então ele mais uma vez apareceu em um sonho, como se tivesse voltado de uma jornada distante. Ele parecia rejuvenescido, e tinha deixado de lado sua aparência de autoritarismo paterno. Eu entrei em minha biblioteca com ele, e estava muito feliz com a possibilidade de saber o

que ele andava fazendo. Eu estava também ansioso e especialmente feliz em apresentar minha mulher e filhos para ele, mostrar minha casa. (...) Mas eu rapidamente percebi que tudo isso seria inoportuno, pois meu pai parecia preocupado. Aparentemente ele queria algo de mim. Eu sentia claramente. (...) Então ele me disse que como eu era antes de tudo um psicólogo, ele gostaria de me consultar sobre psicologia matrimonial. Eu fiquei pronto para lhe fazer uma longa preleção sobre as complexidades do casamento, mas nesse momento eu acordei. Eu não conseguia entender inteiramente o sonho, pois eu jamais poderia imaginar que isso pudesse se referir à morte de minha mãe. Eu só compreendi isso quando ela morreu subitamente em janeiro de 1923.

“O casamento dos meus pais não foi feliz, porém cheio de sofrimentos, dificuldades e testes de paciência. Ambos cometeram os erros típicos de muitos casais. Meu sonho foi uma previsão da morte de minha mãe, pois lá estava meu pai que, depois de uma ausência de vinte e seis anos, queria perguntar a um psicólogo sobre os mais novos avanços e informações em problemas conjugais, pois logo ele teria que começar esse relacionamento outra vez. Evidentemente ele não tinha adquirido uma compreensão melhor nesse estado fora do tempo e, portanto, tinha que apelar para alguém entre os vivos que, aproveitando dos benefícios da mudança dos tempos, poderia ter um enfoque novo de tudo isso.”<sup>2</sup>

Enquanto falava de seu pai como se o sonho fosse na verdade uma visita literal do além, o tom de Jung é claramente o de uma pessoa familiar com o frequente lado extraordinário dos acontecimentos sincronísticos, tratando a visão de seu pai do outro lado com a mesma indiferença que ele teria se qualquer outro parente visitasse sua casa. Essa visão, no entanto, que Jung posteriormente entendeu como um presságio da morte de sua mãe, é um exemplo do tipo de ocorrência sincronística que tende a acontecer quando nossas histórias, ou as histórias de nossos seres amados, chega ao fim.

Nas várias outras histórias que as pessoas compartilharam comigo, no entanto, eu encontro pouco da gentil familiaridade de Jung com os fantasmas. Francês, por exemplo, ficou completamente amedrontada quando, durante o demorado processo de morte de seu marido no hospital, ela encontrava a sua foto favorita dos dois aparecendo em vários lugares da casa, lugares nos quais ela sabia que ela mesma não havia deixado, e ainda mais, ela morava sozinha e ninguém mais tinha a chave da casa. Ela voltou para casa na primeira noite e encontrou a foto virada para baixo no sofá da sala, que de alguma forma tinha sido tirada de seu lugar habitual na prateleira sobre a lareira. Ela colocou perto na mesinha de centro e acordou na manhã seguinte com ela outra vez virada para baixo, na pia do banheiro. Voltando de sua visita ao hospital naquele dia, descobriu que a foto tinha andado de alguma forma do banheiro para o canto do

*hall* de entrada, em pé, virada para a parede.

“Se tivesse acontecido somente enquanto eu dormia”, disse ela, “eu poderia explicar como sonambulismo ou algo assim. Você sabe, eu estava num estado de grande perturbação com a doença de Frank e sua morte lenta, e acredito que pudesse ficar vagando enquanto dormia ou mudando distraidamente de lugar eu mesma, hipnotizada ou algo parecido. Porém, eu não sabia como explicar que ela se movimentasse pelo apartamento enquanto eu estava fora, e depois da morte de Frank, a foto nunca mais se moveu. Ela fica na prateleira como uma pedra.”

Qual o efeito que essa série de improváveis e realmente inexplicáveis movimentos da foto tiveram em Francês? Minha impressão falando com ela era de que serviu para fazer com que a realidade da morte de seu marido “fosse para casa” para ela, integrando a experiência do hospital no momento com a vida na casa que ela dividira por muitos anos com seu marido. Quando os objetos da realidade exterior começam a se mexer parecendo responder ao esforço e dor emocional, a conexão sincronística torna a realidade subjetiva dolorosa e inevitavelmente óbvia. Porém, com toda estranheza do acontecimento, eu também tive a sensação de que esses efeitos visíveis de sua morte eram de certa forma gratificantes, como se sua morte fosse suficientemente importante para ter esses resultados tangíveis.

De acordo com várias lendas populares ou superstições relativas aos presságios de morte, tragédias e perdas podem ser sinalizadas sincronisticamente pela aparição de animais, especialmente aqueles com marcas e características que os ligam simbolicamente ao depois da vida, como os pássaros que, como criaturas voadoras, são frequentemente associados ao espírito ou a alma, ou gatos pretos e cachorros cuja cor escura os liga ao invisível e desconhecido.

Meu amigo Michael, antes de sua morte seis anos atrás, teve a estranha experiência de estar sentado perto da janela de seu apartamento em Berlim, Alemanha, calmamente lendo quando um enorme barulho na parede da casa o assustou. Como ele morava no terceiro andar de um prédio de apartamentos, abriu a janela para olhar para o pátio interno abaixo onde ele pôde ver o pequeno corpo de um corvo batendo as asas cada vez mais lentamente até morrer em consequência de seus ferimentos. Cheio de pombos, esse pátio interno era um lugar estranho para um corvo encontrar sua morte, portanto o incidente ficou em sua mente como sendo bastante esquisito. Na semana seguinte, ele recebeu um telefone de sua mãe: seu irmão mais moço tinha sido encontrado morto em sua cama naquela manhã, de causas desconhecidas na época, e que as duas autópsias que se seguiram nunca foram capazes de descobrir. Olhando para trás, Michael viu o corvo morto como uma configuração sincronística da morte

completamente inesperada de seu saudável irmão de vinte e quatro anos. Aqui uma interpretação sincronística, em vez de profética, coloca a ênfase em como a experiência de Michael com a morte de seu irmão mudou subjetivamente sua visão da própria vida, incorporando em sua história o símbolo do corvo como um marco da importância de sua experiência posterior.

Fenômenos sincronísticos na hora da morte são comuns o suficiente para dar origem a explicações de natureza causal — que a morte de um indivíduo liberta sua “energia de vida”, e é por isso que fotos se movem pelo apartamento, ou que nossa intercomunicação com a própria espécie ou família nos permite perceber ou sentir o que a pessoa morrendo percebe ou sente, que é por isso que Jung ou Michael puderam ter sonhos e experiências configurativos. Essas explicações deram origem a todo tipo de ritual e procedimentos, como o de abrir as janelas para deixar a alma sair voando, ou fazer velório ou vigília do corpo para assegurar sua passagem, e assim por diante.

Se o fenômeno da hora da morte é causado pela energia, pela alma ou por outros fatores ainda não determinados, o fato de que ocorrências sincronísticas tendem a acontecer no momento da morte está fora de dúvida. Minha avó, mãe e tia-avó, todas confirmam que no momento da morte de minha bisavó, durante o qual ela dizia estar vendo Jesus saindo de uma cruz no canto do quarto para levá-la com ele, uma luz brilhante de uma fonte desconhecida iluminou o quarto e se extinguiu quando ela morreu. Pela maneira como a história é contada em minha família, o significado sincronístico do que elas experimentaram estava no grande conforto que sentiram e que tinha sido dado a elas por Deus, sabendo que minha bisavó estava sendo levada para o paraíso através de sua morte.

Pãul, um cético professor de filosofia meu conhecido, para quem todo o assunto deste livro quando descrevi para ele foi causa de muito divertimento indulgente, mesmo assim contribuiu com uma história sua nas linhas que seguem. Resistindo em encarar a morte próxima de um amigo que ele havia empregado como jardineiro em sua casa durante o lento declínio da doença de Hodgkins, Paul conseguiu com sucesso evitar visitar seu amigo no hospício durante seu último mês lá, até que, se sentindo culpado, ele armou-se de coragem e venceu sua resistência. As enfermeiras o chamaram de lado antes da visita e lhe disseram que seu amigo parecia estar resistindo bem e que o que parecia uma morte iminente poderia, no entanto, não ser assim tão em breve.

No meio daquela noite, semiadormecido, Paul viu seu amigo se dirigir a ele, todo vestido de branco. Ele conversou um pouco sobre assuntos variados com Paul, nesse sonho meio visão, e então seguiu seu caminho com uma saudação. “Até logo. Tenho que ir andando.” No dia seguinte, ligando para o hospício, Paul ficou sabendo que seu amigo havia morrido na mesma hora

do seu sonho. Essa era verdadeiramente a primeira experiência desse tipo que Paul teve, e o que me impressionou enquanto ele contava a história era a maneira como misturava um pouco de seu divertimento e ceticismo e algumas das maneiras como os outros neste livro, inclusive eu, encaramos as histórias de nossas vidas.

Para algumas pessoas, no entanto, a experiência sincronística ligada à morte é ainda mais dramática, passam por uma efetiva experiência física da morte em si. Uma antiga conselheira minha costumava contar a história de como ela foi acordada por uma dor horrível nas costas e no peito na noite do violento assassinato de seu pai a facadas. Sua dor era tão aguda que somente sua teimosia a impediu de ligar para pedir uma ambulância. O terrível conhecimento no dia seguinte do que havia acontecido a seu pai naquela noite, do outro lado do país, dava sentido ao que ela havia sentido. “Ele e eu sempre fomos muito próximos, e eu preferi acreditar que me foi dada a oportunidade de compartilhar sua morte também.”

Todas essas experiências sincronísticas, que desafiam a habilidade de qualquer um de entendê-las de uma forma causa e efeito, carregam uma importante similaridade simbólica umas com as outras. Enquanto experimentamos a morte como uma obliteração, um rompimento, uma dissolução do mundo que conhecemos e vivemos, então parece que o simbolismo de sincronicidades como as acima é também do tipo de dissolução e obliteração das leis que geralmente governam nossa experiência do mundo do dia-a-dia. E como se os princípios naturais não se aplicassem durante o processo de morte, como se a causalidade e a matéria fossem removidas. Para algumas pessoas, essa suspensão das leis naturais inspiram terror, mas para outras essas coincidências carregam um importante significado, reafirmando em momentos de extrema tristeza e desamparo as conexões que temos com aqueles à nossa volta aos quais amamos e com os quais compartilhamos nossas vidas. Em alguns momentos o significado sincronístico de uma coincidência parece ser quase capaz de reparar e unificar aquilo que a morte separou.

### A Sincronicidade da Continuidade: Quando o Fim Não É o Final

Qualquer um que já tenha perdido um ente querido para a morte sabe que nossas conexões não acabam depois da morte, certamente, e eventos sincronísticos às vezes aparecem para nos lembrar desse fato. Eu me lembro de uma conversa que tive durante um almoço anos atrás quando eu era conselheiro interno, com uma amiga minha cuja irmã tinha encontrado a morte precocemente depois do parto de seu primeiro filho. Na época fiquei preocupado com a falta de reação de



minha amiga diante da situação, mas olhando para trás agora vejo que eu estava sofrendo daquela terrível infecção que os conselheiros em treinamento geralmente contraem — o vírus Eu-Sei-Tudo. Com tudo o que já li sobre sofrimento, lamentação e luto, mas sem a experiência de vida para sustentá-lo, eu comecei a puxar por minha amiga em relação à raiva que eu acreditava que ela estava sentindo sobre a morte de sua irmã. Minha amiga continuava me dizendo que suas crenças espirituais haviam-na ajudado a aceitar a tragédia, que ela sentia que sua irmã tinha ido para Deus, e que Deus tinha um plano em mente que nenhum de nós entendia, tudo isso, em vista da minha certeza de que ela estava se negando, simplesmente me fazia puxar mais pela raiva e sofrimento que estava obviamente “reprimindo”. A ironia é que eu tinha sido recém-diplomado em aconselhamento pastoral e jamais sofri esse tipo de pressão da parte de nenhum conselheiro.

Finalmente, a paciência de minha amiga acabou, e mostrando sua irritação, ela disse: “Você precisa deixar isso de lado”, nesse momento ouvimos um forte barulho nas proximidades. Concentrados na situação, nenhum de nós realmente pensou muito nisso, pois naquela hora estávamos mais preocupados em recuperar um pouco de civilidade entre nós. Somente mais tarde naquela noite, limpando os pratos do almoço, eu descobri o que tinha acontecido: o prato de porcelana que estava entre nós na mesa se partira ao meio em dois pedaços.

Bem, pode haver múltiplas interpretações para esse evento. Duas das explicações causais podiam ser que a raiva reprimida de minha amiga uma vez expressada havia partido o prato com sua “energia” ou que algum tipo de força de vida da irmã morta de minha amiga tinha se manifestado no prato quebrado. Uma visão sincrônica, no entanto, asseguraria que o prato quebrado era significativo para mim porque era um símbolo perfeito de como minha insistência havia de uma certa forma quebrado nosso relacionamento. Em qualquer caso, a conjunção da morte, sentimento, simbolismo e realidade material faz desse evento uma das mais espantosas sincronicidades que eu experimentei.

Que o poder simbólico da morte persiste, algumas vezes por um certo tempo depois da morte verdadeira, me veio com a história de Rachel, que me falou em se preparar conscientemente para uma comemoração pessoal e particular do aniversário de um ano da morte de seu marido Steve. Apesar dos inúmeros convites de amigos compreensivos para passar o dia e a noite com eles, ela pensou que seria melhor ficar sozinha e fazer um ritual que ela havia criado para si mesma, pegando todos os álbuns de fotos e vendo-os lentamente, apagando todas as luzes da casa e acendendo velas, e tentando ao máximo recriar a presença dele com ela naquela noite.

“Então, aqui estou eu, a casa está toda escura, somente com a luz das velas, e se aproxima das sete horas da noite, que foi quando ele morreu um ano antes, subitamente o telefone perto de mim toca. Pensando que é um amigo meu ligando, atendo em vez de deixar a secretária eletrônica responder. Do outro lado da linha, ouço esta vozinha estranha, como um adulto fingindo ser uma criança pequena, realmente assustador. Ele me pergunta: ‘Steve está aí?’ Eu estou arrasada, chocada demais para sequer pensar, você sabe, pode ser um tipo de brincadeira cruel ou algo assim. Então eu respondo simplesmente: ‘Não, ele não está.’ Mas a voz não para, e pergunta de novo, realmente calma: ‘Steve está aí?’ De novo eu digo: ‘Não, ele não está. Quem é você? O que você quer?’ Então esta pequena criança diz: ‘Eu só estava pensando se o Steve gostaria de vir aqui para brincar comigo’, que foi quando eu tive certeza de que era de fato uma criança afinal, e não um brincalhão. Então eu disse: ‘Não, Steve não está aqui.’ E a criancinha disse mais uma vez: ‘Você tem certeza? Onde ele está?’, e como a coincidência era tão estranha e eu estava me sentindo tão perdida, disse somente, meio em pânico: ‘Steve está morto’, e desliguei o telefone. Fiquei lá sentada, assustada, então acendi todas as luzes, apaguei as velas e liguei para amigos, dizendo: ‘Sirvam o jantar, estou passando aí.’ Só mais tarde foi que pensei como eu deveria ter traumatizado uma criança em algum lugar, dizendo-lhe que seu amigo estava morto, mas foi simplesmente assustador e eu não estava realmente pensando quando aconteceu.”

Quando eu perguntei a Rachel o que ela aprendera dessa estranha coincidência, ela levantou as sobrancelhas, levantou as mãos para o ar para sugerir que não sabia o que significava. “As pessoas sugeriram que era o próprio Steve ligando para mim, como se meu ritual tivesse sido eficiente ao invocar seu espírito ou algo assim, que eu mesma não acredito. Mas como você perguntou, eu imagino se o significado não pode ser algo como que eu não deveria ficar sozinha naquela noite. Não diz Freud que a intenção inconsciente de uma ação se revela no resultado? Eu olho para o resultado: basicamente corri para os meus amigos naquela noite e abandonei meu pequeno ritual, e talvez isso é o que eu deveria fazer, você sabe, passar mais tempo com os vivos em vez de continuar a viver entre os mortos. Se era isso, o evento foi certamente eficaz.” Conhecendo Rachel, e especialmente quão importante seu círculo de amizades foi para ela durante seu luto, eu acho que talvez a estranheza da coincidência tinha encoberto o significado para ela, que eu precisava cavar mais um pouco para lhe revelar, especificamente, que esse parecia ser o momento dela seguir adiante e afirmar sua habilidade de viver.

Se a presença da morte pode ser o foco desses fenômenos sincronísticos, então pode ser também que a ausência ou evitar a morte, sob circunstâncias

surpreendentes, sejam igualmente tão significativas e sincronísticas. Uma história famosa desse tipo, publicada pela primeira vez na revista *Life* em 1950 e repetida em vários outros lugares, conta a história de um coro de igreja na pequena cidade de Beatrice, Nebraska, que tinha o horário marcado para o ensaio às 7h20 da noite no dia 1<sup>o</sup> de março. Naquela noite todos os membros do coro — 25 pessoas ao todo — chegaram atrasados por alguma razão. A família do pastor estava atrasada por causa da lavagem de roupa, o carro de alguém não pegava, outra pessoa estava envolvida em um programa de rádio, outra ainda estava acabando seu trabalho de escola, uma mãe e uma filha estavam atrasadas porque a filha demorou para acordar de uma soneca. Cada um tinha uma razão para perder o início do ensaio, o que na verdade foi um golpe de sorte: porque por causa de uma falha não- detectada no sistema de aquecimento, a igreja explodiu às 7h25 da noite. Essa corrente de acontecimento, tão improvável que a chance de acontecer foi calculada mais tarde por um matemático, e literal- mente era de uma em um milhão, teve um impacto mais que matemático nas vidas desses afortunados paroquianos que na revista *Life* na época imaginaram se na verdade essa sincronicidade não era um “ato de Deus”.<sup>3</sup>

Outra história mais genuinamente espiritual de um acidente com um propósito determinado é do século XIX, do monge chinês Hsu Yun, que a caminho do monastério caiu em um rio e por um triz escapou de perder a vida. Conseguindo de alguma forma chegar ao seu destino, ele deitou em meditação, esperando a morte. Em suas próprias palavras, Hsu Yun escreve na sua autobiografia espiritual: “Minha concentração se tornou tão pura que nem eu percebia que tinha corpo. Pouco depois de vinte dias, todos os meus ferimentos subitamente ficaram curados. (...) Uma noite durante o intervalo da meditação, eu abri meus olhos e subitamente lá estava um grande clarão, como pleno dia. Eu podia ver através de tudo, por dentro e por fora. (...) Em toda minha vida eu jamais senti tanta alegria. Era como acordar de um sonho. Eu pensei nas muitas décadas vagando desde que me tornei monge. (...) Então, se eu não tivesse caído na água e ficado muito doente, se eu não tivesse passado por tempos fáceis e tempos difíceis que ensinaram lições e mudaram minha compreensão, eu poderia quase ter perdido minha chance nesta vida, como este dia poderia nunca ter acontecido.”<sup>4</sup>

O que é interessante em relação a Hsu Yin e à história do coro da igreja de Beatrice, em Nebraska, é o significado comum que essas histórias tiram de sua esbarrada com a morte. Ambas veem uma razão espiritual por trás de sua “grande sorte”, e viveram sua sorte do acaso como tendo um significado ligado à ação de Deus ou da divina providência em suas vidas. O significado sincronístico que cada um encontrou em não morrer se tornou um momento

definitivo e transformador em suas vidas no qual a continuidade da vida ficou clara para eles, assim como para Rachel. Algumas vezes, se enquadrando a mensagem em termos religiosos ou não, esses sopros sincronísticos da morte são bastante eficazes no aprofundamento de nossa apreciação pela vida que temos.

#### Reflexões Sobre a Tragédia: Encontrando um Significado no Sofrimento

O caráter “e se” dessas últimas duas histórias nas quais as vidas das pessoas são salvas por pura sorte frequentemente levanta o ceticismo e o lado depreciativo nas pessoas. Como Voltaire que faz Pangloss se apegar ao “Se você não tivesse feito isso, ou aquilo, ou a outra coisa, você não estaria onde está hoje”, uma mulher me disse enquanto me contava uma dessas histórias: “E daí? Para cada avião que cai há sempre alguém que o perdeu. Acontece todos os dias.” Mas como continuo apontando, em toda resistência em ver o caráter sincronístico dos acontecimentos, muito do que é ignorado ou não é inteiramente compreendido é o significado subjetivo do acontecimento para as pessoas envolvidas. Para elas, essas coincidências—de terem escapado por pouco de perder suas vidas — mais do que certamente *não* acontecem todos os dias.

Quando eu faltei pela primeira vez à reunião de pauta em um novo emprego na tarde de 17 de outubro de 1989, e escapei do desabamento da ponte Oakland — baía de San Francisco, durante o terremoto, eu posso assegurar aos céticos que minha boa sorte sincronística significou muito para mim. O ponto principal de uma história sincronística, quando nós olhamos para ela mais tarde como a chance que nos poupou de uma catástrofe, é que ela aconteceu “conosco”. Essas histórias não são sobre dados concretos de quem morreu ou não, mas são mais sobre os meios que a morte, esta experiência definitiva sobre a qual não temos controle, pode usar para nos deixar extremamente atentos para o que significa nossa vida, para nós mesmos e para aqueles à nossa volta.

E ainda, a resistência que alguns sentem pela maneira simples ou autorreferente na forma como o significado desses eventos é elaborado em nossas vidas, pode não ser somente devido à falta de empatia, porém pode envolver algumas dúvidas morais legítimas. Porque nem todas as histórias têm finais felizes. Pessoas morreram no terremoto de 1989, mesmo que eu não tenha morrido. Os céticos, Voltaire entre eles, não estão, eu acredito, somente sendo obstinados, mas estão vendo uma sombra que os finais felizes de tantas das histórias neste livro frequentemente não apresenta.

Se tantas das histórias deste livro parecem ter um final positivo, é porque uma experiência sincronística tem por definição um significado, e essa percepção de significado dá uma sensação de ordem, coerência e totalidade às nossas vidas. Porém, quando encontramos a morte, encontramos um limite estabelecido em nossas vidas, do qual nenhum de nós escapa e para o qual não

há final feliz. O processo de morrer em si, por todo seu potencial significativo, é, a longo prazo, muito doloroso, frequentemente uma torturante experiência de perda, fragmentação, de desorientação.

Então, há a experiência de sobreviver à morte de um ser amado, uma experiência similar à de morrermos nós mesmos, onde nossas vidas como conhecemos são despedaçadas, os cuidados significativos, rituais e prazeres que dividíamos se foram para sempre. Nós podemos ficar revirando em nossas mentes e corações muitas vezes o que poderia ter sido, como gostaríamos de ter dito isso ou feito aquilo, como se pensando diferente sobre o que aconteceu pudesse suavizar a perda. Mas não suaviza, e nós sofremos.

O título deste livro, *Sincronicidade ou por que nada é por acaso*, tem em si uma aura de esperança, concluindo que nada acontece por acaso e que tudo tem potencial para ser significativo. E ainda, a palavra “acidente” se refere quase sempre aos acontecimentos que tememos e que a todo custo tentamos prevenir ou evitar. Acidentes matam as pessoas. Acidentes despedaçam vidas.

Insistir que existem certamente acidentes neste mundo, e que a tragédia atinge numa escala grande ou pequena todos nós ao curso de nossas vidas, não é ser meramente polêmico; é verdade. Alguns de nós não encontra o amor de sua vida e cavalga ao pôr-do-sol. Muitos de nós se encontram afastados, sozinhos, sem amigos, às vezes por um período curto, e às vezes mais longo. Alguns de nós não se sentem chamados a fazer alguma coisa que use seus talentos e dons, ou podemos ser impedidos socialmente, economicamente ou psicologicamente de desenvolver nossos potenciais. Alguns dos sonhos e planos mais importantes para nós mesmos nunca são realizados. Nosso negócio fracassa, e nenhum amuleto de prata de boa sorte se esconde dentro da nuvem negra: nós quebramos, perdemos a família e sofremos avarias. Somos incapazes de ter filhos, ou os filhos que temos ficam doentes ou são mortos num ato casual de violência. As pessoas que mais amamos no mundo nos são tiradas pela doença, guerra, desastre natural, má sorte. Acidentes de avião. Terremotos, furacões, incêndios, enchentes destroem o que nos é mais precioso. Assim como ninguém vivo escapa da morte, nenhuma história de vida se desdobra sem acidentes, acontecimentos trágicos, dor, perda e separação.

Tragédias são uma forma particular de história que os seres humanos sempre contaram, transmitidas para nós do Ocidente de maneira definitiva pelos antigos gregos. Essas tragédias, nas quais a queda e destruição de grandes homens e mulheres eram retratadas de forma dramática, eram o foco principal das práticas religiosas da antiga Grécia: montadas em festivais em honra dos deuses, essas histórias davam vida ritual ao terrível destino dos indivíduos retratados. Através da representação teatral, os antigos gregos na verdade reviveram o autoengano

de Edipo, a fútil rebelião de Antígona ou a vingança autodestrutiva de Orestes. “Teatro”, lembre-se, vem da mesma palavra grega que teologia — *theos* ou “deus” —, e as tragédias da Grécia antiga eram vistas como verdades sagradas, não como mero entretenimento.

Podemos achar que fazemos tudo que está ao nosso alcance para nos protegermos contra as tragédias — usando cintos de segurança, instalando alarmes de incêndio, ensinando nossas crianças a dizer não, fazendo aulas de defesa pessoal e rezando por boa sorte —, por que as pessoas dão credibilidade a todos esses ritos? Pela mesma razão que lotamos o cinema para ver filmes de desastres ou sintonizamos a televisão em programas com base na realidade? Que tipo de arquétipo a tragédia, como uma forma de história, exerce em nossas almas?

A resposta pode ser encontrada, eu acho, na natureza sagrada das tragédias gregas. As cenas de destruição pessoal tomando forma nessas peças dão sentido ao sofrimento sem necessariamente aliviá-lo, negá-lo ou removê-lo, assim dando forma à verdade universal que todos ficamos sabendo ao longo de nossas vidas: que o sofrimento é inevitável e ainda assim tem seu lugar e sua razão de ser. Esse era o propósito da tragédia na antiga Grécia e é por isso que, até hoje, continuamos a encenar essas antigas histórias.

Ao longo deste livro olhamos para nossas vidas como histórias. A tragédia é uma forma de história que põe o sofrimento dentro de uma estrutura coerente enquanto é ao mesmo tempo fiel à sua realidade. Portanto, encontrar sentido no sofrimento, entender os finais infelizes de muitas de nossas histórias, não requer que minimizemos ou ignoremos a dor. Ver a dimensão trágica de nossas experiências mais negras, ser capaz de contar parte de nossa história, é, pelo contrário, ver sentido nela.

Muitas das dificuldades que os indivíduos encontram nas histórias que ouvimos até agora ocorreram quando seus egos foram confrontados e derrotados pelas circunstâncias que não podiam controlar: acordos imobiliários fracassando, relacionamentos acabando, planos pessoais de vida que encontram obstáculos intransponíveis. Mas eu penso que é útil passar além da história pessoal para considerar as catástrofes de maiores dimensões, aquelas quase incompreensíveis, quando elas confrontam nossa capacidade de dar sentido ao sofrimento. O triste fato da história do século XX é, como Einstein apontou, que o desenvolvimento da nossa tecnologia ultrapassou o desenvolvimento de nossa humanidade até um ponto em que uma destruição de vidas humanas sem paralelo se tornou possível na forma do Holocausto. Não que destruição em massa não tenha sempre sido uma sombra na história da humanidade; na verdade, a história sagrada do próprio povo judeu, as principais vítimas do genocídio nazista, é uma história de

constante opressão e escravização. Mas a diferença na escala e a total e avassaladora cumplicidade de tantas nações “civilizadas” no assassinato em massa de seis milhões de pessoas nos mostra desde então uma questão moral para a qual não existe uma resposta simples.

Dentre os aspectos mais difíceis que um indivíduo confronta nesses eventos, um é o puro sentido aleatório da destruição, a maneira pela qual muitos milhões de pessoas inocentes são destruídas, não por alguma coisa que fizeram, mas simplesmente por quem são. A abominável insanidade do Holocausto é a maldição para nós que sobrevivemos, pois sua irracionalidade o torna quase incompreensível. É possível encontrar sentido num evento como este? Se for, como?

Em seu trágico romance *A escolha de Sofia*, William Styron mostra em dolorosos detalhes o que aconteceu a uma mulher que foi incapaz de encontrar sentido quando confrontada com a irracionalidade de seu sofrimento durante o Holocausto. A escolha à qual o título do livro se refere, Sofia sendo forçada pelo capricho de um guarda a escolher qual de seus filhos viveria e qual morreria durante uma seleção no campo de concentração para onde fora mandada, é um símbolo de capricho do seu sofrimento. O que ela é forçada a fazer não é uma escolha, mas uma tortura sem fundamento racional, e sua experiência, como descrita na história de Styron, permanente e irrevogavelmente corroeu sua sanidade e capacidade de continuar vivendo.

Elie Wiesel conta em primeira mão sua própria experiência nos campos de concentração, *Night*, e registra o mesmo fracasso em transformar a falta de sentido do Holocausto em algo significativo em qualquer padrão religioso ou filosófico. Uma companheira de Buchenwald, Akiba Drumer, cuja fé tradicional foi praticamente destruída pelo sofrimento em sua volta, declara: “E o fim. Deus não está mais conosco”, e se oferece ao carrasco quando chega a seleção. O resultado do próprio confronto de Wiesel com o horror do que estava sendo feito a ele e a sua gente só pode ser exprimido através de uma contradição: “Apesar de mim mesmo, uma oração se ergueu de meu coração até Deus em quem eu não acreditava mais.”

O horror que tanto nos domina na insanidade do Holocausto não impediu, no entanto, as respostas que escritores como Styron junto com outros sobreviventes como Wiesel e muitos outros deram para a falta de compreensão desse mal. E essa talvez seja a única resposta possível nessa situação: lembrar do que aconteceu, em ambos os sentidos usando sua memória como também no sentido de reconstituir, juntando as partes. Ao lembrar da história do nosso sofrimento, contamos a história de nossa vida, e se o conteúdo da história não pode resolver a irracionalidade desse sofrimento, de nenhum sofrimento, o ato de contar a

história pode ser a resposta moral válida, a única maneira de dar um sentido ao que aconteceu. Esse é o propósito da tragédia — contar a história do sofrimento e, durante o ato de contar, dar ao sofrimento um significado final, dar um sentido à experiência de destruição do sentido.

Já percebemos como nossa capacidade inata de usar símbolos, de contar uma história, é responsável pelo sentido que experimentamos em acontecimentos aleatórios. O sofrimento, também, é um evento aleatório. Contando as histórias do nosso sofrimento, nós juntamos o caos e a fragmentação que sentimos em uma coerência que pode nem sempre reprimir a experiência. A realidade da morte, seja ou não a nossa própria, ou de nossos entes queridos, as de pessoas inocentes ou de milhões sem rostos, não muda ao contarmos nossa história. Como nas experiências sincronísticas, somos *nós* que mudamos em relação ao trágico acontecimento aleatório, vendo seu lugar em nossa história, contando nossas histórias sobre o que aconteceu, reconstituindo.

## Renascimento e o Ciclo da Vida

No final desta seção no final de nossas vidas, e no final deste livro, as seguintes perguntas parecem adequadas: qual é realmente o final de nossa história? Há realmente um final? Enquanto provas definitivamente empíricas de uma vida além desta é e pode sempre continuar fora de nosso alcance, temos visto que os eventos sincronísticos em torno da morte frequentemente nos ajudam a ver a continuidade de nossas vidas. O que sabemos de nossas histórias é que nossas vidas aqui, limitadas pelo nascimento e pela morte, seguem um ciclo de crescimento, maturidade, declínio e fim. Nós nascemos e renascemos muitas vezes durante nosso tempo de vida. Mesmo quando encaramos nossos momentos mais sombrios, um evento sincronístico pode acontecer para nos ajudar a transformar a escuridão em uma experiência de renascimento e continuação, uma chance para ser lembrada e dizer mais uma vez quem somos nós.

Eu ouvi (e agora contei) muitas histórias estranhas sobre coincidências espantosas e significativas, então fico cauteloso em catalogar a história de Charlotte entre as mais estranhas e improváveis. No entanto, sua história fica em minha mente como um perfeito exemplo de como um evento sincronístico pode nos devolver a medida do que sentimos que perdemos através da morte e, como na vida, o renascimento do significado é sempre possível.

O filho de Charlotte, Todd, um jovem estudante universitário cheio de vitalidade e ativo, foi morto perto de sua escola na noite de Ano-novo por um motorista bêbado, e o estrago que seu corpo sofreu no acidente, somado ao choque e o sofrimento esmagador de Charlotte, tornaram impossível para ela ver



o corpo de seu filho. Seu marido, arrasado porém mais racional durante essa tragédia, concordou que não era uma boa ideia que Charlotte fosse confrontada com a horrível realidade do que tinha acontecido, e depois de um funeral de caixão fechado e cremação, o filho de Charlotte foi posto para descansar.

Ao longo do meu trabalho com sobreviventes da dor, comecei a ver que por mais dolorosa e horrível que seja, a oportunidade de ver o corpo de um ser amado que morreu pode ser bastante eficiente no processo de se libertar e seguir em frente, e a história de Charlotte deixa isso claro. “Depois, durante meses, mesmo que na época eu realmente não pudesse ter feito nada mais, eu vivia atormentada pelo fato de que nunca mais veria Todd. No arrependimento, eu me sentia cada vez pior por não ter tido a chance de dizer adeus, não ter sido corajosa o suficiente para encarar o que tinha acontecido. Meu marido ficava me dizendo que eu tinha feito a coisa certa, que era melhor para mim lembrar Todd como ele era, mas devo dizer que eu estava começando a me sentir incompleta. Eu me sentava algumas vezes somente para olhar os nossos álbuns de fotos sem parar, olhando para as fotos que tínhamos tirado, pensando comigo mesma: ‘Nunca mais, Charlotte. Nunca mais. Todd se foi. Lembranças nunca mais.’

“E isso começou a nos desgastar, minha incapacidade em seguir adiante. Você já ouviu isso, como o casamento das pessoas acaba depois da morte de um filho, mas enquanto não acontece com você, você não pode imaginar. Porém, agora, falando disso depois de anos, eu vejo que estava presa na minha dor e que, devo dizer, era um grande peso para meu marido. Então, um dia, estou sentada em casa, chorando sobre o álbum de fotos, dizendo aquilo que sempre dizia a mim mesma: ‘Se eu pudesse vê-lo mais uma vez’, quando eu ouvi o carteiro chegar. Vou até a caixa do correio e lá, inacreditavelmente, está um grande envelope de Todd. Todos os meus cabelos ficaram em pé e eu fiquei toda arrepiada. O envelope estava bastante estragado e quando olhei vi que tinha sido enviado no dia em que Todd morreu: 31 de dezembro! Dentro tinha um bilhete de Todd, com um monte de fotos do nosso último Natal juntos que ele havia revelado e enviado para mim naquele dia, só que ele não tinha selado corretamente e fora devolvido, enviado novamente, e passaram-se meses de lá para cá.

“Você pode imaginar minha reação. Era como se realmente o universo me tivesse dado o maior presente, como se estivesse me dizendo: ‘Viu, ele ainda está aqui. Você pode seguir em frente. O que Todd foi para todos continua. Sua vida não acabou. Aqui está ele. Ele está morto, mas de certa maneira ainda vive.’ Pelo menos foi o que eu concluí disso. Realmente espantoso.” Charlotte fez uma longa pausa com um sorriso agriado em seu rosto. “Eu não sei o que teria me sacudido se eu não tivesse recebido aquela carta e aquelas fotos dele, se eu não

tivesse tido a chance de vê-lo outra vez. As coisas melhoraram um pouco depois disso. Nunca ficaram boas. Eu não acho que você possa algum dia realmente se recuperar de algo como isso, mas a coincidência dessas fotos uniram sua morte e sua vida para mim de uma forma que era como se fechasse um círculo. Eu era capaz de seguir dali. Mesmo assim, não posso acreditar. (...)”

Como a história de Charlotte de uma coincidência significativa que ilustra os ciclos de nascimento, vida, morte e renascimento, uma última história com os mesmos significados me foi contada, de forma suficiente sincronística, enquanto eu estava a meio caminho de escrever este último capítulo sobre a morte. Em uma conversa de trabalho com minha agente, Candice, ela me contou, sem meu encorajamento, que uma adorável sincronicidade acabara de lhe acontecer. Seu marido tinha morrido no ano anterior, na verdade, na mesma semana em que ela e eu estávamos dando os retoques finais na proposta deste livro, e a remota casa em meio às montanhas, na qual eles moravam, sem ele não parecia mais adequada, não era mais um lugar do qual ela fizesse parte.

Um tempo atrás, quando sua filha ainda era criança, eles moraram em uma outra casa. Durante o período do luto, Candice me disse que pensou muito em sua outra casa. Não era nada de especial, disse ela, pequena, porém agradável, um lugar que eles alugaram no começo de seu casamento e cheio de boas lembranças de tempos melhores. Quando eles estavam em condições de comprar uma casa, em vez de continuar alugando, eles procuraram o proprietário com a possibilidade de comprá-la, mas na época ele não estava interessado, então a família deixou a casa para trás.

Numa caminhada com sua filha já adulta, Candice se lembrava da casa antiga, mostrando o quanto ela ainda pensava nela com carinho, especialmente agora que tinha ficado viúva e precisava de uma mudança. Num rompante, sua filha sugeriu que passassem por lá e olhassem a velha casa, algo que não faziam desde que a tinham deixado, quinze anos antes. Para sua alegria, quando chegaram lá, elas viram a placa de A Venda do lado de fora, e se considerando com uma sorte inacreditável, descobriram que só estava anunciada desde a véspera. Candice fez uma oferta imediatamente, e o negócio foi fechado rapidamente: a casa que guardava tantas lembranças boas era sincronisticamente delas, e a mudança para uma nova vida, depois de um período de sofrimento, uma mudança que de certa forma era uma mudança para uma vida antiga também, aconteceu de uma forma que a própria Candice não poderia ter planejado ou executado com maior eficiência. Sincronicidades como essa nos mostram que mesmo a partir da morte é possível uma nova vida, e não somente no campo mítico além desta vida, mas também em nossa existência diária, presente.

## Conclusão

Nossas vidas são cheias de eventos significativos que nós deliberada e conscientemente provocamos em proveito próprio: quando procuramos um relacionamento com alguém por quem nos sentimos atraídos, solicitando um emprego que sempre esperamos, escrevendo um livro, interpretando um sonho, dando nome aos filhos, decidindo como gostaríamos de morrer quando chegar a nossa hora. Esses eventos não são acidentais ou casuais. Eles são atos intencionais.

Eventos sincronísticos, no entanto, em sua natureza acidental nos impõem uma outra verdade sobre nossas vidas, uma verdade que muitos de nós têm o hábito de ignorar: que o sentido de nossas vidas, a trama da história da nossa vida, não é escrita simplesmente pelo que sabemos de nós mesmos mas vem de um ponto muito mais profundo, da nossa capacidade humana inata de experimentar a totalidade vivendo uma vida simbólica. Como na ficção, as sincronicidades vêm de formas diferentes, e, na verdade, não existe uma área de sua vida que num momento ou outro não seja tocada pelo acaso. Todas as histórias que contei deixaram isso bastante claro; a questão é o que fazemos quando uma virada acidental do destino reorganiza nossas vidas e nos mostra algo que não esperávamos. Nós damos as costas e negamos sua veracidade? Ou encaramos aquilo que não provocamos nem criamos em nossas vidas com abertura de espírito, interesse e seriedade?

Minha esperança é que este livro e suas muitas histórias da vida real tenham, depois de tudo, encorajado uma atitude de curiosidade psicológica, emocional e simbólica sobre os eventos do acaso que nos acontecem, bons ou maus, dolorosos ou felizes, doces ou amargos. Da próxima vez, portanto, que algo inesperado cruzar seu caminho — um telefonema, um encontro, um sonho, um golpe de boa ou má sorte —, eu apelo a todos que lembrem de algumas das histórias mostradas aqui e estejam abertos para considerar que esse encontro da sorte, essa ocorrência do acaso, pode bem ser um momento de virada na história que estamos vivendo no dia-a-dia. Se trouxermos a atitude simbólica para dentro de nossas vidas, pesquisando o significado do que nos aconteceu e, portanto, permitindo que nossa capacidade de tirar uma noção de totalidade do acaso e diferenciar os eventos de nossas vidas, então, como este livro mostrou, não importa o que acontece na trama, qual o cenário, quem sejam os personagens, maiores ou menores, nós veremos que, na verdade, não existem acidentes nas histórias de nossas vidas.

## Notas

### Capítulo 1

1. C. G. Jung, *The Collected Works of C. G. Jung*, vol. 8 (Princeton: Princeton University Press, 1960), p. 441.
2. Marie-Louise von Franz, *On Divination and Synchronicity: The Psychology of Meaningful Chance* (Toronto: Inner City Books, 1980), p. 48.
3. C. G. Jung, *op. cit.*, p. 441.
4. Jean Shinoda Bolen, *The Tao of Psychology: Synchronicity and the Self* (San Francisco: Harper and Row Publishers, 1979), p. 37.

### Capítulo 4

1. Jonathan Winson, "The Meaning of Dreams", *Scientific American* (novembro de 1990), pp. 86-96; June Kinoshita, "The Dreams of a Rat", *Discover* (julho de 1992), pp. 34-41; Doug Steward, "Do Fish Sleep? And What's That on your Eyelash?", *National Wildlife* (abril/maio de 1994), pp. 50-59.
2. C. G. Jung, *The Collected Works of C. G. Jung*, vol. 8 (Princeton: Princeton University Press, 1960), pp. 437-38, 525-26.

### Capítulo 5

1. Robert Aziz, *C. G. Jung's Psychology of Religion and Synchronicity* (Albany, NY: State University of New York Press, 1990), pp. 153-54.

### Capítulo 6

1. Mary Williams, "Short Communication", *Journal of Analytical Psychology*, vol. 2, n.º 1 (1957), pp. 93-94.
2. C. G. Jung, *Memories, Dreams, Reflections* (Nova York: Vintage Books, 1965), p. 316.
3. Alan Vaughan, *Incredible Coincidence* (Nova York: J. B. Lippincott, 1979), pp. 167-68.
4. Robert Aziz, *C. G. Jung's Psychology of Religion and Synchronicity* (Albany, NY: State University of New York Press, 1990), pp. 141-42.
5. Elie Wiesel, *Night* (Nova York: Avon Books, 1969), p. 104.

## **Bibliografia**

- Adler, Gerhard. "Reflections on 'Chance', 'Fate', and Synchronicity", ***Psychological Perspectives***, vol. 20, n.º 1 (1989), pp. 16-33.
- Aziz, Robert. ***C. G. Jung's Psychology of Religion and Synchronicity***. Albany, NY: State University of New York Press, 1990.
- Carty, Charles Mortimer. ***Padre Pio: The Stigmatist***. Rockford, IL: TAN Books and Publishers, 1973.
- Combs, Allan, e Mark Holland. ***Synchronicity: Science, Myth and the IHckster***. Nova York: Paragon House, 1990.
- Bolen, Jean Shinoda. ***The Tao of Psychology: Synchronicity and the Self***. Nova York: Harper & Row, 1979.
- Fordham, Michael. "Reflections on the Archetypes and Synchronicity", ***in New Deve- lopments in Analytical Psychology***. Londres: Routledge Sc Kegan Paul 1957.
- Franz, Marie-Louise von. ***On Divination and Synchronicity: The Psychology of Meaningfttl Chance***. Toronto: Inner City Books, 1980.
- Freud, Sigmund. "Dreams and Telepathy", ***in*** vol. 18 de ***Standard Edition of Freud's Works***, 1922.
- . "Dreams and Occultism", ***in*** vol. 22 de ***Standard Edition of Frettd's Works***, 1933.
- . "The Occult Significance of Dreams", ***in*** vol. 19 de ***Standard Edition of Freud's Works***, 1925.
- . "Psychoanalysis and Telepathy", ***in*** vol. 18 de ***Standard Edition of Freud's Works***, 1941/1921.
- Frey-Wehrlin, C. T. "Reflections on C. G. Jung's Concept of Synchronicity", ***Journal of Analytical Psychology***, vol. 21, n.º 1 (1976), pp. 37-49.
- Gordon, Rosemary. "Reflections on Jung's Concept of Synchronicity", ***Harvest*** (agosto de 1962).
- Hopcke, Robert H. "Synchronicity in Analysis: Various Types and Their Various Roles for Patient and Analyst", ***Quadrant***, vol. 21, n.º 1 (1988), pp. 54-64.
- . "The Barker: A Synchronicity Event in Analysis", ***The Journal of Analytical Psychology***, vol. 35, n.º 4 (1990), pp. 459-73.
- . "On the Threshold of Change: Symbolization and Transitional Space", ***Chiron*** (1991), pp. 115-32.

- I Ching or Book of Changes***, 3.ª edição, traduzido por Richard Wilhelm. Princeton University Press, 1967.
- Jaworski, Joseph. ***Synchronicity: The Inner Path of Leadership***. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 1996.
- Jung, C. G. "Synchronicity: An Acausal Connecting Principle", 1952, **in** vol. 8 de ***The Collected Works of C. G. Jung***. Princeton: Princeton University Press, 1960.
- . "An Astrological Experiment", 1958, **in** vol. 18 de ***The Collected Works of C. G. Jung***. Princeton: Princeton University Press, 1980.
- . "Foreword to the *I Ching*", 1950, **in** vol. 2 de ***The Collected Works of C. G. Jung***. Princeton: Princeton University Press, 1975.
- . "Letters on Synchronicity", 1950, 1954, 1955, **in** vol. 18 de ***The Collected Works of C. G. Jung***. Princeton: Princeton University Press, 1980.
- . "On Synchronicity", 1952, **in** vol. 8 de ***The Collected Works of C. G. Jung***. Princeton: Princeton University Press, 1960.
- . "On the Psychology and Pathology of So-Called Occult Phenomena", 1902, **in** vol. 1 de ***The Collected Works of C. G. Jung***. Princeton: Princeton University Press, 1978.
- . ***Memories, Dreams, Reflections***. Nova York: Vintage Books, 1965.
- Kelly Sean. "A Trip Through Lower Town: Reflections on a Case of Double Synchronicity", ***Journal of Analytical Psychology***, vol. 38, n.º 2 (1993), pp. 191-98.
- Koestler, Arthur. ***The Roots of Coincidence: An Excursion in Parapsychology***. Nova York: Vintage Books/Randon House, 1972.
- Kreutzer, Carolin S. "Synchronicity in Psychotherapy", ***Journal of Analytical Psychology***, vol. 29, n.º 4 (1984), pp. 373-81.
- Kundera, Milan. ***The Unbearable Lightness of Being***. Nova York: Harper and Row, 1984. Nichols, Sallie. ***Jung and Tarot: An Archetypal Journey***. Nova York: Samuel Weiser, 1980. North, Carolyn. ***Synchronicity: The Anatomy of Coincidence***. Berkeley, CA: Regent Press, 1994.
- Peat, David F. ***Synchronicity: The Bridge Between Matter and Mind***. Toronto: Bantam Books, 1987.
- Proffoff, Ira. ***Jung, Synchronicity and Human Destiny: Noncasual Dimensions of Human Experience***. Nova York: Dell Publishing Co., 1973.

- Sineta, Marsha. *Do What You Love and the Money Will Follow*. Nova York: Paulist Press, 1987.
- Styron, William. *Sophie's Choice*. Nova York: Random House, 1979.
- Vaughan, Alan. *Incredible Coincidence: The Baffling World of Synchronicity*. Nova York: J. B. Lippincott, 1979.
- Voltaire. *Candide ou l'optimisme, La princesse de Babylone et autres contes*. Librairie Générale Française, 1983.
- Wharton, Barbara. "Deintegration and Two Synchronistic Events", *Journal of Analytical Psychology*, vol. 31, n.º 3 (1986), pp. 281-85.
- Wiesel, Elie. *Night*. Nova York: Avon Books, 1969.
- Williams, Mary. "An Example of Synchronicity", *Journal of Analytical Psychology*, vol. 2, n.º 1 (1957), pp. 93-95.
- "The Poltergeist Man", *Journal of Analytical Psychology*, vol. 8 n.º2 (1963), pp. 123-43.

Este livro foi composto na tipologia ***Caslon Old Face***  
em corpo 12/15, impresso em papel  
Offset 75g/m<sup>2</sup> no Sistema Cameron da



Divisão Gráfica da Distribuidora Record.